

GRANDES ROMANÇOS

CHRISTIAN JACQ

A JUSTIÇA
DO VIZIR



B

BERTRAND EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O JUIZ DO EGITO III

A JUSTIÇA DO VIZIR

Christian Jacq

SUMÁRIO

Chegou a hora da derradeira e decisiva confrontação neste último volume da trilogia “O Juiz do Egito”. Paser, investido no cargo de vizir, e sua esposa Néféret, nomeada médica-chefe do reino, enfrentam o ministro das Finanças, diretor da Dupla Casa branca, que já não hesita em apresentar-se como o porta-voz dos conspiradores que detêm o testamento dos deuses e se aprontam para derrubar Ramsés o Grande a fim de conquistar o poder supremo.

O alto funcionário, que se fazia passar por amigo de Paser, tecera entretanto uma teia tão forte que a situação parece desesperada, desorganizando a economia e orientando-a pela simples lei do lucro, mostra-se decidido a destruir, com os cúmplices, os valores que presidiram ao nascimento da civilização egípcia.

O vizir e a esposa, determinados a lutar até ao fim, tentam resistir à tenaz que pouco a pouco se aperta e identificar o assassino do seu mestre espiritual que teve a má sorte de cruzar com a rota dos conspiradores. Mas os aliados são raros... E onde se encontra o irmão de sangue, Suti, que conseguiu fugir da prisão núbia?

Acabará o misterioso “devorador de sombras” por suprimir Paser? Quem é a verdadeira alma da conjura, que se mantém escondida nas trevas? Com a traição e o crime de um lado, e a lei do vizir do outro, quem sairá finalmente vencedor deste combate de que depende a sobrevivência do Egito?

Rejubila, ó terra inteira!
Foi restaurada a justiça.
E vós, justos, vinde e contemplai,
A justiça triunfou sobre o mal,
Os perversos foram derrubados,
Os ávidos foram condenados.

Papyrus Sallier
(Museu Britânico 1018),
Livro VIII. 7.

Capítulo 1

A traição trazia-lhe grandes benefícios. Bochechudo, vermelhusco, balofo, Larrot bebeu a sua terceira taça de vinho branco, congratulando-se pela sua escolha. Quando era escrivão do juiz Paser, tornado vizir de Ramsés, o Grande, trabalhava muito e ganhava pouco. Desde que entrara ao serviço de Bel-Tran, o pior inimigo do vizir, a sua existência prosperava. Em troca de cada informação sobre os hábitos de Paser, recebia uma retribuição. Com o apoio de Bel-Tran e o falso testemunho de um dos seus esbirros, Larrot esperava obter, a qualquer preço, o divórcio de sua mulher e a custódia de sua filha, futura bailarina.

Molestado por uma enxaqueca, o ex-escrivão levantara-se antes da alvorada, quando a noite reinava ainda sobre Mênfis, a capital econômica do Egito, situada na junção do Delta e do vale do Nilo.

Da ruela, habitualmente tranqüila, chegou-lhe o som de murmúrios.

Larrot pousou a taça. Desde que traía Paser, bebia cada vez mais, não por remorso, mas porque podia, enfim, comprar vinhos de boas colheitas e cerveja de primeira qualidade. Uma sede inextinguível queimava-lhe a garganta sem cessar.

Afastou o portal da janela de madeira e relanceou o olhar pelo exterior.

Ninguém.

Com um resmungo, pensou no magnífico dia que se anunciava. Graças a Bel-Tran, ia deixar aquele subúrbio para residir num bairro melhor, próximo do centro da cidade. A partir dessa tarde, instalar-se-ia numa casa de cinco divisões, com um pequeno jardim, no dia seguinte, seria titular de um posto de inspetor do fisco, dependente do ministério dirigido por Bel-Tran.

Apenas uma contrariedade se apresentava: apesar da qualidade das informações fornecidas a Bel-Tran, Paser não fora ainda eliminado, como se os deuses o protegessem. A sorte acabaria por mudar.

Lá fora ouvia-se o som de risos.

Perturbado, Larrot colou o ouvido à porta que dava para a ruela. Subitamente, percebeu: tratava-se novamente daquele bando de crianças que se divertia a sujar a fachada das casas com uma pedra ocre!

Furioso, abriu a porta sem pensar.

Na sua frente, a boca aberta de uma hiena. Uma fêmea enorme, com a baba escorrendo dos beiços e os olhos vermelhos. O animal soltou um grito, semelhante a uma gargalhada do outro mundo, e saltou-lhe à garganta.

Geralmente, as hienas varriam o deserto devorando os cadáveres que encontravam e não se aproximavam das povoações. Contrariamente aos seus hábitos, uma dúzia de animais selvagens tinha-se aventurado nos subúrbios de Mênfis, matando um ex-escrivão, Larrot, um bêbado que os seus vizinhos detestavam. Armados de bastões, os habitantes do bairro tinham posto os predadores em fuga, mas todos interpretavam a tragédia como um mau presságio para o futuro de Ramsés cuja autoridade, até ao momento, ninguém havia contestado. No porto de Mênfis, nos arsenais, nas docas, nas casernas, nos bairros de Sicômoro, do Muro do crocodilo, da Escola Médica, nos mercados, nas barracas dos artesãos, corriam de boca em boca as mesmas palavras: “o ano das hienas”!

O país ficaria enfraquecido, a cheia seria má, a terra estéril, os pomares definhariam, faltariam as frutas, os legumes, o vestuário e os unguentos, os Beduínos atacariam as explorações do delta, o trono do Faraó vacilaria. O ano das hienas, a ruptura da harmonia, a fenda na qual se precipitariam as forças do mal!

Murmurava-se que Ramsés, o Grande, mostrara-se impotente para impedir esta catástrofe. É certo que dentro de nove meses teria lugar a festa da regeneração, a qual restituiria ao monarca o poder necessário para enfrentar e vencer a adversidade. Mas não chegaria essa celebração muito tarde? Paser, o novo vizir, era jovem e inexperiente. O fato de ter entrado em funções no ano das hienas conduzi-lo-ia ao fracasso.

Se o rei já não protegia o seu povo, todos eles pereceriam na goela voraz das trevas.

Nesse fim do mês de Janeiro, um vento glacial varria a necrópole de Sakkarah, dominada pela pirâmide em degraus do faraó Djoser, gigantesca escadaria em direção aos céus. Ninguém teria reconhecido o casal confortavelmente vestido que se recolhia na capela do túmulo do sábio Branir, protegidos por uma túnica grossa, feita de tiras de pano cosidas e de mangas compridas, Paser e Néféret liam em silêncio os hieróglifos gravados numa bela pedra calcária:

— Criaturas que viveis na terra e passais perto deste sepulcro, que amais a vida e odiais a morte, pronunciai o meu nome

para que eu viva, proferi em meu benefício a fórmula da oferenda.

Branir, mestre espiritual de Paser e Néféret, fora assassinado. Quem teria sido capaz da crueldade de lhe espetar uma agulha de madrepérola na nuca, impedi-lo de se tornar sumo-sacerdote de Carnaque e fazer recair a culpa da sua morte no seu discípulo Paser? Ainda que o inquérito não conhecesse qualquer progresso, o casal jurara descobrir a verdade, quaisquer que fossem os riscos envolvidos.

Uma personagem seca, de sobranceiras negras e espessas unidas sobre o nariz, lábios finos, mãos intermináveis e pernas finas, aproximou-se da capela. Mumificador de profissão, Djuí passava a maior parte do seu tempo a preparar os cadáveres, para os transformar em Osíris.

— Desejas ver o local do teu túmulo? — perguntou ele a Paser.

— Vai tu à frente.

Esbelto, de cabelos castanhos, fronte larga e alta e olhos verdes acastanhados, o vizir Paser recebera de Ramsés a grande missão de salvar o Egito de uma conspiração que ameaçava o trono. Juiz de província principiante transferido para Mênfis, o jovem Paser, cujo nome significava “o vidente”, “aquele que discerne o longínquo”, recusara-se a dar seguimento a uma irregularidade administrativa, trazendo à luz do dia um drama abominável cuja chave lhe fora oferecida pelo rei em pessoa.

Os conspiradores haviam eliminado a guarda de honra da esfinge de Gize para ter acesso a um corredor que tinha o seu início entre as patas da gigantesca estátua e conduzia ao interior da grande pirâmide, centro energético e espiritual do país. Tinham violado o sarcófago de Queóps e roubado o testamento dos deuses que legitimava o poder do Faraó. Se este último não fosse exibido aos sacerdotes, à corte e ao povo aquando da festa da regeneração, fixada para o próximo dia vinte de Julho, primeiro dia do novo ano, ele ver-se-ia obrigado a abdicar e a entregar o leme da embarcação do Estado a um ser das trevas.

Ramsés depositara a sua confiança em Paser porque o jovem juiz se revelara inflexível, recusando todo e qualquer compromisso, mesmo pondo em risco a sua carreira e a sua vida. Nomeado vizir, magistrado supremo, mestre do selo do rei, chefe dos segredos, diretor dos trabalhos do Faraó, primeiro-ministro do Egito, Paser devia tentar tudo para salvar o país da catástrofe.

Caminhando ao longo de uma alameda ladeada de túmulos, Paser contemplou a sua esposa, Néféret, cuja beleza arrebatava mais cada dia que passava. Tinha olhos azul de Verão, cabelos a pender para o louro, rosto muito puro e de linhas ternas, ela era a felicidade e a alegria de viver. Sem ela, ele teria cedido, vítima dos golpes do destino.

Nomeada médica-chefe do reino ao fim de um longo caminho de provações, Néféret dedicava-se a curar. Do sábio Branir, médico e radiestesista, herdara o dom de identificar a natureza dos males, extirpando-os pela raiz. Ao pescoço, usava uma turquesa que o seu mestre lhe havia oferecido, para afastar a infelicidade.

Nem Paser nem Néféret tinham desejado ocupar funções de tal importância, o seu desejo mais querido era retirarem-se para uma aldeia da região tebana e viverem dias felizes sob o sol do Alto-Egito. Mas os deuses haviam decidido de modo diferente, únicos depositários do segredo do Faraó, eles combateriam sem fraquejar, mesmo que o poder de que dispunham parecesse ilusório.

— É aqui — indicou o mumificador, designando um local vazio perto da sepultura de um antigo vizir. — Os artesãos começarão os trabalhos amanhã.

Paser abanou a cabeça. Em conformidade com o seu posto, o seu primeiro dever consistia em fazer escavar a sua morada eterna, onde repousaria em companhia de sua esposa.

Com o seu passo lento e cansado, o mumificador afastou-se.

— Talvez nunca sejamos enterrados neste cemitério — disse Paser com voz sombria. — Os inimigos de Ramsés proclamaram claramente a sua vontade de abandonar os ritos tradicionais. É todo um mundo que eles querem destruir, não apenas um homem.

O casal dirigiu-se à grande corte a céu aberto que precedia a pirâmide em degraus. Ali, durante a festa de regeneração, Ramsés deveria empunhar o testamento dos deuses, que já não possuía.

Paser continuava convencido de que o assassinio do seu mestre estava ligado à conspiração, identificar o assassino o colocaria na pista dos ladrões e permitir-lhe-ia, talvez, dismantelar as diferentes partes da armadilha. Privado do auxílio insubstituível do seu amigo Suti, seu irmão de espírito condenado a um ano de fortaleza por infidelidade conjugal, Paser só pensava num modo de libertá-lo. Mas ele, mestre da justiça, não podia favorecer alguém que lhe era próximo, sob pena de ser demitido das suas funções.

A grande corte de Sakkarah impunha a grandeza inimitável do tempo das pirâmides. Aqui havia tomado corpo a aventura espiritual dos faraós, aqui se haviam unido norte e sul, formando um reino luminoso e poderoso do qual Ramsés assumia a herança. Paser abraçou ternamente Néféret, deslumbrados, admiraram o austero edifício, visível de todas as partes da necrópole.

Atrás deles soou um ruído de passos.

O vizir e a sua esposa voltaram-se. Aproximava-se um homem de estatura média, rosto redondo e constituição pesada, com os cabelos negros, as mãos e os pés roliços, ele caminhava apressado e parecia nervoso. Incrédulos, Paser e Néféret entreolharam-se.

Era mesmo ele, Bel-Tran, o seu inimigo jurado, a alma da conspiração.

Diretor da Dupla Casa branca, ministro da economia, dotado de uma prodigiosa habilidade para o cálculo, trabalhador incansável, Bel-Tran começara pela base da escala social. Fabricante de papiro, posteriormente tesoureiro principal dos celeiros, fingira apoiar Paser para melhor controlar as suas ações. Quando este último, contra todas as expectativas, se tornara vizir, Bel-Tran deixara cair a sua máscara de amigo sincero. Paser revia o seu rosto distorcido e recordava-se das suas ameaças: “Os deuses, os templos, as moradas eternas, os rituais... Tudo isso é ridículo e retrógrado. Não tens a mínima consciência do mundo novo em que estamos a entrar. O teu universo está carcomido, eu roí as traves que o sustentam!”

Paser não julgara conveniente mandar prender Bel-Tran, primeiramente, precisava destruir a teia que ele havia tecido, dismantelar as suas redes de cúmplices e reencontrar o testamento dos deuses. Seria mera fanfarronice de Bel-Tran ou teria ele gangrenado o país?

— Nós compreendemo-nos mal — disse ele numa voz adoçada. — Lamento a violência dos meus objetivos. Perdoa-me essa impetuosidade, meu caro Paser, eu tenho por ti um profundo respeito e admiração. Depois de longa reflexão, estou convencido de que nos entendemos relativamente ao essencial. O Egito tem necessidade de um bom vizir e tu sabes sê-lo.

— Que escondem esses elogios?

— Porquê degladiarmo-nos mutuamente, quando uma aliança poderia evitar essas discordâncias? Ramsés e o seu regime estão condenados, e tu sabe-o bem. Caminhemos em direção ao progresso, eu e tu.

Um falcão peregrino traçava círculos no azul do céu de Inverno, sobre a grande corte de Sakkarah.

— As tuas desculpas não são mais que hipocrisias — interveio Néféret. — Não esperes qualquer acordo.

A cólera encheu os olhos de Bel-Tran.

— É a tua última oportunidade, Paser, ou te submetes ou eu te eliminarei.

— Abandona imediatamente este local, a sua luz não te fica bem.

Furioso, o ministro da economia rodou nos calcanhares e afastou-se. Paser e Néféret, cujas mãos estavam agora entrelaçadas, contemplaram o falcão que voava em direção ao sul.

Capítulo 2

Todos os dignitários do reino do Egito estavam presentes na sala de justiça do vizir, um vasto aposento com colunas e paredes nuas. Ao fundo, um estrado onde Paser tomaria assento, sobre os degraus, quarenta bastões de comando forrados a couro, simbolizando a aplicação da lei. Com a mão direita sobre o ombro esquerdo, uma dezena de escribas de peruca e tanga curtas velavam pelos preciosos objetos.

Na primeira fila, sentada num trono de madeira dourada, estava a rainha-mãe Tuya. Com sessenta anos, delgada, altaneira, de olhar penetrante, envergava um vestido longo de linho debruado a ouro e uma soberba peruca de cabelos humanos, cujas longas tranças lhe desciam até meio das costas. A seu lado, Néféret, que a curara de graves problemas oftálmicos, a esposa de Paser estava enfeitada com os atributos oficiais próprios do seu cargo uma pele de pantera sobre um vestido de linho, uma peruca estriada, um colar de coralina e pulseiras de lápis-lazúli nos pulsos e tornozelos. Na mão direita, segurava o seu selo, na esquerda, uma tábua de escrita. As duas mulheres estimulavam-se mutuamente, a rainha-mãe lutara com eficácia contra os inimigos de Néféret, favorecendo a sua ascensão ao topo da hierarquia médica.

Atrás de Néféret, o chefe da polícia, aliado incondicional de Paser, o Núbio Kem. Condenado por um roubo que nunca cometera, havia-lhe sido cortado o nariz, usando uma prótese em madeira pintada, alistado como polícia em Mênfis, tornara-se amigo do jovem juiz sem experiência, apaixonado por uma justiça na qual Kem já não acreditava. Após inúmeras peripécias, e a pedido de Paser, o Núbio dirigia presentemente as forças de manutenção da ordem. Por esse motivo, empunhava, não sem orgulho, o símbolo da sua função, uma mão da justiça em marfim, ornada com um grande olho aberto para detectar o mal e uma cabeça de leão, evocando a vigilância. A seu lado, preso pela coleira, o seu babuíno-polícia, que atendia pelo nome de Matador, corpulento, dotado de uma força colossal, o grande símio acabara de se beneficiar de uma promoção pelos seus notáveis feitos em serviço. O seu principal papel consistia em velar por Paser, cuja existência havia sido ameaçada por diversas vezes.

A considerável distância do babuíno, o antigo vizir Bagey, cujas costas curvadas transportavam o peso dos anos. Grande, severo, com o rosto longo devorado por um nariz proeminente, a tez pálida, reputado pelo seu caráter inflexível, temido, gozava agora uma reforma tranquila numa pequena casa de Mênfis, sem deixar de aconselhar o seu jovem sucessor.

Por trás de um pilar, Silkis, a esposa de Bel-Tran, dirigia sorrisos aos seus vizinhos. Mulher-menina, obcecada pelo seu peso, havia feito apelo à cirurgia estética para continuar a agradar a seu marido. Gulosa, ávida por toda a espécie de doces, sofria de frequentes enxaquecas, mas já não se atrevia a consultar Néféret, desde que Bel-Tran declarara guerra ao vizir. Discretamente, espalhou nas têmporas uma pomada à base de zimbro, seiva de pinho e folhas de loureiro, ostensivamente, voltou a colocar ao peito o seu colar de faiança azul e fez deslizar pelos seus pulsos delicadas pulseiras, feitas de metal escarlate, presas por trancelins em forma de corolas de lótus desabrochadas.

Bel-Tran, mesmo vestindo-se no melhor costureiro de Mênfis, parecia sempre que tinha o pescoço enterrado nos ombros dentro das suas vestes demasiado estreitas, ou então flutuava numa tanga demasiado larga. Naquela hora de uma gravidade inquietante, ele esquecia as suas pretensões de elegância e aguardava, inquieto, a chegada do vizir. Ninguém conhecia o motivo do juízo solene que Paser decidira proclamar.

Quando o vizir apareceu, os cochichos cessaram. Apenas os ombros emergiam de uma veste rígida, de tecido grosso, que lhe cobria o resto do corpo, a veste era engomada, como se quisesse sublinhar a dificuldade da função. Acentuando ainda mais a austeridade e simplicidade do seu traje, Paser contentara-se com uma peruca curta à antiga.

Pendurou uma pequena estatueta da deusa Maât¹ numa corrente de ouro, significando assim que estava aberta a sessão.

— Distingamos a verdade da mentira e protejamos os fracos para os salvar dos poderosos — declarou o vizir, utilizando a fórmula ritual da qual, cada juiz, do menor ao maior, deveria fazer a sua regra de vida.

Habitualmente, quarenta escribas formavam uma fila de cada lado da ala central por onde passavam os acusados, os queixosos e as testemunhas, introduzidos na sala por guardas. Desta vez, o vizir limitou-se a sentar-se numa cadeira de espaldar baixo e a fixar longamente os quarenta bastões de comando dispostos à sua frente.

— O Egito corre graves perigos — revelou Paser. — Forças obscuras tentam apoderar-se do país. É por isso que devo fazer justiça, de modo a punir os culpados que foram identificados.

Silkis apertou o braço de seu marido, ousaria o vizir confrontar-se abertamente com o poderoso Bel-Tran, contra quem não possuía qualquer prova?

— Cinco veteranos pertencentes à guarda de honra da esfinge de Gize foram assassinados — prosseguiu Paser. — Esse

ato hediondo resultou de uma conspiração na qual participaram o dentista Qadash, o químico Chéchi e o transportador Denes. Devido aos seus diversos crimes, cabalmente provados pelo inquérito, eles são passíveis da pena capital.

Um escriba pediu a palavra.

— Mas... eles estão mortos!

— É verdade que sim, mas eles não foram julgados. O fato do destino lhes ter batido à porta não elimina o dever deste tribunal de exercer a justiça. A morte não permite a um criminoso escapar-lhe.

Ainda que a assistência estivesse perplexa, não deixava de admitir que o vizir respeitava a lei. Foi dada leitura ao auto de acusação, lembrando os atos dos três cúmplices de Bel-Tran, cujo nome não foi pronunciado.

Ninguém contestou os fatos, nenhuma voz se elevou para defender os acusados.

— Os três culpados serão devorados pelo fogo da cobra-capelo real no além, — declarou o vizir. — Não serão enterrados na necrópole, não beneficiarão de qualquer oferenda ou libação, e serão entregues aos sabres dos massacradores colocados às portas do mundo subterrâneo. Aí morrerão uma segunda vez e perecerão de fome e sede.

Silkis estremeceu, Bel-Tran permaneceu imperturbável. O ceticismo de Kem, o chefe da polícia, enfraqueceu, os olhos do babuíno dilataram-se, como se o animal sentisse prazer nessa condenação póstuma. Néféret, perturbada, teve a sensação de que as palavras proferidas adquiriam força de realidade.

Todo o Faraó, todo o chefe de Estado que anistie os condenados — concluiu o vizir retomando uma fórmula antiga — perderá a coroa e o poder.

Capítulo 3

O sol erguera-se há quase uma hora quando Paser se apresentou à porta do palácio real, os guardas do Faraó inclinaram-se diante do vizir.

Ele enveredou por um corredor de paredes decoradas com pinturas delicadas representando flores de lótus, papiros e papoilas, atravessou uma sala de colunas enfeitada por um chafariz onde brincavam alguns peixes, e chegou aos aposentos do soberano. O seu secretário particular saudou Paser.

— Sua Majestade espera-te.

Tal como todas as manhãs, o vizir devia prestar contas das suas ações ao chefe das Duas Terras, o Alto e o Baixo-Egito. O local era idílico: Uma vasta sala luminosa, com janelas que se abriam sobre o Nilo e sobre os jardins, ladrilhos de faiança ornados de flores de lótus azuis, ramalhetes de flores pousados sobre mesinhas douradas. Em cima de uma mesa baixa, papiros desenrolados e material de escrita.

De frente para o oriente, o rei meditava. De estatura média, robusto, os cabelos quase vermelhos, o rosto largo e o nariz arqueado, Ramsés, o Grande, transmitia uma sensação de poder. Associado desde muito novo ao trono por um extraordinário faraó, Seti I, edificador de Carnaque e Abados, ele conduziu o seu povo ao caminho da paz com os Hititas e a uma prosperidade que outros países tanto invejavam.

— Paser, finalmente! Como decorreu o processo?

— Os mortos culpados foram condenados.

— E Bel-Tran?

Tenso, impressionado, mas sólido. Gostaria de ter proferido a fórmula habitual: “Tudo está em ordem, os assuntos do reino vão bem”, mas não tenho o direito de te mentir.

Ramsés pareceu perturbado. Vestia uma simples tanga branca e como enfeites apenas usava pulseiras nos pulsos em ouro e lápis-lazúli, cuja parte superior tinha a forma de duas cabeças de pato selvagem.

— Conclusões, Paser?

— No que diz respeito ao assassinato do meu mestre, Branir, não possuo qualquer certeza, mas conto explorar algumas pistas com a ajuda de Kem.

— E a senhora Silkis?

— A esposa de Bel-Tran figura à cabeça dos suspeitos.

— Havia uma mulher entre os conjurados.

— Não o esqueço, Majestade. Três dentre eles estão mortos, resta identificar os seus cúmplices.

— Bel-Tran e Silkis, é óbvio!

— É provável, mas faltam-me provas.

— Bel-Tran não se desmascarou?

— É verdade que sim, mas ele dispõe de apoios importantes.

— Que descobriste?

— Estou a trabalhar dia e noite com os responsáveis das diversas administrações. Dezenas de funcionários dirigiram-me relatórios escritos, escutei os escribas altamente colocados, os chefes de serviço e os funcionários menores. O balanço é mais sombrio do que eu poderia imaginar.

— Explica-te.

— Bel-Tran comprou muitas consciências. Chantagem, ameaças, promessas, mentiras... Ele não recua perante nenhuma baixa. Ele e os seus amigos conceberam um plano preciso: tomar as rédeas da economia do país, combater e destruir os nossos valores ancestrais.

— Através de que meios?

Ignoro-o ainda. Prender Bel-Tran seria um erro de estratégia, pois não teria certeza de cortar todas as cabeças do monstro

e de identificar todas as múltiplas armadilhas que ele armou.

— No dia do ano novo, devo mostrar ao povo o testamento dos deuses, quando a estrela Sótis estiver no signo de Caranguejo, pronta a desencadear a cheia do Nilo. Se me revelar incapaz de fazê-lo, serei obrigado a abdicar e a oferecer o trono a Bel-Tran. Terás tu tempo, em tão poucos meses, de reduzi-lo à impotência?

— Apenas Deus poderia responder à tua pergunta.

— Foi ele que criou a realeza, Paser, para edificar monumentos à sua glória, para fazer os homens felizes e afastar os invejosos. Ele deu-nos a mais preciosa das riquezas, essa luz da qual sou depositário e que devo espalhar à minha volta. Os humanos não são todos iguais, é por esse motivo que os faraós são o sustentáculo dos mais fracos. Desde que o Egito construa templos onde seja preservada a energia luminosa, a sua terra florescerá, os seus caminhos serão certos, a criança estará em paz nos braços de sua mãe, a viúva protegida, os canais serão mantidos, a justiça será feita. As nossas existências não têm qualquer importância, é essa harmonia que é preciso preservar.

— A minha vida pertence-te, Majestade.

Ramsés sorriu e pousou as mãos sobre os ombros de Paser.

— Tenho a sensação de ter escolhido bem o meu vizir, mesmo que a sua tarefa seja esmagadora. Tornaste-te o meu único amigo. Sabes o que escreveu um dos meus predecessores: Não confies em ninguém, não terás nem irmã nem irmão. Aquele a quem mais tiveres dado será o que te trairá, será o pobre que enriqueceste que te atacará pelas costas, será aquele a quem tiveres estendido a mão o primeiro a fomentar a confusão. Desconfia dos teus subordinados e dos que te são próximos. Conta apenas contigo. Ninguém te ajudará no dia da infelicidade.

— O texto não acrescenta também que o faraó que saiba rodear-se preserva a sua grandeza e a do Egito?²

— Conheces bem as palavras dos sábios! Eu não te enriqueci, vizir, esmaguei-te com um fardo que qualquer homem razoável teria recusado, tem consciência de que Bel-Tran é mais perigoso que uma víbora das areias. Ele soube enganar a vigilância dos que me são próximos, adormecer a sua suspeita, infiltrar-se na hierarquia como um verme na madeira. Ele simulou amizade em relação a ti para melhor te abafar, de agora em diante, o seu ódio crescerá progressivamente e não te deixará mais em paz. Ele atacará onde não o esperas, envolver-se-á em trevas, manipulará as armas dos traidores e dos perjuros. Aceitas esse combate?

— A palavra dada não volta atrás.

— Se fracassarmos, tu e Néféret sofrerão a lei de Bel-Tran.

— Só os covardes desistem, nós resistiremos até ao fim.

Ramsés, o Grande, sentou-se numa cadeira de madeira dourada, frente ao sol levante.

— Qual é o teu plano?

— Esperar.

O rei não dissimulou o seu espanto.

— O tempo não joga a nosso favor!

— Bel-Tran acreditará que eu estou desesperado e avançará em terreno conquistado, deixará cair outras máscaras e eu responderei de forma adequada. Para convencê-lo da minha retirada, dirigirei os meus esforços para um domínio secundário.

— Estratégia arriscada.

— Seria bem menos, se dispusesse de um aliado suplementar.

— De quem se trata?

— Do meu amigo Suti.

— Ele traiu-te?

— Foi condenado a um ano na fortaleza núbica por quebra da fidelidade conjugal. O julgamento foi de acordo com a lei.

— Nem eu nem tu podemos desfazer a sentença.

— Se ele fugisse, os nossos soldados deveriam dedicar-se primeiramente à proteção da fronteira ou à perseguição de um fugitivo?

— Dito de outra forma, eles receberão uma ordem obrigando-os expressamente a não deixar as muralhas da fortaleza, por

se prever um ataque de tribos núbias.

— A natureza humana é versátil, majestade, particularmente a dos nômades, na tua sabedoria, tiveste a intuição de que uma revolta se preparava.

— Mas ela não terá lugar...

— Os Núbios renunciarão ao constatar que a nossa guarnição não está desprevenida.

— Redige essa ordem, vizir Paser, mas, de forma alguma, favoreças a evasão do teu amigo.

— O destino disso se encarregará.

Capítulo 4

Pantera, a líbia de cabelos loiros, escondeu-se num abrigo de pastor, no meio de um campo. Há duas horas que o homem a seguia. Grandalhão, barrigudo e imundo. Um arrancador de papiro que passava a maior parte do seu tempo na lama para daí extrair o precioso material. Ele espiara-a enquanto ela tomava banho, nua, e aproximara-se rastejando.

Sempre vigilante, a jovem e bela líbia conseguira escapular, deixando, no entanto, abandonado um xale indispensável contra o frio noturno. Pantera, expulsa do Egito devido à sua ligação ostensiva com Suti, recém-casado com a senhora Tapeni por imperativos do inquérito do juiz Paser, recusava-se a aceitar a sua sorte. Firmemente decidida a não abandonar o seu amante, de quem temia a infidelidade, viajaria até à Núbia para arrancá-lo da prisão e viver novamente junto dele. Nunca mais conseguiria passar sem as suas carícias inflamadas, nunca mais o deixaria rebolar na alcova de uma outra mulher.

A distância não a assustava, fazendo uso dos seus encantos, Pantera tinha conseguido viajar clandestina em barcos de carga, de porto em porto, até Elefantina e à primeira catarata. Do outro lado do amontoado de rochas que impedia a passagem de todas as embarcações, concedera-se um momento de pausa num braço de rio que serpenteava em direção a uma zona cultivada.

Não conseguiria ver-se livre do seu seguidor, ele conhecia o terreno na perfeição e não tardaria a surpreendê-la. Ser tomada à força não assustava Pantera, antes de conhecer Suti, pertencera a um bando de larápios e enfrentara os soldados egípcios. Selvagem, ela amava o amor, a sua violência e o seu êxtase. Mas aquele arrancador de papiro era repugnante e ela não tinha tempo a perder.

Quando o homem deslizou para o interior do abrigo, Pantera estava estendida no solo, nua e adormecida. Os seus cabelos louros espalhados sobre os ombros, os seios generosos, o sexo dourado de caracóis luxuriantes fizeram o arrancador de papiro perder toda a prudência. Quando se precipitou sobre a sua presa, os seus pés prenderam-se num laço colocado à superfície do solo e ele caiu pesadamente. Muito viva, Pantera instalou-se sobre as suas costas e estrangulou-o. Quando ele revirou os olhos, ela cessou o aperto, despiu-o para ter vestuário para a noite e continuou o seu caminho em direção ao grande sul.

O comandante da fortaleza de Tjaru, no coração da Núbia, repeliu o caldo infame que o cozinheiro lhe servira.

— Um mês de calabouço para este incapaz — decretou.

Uma taça de vinho de palma consolou-o daquela decepção. Longe do Egito, era difícil alimentar-se corretamente, mas a ocupação daquele posto valer-lhe-ia uma promoção e reforma vantajosas. Aqui, neste país desolado e árido, onde o deserto ameaçava as raras culturas e onde o Nilo entrava por vezes em cóleras violentas, ele acolhia os condenados a penas de exílio variando de um a três anos. Habitualmente, mostrava-se clemente e designava-lhes tarefas domésticas onde eles não se desgastavam, a maior parte desses pobres idiotas não tinham cometido delitos graves e aproveitavam a sua estada forçada naquele local para refletir sobre o seu passado.

Com Suti, a situação rapidamente se degradou. Este não aceitava bem a autoridade e recusava submeter-se. Assim, o comandante, cujo primeiro dever consistia em vigiar as tribos núbias por forma a prevenir qualquer revolta, colocara o refratário na primeira linha e sem arma. Aí, ele desempenharia o papel de isca e experimentaria alguns sustos salutares. Bem entendido, a guarnição voaria em seu auxílio em caso de agressão, o comandante gostava de libertar os seus hóspedes em bom estado, preservando assim uma folha administrativa imaculada.

O oficial subalterno designado para o posto trouxe-lhe um papiro proveniente de Mênfis.

— Correio especial.

— O selo do vizir!

Intrigado, o comandante cortou os cordões e partiu o selo. O oficial subalterno aguardava ordens.

— Os serviços de informações temem uma revolta na Núbia, pedem-nos que redobremos a vigilância e verifiquemos o nosso sistema de defesa.

— Por outras palavras, fechamos as portas da fortaleza e ninguém mais sai.

— Transmite a ordem imediatamente.

— E o prisioneiro Suti?

O comandante hesitou.

— Que achas?

— A guarnição detesta esse arrogante, só nos trará problemas. Lá, onde está, ser-nos-á útil.

— E, se lhe acontecer alguma coisa...

— O nosso relatório concluirá que se tratou de um lamentável acidente.

Suti era um homem de bela estatura, rosto alongado, olhar franco e direto, olhos e cabelos negros, força, sedução e elegância caracterizavam a menor das suas atitudes. Depois de se ter evadido da grande escola de escribas de Mênfis onde os estudos o aborreciam, vivera a existência aventureira com que sonhara, conhecera mulheres soberbas, tornara-se um herói ao identificar um general traidor e ao secundar o seu amigo Paser, com o qual fizera um pacto de sangue. Apesar da sua juventude, Suti estivera já por diversas vezes perto da morte, sem uma operação conseguida graças ao gênio de Néféret, ele teria sucumbido aos ferimentos inflingidos por um urso que o derrubara, na Ásia, depois de um combate singular.

Sentado sobre um rochedo, no meio do Nilo, preso a um bloco através de uma corrente sólida, restava-lhe contemplar o horizonte longínquo, o sul misterioso e angustiante de onde surgiam, por vezes, hordas de guerreiros núbios, de coragem indomável. A ele, sentinela mais avançada, cabia a tarefa de dar o alerta gritando a plenos pulmões.

A transparência do ar era tal que os vigias da fortaleza não deixariam de ouvi-lo.

Mas Suti não gritaria, não daria esse prazer ao comandante e seus esbirros. Ainda que não tivesse o menor desejo de morrer, não se humilharia. Sonhava com aquele momento maravilhoso em que abatera o general Asher, traidor e criminoso, quando tentava escapar à justiça escapulindo com um carregamento de ouro.

Um carregamento de ouro que Suti e Pantera esconderam com extremo cuidado, uma fortuna que lhes teria permitido gozar de todos os prazeres. Mas ele fora acorrentado e ela partira para a sua Líbia natal com a interdição de voltar a pôr os pés em solo egípcio. Sem dúvida, ela já o esquecera, distraíndo-se em outros braços.

Quanto a Paser, a sua posição de vizir manietava-o, qualquer intervenção a favor de Suti seria sancionada, sem que isso conduzisse a uma libertação. E pensar que o jovem estava sujeito a essa pena de exílio por ter desposado a bonita e fogosa Tapani por imperativos do inquérito! Um casamento que ele pensara desfazer sem dificuldade, subestimando as exigências da tecelã. A jovem acusara-o de adultério, fazendo-o condenar a um ano de fortaleza, quando regressasse ao Egito, deveria trabalhar para ela, para lhe dar uma pensão.

Irado, Suti batia na rocha e puxava as suas correntes. Mil vezes esperara que esta cedesse, mas aquela prisão sem muros e sem grades revelava-se de uma solidez inabalável.

As mulheres: a sua felicidade e a sua desgraça... Mas sem qualquer arrependimento! Talvez uma grande núbia de seios eretos, firmes e redondos aparecesse à cabeça dos rebeldes, talvez ela se enamorasse de si, talvez ela o libertasse em vez de lhe cortar o pescoço... Perecer assim, após tantas aventuras, conquistas e vitórias, era uma forma muito estúpida de morrer.

O sol deixava o zênite e principiava a sua descida em direção ao horizonte. Há já bastante tempo que um soldado lhe deveria ter trazido de comer e beber. Estendendo-se ao comprido, recolheu a água do Nilo nas mãos em forma de concha e matou a sede, com um pouco de habilidade, conseguiria apanhar um peixe e não morreria de fome. Porquê esta mudança de hábitos?

Na manhã seguinte, foi forçado a concluir que o tinham abandonado à sua sorte. Se a guarnição permanecia entrincheirada no interior da fortaleza, não seria por se temer uma investida dos Núbios? Por vezes, seguindo-se a uma festa demasiado regada, uma trupe de guerreiros com falta de combate tinha a idéia louca de invadir o Egito e acorria ao massacre.

Infelizmente, ele encontrava-se no seu caminho.

Era preciso quebrar aquela corrente, deixar aquele local antes do ataque, mas ele não dispunha sequer de uma pedra dura. De espírito vazio e um coração cheio de raiva, gritou a plenos pulmões.

Quando a noite caiu, ensanguentando o Nilo, o olhar experiente de Suti divisou um movimento insólito por trás dos arbustos que orlavam a margem do rio.

Alguém o espiava.

Capítulo 5

Sobre a mancha vermelha, pontilhada de borbulhas, que se estendia sobre a perna esquerda, Bel-Tran aplicou uma pomada à base de flores de acácia e de clara de ovo, e bebeu algumas gotas de sumo de aloés, sem esperar uma cura espetacular. Recusando-se a admitir que os seus rins funcionavam mal e que o seu fígado estava afetado, o diretor da Dupla Casa branca não tinha tempo para se tratar.

O seu melhor remédio era uma atividade incessante. Constantemente animado por uma energia conquistadora, seguro de si, falador a ponto de esgotar o seu auditório, ele assemelhava-se a uma torrente que nada detém. A alguns meses do objetivo fixado pelos conjurados, o poder supremo, não seriam uns insignificantes problemas de saúde que interromperiam a sua marcha triunfal. Era verdade que três dos seus aliados estavam mortos, mas restavam-lhe muitos mais. Os desaparecidos revelaram-se medíocres, por vezes estúpidos, não teria ele de se desembaraçar deles, mais cedo ou mais tarde? No dia em que a conspiração fora fomentada, Bel-Tran seguira a estratégia definida sem cometer o menor erro. Todos acreditaram que era um servidor fiel do Faraó, que o seu dinamismo seria aproveitado em benefício do Egito, que a sua capacidade de trabalho se compararia à dos grandes sábios que se abriam para o templo e não para eles mesmos.

Nem mesmo o desaparecimento de Larrot, o escrivão traidor, o conseguira embaraçar, pois a sua fonte de informações ameaçava esgotar-se. As hienas aliviaram-no de um fardo.

Bel-Tran sorriu ao pensar que conseguira enganar a hierarquia e tecer uma teia sólida sem que nenhum membro das relações do Faraó tivesse percebido. Mesmo que Paser tentasse combatê-lo, era muito tarde.

O ministro da economia massageou os massacrados dedos grandes dos pés com uma pasta de folhas de acácia trituradas, misturadas à gordura de vaca, esta pasta fazia desaparecer a fadiga e a dor. Bel-Tran não parava de percorrer as grandes cidades e as capitais de província para confortar os seus cúmplices com a idéia de que, em breve, uma revolução teria lugar e que, graças a si, eles se tornariam ricos e poderosos, para além do que imaginavam nos seus sonhos mais loucos. O apelo à cobiça humana, sustentado por argumentos de peso, não ficava nunca sem resposta.

Mastigou duas pastilhas para tornar o hálito agradável, olíbano, junca odorífera, resina de terebentina e cana da Fenícia, misturados com mel, formavam uma das misturas mais suaves. Com satisfação, Bel-Tran contemplou a sua vivenda em Mênfis. Uma vasta casa, no centro de um jardim rodeado de muros, uma porta de pedra com o lintel decorado com palmas, uma fachada ritmada por altas e esguias colunas imitando os papiros, dos quais ele era o principal produtor, um vestíbulo e salas de recepção cujo esplendor deslumbrava os seus convidados, vestiários com dezenas de arcas de roupa, casas de banho em pedra, dez quartos, duas cozinhas, uma padaria, um poço, silos de cereais, cavalariças, um grande jardim onde, em redor do lago, cresciam palmeiras, sicômoros, jujubeiros, pérseas, romãzeiras e tamargueiras.

Apenas um homem rico podia possuir tal habitação. Ele sentia-se orgulhoso do seu sucesso, ele, o empregado insignificante, o recém-chegado que os altos dignitários haviam desdenhado antes de o temerem e de se submeterem à sua lei. Fortuna e bens materiais: não existia outra felicidade duradoura e outro sucesso. Os templos, as divindades, os rituais nada mais eram que, ilusões e sonhos. Era por esse motivo que Bel-Tran e os seus aliados haviam decidido arrancar o Egito de um passado acabado e fazê-lo entrar no caminho do progresso onde apenas contaria a verdade da economia. Neste domínio, ninguém se lhe assemelharia, Ramsés, o Grande, e Paser, nada mais poderiam fazer senão receber os golpes antes de desaparecer.

Bel-Tran arrancou um jarro enterrado no buraco de uma prancha colocada numa posição superior e provido de um rolhão feito com limos, revestido de argila, o jarro conservava a cerveja de forma admirável.

Tendo retirado a rolha, ele introduziu no recipiente um tubo ligado a um filtro, a fim de eliminar eventuais impurezas, e saboreou um líquido fresco e digestivo.

Subitamente, teve vontade de ver a esposa. Não tinha ele conseguido transformar uma pequena provinciana bastante desengraçada e até feia numa verdadeira dama menfita, enfeitada com os mais belos atavios, e provocando a inveja das suas rivais? É verdade que a cirurgia estética lhe custara bem caro, mas os traços de Silkis e o desaparecimento dos seus múltiplos refegos de gordura davam-lhe satisfação. Ainda que o seu humor fosse instável, por vezes abeirando-se mesmo de crises de histeria que o intérprete dos sonhos acalmava, Silkis continuava a ser uma mulher-menina obedecendo-lhe cegamente. Nas recepções de hoje e nas reuniões oficiais de amanhã, ela apareceria a seu lado como um belo objeto, tendo por obrigações o silêncio e um porte deslumbrante.

Ela encontrava-se a aplicar uma máscara de beleza, composta por mel, natrão vermelho e sal do norte, após ter esfregado

a pele com óleo de alforva e pós de alabastro. Nos lábios, ocre escarlate, em redor dos olhos, uma pintura verde.

— Estás espantosa, minha querida.

— Dá-me a peruca mais bonita, dás?

Bel-Tran girou o manípulo de madrepérola de um velho cofre em cedro do Líbano. Daí tirou uma peruca de cabelos humanos, enquanto Silkis fazia deslizar a tampa de uma caixa de toucador para retirar uma pulseira de pérolas e um pente de acácia.

— Como estás tu esta manhã? — perguntou-lhe ele, ajustando a preciosa peruca.

— Os meus intestinos continuam muito frágeis, tenho bebido cerveja de alfarroba misturada com azeite e mel.

— Se a situação piorar, consulta um médico.

— Néféret curar-me-ia.

— Não falemos mais de Néféret!

— É uma terapeuta excepcional.

— Ela é nossa inimiga, como Paser, e perecerá com ele.

— Não considerarias a possibilidade de salvá-la... para me servir?

— Veremos. Sabes o que te trago?

— Uma surpresa!

— Óleo de zimbros para ungir a tua pele delicada.

Ela saltou-lhe ao pescoço e beijou-o.

— Ficas em casa hoje?

— Infelizmente não.

— O teu filho e a tua filha gostariam de falar contigo.

— Eles que obedeçam ao preceptor, é o mais importante. Amanhã estarão entre as personalidades marcantes do reino.

— Não receias que...

— Nada, Silkis, não receio nada, porque sou intocável. E ninguém pode conhecer a arma decisiva de que disponho.

Um servidor interrompeu-os.

— Um homem pede para ver o senhor.

— O seu nome?

— Mentmosé.

Mentmosé, o antigo chefe da polícia, substituído pelo núbio Kem. Mentmosé, que tentara desembaraçar-se de Paser acusando-o de assassinio e mandando-o para a prisão. Mesmo não pertencendo ao círculo dos conspiradores, o ex-funcionário servira bem a causa dos futuros dirigentes. Bel-Tran considerara-o desaparecido para sempre, exilado em Biblos, no Líbano, e reduzido ao posto de operário num estaleiro naval.

— Manda-o entrar para o salão dos lótus, perto do jardim, e serve-lhe cerveja, vou já.

Silkis estava inquieta.

— Que quer ele? Não gosto dele.

— Fica tranquila.

— Amanhã, continuarás em viagem?

— Assim é necessário.

— E eu, que devo fazer?

— Continuares a ser bonita, e não fales com ninguém sem a minha autorização.

— Quero um terceiro filho teu.

— Tê-lo-ás.

Passando já dos cinquenta, Mentmosé tinha um crânio calvo e vermelho, e uma voz anasalada que subia a um tom agudo quando se achava contrariado. Corpulento, de nariz pontiagudo, cauteloso, construíra uma brilhante carreira à custa das falhas de outros. Nunca se imaginara a cair num tal abismo já que se rodeara de mil e uma precauções. Mas o juiz Paser havia desmontado o seu sistema e descoberto a sua incompetência. Desde que o seu inimigo ocupava o posto de vizir, Mentmosé não tinha a mínima hipótese de reencontrar o esplendor perdido. Bel-Tran era a sua última esperança.

— Não estás proibido de voltar ao Egito?

— Estou em situação ilegal, é verdade.

— E por que razão corres tais riscos?

— Ainda tenho algumas relações e Paser só tem amigos.

— Que queres tu de mim?

— Venho oferecer-te os meus serviços.

Bel-Tran pareceu duvidoso.

Na ocasião da prisão de Paser — lembrou o antigo chefe da polícia — este defendeu-se de ter assassinado o seu mestre Branir. Nem por um segundo acreditei na sua culpabilidade e tive consciência de estar a ser manipulado, mas essa situação servia-me. Alguém me preveniu, enviando-me uma mensagem para que eu prendesse Paser em flagrante delito, quando ele se inclinasse sobre o cadáver do seu mestre. Tive tempo de refletir nesse episódio. Quem me poderá ter alertado senão tu ou um dos teus aliados? O dentista, o transportador e o químico estão mortos, tu não.

— Como sabes que eles eram meus aliados?

— Algumas línguas desatam-se e apresentam-te como o futuro chefe do país, odeio Paser tanto quanto tu e tenho em meu poder indícios talvez embaraçosos.

— Quais?

— O juiz afirmou que acorrera a casa de Branir por causa de uma breve missiva: “Branir está em perigo. Vem depressa.”

Supõe que, contrariamente às minhas próprias afirmações, não destruí esse documento, e que seja possível identificar a caligrafia. Supõe também que conservei igualmente a agulha de madrepérola, e que ela pertence a uma pessoa que te é querida.

Bel-Tran refletiu.

— Quais as tuas exigências?

— Aluga-me uma casa na cidade, permite-me agir contra Paser e dá-me um posto no teu futuro governo.

— Nada mais?

— Estou convencido de que tu és o futuro.

— As tuas pretensões parecem-me legítimas.

Mentmosé inclinou-se diante de Bel-Tran. Nada mais lhe restava senão vingar-se de Paser.

Capítulo 6

Tendo Néféret sido chamada de urgência ao hospital principal de Mênfis para uma operação difícil, o vizir Paser deu ele próprio de comer a Diabrete, a pequena sagui verde. Ainda que a insuportável macaca passasse a vida a aborrecer os empregados domésticos e a roubar alimentos da cozinha, Paser mostrava-se de uma grande afabilidade para com ela. Quando encontrara com Néféret pela primeira vez, não tinha sido graças à intervenção de Diabrete, que atirara salpicos de água para cima de Bravo, o cão do juiz, que ele ousara abordar a sua futura esposa?

Bravo pousou a pata anterior direita no pulso do vizir. De patas altas, uma longa cauda, orelhas pendentes que se erguiam à hora das refeições, o cão cor-de-areia trazia uma coleira em couro rosa e branco com a seguinte inscrição: “Bravo, companheiro de Paser”. Enquanto Diabrete descascava nozes de palmeira, o cão regalou-se com um puré de legumes. Felizmente, uma paz concertada estabelecera-se entre os dois animais, Bravo aceitava que lhe puxassem a cauda uma dezena de vezes ao dia, Diabrete respeitava o seu sono a partir do momento em que ele se instalava na velha esteira do juiz, o único tesouro que possuía aquando da sua chegada a Mênfis. Um belo objeto, na verdade, que servia de cama, mesa, tapete e, por vezes, de lençol. Paser jurara conservá-la, qualquer que fosse a sua fortuna, desde que Bravo a adotara, desdenhando as suas almofadas e cadeiras confortáveis, ele sabia que a esteira estava bem guardada.

Um doce sol de Inverno acordava as dezenas de árvores e os canteiros de flores que davam à grande propriedade do vizir o aspecto de um dos paraísos do outro mundo onde viviam os justos. Paser deu alguns passos numa alameda, saboreando os perfumes sutis que exalavam da terra orvalhada. Um focinho amigável tocou-lhe o cotovelo, o seu burro fiel, Vento do Norte, saudava-o à sua maneira. Magnífico jumento de olhar terno e inteligência arguta, possuía um fabuloso sentido de orientação do qual o próprio vizir era desprovido. Paser oferecia-lhe com prazer um domínio onde ele já não tinha de transportar fardos pesados.

O burro ergueu a cabeça. Pressentiu uma presença insólita no grande portão, em direção ao qual se dirigiu num passo rápido. Paser seguiu-o.

Kem e o seu babuíno-polícia esperavam o vizir. Insensível tanto ao frio como ao calor, detestando o luxo, o chefe da polícia vestia apenas uma tanga curta, como qualquer homem de condição modesta, à cintura, um estojo em madeira contendo um punhal, presente do vizir: lâmina em bronze, punho em electro, mistura de ouro e prata, com uma marcheteria de rosetas de lápis-lazúli e feldspato verde. O núbio preferia aquela obra-de-arte à mão de marfim que era obrigado a empunhar durante as cerimônias oficiais. Detestando a atmosfera dos gabinetes, ele continuava, como no passado, a percorrer as ruas de Mênfis e a trabalhar no terreno.

O babuíno parecia tranquilo: quando a sua fúria se desencadeava, tornava-se capaz de derrubar um leão. Apenas um outro símio do seu tamanho e força, enviado por um misterioso assassino decidido a limpar o seu caminho para melhor atacar Paser, ousara enfrentá-lo num duelo de morte. Matador saíra vencedor, mas gravemente ferido, os cuidados de Néféret, a quem o macaco devotava um reconhecimento sem limites, tinham-no posto de pé rapidamente.

— Nenhum perigo à vista — considerou Kem. — Nestes últimos dias, ninguém te espiou.

— Devo-te a minha vida.

— Também eu, vizir, uma vez que os nossos destinos estão ligados, não gastemos saliva a agradecer-nos mutuamente. A presa está no ninho, já verifiquei.

Vento do Norte, como se tivesse sido informado das intenções do vizir, tomou de imediato a direção certa. Nas ruas de Mênfis, ele trotava com elegância alguns metros à frente do babuíno e dos dois homens. A passagem de Matador impunha respeito, cabeça compacta, faixa de pêlos rudes que corria do alto do espinhaço até à cauda, capa vermelha sobre os ombros, gostava de caminhar direito lançando olhares em redor.

Uma alegre animação reinava diante da principal oficina de tecelagem de Mênfis, as tecelãs tagarelavam, os distribuidores traziam novelos de fio de linho que uma supervisora examinava com atenção antes de aceitar. O burro imobilizou-se diante de um monte de forragem, enquanto o vizir, o chefe da polícia e o seu babuíno penetravam no interior de uma sala bem arejada onde se encontravam dispostos os teares.

Dirigiram-se para o escritório da chefe das tecelãs, a senhora Tapani, cuja aparência era enganadora. Pequena, de cabelos negros, olhos verdes, trinta anos sedutores e vivos, ela dirigia a oficina com mão de ferro e só sonhava com a sua carreira.

O aparecimento do trio quase a fez perder o sangue-frio.

— É... é a mim que procurais?

— Estou convencido que nos podes ajudar — declarou Paser com voz séria.

Na oficina, a bisbilhote já ia adiantada, o vizir do Egito em pessoa e o chefe da polícia em casa da senhora Tapeni! Seria ela beneficiária de uma promoção fulgurante ou teria cometido um delito grave? A presença de Kem implicava antes a segunda hipótese.

— Recordo-te — continuou Paser — que o meu mestre Branir foi assassinado com uma agulha de madreperla. Graças às tuas informações, apresentaram-se-me várias hipóteses, infelizmente infrutíferas. Ora, tu afirmaste ser detentora de informações determinantes, não seria tempo de as formulares?

— Vangloriei-me, simplesmente.

— Entre os conjurados que assassinaram os guardas da esfinge, encontrava-se uma mulher, tão determinada e cruel quanto os seus cúmplices.

Os olhos vermelhos do babuíno fixaram-se na bela morena que cada vez se sentia menos à vontade.

— Supõe, Tapeni, que essa mulher seja uma excelente manuseadora da agulha e que recebeu ordens para eliminar o meu mestre Branir, por forma a travar o seu inquérito.

— Nada disso me diz respeito.

— Gostaria de obter as tuas confidências.

— Não! — gritou ela, no limiar de um ataque de nervos. — Queres vingar-te porque fiz condenar o teu amigo Suti, ele estava errado, eu tinha razão. Não me ameaces mais ou apresentarei queixa contra ti. Sai daqui!

— Deverias adotar uma linguagem mais respeitável — recomendou Kem, — estás a dirigir-te ao vizir do Egito.

Trêmula, Tapeni baixou o tom de voz.

— Não tens qualquer prova contra mim.

— Acabaremos por obtê-la, porta-te bem, senhora Tapeni.

— O vizir está satisfeito?

— Mais que antes, Kem.

— Um pontapé num formigueiro...

— Esta jovem senhora é muito nervosa e muito agarrada à sua ascensão social, a nossa visita não augura nada de bom para a sua reputação.

— Logo, ela vai reagir.

— Sem demora.

— Acreditas que seja culpada?

— De maldade e avaréza, com certeza.

— Inclinas-te mais em Silkis, a esposa de Bel-Tran?

— Uma mulher-menina pode transformar-se numa criminosa por simples capricho, além disso, Silkis é uma excelente manuseadora da agulha.

— Diz-se que é medrosa.

— Ela inclina-se aos menores desejos de seu marido, se ele lhe pediu para servir de isca, ela obedeceu. O chefe da guarda de honra da esfinge, vendo-a aparecer no coração da noite, terá perdido a lucidez.

— Cometer um crime...

— Não formularei a acusação formal antes de ter a prova em meu poder.

— E se nunca a conseguires?

— Tenhamos confiança no nosso trabalho, Kem.

— Estás a esconder-me um fato importante.

— A tal sou obrigado, mas fica ciente de que estamos a lutar pela sobrevivência do Egito.

— Trabalhar a teu lado não dá descanso a ninguém.

— A minha única aspiração é viver uma existência tranquila, no campo, na companhia de Néféret, do meu cão e do meu burro.

Tens de ter paciência, vizir Paser.

A senhora Tapeni não estava sossegada. Conhecia a obstinação do vizir Paser, a sua tenacidade em descobrir a verdade e a sua amizade indefectível por Suti. É verdade que a chefe das tecelãs se mostrara demasiado dura para com o seu marido, mas Suti casara-se com ela e ela não suportava que lhe fossem infiel. Ele pagaria pela sua relação com aquela cadela líbia.

Exposta à punição do vizir, Tapeni tinha de encontrar rapidamente um protetor. Segundo os rumores recentes, não era permitida qualquer hesitação.

Tapeni correu até aos edifícios oficiais onde trabalhavam os funcionários do ministério das Finanças. Interrogou os guardas e esperou uma boa meia-hora antes de ver chegar uma liteira vazia, de espaldar alto, equipada com um tamborete para pousar os pés e largos apoios para os cotovelos. Na retaguarda, um guarda-sol protegia o ocupante dos raios de sol. Vinte transportadores asseguravam uma deslocação rápida, sob as ordens de um chefe de voz poderosa, eles alugavam os seus serviços a um preço elevado, excluindo os percursos demasiado longos.

Bel-Tran saiu pela porta principal do ministério e dirigiu-se para a sua liteira com passos apressados. Tapeni barrou-lhe o caminho.

— Preciso de te falar.

— Tapeni! Problemas na oficina?

— O vizir anda a importunar-me.

— Ele assume-se, de boa vontade, como um justiceiro.

— Ele acusa-me de crime.

— A ti?

— Ele suspeita que eu assassinei o seu mestre Branir.

— Tem provas?

— Não, mas ameaça-me.

— Um inocente nada tem a temer.

— Paser, Kem e o seu símio-polícia assustam-me, preciso da tua ajuda.

— Não vejo como...

— És um homem rico e poderoso, fala-se para aí que a tua ascensão não terminou ainda. Gostaria de me tornar tua aliada.

— De que forma?

— Eu controle o comércio dos tecidos, as senhoras nobres, como a tua, adoram-nos. Sei como obter as melhores condições de compra e venda. Os benefícios, acredita, não serão de negligenciar.

— Um grande volume de negócios?

— Com as tuas qualidades, depressa o aumentarás. Primeiramente, prometo-te prejudicar aquele maldito vizir.

— Tens um plano preciso?

— Ainda não, mas conta comigo.

— Entendido, Tapeni, considera-te protegida.

Capítulo 7

Ao serviço dos conjurados, enriquecido pelos seus crimes, o devorador de sombras³ era um perfeccionista. Prometera eliminar Paser, fracassara, mas ia conseguir. Após ter seguido a sua pista durante muito tempo, o chefe da polícia decidiu finalmente constatar o seu fracasso. Trabalhando sozinho, sem auxílio, o homem das trevas nunca seria identificado. Graças ao ouro que lhe fora pago, logo seria proprietário de uma vivenda no campo onde gozaria uma reforma tranquila.

O devorador de sombras não tinha mais nenhum contato com os seus patrões, três estavam mortos, e Bel-Tran e Silkis inacessíveis. No entanto, esta última não se mostrara nada arisca durante o seu último encontro, quando lhe transmitiu a ordem de tornar Paser inválido, não gemera nem gritara por socorro submetendo-se ao seu desejo. Não tardaria muito, Bel-Tran e Silkis subiriam ao trono do Egito, de modo que o devorador de sombras se sentia obrigado a oferecer-lhes a cabeça do vizir, seu pior inimigo.

Tirando partido dos seus anteriores fracassos, já não atacaria de frente, Kem e o seu babuíno revelavam-se demasiado eficazes. O macaco pressentia o perigo, o núbio velava permanentemente por Paser. O devorador de sombras agiria de maneira indireta, lançando armadilhas.

A meio da noite, escalou o muro do hospital principal de Mênfis, rastejou sobre o telhado e introduziu-se no interior do edifício graças a uma escada. Enveredando por um corredor onde se fazia sentir o aroma dos unguentos e pomadas, dirigiu-se às reservas de produtos perigosos.

Em vários laboratórios estavam armazenados baba, excrementos e urina de sapo, morcegos, venenos de serpentes, de escorpiões e de vespas, e outras substâncias tóxicas provenientes de vegetais, com as quais os farmacêuticos preparavam remédios muito ativos.

Nem a presença de um vigilante embaraçou o devorador de sombras, espancou-o e apossou-se de um frasco de veneno e de uma víbora negra, aprisionada num cesto.

Aterrada, Néféret inteirou-se do estado do vigilante antes de inspecionar os laboratórios. O homem não estava gravemente ferido, fora espancado na base do pescoço, sem mesmo adivinhar a presença do seu agressor.

— Qual a extensão do roubo? — perguntou ela ao médico-chefe do hospital.

— Quase nada... uma víbora negra num cesto.

— Venenos?

— É difícil de dizer, acabamos de receber um lote que vou inventariar esta manhã. O ladrão não partiu nada.

— A guarda será redobrada, a partir desta noite, eu mesma previno o chefe da polícia.

Inquieta, a jovem pensava nas tentativas de assassínio perpetradas contra o seu marido, este incidente pouco habitual não seria o prenúncio de um novo drama?

Com o espírito enevoado, o vizir apresentou-se à porta do Tesouro em companhia de Kem e do símio-polícia. Pela primeira vez desde a sua investidura inspecionava as reservas de metais preciosos. Acordado ainda antes da alvorada por um emissário do hospital, não teve sequer tempo de trocar impressões com Néféret, que partiu a toda a pressa para o local. Incapaz de voltar a adormecer, deleitara-se com um duche escaldante antes de partir para o centro de Mênfis e franquear os cordões de polícias que interditavam o acesso ao bairro do Tesouro a pessoas não qualificadas.

O vizir colocou o seu selo no registro que lhe apresentou o guardião do Tesouro, um homem idoso, lento e meticuloso. Mesmo conhecendo o rosto de Paser, verificou a conformidade da impressão com a que lhe fora transmitida pelo palácio depois da nomeação do novo vizir.

— Que desejas ver?

— O conjunto das reservas.

— Essa tarefa levará tempo.

— Ela faz parte dos meus deveres.

— Às tuas ordens.

Paser começou pelo imenso edifício onde estavam armazenados os lingotes de ouro e prata provenientes das minas da

Núbia e do deserto oriental. Cada peça recebia um número de ordem, a classificação era impecável.

Em breve partiria um carregamento para o templo de Carnaque onde os ourives trabalhariam o precioso metal a fim de adornar duas grandes portas.

Passado o deslumbramento, Paser constatou que metade do local estava vazio.

— As nossas reservas estão no seu ponto mais baixo — comentou o guardião do Tesouro.

— Por que razão?

— Ordens superiores.

— Qual a proveniência?

— A Dupla Casa branca.

— Mostra-me os documentos.

O guardião do Tesouro não cometera qualquer falta administrativa, há vários meses, lingotes de ouro e prata, bem como uma importante quantidade de minerais raros, saíam regularmente das reservas a pedido de Bel-Tran.

O atentado era inadmissível.

Caminhando com passo rápido, Paser não teve de percorrer uma longa distância para chegar à Dupla Casa branca, conjunto de construções de dois andares que abrigavam gabinetes que separavam os pequenos jardins. Como era habitual, reinava aí uma azáfama de formigueiro, desde que Bel-Tran fora colocado à cabeça do grande corpo de Estado, não tolerava a menor inércia e reinava como um tirano sobre um exército de escribas atarefados.

Num vasto recinto, encontravam-se bois gordos destinados ao templo, especialistas examinavam os animais a título de liquidação do imposto. Num alpendre rodeado de um muro de tijolo e protegido por soldados, os encarregados de contas pesavam os lingotes de ouro antes de os depositarem em caixas. O correio interno funcionava desde a madrugada até à noite, jovens de pernas esguias corriam de um lado para outro, transportando ordens a ser executadas sem demora. Os intendentos ocupavam-se das ferramentas, do fabrico do pão e da cerveja, da recepção e circulação dos unguentos, do material para os grandes estaleiros, dos amuletos e objetos litúrgicos. Era consagrado um serviço às paletas de escriba, às canas para escrever, aos papiros, às tábuas de argila e madeira.

Atravessando as salas de colunas onde dezenas de funcionários redigiam notas e relatórios, o vizir tomou consciência da maquinaria da qual Bel-Tran se havia tornado manipulador. Pouco a pouco, assumira o comando dos diversos rodados e não se destacara até os ter dominado.

Os chefes de equipe inclinaram-se diante do vizir, os seus empregados continuaram a trabalhar, pareciam temer mais o patrão que o primeiro-ministro do Egipto. Um intendente guiou-os até à entrada de uma vasta sala onde Bel-Tran, caminhando de um lado para o outro, ditava as suas instruções a três escribas obrigados a escrever com uma rapidez notável.

O vizir observou o seu inimigo declarado. A ambição e a sede de poder impregnavam cada parcela do seu ser, cada uma das suas palavras, o homem não duvidava das suas qualidades nem do seu triunfo final. Quando percebeu a presença de Paser, interrompeu o que estava a fazer, dispensou secamente os escribas e ordenou-lhes que fechassem a porta de madeira.

— A tua visita muito me honra.

— Não te gastes em fórmulas hipócritas.

— Tiveste tempo de admirar a minha administração? O trabalho afincado é a sua lei principal. Poderias demitir-me e nomear outro diretor, mas a máquina griparia e tu serias a primeira vítima. Precisarías de mais de um ano para retomares o leme deste pesado barco, e só dispões de alguns meses antes da nomeação do novo faraó. Renuncia Paser, e submete-te.

— Porque esvaziaste as nossas reservas de metais preciosos?

Bel-Tran sorriu, satisfeito.

— Procedeste a uma inspeção?

— É meu dever.

— Grande rigor, é verdade.

— Exijo que te expliques.

— Interesse superior do Egipto! Era preciso contentar os nossos vassallos e os nossos amigos, os Líbios, os Palestínianos, os Sírios, os Hititas, os Libaneses, e tantos outros, a fim de manter as boas relações e preservar a paz. Os seus governantes

apreciam os presentes, sobretudo o ouro dos nossos desertos.

— Ultrapassaste largamente as quantidades habituais.

— Em certas circunstâncias é preciso sabermos mostrar-nos generosos.

— Nem mais um grama de metal precioso sairá do Tesouro sem minha autorização.

— Estou às tuas ordens. Mas não foi cometida qualquer irregularidade. Eu sei o que estás a pensar: não terei eu usado um procedimento legal a fim de desviar as riquezas para meu proveito? Idéia astuciosa, admito-o. Permite-me que te deixe na dúvida, com apenas uma certeza: não podes provar nada.

Capítulo 8

Acorrentado a um rochedo no meio do Nilo, Suti observava fixamente os arbustos da margem onde se escondia o núbio que o espiava. Prudente, este último permanecia imóvel, receando uma armadilha, Suti apresentava-se como uma isca muito apetecível.

O núbio moveu-se novamente, decidira agir. Excelente nadador, como todos os da sua raça, deslocar-se-ia debaixo de água e surpreenderia a sua presa.

Com a fúria do desespero, Suti puxou a corrente, esta rangeu, gemeu, mas não se quebrou. Morreria ali, estupidamente, sem poder se defender. Rodando sobre si próprio, tentou perceber de onde viria o ataque: a noite estava sombria, a água do rio impenetrável.

A forma esguia emergiu, ao seu lado. Ele esperneou, com a cabeça levantada, esticando a corrente ao máximo. A sombra evitou-o, deslizou sobre o rochedo molhado, caiu à água e ressurgiu.

— Fica quieto, imbecil!

Aquela voz... Ele tê-la-ia reconhecido mesmo no reino subterrâneo.

— És tu... Pantera?

— Quem mais viria em teu auxílio?

Nua, com os cabelos loiros pingando sobre os ombros, ela avançou na sua direção, banhada por um raio de luar. A sua beleza e sensualidade deslumbraram-no.

Ela colou-se contra ele, envolveu-o nos seus braços, pousou os seus lábios sobre os dele.

— Fizeste-me muita falta, Suti.

— Estou acorrentado.

— Pelo menos, não me enganaste.

Pantera inflamou-se. Suti não resistiu a este assalto inesperado. Sob o céu da Núbia, embalados pelo canto de um Nilo selvagem, entregaram-se um ao outro com furor.

Quando a paixão se acalmou, ela estendeu-se sobre ele, satisfeita. Ele acariciou docemente os cabelos louros.

— Felizmente, o teu vigor não diminuiu. Senão, ter-te-ia abandonado.

— Como chegaste até aqui?

— Em barcos, carros, a pé, de burro... Estava certa de conseguir.

— Tiveste problemas?

— Alguns violadores e ladrões aqui e ali. Nada de verdadeiramente perigoso, o Egito é um país tranquilo.

— Deixemos este local o mais rapidamente possível.

— Eu sinto-me bem aqui.

— Se os Núbios se abaterem sobre nós, mudarás de opinião.

Pantera ergueu-se, mergulhou e voltou com duas pedras cortantes. Com força e precisão, aplicou-se num dos elos da corrente, enquanto Suti aliviava o anel que lhe cingia o punho.

Os seus esforços foram coroados de êxito. Livre e louco de alegria, Suti agarrou Pantera e ergueu-a no ar, as pernas da Líbia fecharam-se em redor dos rins do seu amante cuja virilidade renascia. Encaixados um no outro, deslizaram pelo rochedo molhado e caíram no rio rebentando de riso.

Rebolando na margem, os seus corpos não se desuniam. Ébrios um do outro, puseram no abraço uma nova energia. O frio da madrugada acalmou-os por fim.

— É preciso irmos embora — disse Suti, de repente muito sério.

— Para onde?

— Para o Sul.

— O desconhecido, os animais selvagens, os Núbios...

— Afastemo-nos da fortaleza e dos soldados egípcios. Quando eles constatarem o meu desaparecimento, enviarão patrulhas e alertarão os seus espiões. Escondamo-nos até que a sua ira se dilua.

— E o nosso ouro?

— Vamos recuperá-lo, não te aflijas.

— A caminhada não será fácil.

— Juntos conseguiremos.

— Se me enganas outra vez com aquela Tapeni, mato-te.

— Mate antes a ela, tiravas-me um peso de cima.

— O responsável por esse casamento és tu! Obedecestes ao teu amigo Paser que te abandonou, e vê onde estamos!

— Acertarei todas as minhas contas.

— Se escaparmos do deserto.

— O deserto não me assusta, tens água?

— Dois odres cheios, presos a um ramo de tamariz.

Lançaram-se numa pista estreita que passava entre rochas calcinadas e falésias hostis. Pantera seguiu o leito de um curso de água onde subsistiam alguns tufo de erva de que se alimentaram. A areia escaldante queimava-lhes os pés, abutres de pescoço branco sobrevoavam-nos.

Durante dois dias, não encontraram viva alma, a meio do terceiro, o ruído de uma galopada obrigou-os a esconderem-se atrás de um abrigo rochoso formado por blocos de granito que os ventos desgastavam. Viram aparecer dois cavaleiros núbios arrastando atrás de si um garoto nu que corria até perder o fôlego, agarrando-se à corda presa à cauda de um dos cavalos. Ao pararem, uma poeira ocre elevou-se em direção ao céu azul. Um cortou a garganta do prisioneiro, o outro, os testículos, soltando gargalhadas, abandonaram o cadáver e partiram de regresso ao seu acampamento.

Pantera não fechara os olhos.

— Vês os que nos espera, minha querida, os bandidos núbios ignoram a piedade.

— Basta não cairmos nas suas mãos.

— Este local não é nada favorável a um retiro feliz, vamos para mais longe.

Alimentaram-se de rebentos de palmeiras, abandonadas na solidão das rochas negras. Gemidos lúgubres acompanhavam-nos, uma brisa poderosa levantou-se, nuvens de areia enchiam o horizonte. Eles afastaram-se do caminho, deitaram-se abrigados, apertados um contra o outro, e esperaram pelo fim da tempestade.

Um arrepio suave percorreu a sua pele, Suti acordou e sacudiu os grãos de areia que lhe enchiam o nariz e as orelhas.

Pantera permanecia inerte.

— Levanta-te, a tormenta já passou.

Ela não se moveu. Em pânico, Suti ergueu-a. A jovem estava flácida, abandonada.

— Acorda, suplico-te!

— Será que me amas um pouco? — perguntou ela, com voz quente.

— Estavas a brincar!

— Quando corremos o risco de nos tornarmos escrava de um amante infiel, é preciso pô-lo à prova.

— Já não temos água.

Ela caminhava à frente, perscrutando a areia a fim de descobrir traços de umidade. Ao cair do dia, Pantera conseguiu matar um roedor. Espetou na areia dois pedaços de nervura de palma que imobilizou com a ajuda dos joelhos, e esfregou entre eles uma acha de madeira muito seca, com as duas mãos, o movimento, repetido com vigor, produziu pó de madeira que se incendiou. A carne cozida, mesmo em pouca quantidade, retemperou-lhes as forças.

Quando o sol se levantou, a modesta refeição e a relativa frescura noturna depressa foram esquecidas, era preciso encontrar um poço o mais depressa possível, sob pena de morrerem. Mas como descobri-lo? Não se via nem o menor oásis,

nem mesmo alguns tufos de ervas ou arbustos espinhosos que pudessem revelar a presença de água.

— Só um sinal pode salvar-nos — declarou Pantera. — Sentemo-nos e esperemos por ele. Caminhar mais é inútil.

Suti concordou. Ele não temia nem o deserto, nem o sol, morrer livre, no coração deste oceano de fogo, não o assustava. A luz dançava nas rochas, o tempo dissolvia-se no calor, a eternidade impunha-se, escaldante e indomável. Na companhia daquela líbia de cabelos loiros, não estaria ele a viver uma forma de felicidade tão preciosa como o ouro das montanhas?

— Ali embaixo — murmurou ela — à tua direita.

Suti voltou lentamente a cabeça. E viu-o, orgulhoso e selvagem, absorvendo o vento no alto de uma duna.

Um orix macho, pesando pelo menos duzentos quilos, e cujos longos chifres podiam trespassar um leão de lado a lado. O antílope das areias suportava temperaturas caniculares, errando pelo deserto mesmo quando o sol dardejava na vertical.

— Vamos segui-lo — decidiu Pantera.

Uma brisa eriçava os pêlos negros da cauda do orix, cujo ritmo respiratório se acelerava à medida que o calor aumentava, animal do deus Seth, senhor dos furacões e encarnação dos excessos da natureza, o antílope de longos chifres sabia captar o mínimo sopro de ar a fim de refrescar a sua circulação sanguínea. Com o casco, o grande macho desenhou uma espécie de cruz na areia e afastou-se, seguindo uma linha de crista. O casal enveredou pelo mesmo caminho, a uma distância razoável.

O orix traçara um X, hieróglifo que significava “passar”, estaria ele a indicar-lhes um meio de sair daquela imensidão estéril? O viajante solitário, com passo certo, evitava as placas de areia mole e caminhava em direção ao sul.

Suti admirava Pantera. Ela não se queixava, não recuava diante de nenhum esforço, afinçava-se em sobreviver com o mesmo fervor que um animal selvagem.

Pouco antes do sol se pôr, o orix apressou o passo e desapareceu por trás de uma grande duna. Suti ajudou Pantera a escalar a vereda que se esquivava sob os seus pés. Ela caiu, ele ergueu-a, depois caiu também. Com os pulmões em fogo, os membros doloridos, rastejaram até ao alto.

O deserto tingia-se agora de ocre, o calor já não vinha do céu, mas da areia e das pedras. A frescura do vento não acalmava a queimadura dos lábios e da garganta.

O orix desaparecera.

— Ele é infatigável — disse Pantera — não temos qualquer chance de nos juntarmos a ele. Se ele percebeu a presença de verdura, avançará sem tréguas dias a fio.

Suti fixava um ponto preciso, ao longe.

Parece-me que vejo... Não, é uma ilusão.

Pantera olhou na mesma direção, a sua vista toldava-se.

— Vem, avancemos.

As suas pernas aceitaram regressar à caminhada, apesar do sofrimento, se Suti estava enganado, teriam de beber a própria urina antes de morrerem de sede.

— A pista do orix!

Após ter continuado o seu caminho numa sucessão de saltos, o antílope retomara uma marcha lenta em direção à miragem que fascinara Suti. Por seu turno, em Pantera renasceu a esperança, pois não vislumbrava ela uma pequena mancha de sombra verde?

Esqueceram o esgotamento e conduziram os seus passos pelos do orix. E o ponto verde aumentou, aumentou, até se transformar num bosquezinho de acácias.

Sob a árvore mais frondosa, o antílope repousava. O macho de longos chifres observava os recém-chegados que, por sua vez admiraram a sua penugem ruiva e o seu focinho branco e negro. Suti sabia que ele não recuaria perante o perigo, certo da sua força, os atacaria se se sentisse ameaçado.

— Os pêlos da sua barbicha... Estão molhados!

O orix acabara de beber, mastigava agora cascas de acácia das quais uma boa parte, não digerida, passaria para os seus excrementos e replantaria assim novas árvores nos lugares por onde passasse.

— O solo é móvel — notou Suti.

Passaram muito lentamente diante do animal e embrenharam-se no coração do pequeno bosque, mais extenso do que parecia, entre duas palmeiras-tamargueiras, encontrava-se a boca de um poço orlado de pedras lisas.

Suti e Pantera enlaçaram-se antes de matar a sede.

— Um verdadeiro paraíso — considerou Suti.

Reinava a confusão na ruela de Mênfis onde habitava o velho vizir Bagey, o predecessor de Paser. Ele passava por um homem intransigente e austero, inacessível ao elogio. Antigo geômetra, não suportava a inexatidão, frio, rígido, reinara sobre os seus subordinados com pulso inflexível. Desgastado pelo trabalho, suplicara a Ramsés que o demitisse das suas funções a fim de gozar uma reforma tranquila na sua pequena casa da cidade.

O Faraó, atento à carreira de Paser e ao seu modo de se desenvencilhar de certas autoridades, apostara na autenticidade e desejo de verdade do jovem juiz para dismantelar a conspiração da qual o Egito seria a vítima, Bagey, que já não sentia forças para lutar, aprovara a escolha. Uma vez que Paser se havia mostrado íntegro ao prosseguir o seu inquérito e ao desempenhar as suas funções de magistrado sem fraquejar, merecia o seu apoio.

A esposa de Bagey, uma morena de físico ingrato, alertara a vizinhança desde que a doença de seu marido se agravara. Habitualmente, ele levantava-se cedo, passeava pela grande cidade e regressava pouco antes do almoço. Naquela manhã, queixava-se de uma dor terrível nos rins. Apesar das insistências da sua mulher, Bagey recusava a intervenção de um médico, convencido de que a dor desapareceria. Mas, perante a sua persistência, rendeu-se à razão.

Aos magotes, os habitantes da ruela preconizavam mil e um remédios, acusando os demônios de ter provocado a doença do antigo vizir. O silêncio estabeleceu-se com o aparecimento de Néféret, a médica-chefe do reino. De uma beleza sublime, no seu longo vestido de linho, vinha apenas acompanhada de Vento do Norte, encarregado de transportar o seu equipamento médico, o burro caminhava direito, afastando a multidão em direção ao domicílio de Bagey. Estacou diante da porta certa, enquanto as mães de família felicitavam Néféret, cuja popularidade não cessava de aumentar. A jovem médica, apressada, respondia apenas com sorrisos.

A esposa de Bagey pareceu decepcionada. Esperava um médico, não aquela criatura demasiado sedutora.

— Não devias ter-te incomodado.

— O teu esposo ajudou o meu durante um período difícil, eu estou-lhe reconhecida.

Néféret penetrou na pequena casa branca de dois andares, atravessou um vestíbulo simples, sem qualquer decoração e, guiada pela dona da casa, subiu as escadas estreitas que conduziam ao primeiro andar. Bagey repousava num quarto mal arejado, que há muito não era pintado.

— Tu aqui! — exclamou ele, ao ver Néféret. — O teu tempo é demasiado precioso para...

— Não te curei já uma vez?

— Salvaste-me mesmo a vida. Sem a tua intervenção, a minha veia porta ter-me-ia matado.

— Já não depositas confiança em mim?

— Mas é claro que sim.

Bagey soergueu-se, encostou-se à parede e olhou para a sua mulher.

— Deixa-nos.

— Não precisas de nada?

— A médica vai examinar-me.

Ela retirou-se com um passo pesado e hostil.

Néféret tomou o pulso do seu paciente em diversos locais e consultou o relógio portátil que trazia no pulso, a fim de calcular o tempo de reação dos órgãos e o seu ritmo próprio. Escutou a voz do coração, verificou a boa circulação das correntes quentes e frias. Bagey permanecia sereno, quase indiferente.

— Qual o teu diagnóstico?

— Só um instante.

Néféret utilizou um cordão delgado e sólido na ponta do qual oscilava um fragmento de granito, e passou este pêndulo sobre as diferentes partes do corpo do paciente. Por duas vezes, o granito descreveu círculos largos.

— Sê sincera — exigiu o antigo vizir.

— Trata-se de uma doença que conheço e curarei. Tens sempre os pés inchados?

— Muitas vezes, costumo mergulhá-los em água morna salgada.

— Consegues alívio?

— Pouco duradouro, ultimamente.

— O teu fígado está novamente obstruído, o sangue está espesso. Cozinha muito gorda, não é verdade?

— A minha mulher tem os seus hábitos, já é demasiado tarde para mudá-los.

— Bebe muita chicória e uma poção composta por briónia, extrato de fígado, sumo de uva, fruta de pérsea e de sicômoro.

É preciso aumentar o volume da tua urina.

— Já tinha esquecido esse remédio. Existe um outro mal, tenho certeza.

— Tenta levantar-te.

Bagey conseguiu, Néféret estendeu-lhe uma cadeira em madeira formada por suportes transversais e uma armação côncava sobre a qual estava colocada uma cobertura feita de cordas entrançadas em espinhas de peixe. O antigo vizir sentou-se com rigidez e a cadeira gemeu sob o seu peso. Néféret serviu-se novamente do seu pêndulo.

— Sofres de um começo de degenerescência dos rins, tens de absorver quatro vezes por dia uma mistura de água, levedura de cerveja e sumo de tâmaras frescas, conserva-a num vaso normal em terracota, fechado por uma rolha de terra seca coberta com um pedaço de pano. Este remédio é simples, mas eficaz, se não agir rapidamente e tiveres dificuldade em urinar, previne-me imediatamente.

— Vou ficar a dever-te também esta recuperação.

— É claro que não, se me esconderes uma parte da verdade.

— Porquê essa suspeita?

— Sinto uma angústia profunda, cuja causa devo identificar.

— És uma médica extraordinária, Néféret.

— Aceitas esclarecer-me?

Bagey hesitou.

— Sabes que eu tenho dois filhos. O meu filho preocupa-me, mas parece gostar do seu trabalho de verificador de tijolos cozidos. A minha filha...

O antigo vizir baixou o olhar.

— A minha filha passou apenas uma pequena temporada no templo, os rituais aborreceram-na. Tornou-se encarregada de contas numa quinta cujo proprietário se satisfaz dos seus serviços.

— Julga-a com severidade?

— Pelo contrário, a felicidade dos meus filhos vem antes de tudo. Porque não respeitar a escolha por eles feita? Ela deseja formar uma família, eu incentivo-a.

— Então o que te contraria?

— É estúpido, deplorável! Mal aconselhada, a minha filha moveu-me um processo a fim de obter a sua herança antes do tempo. Que tenho para lhe dar senão esta casa?

— Não possuo nenhum remédio para esse mal, mas conheço alguém com a competência certa.

Bravo mendigou um bolo, Paser cedeu. Bagey, sentado numa cadeira confortável, tomava todos os cuidados para se manter à sombra de um guarda-sol. O antigo vizir receava os raios do sol.

— O teu jardim é muito vasto, mesmo com jardineiros sérios, que preocupação! Eu prefiro uma pequena casa na cidade.

— O cão e o burro gostam do espaço.

— Como se têm desenrolado os teus primeiros dias na qualidade de vizir?

— A tarefa parece-me difícil.

— O rito de investidura preveniu-te, um trabalho mais amargo que o fel. Tu és jovem, não queimes as etapas, tens tempo de aprender.

Paser gostaria de lhe confessar que ele se enganava redondamente.

— Quanto menos eu dominar a situação, mais o equilíbrio do país estará comprometido.

— Não estarás a sucumbir ao pessimismo?

— Mais de metade das nossas reservas de metais preciosos foi delapidada revelou Paser.

— Mais da metade... Impossível! As minhas últimas verificações não revelaram nada disso.

— Bel-Tran utilizou todos os recursos administrativos, na mais perfeita legalidade, e transferiu uma boa parte do tesouro para o estrangeiro.

— Com que justificativa?

— Assegurar a paz com os nossos vizinhos e nossos vassalos.

— O argumento não deixa de ser hábil, deveria ter desconfiado mais desse recém-chegado.

— Ele enganou toda a hierarquia, vontade de ser bem sucedido, trabalho árduo, desejo furioso de servir o país... Quem não acreditaria na sua sinceridade?

— Dura lição.

Bagey estava abatido.

— Presentemente, estamos conscientes do perigo.

— Tens razão reconheceu o antigo vizir. É claro que ninguém substituirá o sábio Branir, teu mestre assassinado, mas talvez eu possa ajudar-te.

— A minha vaidade fez-me supor que rapidamente tomaria as rédeas da minha função, mas Bel-Tran fechou bem as portas. Receio que o meu poder seja apenas aparente.

— Se os teus subordinados se convencerem disso, a tua posição logo ficará insustentável. Tu és o vizir, tu deves dirigir.

— Os esbirros de Bel-Tran bloquearão as minhas decisões.

— Contorna o obstáculo.

— Como?

— Em cada serviço oficial, existe um homem importante e experiente, não se trata forçosamente do que ocupa a posição mais elevada. Descobre-o, apoia-te nele, compreenderás as sutilezas dos diferentes mecanismos da administração.

O antigo vizir forneceu nomes e pormenores.

— Sê muito escrupuloso quando testemunhares a tua ação diante do Faraó, Ramsés, o Grande, possui uma inteligência arguta. Quem tentar enganá-lo fracassará.

— Em caso de dificuldade, gostaria de poder consultar-te.

— Serás sempre bem-vindo, mesmo sendo a minha hospitalidade menos suntuosa que a tua.

— O coração conta mais que a aparência, e a tua saúde melhorou?

— A tua esposa é uma excelente médica, mas eu sou, por vezes, um paciente indisciplinado.

— Tem cuidado contigo.

— Estou um pouco fatigado, permites que me retire?

— Antes de te acompanhar, devo confessar que encontrei a tua filha.

— Então, sabes...

Néféret pediu-me que interviesse, nada me impedia.

Bagey pareceu contrariado.

— Não se trata de um privilégio — insistiu Paser. — Um antigo vizir merece consideração. Cobia-me a mim resolver esse conflito.

— Como reagiu a minha filha?

— O processo não se efetivará. Manterás a tua casa, ela construirá a sua graças a um empréstimo do qual sou fiador. Estando realizado o seu desejo mais fervoroso, a harmonia reinará de novo na tua família. Prepara-te para em breve seres... avô.

A severidade de Bagey esfumou-se, ele mal podia esconder a sua emoção.

— Dás-me demasiadas alegrias ao mesmo tempo, vizir Paser.

— É bem pouco, em comparação com a ajuda que me dás.

Capítulo 9

O grande mercado de Mênfis era uma festa quotidiana onde se trocavam tantas conversas quantas mercadorias. Os comerciantes, entre os quais figuravam mulheres de tagarelice inesgotável, beneficiavam de um local designado para o efeito. Praticava-se a troca com grandes lengalengas e mímicas, ainda que, por vezes, o tom subisse, as transações concluíam-se sempre com bom humor.

O chefe da polícia, acompanhado do seu babuíno, perambulava satisfeito pela grande praça, a presença de Matador evitava os roubos, e o seu dono assestava a orelha, a fim de surpreender pedaços de conversa que refletissem o estado de espírito da população, e interrogava discretamente os informantes utilizando um código.

Kem demorou-se junto de um vendedor de conservas, procurava um ganso preparado para assar, posto num recipiente depois de ter sido seco e salgado. O mercador, sentado numa esteira, mantinha a cabeça baixa.

— Estás doente?

— É bem pior.

— Roubaram-te.

— Olha para a minha mercadoria e perceberás.

— Fabricados com uma argila do Médio-Egito, decorados com grinaldas de flores e realçados com um azul luminoso, os recipientes utilizados para a conservação dos alimentos revelavam-se de uma notável eficácia. Kem examinou as inscrições: água, vinho, mas nada de carne.

— Não a entregaram — confessou o comerciante. — É um desastre.

— Explicaram-te porquê?

— Não. O transportador viajou sem a mercadoria, nunca sofri tal miséria!

— Há outros casos semelhantes?

— Todos os meus colegas! Alguns ainda tinham um resto de sortimento, mas ninguém tinha quantidades armazenadas.

— Talvez se trate apenas de um simples atraso.

— Se não nos entregarem a mercadoria amanhã, podes contar com uma revolta.

Kem não encarou o incidente de ânimo leve, ninguém, rico ou pobre, aceitaria uma tal perturbação. As gentes abastadas exigiam carne para os seus banquetes, os mais humildes, peixe seco. Assim, o núbio dirigiu-se ao armazém onde eram centralizados os recipientes de carne.

De mãos cruzadas atrás das costas, o responsável contemplava o Nilo.

— Que se passa?

— Nenhum descarregamento há oito dias.

— E não denunciaste o fato?

— É claro que sim.

— A quem?

— Ao funcionário de quem dependo: o encarregado da salga.

— Onde posso encontrá-lo?

— Na sua oficina, perto dos açougues do templo de Ptah.

Os açougueiros discutiam enquanto bebiam cerveja doce. Habitualmente, depenavam os gansos e os patos presos a uma longa vara, esvaziavam-nos, salgavam-nos e metiam-nos em conserva em grandes recipientes etiquetados.

— Porque estais desocupados? — perguntou Kem.

— Temos os animais e as vasilhas — respondeu um deles — mas não o sal. Não sabemos de mais nada, dirige-te ao responsável.

O encarregado da salga era um homem baixo, rotundo, quase calvo, encontrava-se a jogar aos dados com o seu assistente.

A aparição do chefe da polícia e do seu temível babuíno tirou-lhe a vontade de se distrair.

— A culpa não é minha — declarou com voz trêmula.

— Por acaso acusei-te?

— Se estás aqui...

— Por que razão não distribuis aos açougueiros o sal de que eles precisam?

— Porque não o tenho!

— Explica-te.

— Eu tenho duas fontes de fornecimento: o vale do Nilo e os oásis. Depois dos grandes calores do Verão, a espuma do deus Seth solidifica-se à superfície do solo, perto do rio. A terra fica coberta por um lençol branco. Esse sal contém fogo perigoso para as pedras dos templos, é apanhado sem demora e armazenado. Em Mênfis, utilizamos também o sal recolhido nos oásis, pois fabricamos muitas conservas. Hoje em dia, nada mais...

— Porquê?

— Os depósitos de sal do Nilo foram fechados e as caravanas dos oásis já não chegam.

Kem apressou-se a juntar-se ao vizir, cujo gabinete fora invadido por uma dezena de altos funcionários em cólera. Cada um tentava falar mais alto do que os outros, uma cacofonia deplorável tomava o lugar do discurso. Por fim, sob a firme injunção de Paser, expressaram-se um após outro.

— Pagamos o mesmo preço por uma pele não trabalhada e por uma pele trabalhada! Os artesãos ameaçam parar se não intervieres para estabelecer a diferença.

— As enxadas entregues aos cultivadores dos domínios da deusa Hátor, não só são defeituosas ou frágeis, como o seu preço dobrou! Quatro deben⁴ em vez de dois!

— O par das sandálias mais modestas vale três deben, o triplo do seu preço normal, e não me refiro a peças de luxo!

— Uma ovelha dez deben em vez de cinco, um boi gordo: duzentos em vez de cem! Se esta loucura continua, não poderemos alimentar-nos.

— A rabadilha de touro está a tornar-se intocável, mesmo para os ricos.

— E já nem falo dos recipientes em bronze e em cobre! Amanhã, será preciso trocar um guarda-roupa inteiro para adquirir um só.

Paser ergueu-se.

— Acalmem-se, suplico-vos.

— Vizir do Egito, esta subida de preços é insuportável!

— Assim o considero também, mas quem a desencadeou?

Os altos funcionários entreolharam-se, o mais enervado tomou a palavra.

— Mas... tu próprio!

— As diretivas nesse sentido tinham o meu selo apostado?

— Não, mas o da Dupla Casa branca! Onde já se viu um vizir em desacordo com o seu ministro da Economia?

Paser compreendeu o ponto de vista dos seus interlocutores. A armadilha lançada por Bel-Tran era hábil: inflação artificial, descontentamento da população, o vizir acusado.

— Cometi um erro e vou retificá-lo, preparem uma tabela de preços conforme à normal, eu a aprovarei. Os excessos serão sancionados.

— Não seria necessário... alterar o valor do deben.

— Tal não será necessário.

— Os comerciantes queixar-se-ão! Graças a esse erro, eles estavam a enriquecer.

— A prosperidade deles não me parece comprometida. Despachem-se, por favor, os meus mensageiros irão a partir de amanhã pelas cidades e vilas a fim de proclamar as minhas decisões.

Os altos funcionários inclinaram-se e retiraram-se. Kem contemplou o grande gabinete, atulhado de estantes vergadas ao

peso dos papiros e das tabuinhas.

— Se bem entendi — disse o núbio — escapamos à justa.

— Estou ao corrente desde ontem à noite — revelou Paser — e trabalhei toda a noite a fim de reprimir este flagelo devastador. Bel-Tran procura descontentar toda a gente, demonstrar que eu sigo uma política desastrosa e que o Faraó já não dirige o país. Evitaremos a catástrofe, mas ele recomeçará, favorecendo certas atividades. O seu objetivo é o de dividir, opor os ricos aos pobres, espalhar o ódio e utilizar essa energia negativa em seu proveito, será preciso uma vigilância constante. Trazes-me boas notícias?

— Receio que não.

— Um novo drama?

— O sal deixou de ser entregue.

Paser empalideceu. A população corria o risco de ficar sem conservas de carne e de peixes secos, os alimentos mais correntes.

— Mas a colheita foi abundante.

— Foram colocados selos nas portas dos depósitos.

— Vamos lá tirá-los.

Os selos estavam no nome da Dupla Casa branca, na presença de Kem e de dois escribas, o vizir quebrou-os. Foi imediatamente redigido, datado e assinado um auto. O encarregado do sal foi ele próprio a abrir as portas.

— Que umidade!

— Este sal foi mal recolhido e mal armazenado — constatou Kem. — Molharam-no com água estagnada.

— Que seja filtrado — ordenou Paser.

— Não salvaremos quase nada.

Furioso, Paser voltou-se para o encarregado.

— Quem estragou este sal?

— Ignoro-o. Quando Bel-Tran o examinou, considerou-o impróprio para consumo e para a conserva dos alimentos, foram estabelecidos processos-verbais, como era devido.

O homem tremia sob o olhar penetrante do babuíno, na verdade, nada mais sabia.

O serviço encarregado do comércio com os oásis era um anexo do departamento do Estado que se ocupava das relações com os países estrangeiros, ainda que pertencessem ao território egípcio desde as primeiras dinastias, as suas regiões longínquas permaneciam misteriosas aos olhos dos habitantes do Vale. Mas elas produziam natrão, indispensável à higiene e à mumificação, e um sal de excelente qualidade.

Sem cessar, caravanas de jumentos percorriam as estradas, carregadas de pesados e preciosos fardos.

Um ex-caçador de larápios beduínos fora colocado à cabeça dessa administração, rosto enrugado pelo sol, cabeça quadrada, torso forte, ele conhecia o valor do esforço e do perigo.

A presença do babuíno perturbou-o.

— Põe uma trela nessa besta, as suas fúrias são temíveis.

— O Matador é ajuramentado — respondeu Kem. — Só ataca os delinquentes.

O encarregado dos oásis tingiu-se de púrpura.

— Nunca ninguém duvidou da minha honestidade.

— Não te terás esquecido de saudar o vizir do Egito?

Com a espinha rígida, o homem obedeceu.

— Qual a quantidade de sal que tens nos teus armazéns?

— Muito pequena. Há já várias semanas que os burros do oásis não entregam nada, nem aqui nem em Tebas.

— Não ficaste surpreendido?

— Eu próprio dei ordem para interromper todo o comércio.

— Por tua própria iniciativa?

— Recebi uma ordem.

— De Bel-Tran?

— Com efeito.

— Quais as suas razões?

— Fazer baixar os preços. Os habitantes dos oásis recusaram terminantemente, convencidos de que a Dupla Casa branca voltaria atrás, mas a situação arrasta-se. As minhas reclamações continuam sem resposta, felizmente, dispomos do sal do vale.

— Felizmente — repetiu Paser, aterrado.

Barbeado, penteado com uma peruca que lhe cobria metade da frente, vestido com uma longa túnica, o devorador de sombras estava irreconhecível. Puxando dois burros por uma corda comprida, apresentou-se à porta dos domínios de Paser que dava para as cozinhas.

Ao intendente, apresentou queijos frescos, iogurte salgado e cremoso, conservado num jarro, e leite coalhado com alúmen. A princípio desconfiado, o intendente apreciou a qualidade dos produtos. Quando se inclinava sobre o recipiente, o devorador de sombras agrediu-o e arrastou o seu corpo para o interior da propriedade. Enfim, estava pronto a entrar em ação.

O devorador de sombras possuía uma planta da casa do vizir. Não deixando nada ao acaso, sabia que àquela hora os servidores estavam ocupados na cozinha onde os jardineiros tomavam a sua refeição. A ausência do macaco e de Kem, que acompanhavam Paser na cidade, permitir-lhe-ia agir correndo o menor risco possível.

Insensível à natureza, o assassino ficou, no entanto, deslumbrado pela verdura luxuriante do jardim. Cem cevados de comprimento por duzentos de largura, culturas em socalcos, canteiros recortados por canais, uma horta, um poço, uma piscina de recreio, um quiosque ao abrigo dos ventos, uma fila de arbustos talhados em cones ao longo do Nilo, uma dupla fila de palmeiras, uma alameda sombreada, um caramanchão, maciços de flores onde dominavam os lírios e as mandrágoras, uma vinha, figueiras, sicômoros, tamargueiras, palmeiras-tamargueiras, pérseas e essências raras importadas da Ásia que deleitavam a vista e o olfato. Mas o emissário das trevas não se demorou nesse lugar encantador, caminhou ao longo da piscina onde desabrochavam lótus azuis e agachou-se ao aproximar-se da residência.

Imobilizou-se, à escuta do menor ruído, nem o burro nem o cão, ocupados a comer do outro lado da propriedade, o tinham detectado. Segundo a planta, ele encontrava-se à altura dos quartos dos hóspedes. Saltando uma janela baixa, deslizou para o interior de uma sala retangular mobilada com uma cama e arcas para arrumação, na mão esquerda, segurava a asa do cesto onde se agitava a víbora negra.

Saindo do quarto, descobriu, como previsto, uma bela sala de quatro colunas, o pintor que a decorara representara uma dezena de espécies de pássaros de cores vivas brincando num jardim. O assassino escolheria uma decoração daquele tipo para a sua futura vivenda.

De repente, gelou.

Pedaços de conversa chegavam-lhe aos ouvidos, vindos da sua direita, da sala de água, onde uma criada fazia escorrer um líquido morno e perfumado sobre o corpo nu de Néféret. A senhora da casa escutava os lamentos da sua serviçal relativamente aos seus problemas familiares, e tentava acalmá-los. O devorador de sombras gostaria de contemplar a jovem, cuja beleza o fascinava, mas o prazer vinha depois da sua missão. Voltou pelo mesmo caminho e abriu a porta de um grande quarto, sobre várias mesas estavam colocadas jarras cheias de malvarosas, lírios e flores de lis. Encimando os dois leitos, cabeceiras em madeira dourada, ali dormiam Paser e Néféret.

Tendo cumprido a sua tarefa, o devorador de sombras atravessou a sala de quatro colunas, ultrapassou a sala de água e entrou num aposento oblongo, cheio de frascos de diversos tamanhos.

O laboratório privado de Néféret.

Cada remédio fora identificado pelo nome, com as indicações terapêuticas correspondentes. Não teve qualquer dificuldade em encontrar o que procurava.

De novo, as vozes femininas e o canto da água que escorria, os sons provinham do aposento contíguo. No ângulo superior esquerdo da parede, detectou um buraco que o engessador ainda não rebocara, não podendo resistir por mais tempo, subiu a um banco e estendeu o pescoço.

Viu-a.

De pé, Néféret recebia a água deliciosa que a criada despejava, empoleirada num banco de tijolo claramente elevado em relação à sua senhora, estando o duche terminado, a jovem de corpo sublime estendeu-se sobre uma banquetta de pedra. Queixando-se do seu marido e dos seus filhos, a criada massageava-lhe suavemente as costas com um unguento. O devorador de sombras saciava-se do espetáculo, a última mulher de quem abusara, Silkis, de formas grosseiras, era um camafeu perto de Néféret. Por um instante, imaginou-se a irromper pela sala de água, a estrangular a criada e a violar a suntuosa esposa do vizir, mas o tempo urgia.

De uma caixa em forma de nadadora nua empurrando diante de si um pato, a criada, com a ponta do indicador, tirou um pouco de pomada e espalhou-a na base dos rins de Néféret a fim de eliminar a fadiga e as contrações. O devorador de sombras conteve o seu desejo e deixou a habitação.

Quando o vizir franqueou a porta da sua propriedade, pouco antes do pôr-do-sol, o intendente precipitou-se para ele.

— Mestre, fui agredido! Esta manhã, na hora em que passam os vendedores ambulantes... O homem apresentou-se a vender queijos. Eu desconfiei, pois não o conhecia, mas a qualidade dos seus produtos inspirou-me confiança. E então ele bateu-me.

— Néféret foi prevenida?

— Achei melhor não preocupar a tua esposa e eu próprio conduzi um inquérito.

— Que descobriste?

— Nada de inquietante. Ninguém viu esse indivíduo na propriedade, partiu depois de me ter agredido. Sem dúvida que esperava roubar e percebeu que a sua proeza estava votada ao fracasso.

— Como te sentes?

— Um pouco vacilante.

— Vai repousar.

Paser não partilhava do otimismo do seu intendente. Se o agressor era o misterioso assassino que, por várias vezes, tentara eliminá-lo, introduzira-se provavelmente dentro de casa. Com que intenção?

Esgotado ao fim de um dia de trabalho durante o qual não tivera tempo de retomar o fôlego, o vizir só pensava em reunir-se a Néféret. Caminhou rapidamente ao longo da alameda principal do jardim, sob a folhagem dos sicômoros e das palmeiras, admirando a ondulação das suas folhas. Gostava do sabor da água do seu poço, das suas tâmaras e dos seus figos. Não seria o sussurro dos sicômoros evocativo da suavidade do mel, e não se assemelhava o fruto da pérsea a um coração? Deus concedia-lhe o privilégio de gozar dessas maravilhas e, ainda mais, de as partilhar com a mulher que amara com todo o seu ser desde o primeiro instante em que a viu.

Sentada sob uma romãzeira, Néféret tocava uma harpa portátil de sete cordas, como ela, a árvore mantinha a sua beleza todo o ano pois, assim que uma flor caía, outra desabrochava. A sua voz, bem colocada num agudo terno, cantava uma melopeia muito antiga que narrava a felicidade eterna dos amantes fiéis. Ele aproximou-se dela e beijou-a no pescoço, no local onde os seus lábios a faziam estremecer.

— Amo-te, Paser.

— E eu amo-te ainda mais.

— Enganas-te.

Beijaram-se com a paixão da juventude.

— Estás com má cara — notou ela.

— A constipação e a tosse voltaram.

— Sobrecarga de trabalho e ansiedade.

— Estas últimas horas foram difíceis, passamos ao lado de duas catástrofes enormes.

— Bel-Tran?

— Sem qualquer dúvida. Organizou uma subida de preços por forma a semear a confusão na população e interrompeu o comércio do sal.

— Eis a razão por que o nosso intendente não conseguia encontrar conservas de ganso, e o peixe seco?

— Ruptura de aprovisionamento em Mênfis.

— Serás considerado responsável.

— É a regra.

— Que tencionas fazer?

— Regressar de imediato à normalidade.

— Para os preços, um decreto será o bastante... mas, e para o sal?

— Nem todos os depósitos foram atingidos pela umidade, em breve, as caravanas partirão de novo dos oásis. Além disso, abri as reservas do Faraó, no Delta, em Mênfis e em Tebas. Durante muito tempo não nos faltarão conservas, a fim de acalmar os espíritos, os celeiros reais distribuirão alimentos gratuitos durante alguns dias, como nos períodos de carência.

— E os mercadores?

— A título de indenização, receberão tecidos.

— A harmonia foi, portanto, restabelecida.

— Até ao próximo ataque de Bel-Tran, ele não deixará de me acoessar.

— Não cometeu quaisquer erros?

— Ele pode alegar ter agido no interesse da Dupla Casa branca, e, como tal, do Faraó, aumentar os preços dos gêneros e obrigar os vendedores a baixar os seus teria enriquecido o Tesouro.

— E empobrecido o povo.

— Bel-Tran não tem emenda, ele prefere aliar-se aos ricos, cujo apoio lhe será indispensável quando tomar o poder. Na minha opinião, tratam-se apenas de escaramuças destinadas a testar a minha capacidade de reação. Como ele controla o sistema econômico muito melhor que eu, os seus próximos golpes serão talvez decisivos.

— Não sejas tão pessimista, a fadiga é a causa desse desespero passageiro. Um bom médico curar-te-á.

— Conheces algum remédio?

— A sala de unções.

Paser deixou-se guiar, como se descobrisse o local pela primeira vez. Depois de ter lavado os pés e as mãos, despiu a sua túnica de função e a sua tanga, e estendeu-se sobre um banco de pedra. As mãos da médica-chefe do reino massajaram-no com suavidade, dissipando as dores das costas e a rigidez da nuca. Quando se voltou de costas, Paser contemplou Néféret, o seu vestido de linho muito fino mal escondia as suas formas e o seu corpo estava impregnado de perfume. Ele puxou-a para si.

— Não tenho o direito de mentir, mesmo por omissão. O nosso intendente foi agredido, esta manhã, por um falso vendedor de queijos, ele não foi identificado e ninguém viu esse homem após o seu delito.

— Aquele que já tentou eliminar-te e que Kem ainda não conseguiu identificar.

— Provavelmente.

— Alteraremos a ementa prevista para esta noite — decidiu Néféret, lembrando-se de que o misterioso assassino tentara matar Paser com um peixe envenenado.

O sangue-frio de sua mulher fascinava Paser, e o desejo que crescia em si levava-o a esquecer as angústias e os perigos.

— Renovaste as flores no nosso quarto?

— Queres admirá-las?

— É o meu desejo mais ardente.

Atravessaram a passagem entre a sala de unções e o quarto, Paser despiu Néféret, muito lentamente, cobrindo-a de beijos febris. De cada vez que faziam amor, ele contemplava os seus lábios ternos, o seu pescoço esguio, os seus seios firmes e redondos, as ancas estreitas, as pernas elegantes, e agradecia ao céu por lhe oferecer uma felicidade tão louca. Néféret respondeu ao seu ardor e, juntos, conheceram a alegria secreta que a deusa Hátor, soberana do amor, dispensava aos seus fiéis.

A grande casa estava silenciosa. Paser e Néféret repousavam lado a lado, de mãos entrelaçadas, um ruído intrigou o vizir.

— Não ouviste uma espécie de pancada de bastão?

Néféret apurou o ouvido, o ruído repetiu-se, depois voltou o silêncio. A jovem concentrou-se, longínquas lembranças voltavam pouco a pouco à superfície.

— À minha direita — indicou Paser.

Néféret acendeu a mecha de uma lamparina de azeite. No local designado pelo vizir, um cofre de roupa continha as suas tangas.

Ele preparava-se para retirar a tampa quando a cena surgiu na memória de Néféret. Agarrou-o pelo braço direito e obrigou-o a recuar.

— Chama um criado, pede-lhe que traga um bastão e uma faca. Já sei o que veio fazer o falso vendedor de queijos.

Ela revivia cada instante da prova durante a qual tivera de agarrar uma serpente e de extrair o seu veneno para preparar um remédio. Quando essa batia a cauda contra as paredes do cesto onde estava fechada, produzia o som que ela e Paser tinham acabado de ouvir.

Paser regressou com o intendente e um jardineiro.

— Tenham cuidado — recomendou ela — essa arca contém um réptil furioso.

O intendente retirou a tampa com a extremidade de um longo bastão e logo apareceu a cabeça sibilante de uma víbora negra. O jardineiro, habituado a lutar contra este gênero de hóspede indesejável, cortou-a em duas.

Paser espirrou várias vezes e foi assaltado por um ataque de tosse.

— Vou buscar o teu remédio — disse Néféret.

Nem um nem outro tocaram na succulenta refeição que o cozinheiro preparara, Bravo, pelo contrário, fizera honras às costeletas de carneiro grelhadas. Satisfeito, com o focinho pousado sobre as patas cruzadas, gozava de um merecido descanso aos pés do dono.

No seu laboratório, povoado de frascos de madeira, marfim, vidro multicolor e alabastro, adoptando formas tão variadas como uma romã, um lótus, um papiro ou um pato, Néféret escolheu a poção à base de briónia que dissiparia a congestão quase crônica de que sofria Paser.

— A partir de amanhã — anunciou o vizir — darei ordens a Kem para fazer guardar a nossa casa por homens de confiança. Este gênero de acidente não voltará a acontecer.

Néféret despejou uma dezena de gotas numa taça e juntou água.

— Bebe isto, dentro de uma hora, deves repetir a dose.

Pensativo, Paser pegou na taça.

— O assassino deve estar a soldo de Bel-Tran, seria ele um dos conjurados que violaram a grande pirâmide? Não creio. Trata-se de um elemento exterior à conspiração propriamente dita. O que deixa supor que possam existir outros...

Bravo rosnou, mostrando os dentes.

O seu comportamento assombrou o casal, nunca o cão se comportara daquela forma com eles.

— Acalma-te — ordenou o vizir.

Bravo ergueu-se nas patas traseiras e rosnou mais fortemente.

— Que tens?

O animal saltou e mordeu o pulso de Paser. Estupefato, este largou a taça e ergueu o punho. Néféret interpôs-se, lívida.

— Não lhe batas! Acho que compreendi...

Com o olhar repleto de amor, Bravo lambeu as pernas do seu dono. A voz de Néféret tremeu.

— Este não é o odor da tintura de briónia. O assassino substituiu a tua poção habitual por um veneno roubado no hospital. Ao tratar de ti, era eu que devia matar-te.

Pantera assava uma lebre, Suti acabava de fabricar um arco da fortuna em madeira de acácia. Parecia-se com a sua arma preferida, capaz de lançar flechas a sessenta metros em tiro direto, e a mais de cem metros em tiro parabólico. Desde a sua adolescência, Suti dera provas de um dom excepcional para atingir o coração de alvos longínquos e minúsculos.

Rei do seu modesto oásis, rico em água pura, tâmaras suculentas e caça que vinha matar a sede, ele sentia-se feliz. Suti amava o deserto, a sua força e o seu fogo devorador que transportava o pensamento até ao infinito. Durante longas horas, contemplava dia a dia o nascer e o pôr do sol, os movimentos imperceptíveis das dunas, a dança da areia ritmada pelo vento. Afundando-se no silêncio, comungava com a imensidão escaldante onde o sol reinava, sem nada partilhar. Suti tinha a sensação de tocar o absoluto, para lá dos deuses, seria mesmo necessário deixar esse pedaço de terra desconhecido, esquecido dos homens?

— Quando partimos? — perguntou Pantera, aninhando-se contra ele.

— Talvez nunca mais.

— Tencionas criar raízes aqui?

— E porque não?

— Isto é o inferno Suti!

— Que nos falta?

— E o nosso ouro?

— Não és feliz?

— Esta felicidade não me basta, quero ser rica e comandar um exército de servidores num imenso domínio. Tu servir-me-ás vinho de qualidade, ungarás as minhas pernas de óleo perfumado e eu cantar-te-ei canções de amor.

— E esse domínio é mais vasto que o deserto?

— Onde estão os jardineiros, os lagos de recreio, as orquestras, os salões de banquete, os...

— Tudo coisas de que não necessitamos.

— Fala por ti! Viver como uma indigente repugna-me, não te arranquei da prisão para apodrecer nesta aqui!

— Nunca fomos tão livres. Olha em teu redor: nenhum obstáculo, nenhum parasita, mas o mundo em toda a sua verdade e toda a sua beleza. Porquê afastarmo-nos de semelhante esplendor?

— A tua detenção fez-te muito mal, meu pobre querido.

— Não desdenhes dos meus propósitos, apaixonei-me pelo deserto.

— E eu, já não conto?

— Tu, tu és uma líbia foragida, inimiga hereditária do Egito.

— Monstro, tirano!

Ela bateu-lhe com os punhos cerrados, Suti agarrou-lhe os antebraços e deitou-a de costas. Pantera debateu-se mas ele era mais forte.

— Ou te transformas na minha escrava das areias ou repudio-te.

— Não tens qualquer direito sobre mim, antes morrer que obedecer-te.

Viviam nus, protegendo-se do sol nas horas de maior calor e gozando a sombra das palmeiras e da folhagem, quando o desejo os assaltava, os seus corpos uniam-se com uma paixão sempre renovada.

— Estás a pensar naquela megera, na tua esposa legítima, a Tapeni!

— Por vezes, confesso que sim.

— És-me infiel em pensamento.

— Desengana-te, se tivesse a senhora Tapeni à mão, oferecia-a aos demônios do deserto.

Pantera, subitamente inquieta, franziu o sobrolho.

— Viste-os?

— À noite, quando tu dormes, observo o cume da grande duna. É lá que eles aparecem. Um tem corpo de leão e cabeça de serpente, um outro corpo de leão alado e cabeça de falcão, e um terceiro tem o focinho pontiagudo, com grandes orelhas e cauda fendida. Nenhuma flecha os pode atingir, nenhum laço os pode capturar, nenhum cão os pode perseguir.⁵

— Estás a brincar comigo.

— Esses demônios protegem-nos, tu e eu somos da raça deles, indomáveis e ferozes.

— Sonhaste, essas criaturas não existem.

— Tu, tu existes mesmo.

— Solta-me, és muito pesado.

— Tens certeza?

Ele fez-se doce.

— Não! — gritou ela, arremessando-o de lado.

A lâmina do machado enterrou-se no solo, a alguns centímetros do local onde eles se encontravam um segundo antes, rasando a tâmara de Suti. Do canto do olho, viu o seu agressor, um núbio de elevada estatura que retomou o cabo da sua arma e, com um salto de dançarino, se colocou frente à sua presa.

Os seus olhares cruzaram-se, carregados da morte do outro, as palavras eram inúteis.

O núbio fez malabarismos com o seu machado, sorria, certo da sua força e habilidade, obrigando o adversário a recuar.

As costas de Suti bateram no tronco de uma acácia. O núbio ergueu a sua arma no momento em que Pantera o agarrou pelo pescoço, subestimando a força da jovem, tentou afastá-la com um golpe de cotovelo no peito. Indiferente à dor, ela vazou-lhe um olho. Gritando de dor, ele baixou o machado, mas Pantera já se libertara e rolava sobre o solo.

De cabeça erguida, Suti perfurou o ventre do negro e abateu-o.

Pantera estrangulou-o com um bastão, o núbio esbracejou mas não conseguiu se libertar. Suti deixou a sua amante completar sozinha a sua vitória. O inimigo morreu sufocado, com a laringe esmagada.

— Um só? — perguntou ela, angustiada.

— Os Núbios caçam em bando.

— Receio que o teu querido oásis se transforme num campo de batalha.

— És mesmo um demônio, foste tu que quebraste a minha paz atraindo-os aqui.

— Não seria melhor levantar o acampamento rapidamente?

— E se ele veio sozinho?

— Acabaste de dizer o contrário, abandona as tuas ilusões e partamos.

— Para onde?

— Para o Norte.

Os soldados egípcios devem estar espalhados por toda a região.

— Se me seguirem, conseguiremos escapar-lhes e encontraremos o nosso ouro.

Pantera mostrava o seu entusiasmo estreitando o seu amante.

— Talvez já te tenham esquecido, julgam-te perdido, talvez morto, atravessaremos as linhas, evitaremos as fortalezas e ficaremos ricos!

O perigo excitava a líbia, apenas os braços de Suti a acalmariam. O jovem de bom grado teria respondido à sua investida se o seu olhar não tivesse detectado um movimento insólito no alto da grande duna.

— Ali estão os outros — murmurou.

— Quantos?

— Não sei, avançam a rastejar.

— Vamos pelo caminho do orix.

Pantera mudou de tom ao notar a presença de vários núbios escondidos atrás dos rochedos no cume arredondado.

— Então, vamos para Sul!

Essa direção estava também interdita, o inimigo cercava o oásis.

— Fabriquei vinte flechas lembrou Suti. Não serão suficientes.

O rosto de Pantera fechou-se.

— Eu não quero morrer.

Ele apertou-a contra si.

— Abatarei todos os que puder, colocando-me no alto da árvore mais alta. Deixarei entrar um no oásis, tu elimina-o com o machado, pegas no carcás e vens trazer-mo.

— Não temos qualquer chance de êxito.

— Tenho confiança em ti.

Do seu promontório, Suti distinguia-os.

Uns cinquenta homens, uns armados de cacetes, outros de arcos e flechas. Escapar-lhes seria impossível. Lutaria até ao fim e mataria Pantera antes que fosse violada e torturada. A sua última flecha seria para ela.

Ao longe, atrás dos núbios, na crista de uma duna, o orix que os guiara lutava contra um vento cada vez mais violento, línguas de areia soltavam-se do montículo e voavam em direção ao céu. De repente, o antílope desapareceu.

Três guerreiros negros corriam aos gritos. Suti retesou o arco, fez pontaria instintivamente e atirou três vezes. Os homens caíram, de rosto no chão, com o peito trespassado.

Três outros se lhes sucederam.

O jovem atingiu dois, o terceiro, louco de raiva, penetrou no oásis. Atirou uma flecha em direção à copa da árvore, mas errou largamente o alvo, Pantera lançou-se sobre ele e os dois corpos desapareceram do campo de visão de Suti. Nem um só grito se ouviu.

O tronco mexeu-se, alguém trepava por ele acima. Suti tendeu o arco.

Da folhagem da acácia emergiu uma mão segurando um carcás repleto de flechas.

— Já o tenho! — gritou Pantera, trêmula. Suti ajudou-a a subir até junto de si.

— Não estás ferida?

— Fui mais rápida do que ele.

Não tinham tempo de se felicitarem, foi lançado um outro assalto. Apesar do caráter rudimentar do seu arco, Suti não carecia de precisão. No entanto, teve de atirar duas vezes para atingir um arqueiro que o visava.

— O vento, — explicou.

Os ramos começaram a torcer-se sob o efeito da tempestade que nascia, o céu cobriu-se de tons acobreados, o ar transformou-se em poeira. Um ibisco apanhado na tormenta foi quase pregado ao solo.

— Vamos descer — exigiu Suti.

As árvores gemiam, emitindo sinistros estalidos, arrancadas, as palmas foram aspiradas por um turbilhão amarelo.

Quando Suti tocou o solo, um núbio, de machado erguido, abateu-se sobre ele.

O sopro do deserto era tão poderoso que travou o gesto do negro, no entanto, a lâmina cortou o ombro esquerdo do egípcio que, com os dois punhos unidos, quebrou o nariz do seu inimigo. A borrasca afastou-os um do outro, o núbio desapareceu.

A mão de Suti agarrou a de Pantera, se eles escapassem dos núbios, a terrível cólera do deserto não os pouparia.

A areia, em vagas de violência inaudita, queimava-lhes os olhos e colava-os ao solo. Pantera largou o machado, Suti o arco, agacharam-se ao pé de uma palmeira cujo tronco mal discerniam. Nem eles nem os seus agressores eram capazes de se moverem.

Os ventos uivavam, o solo movia-se sob os seus pés, o céu desaparecera. Colados um ao outro, já cobertos por uma camada de grãos dourados que lhes açoitavam a pele, o Egípcio e a Líbia sentiam-se perdidos no meio de um oceano descontrolado.

Cerrando as pálpebras, Suti pensou em Paser, seu irmão de espírito. Por que razão não viera ele em seu auxílio?

Kem passeava pelos cais do porto de Mênfis onde assistia ao embarque e desembarque dos gêneros destinados ao Alto Egito, ao Delta ou aos países estrangeiros. As entregas do sal foram retomadas e a cólera iminente da população acalmada. O Núbio, contudo, continuava inquieto, persistiam estranhos rumores a propósito da saúde precária de Ramsés e da decadência do país.

O chefe da polícia estava furioso consigo próprio, porque não conseguia ele identificar o homem que tentava matar Paser? É certo que ele já não poderia penetrar nos domínios do vizir devido ao impressionante dispositivo policial doravante aí presente, dia e noite, mas Kem não dispunha da mínima pista. Nenhum dos seus informantes fora capaz de lhe fornecer qualquer indicação séria. O criminoso trabalhava sozinho, sem ajuda, sem se confiar a ninguém, até à data, esta estratégia tinha jogado a seu favor. Quando cometeria ele um erro, quando deixaria atrás de si uma pista significativa?

O babuíno-polícia, contrariamente ao seu colega, mantinha um humor constante. Calmo, com o olhar vigilante, o símio não perdia um só detalhe das cenas que se desenrolavam à sua volta. Diante da Casa do Pinho, a administração encarregada do transporte da madeira, Matador imobilizou-se. Sensível às mais pequenas reações do macaco, Kem não o perturbou.

Os olhos vermelhos de Matador fixaram-se num homem apressado que subia para um enorme barco de transporte cuja carga se encontrava protegida por redes. Alto, muito nervoso, vestido com uma capa de lã vermelha, discutia com os marinheiros, ordenando-lhes que se apressassem. Atitude curiosa, na verdade, mesmo antes de uma grande viagem, de que serviria irritar os trabalhadores das docas em vez de celebrar os ritos da partida?

Kem entrou no edifício central da Casa de Pinho onde os escribas pormenorizavam as cargas e registravam em tabuinhas de madeira os movimentos dos barcos. O chefe da polícia dirigiu-se a um dos seus amigos, um folião originário do Delta.

— Para onde vai aquele barco?

— Para o Líbano.

— Que transporta?

— Jarros de água e odres.

— Aquele homem apressado, ali, é o capitão?

— De quem estás a falar, Kem?

— Do homem da capa de lã vermelha.

— Esse é o armador.

— É sempre assim tão preocupado?

— Geralmente é uma personagem mais discreta, o teu macaco deve tê-lo assustado.

— De quem depende ele?

— Da Dupla Casa branca.

— Kem saiu da Casa do Pinho, o babuíno postara-se à saída do passadiço, impedindo o armador de deixar o navio. Este tentou escapar saltando para o cais, arriscando-se a quebrar o pescoço, mas o macaco agarrou-o pela gola e derrubou-o na ponte.

— De que tens medo? — perguntou-lhe Kem.

— Ele vai estrangular-me!

— Não, se responderes às minhas perguntas.

— Este barco não me pertence. Deixa-me ir.

— És o responsável pela carga: porquê carregar jarros de água e odres no setor da Casa do Pinho?

— Os outros cais estão ocupados.

— Inexato.

O babuíno torceu a orelha do armador.

— O Matador detesta os mentirosos.

— As redes... Levanta as redes!

Enquanto o babuíno vigiava o suspeito, Kem seguiu o seu conselho. Descoberta surpreendente, na verdade.

Troncos de pinho e cedro, pranchas de acácia e sicômoro. Kem sentiu uma grande alegria, desta vez, Bel-Tran dera um passo em falso.

Néféret repousava no terraço da sua propriedade, e pouco a pouco, refazia-se do choque terrível que experimentara e continuava a ser assaltada por pesadelos. Verificara o conteúdo das poções conservadas no seu laboratório particular, receando que o assassino tivesse envenenado outros frascos, mas ele contentara-se com o único remédio que era destinado a Paser.

O vizir, barbeado por um excelente barbeiro, beijou ternamente a sua esposa.

— Como te sentes esta manhã?

— Muito melhor, vou voltar ao hospital.

— Kem acabou de me enviar uma mensagem, parece que tem boas notícias.

Ela pendurou-se no seu pescoço.

— Peço-te que aceites ser protegido durante os seus deslocamentos.

— Fica tranquila, Kem enviou-me o seu babuíno.

O chefe da polícia perdera a sua calma lendária, e apalpava o nariz de madeira com um nervosismo pouco habitual.

— Apanhamos Bel-Tran — anunciou ele. — Tomei a liberdade de convocá-lo de imediato. Cinco polícias vão levá-lo ao teu gabinete.

— Tens um processo sólido?

— Eis as minhas constatações.

Paser conhecia bem a legislação que regia o comércio da madeira. Com efeito, Bel-Tran cometera um erro grave, passível de pesadas sanções. O seu ar trocista não traía, no entanto, qualquer perturbação.

— Qual o motivo desta demonstração de força? — espantou-se ele. — Que eu saiba, não sou um bandido!

— Senta-te — propôs Paser.

— Não me apetece, o trabalho espera-me.

— Kem acaba de apreender um barco de carga com destino ao Líbano, fretado por um armador dependente da Dupla Casa branca, logo, da tua pessoa.

— Ele não é o único.

— Segundo o costume, os carregamentos destinados ao Líbano contêm vasos de alabastro, louça, peças de linho, peles de boi, rolos de papiro, cabos, lentilhas e peixe seco, em troca da madeira que nos faz falta e que esse país nos envia.

— Não me estás a ensinar nada.

— Este barco teria transportado troncos de cedros e pinho, e mesmo pranchas talhadas nas nossas acácias e nos nossos sicômoros, cuja exportação é proibida! Por outras palavras, terias assim expedido o material que já pagamos, e teríamos falta de madeira para os nossos edifícios, para os mastros erigidos diante das portas dos nossos templos e para os nossos sarcófagos!

Bel-Tran não perdeu a compostura.

— Conheces mal esse assunto. As pranchas foram encomendadas pelo príncipe de Biblos para os caixões dos seus cortesãos, ele aprecia muito a qualidade das nossas acácias e dos nossos sicômoros. Não será um material egípcio garantia de eternidade? Recusar-lhe esse presente teria constituído uma grave injúria e um erro político repleto de consequências nefastas para a nossa economia.

— E os troncos de cedro e de pinheiro?

— Um jovem vizir não está ao corrente das sutilezas técnicas que regem as nossas trocas. O Líbano compromete-se a fornecer-nos essências resistentes aos fungos e aos insetos, aquelas não o eram. Foi por esse motivo que ordenei a reexpedição do carregamento. Os peritos confirmaram os fatos, os documentos estão à tua disposição.

— Os peritos da Dupla Casa branca, suponho?

— Segundo a opinião geral, são os melhores. Posso retirar-me?

— Eu não sou um simplório, Bel-Tran, organizaste um tráfico com o Líbano com a intenção de enriqueceres e beneficiares do apoio de um dos nossos mais importantes parceiros comerciais. Esse ramo corto-o eu, a partir de agora, a importação de madeira será da minha exclusiva competência.

— Como queiras, se continuas assim, em breve desmoronarás sob o peso das responsabilidades. Chama-me uma liteira, peço-te, tenho pressa.

Kem estava aterrado.

— Perdoa-me, expus-te ao ridículo.

— Graças a ti — disse Paser — eliminamos um dos seus poderes.

— O monstro dispõe de tantas cabeças... Quantas será preciso cortar para o enfraquecer?

— Tantas quantas as necessárias. Estou a redigir um decreto ordenando aos chefes das províncias que mandem plantar dezenas de árvores para que possamos descansar sob as suas sombras. Além disso, nenhuma árvore será cortada sem a minha autorização.

— Que esperas conseguir?

— Devolver a confiança aos Egípcios assustados pelos rumores, provar-lhes que o futuro se apresenta risonho como uma copa frondosa.

— E tu acreditas nisso?

— Duvidas?

— Não sabes mentir, vizir do Egito. Bel-Tran cobiça o trono, não é verdade?

Paser permaneceu em silêncio.

— Que os teus lábios permaneçam selados, compreendo, mas não me impedirás de dar ouvidos à minha intuição. Estás a travar um combate de morte, e não tens qualquer chance de sair vencedor. Desde o início este assunto está podre, e nós amarrados de pés e mãos. Ignoro a razão, mas ficarei do teu lado.

Bel-Tran congratulou-se pela sua prudência, felizmente, rodeara-se de precauções eficazes e pagava a funcionários suficientes para ficar fora do alcance, qualquer que fosse a natureza e origem do ataque. O vizir fracassara e continuaria a fracassar. Mesmo que dismantelasse certas estratégias, Paser apenas conseguiria vitórias insignificantes.

Bel-Tran era seguido por três servidores que transportavam presentes destinados a Silkis: um unguento caro para untar e perfumar os cabelos das suas perucas, um cosmético composto por pó de alabastro, mel e natrão vermelho, que daria um toque de suavidade à sua pele, uma bela quantidade de cominhos de primeira escolha, remédio contra as indigestões e cólicas.

A camareira de Silkis tinha um ar contrariado. Era a esposa de Bel-Tran que deveria acolhê-lo e massagear-lhe os pés.

— Onde está ela?

— A tua esposa está deitada.

— Qual o seu mal desta vez?

— Os intestinos.

— Que lhe deste?

— O que ela me pediu: uma pequena pirâmide recheada de tâmaras e uma infusão de coentros. Mas a medicação não fez qualquer efeito.

O quarto fora arejado e fumigado, Silkis, muito pálida, contorcia-se com dores. Ao avistar o marido, fez beicinho.

— Que excessos cometeste desta vez?

— Nenhum, um simples docinho... Os meus males agravam-se, meu querido.

— Amanhã à noite, tens de estar de pé e radiosa, convidei vários chefes de província e deverás honrar-me.

— Néféret saberia como tratar-me.

— Esquece essa mulher.

— Tu prometeste-me...

— Não te prometi nada. Paser não se verga, prossegue o combate com obstinação, esse fantoche! Implorar ajuda à mulher dele seria uma fraqueza da nossa parte, uma fraqueza inaceitável.

— Mesmo para me salvar?

— Tu não estás assim tão doente, trata-se apenas de uma indisposição. Vou chamar vários médicos imediatamente, pensa só em estar de pé amanhã à noite a seduzir os homens mais importantes.

Néféret conversava com um velho homem de pele trigueira e enrugada, tagarela, ele apresentava-lhe um recipiente em terracota sobre o qual ela se inclinava com interesse.

Ao aproximar-se, Paser reconheceu o apicultor injustamente condenado à prisão de onde ele o havia resgatado.

O ancião ergueu-se e saudou-o.

— Vizir do Egito! Que alegria rever-te... Chegar até tua casa não foi tarefa fácil. Fizem-me mil perguntas, verificaram a minha identidade e chegaram mesmo a inspecionar os meus potes de mel!

— Como se portam as abelhas do deserto?

— O melhor possível, é por isso que aqui estou. Aprecia este alimento celestial.

Segundo as lendas, os deuses, que a conduta humana tornava por vezes amargos, recuperavam a jovialidade comendo mel. As lágrimas de Ra, ao caírem na terra, haviam-se transformado em abelhas, alquimistas encarregados de transformar a vegetação em ouro comestível.

— O sabor — surpreendeu Paser.

— Nunca vi uma colheita semelhante — indicou o apicultor. — Em quantidade e qualidade.

— Os hospitais serão todos fornecidos — interveio Néféret — e guardaremos reservas abundantes.

Excipiente adoçante, o mel era utilizado na terapêutica dos olhos, para os cuidados das artérias e pulmões, servia na ginecologia e entrava na composição de numerosos fármacos. Os enfermeiros incorporavam-no na maior parte dos pensos.

— Espero que a médica-chefe do reino não fique cruelmente decepcionada — acrescentou o ancião.

— Que receias? perguntou Paser.

— As notícias correm depressa, desde que a dimensão da colheita foi conhecida, a área do deserto onde trabalho com os meus assistentes já não é tão tranquila como antes. Somos observados enquanto retiramos os favos e introduzimos o mel nos jarros selados com cera. Quando a nossa tarefa estiver completa, receio que sejamos atacados e roubados.

— A polícia não vos vigia?

— Efetivos insuficientes, a minha colheita representa uma verdadeira fortuna que eles serão incapazes de defender.

Bel-Tran, é claro, devia estar informado, privar os hospitais dessa substância essencial conduziria a uma grave crise.

— Vou prevenir Kem, o transporte efetuar-se-á com toda a segurança.

— Sabes em que dia estamos? — interrogou Néféret. Paser permaneceu em silêncio. — É antevéspera da festa do jardim.

O rosto do vizir iluminou-se.

— A deusa Hátor fala pela tua voz, vamos distribuir felicidade.

Na manhã da festa do jardim, as noivas e as recém-casadas plantaram um sicômoro nos jardins. Nas praças das cidades e aldeias, e nas margens do rio, ofereceram-se bolos, ramos de flores e bebeu-se cerveja. Depois de se terem esfregado de unguento, as moças dançaram ao som das flautas, harpas e tamborins. Rapazes e moças falaram de amor, os mais velhos fecharam os olhos.

Quando os escribas entregaram os jarros de mel aos chefes dos bairros, os nomes do vizir e do faraó foram aclamados. Não era a abelha, um dos símbolos do rei do Egito? Com um preço demasiado elevado para a maior parte das famílias, o ouro comestível era um sonho quase inacessível. Um sonho que seria saboreado nesse dia de festa, celebrado sob a proteção de Ramsés, o Grande.

Do terraço, Néfêret e Paser escutavam, deliciados, os ecos dos cantos e das danças. Os bandos armados que se preparavam para atacar as caravanas de mel, haviam sido capturados pela polícia. O velho apicultor banqueteara-se com os seus amigos, afirmando que o país era bem governado e que o mel da festa dissiparia a desgraça.

O oásis estava destruído.

Palmeiras decapitadas, acácias despedaçadas, troncos fendidos, ramos arrancados, a nascente cortada, dunas esventradas, montículos de areia cobrindo as pistas... Em redor, nada mais que desolação.

Quando Suti entreabriu os olhos, nada reconheceu do seu porto de paz e perguntou-se se teria chegado às regiões tenebrosas onde o sol não penetrava. Flutuava tanta areia amarela no ar que a luz já não conseguia passar.

A dor no seu ombro esquerdo acordou, no local onde a lâmina do machado o tocara, estendeu as pernas que, de tão doloridas, pareciam fraturadas, mas estavam apenas arranhadas. A seu lado, dois núbios esmagados sob o tronco de uma palmeira. Um deles, já rígido, empunhava ainda o seu punhal.

Pantera... Onde estava ela? Ainda que os seus pensamentos estivessem confusos, Suti recordava-se de um ataque dos núbios, do início da tempestade, da violência do vento, da súbita loucura do deserto. Ela estivera a seu lado até que uma rabanada de vento os separara. De gatas, arquejante, ele escavou.

A líbia continuava desaparecida. Ele não desistiu, não deixaria aquele lugar maldito sem a mulher que lhe restituíra a liberdade.

Vasculhou cada recanto, afastou outros cadáveres de negros e ergueu uma enorme palma. Pantera parecia uma menina adormecida, sonhando com um belo pretendente. Nem um traço de ferimento no seu corpo nu, mas um colossal inchaço na nuca. Suti massageou-lhe os glóbulos oculares e despertou-a suavemente.

— Estás... vivo?

— Sossega, estás apenas em estado de choque.

— Os meus braços, as minhas pernas!

— Doloridos, mas intactos.

Ela enlaçou-o, feita menina.

— Vamos embora daqui, depressa!

— Não sem água.

Durante longas horas, Suti e Pantera trabalharam afincadamente para desobstruir os poços. Contentaram-se com uma água lamacenta e acre com que encheram os seus dois odres, depois, ele fabricou um novo arco e umas cinquenta flechas. Após um sono reparador, vestidos com os farrapos arrancados aos cadáveres para se protegerem do frio noturno, partiram rumo ao Norte, sob a proteção da noite estrelada.

A resistência de Pantera espantava Suti. O fato de ter escapado ao caos dava-lhe uma nova energia, um ardor de reconquistar o seu ouro e de se transformar numa senhora abastada, respeitável e respeitada, capaz de satisfazer todos os seus caprichos. Não acreditava em outro destino que não o que ela construía para si, momento a momento, e rasgaria o tecido da sua existência à dentada, proclamando a nudez da sua alma com um perfeito impudor. Não temia nada a não ser o seu próprio medo, que ela estrangulava sem piedade.

Ela só lhe concedia paradas curtas, velava pelas rações de água, escolhia a direção e o caminho, no meio de um caos de rochas e dunas. Suti deixava-se guiar, absorvido pela paisagem revolta, esta agia sobre ele como um feitiço e enchia-o da sua magia. Resistir-lhe era inútil, vento, sol e calor criavam uma pátria da qual ele apreciava cada contorno.

Pantera permanecia alerta, ao aproximarem-se das linhas egípcias, redobrou a vigilância. Suti ficou nervoso, não estaria ele a afastar-se da sua verdadeira liberdade, da imensidão onde gostaria de viver com a nobreza do orix?

Assim que encheram os odres num ponto de água assinalado por uma pedra, eles surgiram, formando um círculo. Mais de cinquenta guerreiros núbios, armados de cacetes, espadas curtas, arcos e fundas, nem Pantera nem Suti os tinham ouvido aproximar-se.

A líbia cerrou os punhos, acabar assim revoltava-a.

— Lutemos — rosnou ela, entredentes.

— Não há esperança.

— Que achas?

Suti girou lentamente a cabeça: nenhuma possibilidade de fuga. Não teria sequer tempo de esticar o arco.

— Os deuses proibem o suicídio, se quiseres, estrangulo-te antes que eles me despedacem o crânio. Eles violar-te-ão da forma mais abominável.

— Acabarei com eles. — O círculo estreitou-se.

Suti decidiu arremessar-se contra dois colossos que avançavam lado a lado, pelo menos, morreria a combater. Um núbio idoso interpelou-o.

— Foste tu que exterminaste os nossos irmãos?

— Eu e o deserto.

— Eles eram corajosos.

— Eu também o sou.

— Como o fizeste?

— O meu arco salvou-me.

— Mentas.

— Deixa-me servir dele.

— Quem és tu?

— Suti.

— Egípcio?

— Sim.

— Que procuras no nosso país?

— Fugi da fortaleza de Tjaru.

— Fugiste?

— Era prisioneiro.

— Continuas a mentir.

— Acorrentaram-me a um rochedo, no meio do Nilo, a fim de servir de isca a pessoas como tu.

— És um espião.

— Estava a esconder-me no oásis quando os teus o tomaram de assalto.

— Se a grande tempestade não tivesse tido lugar, eles ter-te-iam vencido.

— Eles estão mortos, eu vivo.

— És orgulhoso.

— Se pudesse defrontar-vos, um por um, provar-te-ia que o meu orgulho é justificado.

O núbio trocou um olhar com os seus compatriotas.

— O teu desafio é desprezível, mataste o nosso chefe, no oásis, e obrigaste-me a assumir a chefia do clã, a mim, um velho.

— Permite que me bata com o teu melhor guerreiro e devolve-me a liberdade se eu sair vencedor.

— Luta contra todos nós.

— És um covarde.

Uma pedra voou de uma funda e atingiu Suti na têmpora, aturdido, ele caiu. Os dois colossos aproximaram-se de Pantera, ela desafiou-os com o olhar e não esboçou o mínimo movimento. Eles arrancaram-lhe as vestes e o pedaço de tecido que escondia os seus cabelos.

Estupefatos, recuaram.

Com os braços caídos ao longo do corpo, Pantera não escondeu nem os seios nem os caracóis louros do seu sexo, avançou para eles, real.

Os núbios inclinaram-se.

Os ritos em honra da deusa loura duraram a noite inteira, os guerreiros haviam reconhecido a terrível criatura de quem os seus antepassados exaltavam o poder. Vinda da longínqua Líbia, ela espalhava, por capricho das suas cóleras, as epidemias, os cataclismos e a fome. Por forma a acalmá-la, os núbios ofereceram-lhe álcool de tâmaras, serpente cozida na brasa e alho fresco, eficaz contra as mordeduras de répteis e escorpiões. Dançaram em redor de Pantera, coroada de palmas e ungida com óleos perfumados, até ela subiam as preces transmitidas desde o princípio dos tempos.

Suti foi esquecido, como os outros, ele era o senador da deusa loura. Pantera desempenhava o seu papel na perfeição, terminada a festa, assumiu o comando da pequena trupe, ordenou aos exploradores que contornassem a fortaleza de Tjaru e seguissem uma pista em direção ao Norte. Para grande surpresa destes, os soldados egípcios já há vários dias que estavam entrincheirados no interior da fortaleza, sem proceder a qualquer patrulha.

Fizeram uma parada no sopé de um rochedo, ao abrigo do sol e do vento, Suti aproximou-se de Pantera. Ela descia de uma liteira, sustentada por quatro jovens entusiastas.

— Não ouse erguer os olhos para ti.

— Fazes bem, eles estripar-te-iam.

— Não aguento mais esta situação.

— Estamos no bom caminho.

— Não da melhor forma.

— Tem paciência.

— Não está no meu carácter.

— Um pouco de escravatura melhorá-lo-á.

— Não contes com isso.

— Ninguém poderá escapar ao poder da deusa loura.

Furibundo, Suti treinava com a funda com os seus novos companheiros, como se mostrou bastante hábil, atraiu a estima destes. Algumas sessões de luta à mão desarmada, de que saiu vencedor, fomentaram entre os outros uma opinião favorável que definitivamente se firmou com uma demonstração de tiro com arco. Entre guerreiros, nasceu uma amizade.

Após a refeição da noite, os núbios falavam da deusa de ouro, vinda para lhes ensinar a música, a dança e os jogos do amor. Enquanto os contadores alindavam o mito, dois homens, afastados do grupo, acenderam uma fogueira a fim de aquecer um pote que continha cola fabricada com gordura de antílope. Quando a temperatura foi suficiente, a substância transformou-se em líquido, o primeiro mergulhou um pincel no pote, o segundo apresentou-lhe uma fivela de cinto em madeira de ébano. Meticuloso, o seu companheiro espalhou a cola. Suti bocejou, no momento em que se afastava, um clarão brilhou nas trevas. Intrigado, aproximou-se dos dois homens, o que manejava o pincel, muito concentrado, aplicava uma folha metálica sobre a fivela.

O egípcio debruçou-se, o seu olhar não o enganara. Tratava-se mesmo de uma folha de ouro.

— Onde desencantaste isso?

— Um presente do nosso chefe.

— E ele, onde a foi buscar?

— Quando ele regressou da cidade perdida, trazia jóias e placas como esta.

— Conheces esse lugar?

— Eu não, o velho guerreiro sim.

Suti acordou-o e obrigou-o a desenhar um mapa sobre a areia, depois, reuniu a pequena trupe em redor da fogueira.

— Escutai-me, todos vós! Eu fui tenente dos carros de combate no exército, sei manejar o grande arco, matei dezenas de beduínos e fiz justiça ao eliminar um general traidor. O meu país não me reconheceu, hoje, quero ficar rico e poderoso. Este clã precisa de um chefe, de um homem aguerrido e conquistador. Eu sou esse homem, se me seguirem, o destino ser-vos-á favorável.

O rosto inflamado de Suti, os seus longos cabelos, a sua decisão e o seu porte impressionaram os núbios, mas o velho guerreiro interveio.

— Tu mataste o nosso chefe.

— Eu era mais forte do que ele, a lei do deserto não poupa os fracos.

— Cabe-nos a nós designar o nosso próximo chefe.

— Eu conduzir-vos-ei à cidade perdida e exterminaremos os que se opuserem. Não tens o direito de guardar esse segredo para ti, amanhã, o nosso clã será o mais respeitado da Núbia.

— O nosso chefe ia sozinho à cidade.

— Nós iremos todos juntos e vocês terão ouro.

Partidários e adversários de Suti começaram a discutir, a influência do ancião era tal que a derrota do egípcio se anunciava certa. Assim, ele agarrou Pantera, com um gesto brutal, arrancou-lhe as vestes. As chamas iluminaram a sua nudez loura.

— Vêem, ela não se revolta contra mim! Só eu posso ser seu amante. Se não me aceitarem como chefe, ela desencadeará uma nova tempestade de areia e vocês morrerão todos.

A líbia tinha o destino de Suti nas suas mãos, se ela o repudiasse, os núbios saberiam que ele se gabava e o massacrariam. Elevada ao posto de deusa, não estaria ela ébria de vaidade?

Ela afastou-se, os guerreiros negros apontaram as suas flechas e punhais para Suti.

Ele errara ao confiar numa líbia. Pelo menos, sucumbiria admirando um sublime corpo de mulher.

Com uma suavidade de felina, ela deitou-se perto do fogo e estendeu os braços na sua direção.

— Vem — disse ela, sorrindo.

Paser acordou em sobressalto. Sonhara com um monstro de cem cabeças, com incontáveis patas providas de garras que dilaceravam as pedras da grande pirâmide e tentavam derrubá-la. O seu ventre era um rosto humano, o de Bel-Tran. Coberto de suor, apesar da frescura daquela noite de Fevereiro, o vizir tateou a cabeceira de madeira da sua cama, o colchão feito de cordas vegetais entrançadas e os pés em forma de cabeça de leão.

Voltou-se para a cama de Néféret.

Vazia.

Afastando a rede de malhas muito finas que servia de mosquiteiro, levantou-se, vestiu um casaco e abriu a janela que dava para o jardim. Um terno sol de Inverno despertava árvores e flores, as aves cantavam. Viu-a, envolta numa manta grossa, com os pés nus no orvalho.

Ela confundia-se com a aurora, imbuída da sua luminosidade. Dois falcões, vindos da barca de Ra, voaram em volta de Néféret no momento em que esta depôs uma oferta de lótus no altar dos antepassados, em memória de Branir. Fecundando o espaço, unindo o Egito à barca celeste, os rapinantes regressaram à sua proa, fora do olhar dos homens.

Terminado o rito, Paser enlaçou a esposa.

— Tu és a estrela da manhã, na aurora de um dia feliz, sem igual, radiosa, os teus olhos são doces como os teus lábios. Porque és tão bela? Os teus cabelos captaram o brilho da deusa Hátor. Amo-te, Néféret, como ninguém nunca amou.

Na madrugada amorosa, os seus corpos uniram-se.

De pé, na proa do barco que vogava em direção a Carnaque, Paser admirava o seu país, onde se celebrava com tanto esplendor o matrimônio do sol e da água. Nas margens, os camponeses encarregavam-se da escavação das valas de irrigação, enquanto um corpo de especialistas limpava os canais, artérias vitais do Egito. As copas das palmeiras ofereciam uma sombra generosa aos homens ternamente debruçados sobre a terra negra e fértil. Ao ver passar o barco do vizir, as crianças correram pelas margens e pelos caminhos de sirgagem, lançando gritos de alegria e saudando-o com gestos entusiásticos.

O babuíno-polícia mantinha-se sob o tecto da cabina central, de onde velava por Paser. Quem ofereceu cebolas frescas ao vizir.

— Nada de novo sobre o assassino?

— Nada — respondeu o chefe da polícia.

— E a senhora Tapeni reagiu?

— Encontrou-se com Bel-Tran.

— Uma nova aliada...

— Não a menosprezemos, a sua capacidade de destruição não é de negligenciar.

— Uma inimiga a mais.

— Estarás assustado?

— Graças aos deuses, a inconsciência serve-me de coragem.

— Seria mais justo dizer que não tens escolha.

— Nenhum incidente no hospital?

— A tua esposa pode trabalhar em paz.

— Néféret vai ter de reformar o mais depressa possível o programa de saúde pública, o seu predecessor não se preocupou minimamente e foram descobertas graves lacunas. A função de Néféret e a minha são por vezes muito pesadas, não estávamos preparados para elas.

— Quem acreditaria que eu me tornaria o chefe de uma polícia que me cortou o nariz?

O vento soprava forte, contrariando a ação da corrente, por vezes, os marinheiros avançavam remando, sem desmontar o mastro e recolher a vela triangular, alta e estreita. O capitão, habituado a navegar no Nilo durante todo o ano, conhecia-lhe as

armadilhas e sabia aproveitar a menor brisa, a fim de encaminhar rapidamente os seus ilustres passageiros. O perfil da embarcação, de casco sem quilha e extremidades erguidas, fora estudado pelos carpinteiros do Faraó para melhor deslizar sobre as ondas.

— Quando achas que o assassino atacará de novo?

— Não te preocupes Kem.

— Pelo contrário, faço disso um caso pessoal, esse demônio mancha a minha honra.

— Tens notícias de Suti?

— A ordem de alerta foi recebida em Tjaru e os soldados entrincheiraram-se na fortaleza até novas ordens.

— Terá ele conseguido escapar?

— Segundo relatórios oficiais, não faltou ninguém à chamada, mas chegou-me uma informação bizarra. Alguém terá sido acorrentado a um rochedo, no meio do Nilo, para servir de isca aos ladrões núbios.

— Só pode ter sido ele.

— Nesse caso, não estejas otimista.

— Ele sairá desse aperto, Suti seria até capaz de se evadir do reino das sombras.

O pensamento do vizir voou em direção ao seu irmão de espírito, depois comungou com a admirável paisagem tebana. O terreno cultivado, de um lado e outro do Nilo, era o maior e mais luxuriante do Vale. Perto de setenta aldeias trabalhavam para o imenso templo de Carnaque, que dava trabalho a nada menos que oitenta mil pessoas, sacerdotes, artesãos e camponeses. As suas riquezas esfumavam-se diante da majestade da área consagrada ao deus Amon, rodeada por uma muralha em tijolo, ondulando como uma vaga.

O diretor da casa do sumo-sacerdote, o seu mordomo e o seu camareiro acolheram o vizir no desembarcadouro, trocadas as fórmulas de delicadeza, propuseram a Paser conduzi-lo junto do seu amigo Kani, antigo jardineiro elevado à dignidade de sumo-pontífice da mais vasta cidade-templo do Egito. O vizir pediu-lhes que o deixassem sozinho enquanto ele caminhava pela ala central da imensa sala de colunas onde só os iniciados aos mistérios penetravam. Kem e o seu babuíno ficaram diante da grande porta dupla dourada, aberta por altura das grandes festas, quando a barca de Amon saía do santuário para inundar a terra com a sua luz.

Paser recolheu-se longamente diante de uma sublime representação do deus Tot, cujos braços alongados davam a medida de base que o mestre de obras utilizara. Leu as colunas de hieróglifos, decifrou a mensagem do deus do conhecimento incitando os seus discípulos a respeitar as proporções que presidem ao nascimento de toda a vida.

Era essa harmonia que o vizir devia manter no quotidiano, para que o Egito fosse o espelho do céu, era essa harmonia que os conspiradores queriam destruir, para a substituírem por um monstro frio, pronto a torturar os homens, a fim de melhor se empanturrar de bens materiais. Não eram, Bel-Tran e os seus aliados uma raça nova, mais temível que os mais cruéis dos invasores?

O vizir saiu da sala de colunas e apreciou o azul muito puro do céu de Carnaque, na pequena corte a céu aberto, no centro da qual um altar de granito marcava o nascimento do templo, muitos anos antes. Sagrado entre todos, era constantemente coberto de flores. Por que razão seria preciso arrancar-se a esta paz profunda, intemporal?

— Estou feliz por te rever, vizir do Egito.

Kani, com o crânio rapado e um bordão dourado na mão, inclinou-se diante de Paser.

— Sou eu que tenho de te saudar.

— Devo-te respeito, pois não é o vizir os olhos e os ouvidos do Faraó?

— Que eles vejam e ouçam com acuidade.

— Pareces preocupado.

— Venho pedir a ajuda do sumo-sacerdote de Carnaque.

— Eu ia implorar-te a tua.

— Que se passa?

— Graves problemas, receio. Gostaria de te mostrar o templo que acabou de ser restaurado.

Kani e Paser atravessaram uma das portas do recinto de Amon, caminharam ao longo de um muro, saudaram os pintores e escultores que aí trabalhavam, e dirigiram-se a um pequeno santuário da deusa Maât.

No interior do modesto edifício, construído em grés, dois bancos de pedra. Aí se sentava o vizir quando julgava uma personagem da hierarquia sagrada.

— Eu sou um homem simples — disse Kani. — Não esqueço que era o teu mestre Branir que deveria reinar em Carnaque.

— Branir está morto, assassinado, e o Faraó designou-te.

— Talvez tenha feito uma má escolha.

Nunca Paser vira Kani tão deprimido, habituado aos caprichos da natureza e às impiedosas realidades da terra, ele impusera-se, todavia, aos seus subordinados e aos colégios de sacerdotes, e gozava da estima geral.

— Sou indigno da minha função, mas não fugirei às minhas responsabilidades, em breve comparecerei aqui, diante do teu tribunal, e tu condenar-me-ás.

— Ora aí está um processo rapidamente resolvido! Dás-me autorização para inquirir?

Kani sentou-se num banco.

— Não valerá muito a pena, bastará que consultes os recentes arquivos de contas. Em poucos meses, quase arruinei Carnaque.

— De que forma?

— Basta examinar as entradas de cereais, de laticínios, de frutos... Qualquer que seja o produto, a minha gestão é um fracasso colossal.

Paser ficou perturbado.

— Ter-te-ão enganado?

— Não, os relatórios são sérios.

— E as condições climáticas?

— A cheia foi abundante, os insetos não devoraram as culturas.

— Qual é então a causa desse desastre?

— A minha incompetência. Quis prevenir-te para que alertes o rei.

— Não há pressa.

— A verdade virá ao de cima. Como podes constatar, a minha ajuda não te servirá de nada, amanhã, não serei mais que um pobre velho desprezado.

O vizir fechou-se na sala dos arquivos do templo de Carnaque e comparou o balanço de Kani com o dos seus predecessores. A diferença confundiu-o.

Uma certeza impunha-se no seu espírito: alguém tentava arruinar a reputação de Kani e obrigá-lo a demitir-se. Quem o substituiria senão um dignitário hostil a Ramsés? Sem o apoio de Carnaque era impossível controlar o Egito, mas como imaginar que Bel-Tran e os seus fanáticos haviam ousado atacar um sumo-sacerdote tão íntegro? Ser-lhe-ia dirigida uma reprimenda decisiva: Carnaque, Luxor e os templos da margem oeste em breve ficariam sem oferendas. O culto seria mal celebrado e seria proclamado por toda a parte o nome do responsável Kani o incapaz!

O desespero invadiu Paser. Viera solicitar a ajuda de um amigo e ver-se-ia obrigado a culpá-lo.

— Pára de te preocupares com os teus papiros — recomendou Kem e vamos ver o que se passa.

Os primeiros aldeões que inspecionaram, perto do grande templo, viviam tranquilos, ao ritmo eterno das estações, o interrogatório dos chefes e dos escribas dos campos não revelou nada de anormal. Após três dias de investigações infrutíferas, o vizir rendeu-se à evidência. Era preciso regressar a Mênfis e expor a situação ao rei, antes de abrir o processo do sumo-sacerdote Kani.

Como um vento violento tornava a viagem difícil, Kem obteve um dia de inquérito suplementar, desta vez, os dois homens, o símio e a sua escolta inspecionaram uma aldeia afastada do templo, no limite da província de Coptos. Ali, como nas outras aldeias, os camponeses dedicavam-se às suas ocupações enquanto as suas mulheres se ocupavam das crianças e preparavam as refeições. Na margem do Nilo, um lavadeiro lavava roupa, e um médico de província dava consulta à sombra de um

sicômoro.

O babuíno começou a ficar nervoso, as suas narinas freciam, ele esgravatava o solo.

— O que ele percebeu? — perguntou Paser.

— Ondas negativas, talvez não tenhamos feito a viagem em vão.

Capítulo 15

O chefe da administração da aldeia, com cerca de cinquenta anos de idade, era um homem de ventre proeminente, afável e cortês. Pai de cinco filhos, notável por hereditariedade, rapidamente foi prevenido da chegada de um grupo de desconhecidos. Contra sua vontade, interrompeu a sesta, acompanhado de um transportador de guarda-sol, indispensável para preservar o seu crânio calvo dos raios do sol, foi ao encontro dos visitantes inesperados.

Quando o seu olhar cruzou com o do enorme babuíno de olhos vermelhos, estacou de imediato.

— Eu vos saúdo, meus amigos.

— Nós igualmente — respondeu Kem.

— Esse macaco está domesticado?

— É um polícia ajuramentado.

— Ah... e vós?

— Eu sou Kem, o chefe da polícia, e este é Paser, o vizir do Egito.

Estupefato, o chefe inclinou o ventre e dobrou-se em dois, com as mãos estendidas diante de si em sinal de veneração.

— Quanta honra, quanta honra! Uma tão modesta aldeia acolher o vizir... Quanta honra!

Erguendo-se, o gorducho despejou uma torrente de elogios melosos, quando o babuíno rosnou, ele interrompeu-se.

— Tens certeza de conseguires controlá-lo?

— Só se ele farejar um malfeitor.

— Felizmente, não os há na minha pequena comunidade. — Pensando bem, o grande núbio de voz grave parecia tão temível quanto o seu símio, o chefe ouvira falar desse estranho chefe da polícia, pouco preocupado com as tarefas administrativas, mas tão próximo do povo que nenhum delinquente lhe escapava por muito tempo. Vê-lo ali, no seu território, era uma surpresa nada agradável. E o vizir! Demasiado novo, demasiado sério, demasiado inquiridor... A nobreza natural de Paser, a profundidade e acuidade do seu olhar, o rigor da sua postura, não pressagiavam nada de bom.

— Permitti que me surpreenda: personagens tão eminentes, nesta aldeola perdida!

— Os teus campos estendem-se a perder de vista — constatou Kem — e são irrigados na perfeição.

— Não te fies nas aparências, nesta região, a terra é difícil de trabalhar. Os meus pobres trabalhadores quebram os rins.

— No entanto, a cheia foi excelente no Verão passado.

— Não tivemos sorte, aqui, ela foi demasiado forte e as nossas bacias de irrigação estavam em mau estado.

— Colheita soberba, ao que se diz.

— Desenganai-vos: muito inferior à do ano anterior.

— E a vinha?

— Que decepção! Nuvens de insetos despedaçaram as folhas e os bagos de uvas.

— As outras aldeias não sofreram essa contrariedade — notou Paser. A voz do vizir estava repleta de suspeita, o chefe não esperava um tom tão incisivo.

— Talvez os meus colegas tenham se vangloriado, talvez a minha pobre aldeia fosse vítima de uma fatalidade?

— E o gado?

— Muitos animais morreram, vítimas de doenças, veio um veterinário, mas demasiado tarde. Este lugar é verdadeiramente afastado, e...

— A estrada de terra é excelente — objetou Kem. — Os responsáveis nomeados por Carnaque tratam-na com grande cuidado.

— Apesar nos nossos magros recursos, é um imenso privilégio convidar-vos para almoçar, perdoareis a frugalidade do manjar, mas será de coração.

Ninguém podia violar as leis da hospitalidade, Kem aceitou em nome do vizir e o chefe mandou o seu servidor prevenir a

cozinheira.

Paser constatou que a aldeia era florescente, numerosas casas acabavam de ser repintadas de branco, vacas e burros tinham um pêlo brilhante, e ventres bem nutridos, as crianças vestiam roupas novas. Nas esquinas das ruas, de uma limpeza agradável, estatuetas de divindades, na praça principal, diante do edifício da administração, um belo forno para cozer pão e uma mó de grande tamanho, recentemente estreada.

— Parabéns pela tua gestão — considerou Paser. — Os teus cidadãos não têm carência de nada. É a aldeia mais bonita que me foi dado o prazer de visitar.

— É demasiada honra, demasiada! Entrai, peço-vos.

A casa do chefe da aldeia, pelo seu tamanho, número de divisões e decoração, era digna de um nobre de Mênfis. Os cinco filhos saudaram os hóspedes ilustres, a esposa do chefe da aldeia, que inclinou a cabeça colocando a mão direita no peito, teve tempo de se maquiar e de vestir um vestido elegante.

Sentaram-se em esteiras de primeira qualidade e deliciaram-se com cebolas doces, pepinos, favas, alhos porros, peixe seco, costeletas de boi grelhadas, queijo de cabra, melancia e bolos regados com sumo de alfarroba. Um vinho tinto perfumado acompanhou os pratos. O apetite do chefe parecia inextinguível.

— O teu acolhimento é digno de elogios — considerou o vizir.

— Que honra!

— Seria possível consultar o escriba dos campos?

— Está de visita à sua família, no norte de Mênfis, e só voltará daqui a uma semana.

— Os seus arquivos devem encontrar-se acessíveis.

— Infelizmente não. Ele fecha o seu gabinete e eu não tomaria a liberdade de...

— Mas eu sim.

— Tu és o vizir, é claro, mas não seria um... — O chefe interrompeu-se, receando proferir uma enormidade. — A estrada é longa até Tebas e o sol põe-se rapidamente, nesta época do ano, correrias o risco de te atrasares para consultar esses documentos aborrecidos.

Após ter degustado o boi grelhado, Matador quebrou o osso, o estalido fez o chefe dar um salto.

— Onde se encontram esses arquivos? — insistiu Paser.

— Pois... não sei. O escriba deve tê-los levado consigo.

O babuíno ergueu-se. De pé, parecia um atleta de grande tamanho, os seus olhos vermelhos fixaram a personagem de ventre proeminente e mãos trémulas.

— Agarra-o, suplico-te!

— Os arquivos — exigiu Kem — ou não respondo pelas reações do meu colega.

A esposa do chefe ajoelhou-se diante do seu marido.

— Diz-lhe a verdade — suplicou ela.

— Sou eu... sou eu que possuo os documentos. Vou buscá-los.

— Matador e eu acompanhamos-te, ajudar-te-emos a transportá-los.

A espera do vizir foi curta, o chefe da aldeia desenrolou ele mesmo os papiros.

Está tudo em ordem — resmungou ele — as observações foram efetuadas na data devida. Esses relatórios são de uma perfeita banalidade.

— Deixa-me ler em paz — exigiu Paser.

Febril, o chefe da aldeia afastou-se, a sua mulher saiu da sala de jantar.

Minucioso, o escriba dos campos voltara várias vezes à contagem das cabeças de gado e dos sacos de cereais. Precisara o nome dos proprietários, o dos animais, o seu peso e o seu estado de saúde. As linhas consagradas às hortas e às árvores de fruto eram igualmente detalhadas. Conclusões gerais, escritas em vermelho: resultados excelentes, superiores à média.

Perplexo, o vizir fez um cálculo simples. A superfície das explorações agrícolas era tal que as suas riquezas perfaziam

quase o saldo negativo de que Kani seria acusado, por que razão não figuravam elas no seu balanço?

— Eu dou a maior importância ao respeito pelo próximo — afirmou. O chefe da aldeia acenou em concordância. — Mas se o próximo persiste em dissimular a verdade, ele deixa de ser digno de respeito. Não é esse o teu caso?

— Eu disse-te tudo!

— Eu detesto os modos brutais mas, em certas circunstâncias, e quando a urgência se impõe, não deverá um juiz recorrer à violência?

Como se tivesse lido o pensamento do vizir, Matador saltou ao pescoço do chefe da aldeia e puxou-lhe a cabeça para trás.

— Pára, ele vai partir-me a nuca!

— O resto dos documentos — pediu Kem com calma.

— Não tenho mais nada, mais nada!

Kem voltou-se para Paser.

— Proponho-te um passeio, enquanto Matador conduz o interrogatório à sua maneira.

— Não me abandones!

— O resto dos documentos — repetiu Kem.

— Ele que tire as patas primeiro! — O babuíno aliviou a pressão, o chefe da aldeia massajou a nuca dolorida. — Vocês comportam-se como selvagens! Eu repudio esta arbitrariedade, condeno este ato inqualificável, esta tortura exercida sobre um vereador!

— E eu culpo-te por dissimulação de documentos administrativos. — A ameaça fez o chefe da aldeia empalidecer.

— Se te der o complemento, exijo que reconheças a minha inocência.

— Que falta cometeste?

— Eu agi no interesse do bem comum.

De uma arca de louça, o chefe da aldeia tirou um papiro selado. A expressão do seu rosto alterara-se, o medroso dava lugar a um indivíduo feroz e frio.

— Pois bem, olhai!

O texto indicava que as riquezas da aldeia haviam sido entregues na capital da província de Coptos. O escriba dos campos assinara e datara.

— Esta aldeia faz parte do domínio de Carnaque — lembrou Paser.

— Estás mal informado, vizir do Egito.

— O teu aglomerado populacional figura na lista das propriedades do sumo-sacerdote.

— O velho Kani está tão mal informado quanto tu, não é a sua lista que traduz a realidade, mas o registro de propriedade. Consulta-o, em Tebas, e dar-te-ás conta de que a minha aldeia releva da jurisdição econômica de Coptos, e não do templo de Carnaque. Os marcos de pedra assim o provam. Vou apresentar queixa contra ti por golpes e ferimentos voluntários, o meu ato de acusação condenar-te-á a instruíres o teu próprio processo, vizir Paser.

Capítulo 16

O guarda do gabinete do registro de propriedades de Tebas foi acordado em sobressalto por um ruído pouco habitual, primeiro acreditou tratar-se de um pesadelo, mas depois ouviu as batidas na porta.

— Quem está aí?

— O chefe da polícia, acompanhado do vizir.

— Detesto brincadeiras, sobretudo a meio da noite, continuai o vosso caminho, ou ainda vos arrependeis.

— Era melhor que abrisse sem demora.

— Desaparecei ou chamo os meus colegas!

— Não hesites, eles ajudar-nos-ão a arrombar esta porta.

O guarda interrogou-se, olhou pela janela de pinásios de pedra e, graças à luz da lua cheia, distinguiu o perfil de um colosso núbio e o de um enorme babuíno. Quem e o seu símio! A sua reputação espalhava-se pelo Egito inteiro.

Abriu o ferrolho.

— Perdoai-me, mas é uma visita tão inesperada...

— Acende as lamparinas, o vizir deseja examinar os mapas.

— Seria melhor prevenir o diretor.

— Manda-o chamar.

A cólera do alto funcionário de rosto enrugado esfumou-se na presença do vizir, o guarda não lhe mentira. O primeiro-ministro do país estava realmente ali, àquela hora inesperada! Bruscamente obsequioso, ele facilitou a tarefa do vizir.

— Que mapas desejas consultar?

— Os das propriedades do templo de Carnaque.

— Mas... é imenso!

— Comecemos pelas aldeias mais afastadas.

— Para o Norte ou para o Sul?

— Para o Norte.

— Grandes ou pequenas?

— As mais importantes.

O funcionário desdobrou os mapas sobre longas mesas de madeira. Os empregados do registro de propriedades haviam indicado os limites de cada parcela de terreno, os canais, os aglomerados populacionais.

O vizir procurou em vão a aldeia que acabara de visitar.

— Estes mapas estão atualizados?

— Mas é claro.

— Foram alterados recentemente?

— Sim, a pedido de três chefes de administração.

— Por que razão?

— As águas haviam arrancado os marcos, eram necessárias novas medições. Um especialista efetuou o trabalho e os meus serviços registraram as observações.

— Ele amputou o domínio de Carnaque!

— Isso não cabe ao registro de propriedades julgar, eu limito-me a registrar.

— E ter-te-ás esquecido de prevenir o sumo-sacerdote Kani?

O funcionário afastou-se da chama da lamparina, a fim de esconder o rosto na sombra.

- Apressar-me-ei a dirigir-lhe um relatório completo.
- Atraso lamentável.
- É devido a uma falta de pessoal e...
- Qual o nome desse agrimensor responsável pelas novas medições?
- Sumenu.
- A morada?

O diretor do registro de propriedades hesitou.

- Ele não é daqui.
- Não é de Tebas?
- Não, ele veio de Mênfis...
- Quem o enviou?
- Quem senão o palácio real?

No caminho processional que conduzia ao templo de Carnaque, os loureiros rosa e brancos ofereciam aos passantes uma visão encantadora, cuja suavidade atenuava a austeridade do recinto monumental que cercava a área sagrada. O sumo-sacerdote Kani aceitara sair do seu recolhimento para conversar com Paser, os dois homens mais poderosos do Egito, depois do Faraó, caminhavam com lentidão entre as duas alas de esfinges protectoras.

- O meu inquérito teve progressos.
- Para que servirá ele?
- Para demonstrar que estás inocente.
- Não estou.
- Foste enganado.
- Eu enganei-me a mim próprio em relação às minhas capacidades.
- Desengana-te, as três aldeias mais afastadas do templo entregaram a sua produção a Coptos. Eis a razão por que faltam no teu balanço.
- E dependiam de Carnaque?
- O registro de propriedades foi alterado após a última cheia.
- Sem me consultarem?
- Por intervenção de um agrimensor de Mênfis.
- Mas é inconcebível!
- Já partiu um mensageiro para Mênfis com ordens de trazer o responsável, um chamado Sumenu.
- Que fazer, se Ramsés em pessoa me retirou essas aldeias?

Meditar nas margens do lago sagrado, participar nos ritos da alvorada, do meio-dia e do crepúsculo, assistir ao trabalho dos astrólogos sobre o telhado do templo, ler os velhos mitos e os guias do além, conversar com os grandes dignitários que viviam a reforma no interior do recinto do deus Amon, tais foram as principais ocupações de Paser durante o seu retiro. Viveu a eternidade luminosa gravada na pedra, escutou a voz das divindades e dos faraós que embelezaram o edifício ao longo das dinastias e impregnou-se da vida inalterável que animava os baixos-relevos e as esculturas.

Por várias vezes, recolheu-se diante da estátua do seu mestre Branir, representado sob a forma de um escriba idoso, desenrolando sobre os joelhos um papiro onde estava inscrito um hino à criação.

Quando Kem lhe trouxe a informação desejada, o vizir deslocou-se de imediato ao gabinete do registro de propriedades, cujo diretor manifestou satisfação, receber uma nova visita do primeiro-ministro conferia-lhe uma importância inesperada.

- Recorda-me o nome do agrimensor de Mênfis — pediu Paser.

— Sumenu.

— Tens certeza?

— Sim... foi o que ele me disse.

— Já verifiquei.

— Não era necessário, já que está tudo em ordem!

— Da época em que era um insignificante juiz de província, guardei a mania de verificar tudo, muitas vezes é fastidioso, mas por vezes é útil. Sumenu, disseste tu?

— Talvez me tivesse enganado, eu...

— O agrimensor Sumenu, afeto ao palácio real, morreu há dois anos. Tu substituíste-te a ele.

Os lábios do funcionário entreabriram-se, mas ele foi incapaz de emitir qualquer som.

— Alterar o registro de propriedades é um crime, terás esquecido que a atribuição das aldeias e terras a esta ou aquela jurisdição depende do vizir? Aquele que te comprou acreditou na inexperiência do sumo-sacerdote de Carnaque e na minha. Mas enganou-se.

— Estás equivocado.

— Não tardaremos a sabê-lo: quero uma contra-peritagem imediata do cego.

O superior da corporação dos cegos de Tebas era uma personagem imponente, de rosto largo e maxilar maciço. Após a inundação, quando o rio arrancava os marcos e apagava as marcas de propriedade, a administração recorria a ele e aos seus colegas, em caso de contestação. O chefe dos cegos era a memória da terra, à força de percorrer os campos e as culturas, os seus pés conheciam as suas dimensões exatas.

Encontrava-se a comer figos secos, à sombra da sua vinha, quando escutou os passos que se aproximavam.

— Vocês são três, um colosso, um homem de altura média e um babuíno. Será o chefe da polícia e o seu famoso colega, o Matador, e o terceiro será...

— O vizir Paser.

— Assunto de Estado, por conseguinte. Que terras tentaram roubar? Não, não digas nada! O meu diagnóstico deve ser completamente objetivo. Qual o sector em causa?

— As ricas aldeias do norte, no limite da província de Coptos.

— Os marinheiros queixam-se muito, na região, os vermes comem as suas colheitas, os hipopótamos pisam-nas, ratos, gafanhotos e pardais devoram o que resta! Mentirosos refinados. As suas terras são excelentes e o ano foi gordo.

— Quem é o especialista desses domínios?

— Eu próprio. Nasci naquela região e aí cresci, os marcos não variam há vinte anos. Não vos ofereço figos nem vinho, pois suponho que tendes pressa.

Na mão, o cego segurava uma bengala cujo cimo tinha a forma de uma cabeça de animal de focinho pontiagudo e longas orelhas, a seu lado, um agrimensor desenrolava uma corda, segundo as indicações.

Nem uma única vez o cego hesitou, indicou com precisão os quatro cantos de cada campo, reencontrou a localização dos marcos e das estátuas de divindades, nomeadamente da cobra-capelo protetora das colheitas, e das esteias de doação reais que delimitavam os domínios de Carnaque. Os escribas anotavam, desenhavam e inventariavam.

Acabada a peritagem, não subsistia qualquer dúvida: o registro de propriedades havia sido alterado erradamente, e atribuíram-se a Coptos ricas terras que pertenciam a Carnaque.

— “Cabe ao vizir fixar os limites de cada província, velar pelas ofertas e fazer comparecer perante si quem quer que se tenha apoderado ilegalmente de uma terra”: foi esta a ordem que me deu o Faraó, como todos os faraós a dão a todos os vizires, no momento da sua investidura?

O chefe da província de Coptos, um quinquagenário herdeiro de uma rica família de notáveis, empalideceu.

— Responde — ordenou Paser — Tu estavas presente nessa cerimônia.

— Sim... o rei pronunciou realmente essas palavras.

— Por que razão aceitaste riquezas que não te pertenciam?

— O registro de propriedades havia sido alterado...

— Um falso registro, desprovido do meu selo e do selo do sumo-sacerdote de Carnaque! Devias ter-me alertado. Que esperavas? Que os meses corressem depressa, que Kani se demitisse, que eu fosse destituído e que a função fosse atribuída a um dos vossos cúmplices?

— Não te permito que insinues que...

— Tu foste uma ajuda preciosa para conspiradores e assassinos. Bel-Tran terá sido suficientemente astucioso para não deixar ficar nenhuma ligação entre ti e a Dupla Casa branca, não poderei, portanto, provar as vossas relações. Mas a tua traição é-me suficiente, és indigno de governar uma província. Considera a tua destituição como definitiva.

O vizir dirigiu o seu tribunal em Tebas, diante da grande porta do templo de Carnaque, onde foi edificado um pavilhão em madeira. Apesar dos conselhos de prudência de Kem, Paser recusara a audiência à porta fechada que os acusados imploravam, em redor do tribunal de justiça, aglomerava-se uma multidão numerosa.

O vizir leu os autos de acusação, depois de ter resumido os episódios principais do seu inquérito, as testemunhas compareceram, os escrivães anotaram os depoimentos. O júri, composto por dois sacerdotes de Carnaque, pelo chefe da administração de Tebas, pela esposa de um nobre, por uma parteira e um oficial superior, decretou um veredito que Paser considerou conforme o espírito e à letra da lei.

O chefe da província de Coptos, demitido das suas funções, foi condenado a quinze anos de prisão e ao pagamento de enormes indenizações ao templo, os três chefes de administração culpados de mentira e desvio de gêneros trabalhariam daí em diante como operários agrícolas e as suas diversas propriedades seriam partilhadas entre os mais humildes, o diretor do registro de propriedades de Tebas seria punido com dez anos de prisão.

O vizir não reclamou o agravamento de penas, nenhum dos condenados apresentou recurso.

Uma das redes de Bel-Tran fora aniquilada.

— Observa o céu do deserto — recomendou o velho guerreiro a Suti, — é lá que nascem as pedras preciosas. Ele põe as estrelas no mundo e das estrelas nascem os metais. Se souberes falar-lhes e se conseguires escutar a sua voz, conhecerás o segredo do ouro e da prata.

— E tu, conheces a sua linguagem?

— Eu era pastor antes de me pôr a caminho com o clã para parte incerta. Os meus filhos e a minha mulher morreram num ano de grande seca, foi por isso que deixei a minha aldeia e confiei os meus passos aos amanhã sem rosto. Que me importa a margem de onde ninguém volta?

— A cidade perdida não é apenas um sonho?

— O nosso antigo chefe foi lá várias vezes e de lá trouxe ouro: essa é a verdade.

— É este o bom caminho?

— Se és um guerreiro, sabe-o.

O ancião, com o seu passo igual e implacável, retomou a dianteira do clã, numa região tão árida e tão desolada que há várias horas não cruzavam com um único antílope. Suti recuou até junto de Pantera, recostada numa liteira rudimentar que seis núbios sustentavam, radiantes por transportarem a deusa de ouro.

— Pousai-me, quero caminhar.

Os guerreiros obedeceram, e depois entoaram um cântico de guerra, prometendo aos seus inimigos que os fariam em fatias e devorariam o seu poder mágico.

Pantera mostrava-se enfadada.

— Por que razão estás zangada?

— Esta aventura é estúpida.

— Não querias ficar rica?

— Nós sabemos onde está o nosso ouro, porquê perseguir uma miragem e arriscarmo-nos a morrer de sede?

— Um núbio não morre de sede e eu não estou a perseguir uma miragem, estas promessas bastam-te?

— Promete que vamos buscar o nosso ouro onde o escondemos.

— Porquê tanta obstinação?

— Tu quase morreste por esse ouro, e eu salvei-te, mataste um general traidor para o obter. É melhor não desafiáres mais o destino.

O egípcio sorriu, Pantera exprimia uma visão muito pessoal desses acontecimentos. Suti não perseguira o ouro do traidor, mas aplicara a lei do deserto ao eliminar um perjuro e um assassino que tentava fugir e escapar ao tribunal do vizir. O fato da fortuna lhe ter sorrido provava a justeza do seu ato.

— Supõe que a cidade perdida está repleta de ouro e que...

— Não quero saber dos teus projetos loucos! Promete-me que regressamos à gruta.

— Tens a minha palavra.

Satisfeita, a deusa loura voltou a subir para a liteira.

A pista interrompeu-se no sopé de uma montanha cuja vertente estava salpicada de rochas enegrecidas. O vento varria o deserto, nem falcão nem abutre volteavam num céu sufocante.

O velho guerreiro sentou-se, os seus companheiros imitaram-no.

— Nós não iremos mais longe — disse ele a Suti.

— De que tendes medo?

— O nosso chefe falava às estrelas, nós não, depois dessa montanha não existe um único ponto de água. Aqueles que desafiaram a cidade perdida desapareceram, engolidos pelas areias.

— O vosso chefe não.

— As estrelas guiavam-no, mas o seu segredo está perdido. Nós não iremos mais longe.

— Não procuras tu a morte?

— Não essa morte.

— O chefe não te deu nenhuma indicação?

— Um chefe não se vangloria, age.

— Quanto tempo durava a sua expedição?

— A lua erguia-se três vezes.

— A deusa de ouro me protegerá.

— Ela fica conosco.

— Erguer-te-ias contra a minha autoridade?

— Se queres perecer no deserto, é lá contigo, nós ficamos aqui sentados até ao quinto erguer da lua, depois partimos em direção aos oásis.

Suti dirigiu-se à líbia, mais enfeitiçante que nunca, o vento e o sol tornavam a sua pele cor do âmbar, douravam os seus cabelos, sublinhavam o seu carácter selvagem e indomável.

— Vou partir, Pantera.

— A tua cidade não existe.

— Ela está repleta de ouro. Eu não vou em direção à morte, mas em direção a uma outra vida, aquela com que sonhei desde que estava enclausurado na escola de escribas em Mênfis. Não só essa cidade existe, como nos pertencerá.

— O nosso ouro basta-me.

— Eu quero mais, muito mais! Supõe que a alma do chefe núbio que eu matei passou para mim e me guia em direção a um tesouro fabuloso... Quem seria suficientemente louco para recusar tal aventura?

— Quem seria suficientemente louco para tentar empreendê-la?

— Beija-me, deusa de ouro, tu dar-me-ás sorte. Os seus lábios eram quentes como o vento do sul.

— Já que ousas deixar-me, que sejas bem sucedido.

Suti levou consigo dois odres de água salobra, peixe seco, um arco, flechas e um punhal. Não mentira a Pantera: a alma do seu inimigo vencido traçar-lhe-ia o caminho a seguir.

Do cume da montanha, contemplou uma paisagem de um raro poder. Um desfiladeiro de terra avermelhada serpenteava entre duas falésias abruptas, unindo-se a um outro deserto, tão largo quanto o horizonte. Suti enveredou por ele, como um nadador que desliza para uma vaga. Sentia o apelo de um país desconhecido, cujas fibras luminosas o atraíam de forma irresistível.

O caminhante entrou no desfiladeiro sem dificuldade, nem pássaro, nem mamífero, nem réptil era como se toda a vida estivesse dali ausente. Matando a sede com pequenos goles, descansou à sombra de um rochedo até o cair da noite.

Quando as estrelas apareceram, ergueu os olhos para o céu e tentou decifrar a sua mensagem. Elas desenhavam estranhas figuras, em pensamento, ligou-as por intermédio de linhas. Subitamente, uma estrela cadente atravessou o espaço e traçou um caminho que Suti gravou na sua memória. Seria essa a direção a seguir.

Apesar da sua convivência instintiva com o deserto, o calor tornou-se pesado e cada passo um sofrimento, mas o peregrino seguia a estrela invisível, como se tivesse abandonado o seu corpo dolorido. A sede obrigou-o a esvaziar os odres.

Suti caiu de joelhos. Ao longe, fora de alcance, uma montanha vermelha, não teria forças de explorar a rocha à procura de um ponto de água. No entanto, não se enganara, lamentava-se por não ser um orix, capaz de saltar em direção ao sol e de esquecer o cansaço.

Ergueu-se de novo, para provar ao deserto que a sua força o alimentava. As suas pernas avançavam, emudecidas pelo fogo que corria na areia. Quando voltou a cair, os joelhos fizeram surgir um fragmento de louça de barro. Incrédulo, ele apanhou os bocados de uma jarra.

Aqui haviam vivido homens, sem dúvida, um acampamento de nômades. Avançando, constatou que o solo estalava sob os

seus pés, por todo o lado, viam-se restos de potes, vasos e jarras, formando montículos. Ainda que o seu corpo lhe pesasse cada vez mais, trepou a uma das colinas de detritos que lhe tapava a vista.

Lá embaixo, a cidade perdida.

Um posto de guarda em tijolo, meio destruído, casas esventradas, um templo sem telhado cujas paredes ameaçavam ruína... E a montanha vermelha atravessada por galerias, cisternas para recolher a água das chuvas de Inverno, mesas de pedra inclinadas, destinadas à lavagem do ouro, cabanas de pedra onde os mineiros armazenavam as ferramentas! Por todo o lado, a areia era avermelhada.

Suti correu em direção a uma cisterna, exigindo um último esforço das suas pernas vacilantes, agarrou-se ao rebordo de pedra e deixou-se cair no interior. A água era morna, divina, cada poro do seu corpo impregnou-se dela, antes que ele dela se saciasse.

Morta a sede, e animado de uma embriaguez desconhecida, explorou a cidade.

Não havia qualquer ossada humana ou animal, a população inteira abandonara bruscamente o local, deixando atrás de si uma enorme exploração mineira. Em cada habitação, jóias, taças, vasos, amuletos em ouro e prata maciços, só por si, esses objetos constituíam uma fortuna colossal.

Suti quis assegurar-se de que os filões eram exploráveis, assim, penetrou nas galerias profundas, penetrando até ao coração da montanha. Com a vista e com as mãos, identificou os longos veios, fáceis de trabalhar. A quantidade de metal ultrapassava as esperanças dos mais insensatos.

Ele ensinaria os núbios a extraírem o incrível tesouro. Com um pouco de disciplina, tornar-se-iam excelentes mineiros. Nessa manhã em que o sol da Núbia ornava a montanha vermelha de clarões mágicos, Suti tornou-se o chefe do mundo. Confidente do deserto, tão rico quanto um rei, percorreu as ruelas da cidade de ouro, da sua cidade, até ao momento em que avistou o seu guardião.

À entrada da cidade, um leão de juba flamejante, sentado, ele observava o explorador. Com um único golpe da pata, rasgar-lhe-ia o peito ou o ventre. A lenda afirmava que o animal selvagem vigiava sempre com os olhos abertos e não dormia nunca, se assim fosse, de que maneira podia Suti iludir a sua vigilância?

Suti tendeu o seu arco.

O leão ergueu-se. Lento e majestoso, penetrou num edifício em ruínas. Suti queria ter passado ao largo, mas a sua curiosidade foi mais forte.

Pronto a desferir uma flecha, ele seguiu-o.

O animal desaparecera. Na penumbra, lingotes de ouro. Uma reserva esquecida, um tesouro que lhe oferecia o gênio do lugar, aparecido sob a forma de um animal selvagem antes de se tornar invisível.

Pantera estava assombrada.

Tantas maravilhas, tantas riquezas... Suti conseguira. A cidade de ouro pertencia-lhes. Enquanto ela descobria os tesouros, o seu amante dirigia uma equipe de núbios, hábeis em extrair os metais da sua ganga. Eles atacavam o quartzo com martelo e alvião, quebravam a rocha, depois lavavam-na antes de separarem o metal, amarelo brilhante, tingido de vermelho, o ouro núbio revestia-se de cores admiráveis. Em várias galerias, a prata aurífera merecia o seu nome de pedra luminosa, capaz de iluminar as trevas, não valia menos que o ouro.

Segundo o costume, os núbios transportariam o metal sob a forma de pepitas ou anéis.

Suti juntou-se a Pantera no velho templo cujas paredes ameaçavam ruína, a Líbia não lhe prestou atenção, ocupada a experimentar colares, brincos e pulseiras.

— Restauraremos este local — afirmou ele. — Já imaginaste... portas de ouro, um chão de prata, estátuas em pedras preciosas?

— Eu não viverei aqui, esta cidade é maldita, Suti. Ela repeliu os seus habitantes.

— Não receio essa maldição.

— Não desafies a tua sorte.

— Que propões então?

— Que levemos o máximo, recuperemos o nosso ouro e nos instalemos num local tranquilo.

— Depressa te aborrecerias.

Pantera amou, Suti sabia que tocara no seu ponto sensível.

— Tu sonhas com um império, não com uma aldeiazita, não querias tu transformar-te numa grande senhora, reinando sobre um exército de servidores?

Ela voltou-lhe as costas.

— Onde poderás usar colares como esse senão num palácio, diante de uma platéia de nobres em admiração e roídos de inveja? Mas eu posso tornar-te ainda mais bela.

Com um fragmento de ouro perfeitamente polido, esfregou-lhe os braços e o pescoço.

— Como é suave... Continua.

Ele desceu em direção aos seios, e depois percorreu as suas costas, antes de explorar as regiões mais íntimas.

— Vou transformar-me em ouro?

Pantera ondulou ao ritmo de Suti, ao contato do metal precioso, dessa carne dos deuses que tão poucos mortais tiveram ocasião de tocar, não se transformaria ela na deusa de ouro que os Núbios veneravam?

Suti não esqueceu nenhuma parcela do corpo da sua amante, o ouro agia como um bálsamo oleoso e provocava arrepios de deliciosa languidez.

Ela deitou-se no solo do templo abandonado, onde brilhavam as palhetas de ouro, ele estendeu-se sobre ela.

— Enquanto Tapani viver, tu não me pertencerás.

— Esquece-a.

— Vou reduzi-la a cinzas.

— Irá uma futura rainha rebaixar-se a tarefas tão vulgares?

— Tentarás defendê-la?

— Ela é demasiado razoável para o meu gosto.

— Serás capaz de combater o Egito a meu lado?

— Sou capaz de te estrangular.

— Os núbios massacrar-te-iam.

— Eu sou o seu chefe.

— E eu a sua deusa! O Egito rejeitou-te, Paser traiu-te. Vinguemo-nos.

Suti lançou um grito de dor e caiu de lado. Pantera viu o agressor: um escorpião negro que se refugiou sob uma pedra.

Picado no pulso esquerdo, o jovem mordeu o local, aspirou o veneno, e cuspiu.

— Serás a mais rica das viúvas ilegítimas.

Paser apertou Néféret contra si, a sua ternura apagou as fadigas da viagem e restituiu-lhe o gosto da luta. Ele explicou-lhe como salvara Kani e contrariara um dos planos de Bel-Tran. Apesar da sua alegria, ele sentiu-a preocupada.

— Chegaram notícias da fortaleza de Tjaru — confessou ela.

— Suti!

— Declarado desaparecido.

— Em que circunstâncias?

— Segundo o relatório da fortaleza, ele fugiu, como a guarnição recebera ordens de se entrincheirar dentro das muralhas, nenhuma patrulha foi enviada no seu encalço.

Paser ergueu os olhos para o céu.

— Ele vai regressar, Néféret, e ele vai ajudar-nos, mas porquê essa perturbação no teu olhar?

— Uma simples lassidão.

— Fala, peço-te, não transportes sozinha esse fardo.

— Bel-Tran empreendeu uma campanha de difamação contra ti. Almoça e janta com altos dignitários, altos funcionários e chefes de província, Silkis sorri e cala-se. A tua inexperiência, o teu ímpeto mal controlado, as tuas exigências insensatas, a tua incompetência, a tua falta de conhecimento das sutilezas da hierarquia, a tua ignorância das realidades do tempo presente, o teu apego aos valores passados... Eis os seus temas favoritos.

— Falar demasiado ser-lhe-á prejudicial.

— É a ti que ele prejudica, dia após dia.

— Não te preocupes.

— Não suporto ver-te caluniado.

— É até um bom sinal. Se Bel-Tran age assim, é porque duvida ainda do êxito final. Os golpes que acabo de desferir contra ele são talvez mais dolorosos do que ele imaginara. Reação interessante, na verdade, encoraja-me a continuar.

— O superintendente dos escritos reclamou a tua presença várias vezes.

— Qual o motivo?

— Só se confiará a ti.

— Outros visitantes de relevo?

— O diretor das missões secretas e o superintendente dos campos, desejam igualmente uma reunião e lamentaram a tua ausência.

Os três homens pertenciam à confraria dos nove amigos do Faraó, as personagens mais influentes do reino, habituadas a fazer e a desfazer as reputações. Era a primeira vez que eles intervinham após a nomeação de Paser.

— E se eu os convidasse para jantar? — propôs ele.

O superintendente dos escritos, o superintendente dos campos e o diretor das missões secretas assemelhavam-se, homens de idade madura, ponderados, de voz grave e porte solene, haviam superado os degraus da hierarquia dos escribas e dado plena satisfação ao rei. De peruca, vestidos com uma túnica de linho sobre uma camisa de mangas compridas e plissadas, eles chegaram juntos à porta da propriedade do vizir, onde Kem e o seu babuíno os identificaram.

Néféret recebeu-os e guiou-os através do jardim, admiraram a piscina de recreio e as essências raras importadas da Ásia, e felicitaram a jovem pelos canteiros de flores. Terminadas as fórmulas de cortesia, ela conduziu-os junto de seu marido, na sala de jantar de Inverno, onde ele conversava com Bagey, o antigo vizir, que os três altos dignitários se surpreenderam ao ver.

Néféret eclipsou-se.

— Gostaríamos de te ver a sós — declarou o superintendente dos escritos.

— Suponho que a vossa intervenção diz respeito à forma como desempenho a minha função, por que razão o meu predecessor não me assistiria durante essa prova? Os seus conselhos poderão ser-me preciosos.

Frio, distante, um pouco curvado, Bagey encarou os seus interlocutores com severidade.

— Ontem trabalhamos juntos, hoje considerais-me um estranho?

— É claro que não — respondeu o superintendente dos campos.

— Nesse caso — considerou Paser — o incidente está encerrado, jantaremos os cinco juntos.

Eles ocuparam os seus lugares em cadeiras abauladas, diante de cada um, uma mesa baixa sobre a qual os servidores depuseram pratos cheios de iguarias. O cozinheiro preparara suculentos pedaços de vaca, cozidos numa marmitta de terra de fundo arredondado, e aves grelhadas no espeto. Ao lado do pão fresco, manteiga fabricada a partir de alforva e alcaravia, sem água nem sal, e conservada numa cave fresca, de forma a evitar o escurecimento, ervilhas e beringelas com molho acompanhavam as carnes.

Um escanção encheu os copos de vinho tinto do Delta, colocou o jarro num suporte de madeira e saiu da sala, fechando a porta.

— Nós falamos em nome das autoridades superiores deste país — adiantou o diretor das missões secretas.

— À exceção do Faraó e de mim próprio — interveio Paser. O comentário feriu o dignitário.

— Essas objeções parecem-me inúteis.

— Esse tom é dos mais desagradáveis — considerou Bagey — qualquer que seja a vossa idade e a vossa posição, deveis respeito ao vizir que o Faraó designou.

— A nossa consciência impede-nos de lhe poupar críticas e reprimendas justificadas.

Bagey ergueu-se, irritado.

— Eu não aceito esta diligência.

— Ela não é inconveniente nem ilegal.

— Não é essa a minha opinião, o vosso papel é o de servir o vizir e obedecer-lhe.

— Não quando a sua ação é contrária à felicidade do Egito.

— Não ouvirei uma só palavra mais, jantareis sem mim.

Bagey saiu da sala de jantar.

Espantado com a violência do ataque e com a reação brutal do antigo vizir, Paser sentiu-se muito sozinho. A carne e os legumes esfriaram, a excelente colheita permaneceu nos copos.

— Nós conversamos longamente com o diretor da Dupla Casa branca — confessou o superintendente dos campos — e as suas preocupações parecem-nos fundadas.

— Por que razão Bel-Tran não vos acompanhou?

— Não o prevenimos da nossa diligência, é um homem jovem, impulsivo, que poderia perder a serenidade num caso tão grave. Essa mesma juventude corre o risco de te conduzir a um impasse, a menos que a razão vença.

— Vós ocupais postos importantes onde as palavras inúteis não são admissíveis, como o meu tempo é tão precioso quanto o vosso, obrigais-me a ir direto ao assunto.

— Eis uma bela prova do teu comportamento errôneo! Governar o Egito exige mais sutileza.

— O Faraó governa, eu velo pelo respeito a Maât.

— O quotidiano está por vezes afastado do ideal.

— Com tais pensamentos — considerou Paser — o Egito corre para a ruína.

— Porque te falta experiência — declarou o superintendente dos campos — levas à letra os velhos ideais esvaziados da sua substância.

— Não é essa a minha opinião.

— Foi em nome do ideal que condenaste o chefe da província de Coptos, herdeiro de uma família nobre e de renome?

— A lei foi aplicada, sem levar em conta a sua posição.

— Contas demitir assim uma quantidade de dirigentes estimados e qualificados?

— Se eles conspiram contra o seu país, serão acusados e julgados.

— Confundes faltas graves com as necessidades do poder.

— Alterar o registro de propriedades: será isso uma falta ligeira?

— Reconhecemos a tua probidade — admitiu o superintendente dos escritos. — Desde o início da tua carreira, demonstraste o teu sentido de justiça e o teu amor à verdade. Ninguém sonha contestar isso, o povo admira-te e respeita-te. Mas é isso suficiente para evitar um desastre?

— Que me censurais?

— Talvez nada, se souberes tranquilizar-nos.

Os primeiros passes de armas estavam terminados, o verdadeiro combate ia começar.

Estes três homens sabiam tudo do poder, da hierarquia e dos mecanismos sociais, se Bel-Tran tinha conseguido convencê-los da justeza dos seus pontos de vista, Paser não teria chance de transpor o obstáculo. Isolado, desencorajado, não seria ele um brinquete fácil de despedaçar?

— Os meus serviços — declarou o superintendente dos campos — elaboraram a lista dos proprietários e agricultores, recensearam as cabeças de gado, avaliaram as colheitas, os meus peritos fixaram as taxas, tendo em conta a opinião dos camponeses, mas esse enorme trabalho traduzir-se-á por uma muito fraca entrada de impostos. Será preciso duplicar as taxas sobre a forragem e os bovinos.

— Recuso.

— Quais as tuas razões?

— Em caso de dificuldade, o agravamento dos impostos é a pior das soluções. Parece-me mais urgente eliminar as injustiças, as nossas reservas de alimentos são suficientes para fazer face a várias cheias desfavoráveis.

— Procede à reforma das disposições que beneficiam os camponeses, em caso de imposição injusta, quem mora numa grande cidade apenas dispõe de três dias para apelar, enquanto um provinciano dispõe de três meses!

— Eu mesmo fui vítima desse regulamento — lembrou Paser. — Alargarei o prazo dos cidadãos.

— Aumenta ao menos os impostos dos ricos!

— A personagem que mais sofre com os impostos, o governante de Elefantina, dá ao Tesouro o equivalente a quatro lingotes de ouro, o governante de uma província de dimensões médias, mil pães, vitelos, bois, mel e sacos de cereais. Não é necessário exigir mais, já que eles governam uma família extensa e velam pelo bem das aldeias.

— A tua intenção será a de atacar os artesãos?

— Mas é claro que não. As suas casas permanecerão isentas de impostos, e manterei a interdição de embargar as suas ferramentas.

— Cederás na questão do imposto sobre a madeira? É preciso estendê-lo a todas as províncias.

— Eu estudei de perto os centros de madeira e a forma como eles recebem o tojo, as fibras de palmeiras e a madeira pequena, durante a estação fria, a distribuição foi assegurada de forma correta. Porquê modificar o trabalho de equipas cuja rotação é satisfatória?

— Ajuízas mal a situação — considerou o diretor das missões secretas, — o modo como a nossa economia está organizada já não corresponde às exigências atuais. A produção deve ser aumentada, a rentabilidade...

— Eis os termos caros a Bel-Tran.

— Ele é o diretor da Dupla Casa branca! Se estás em desacordo com o teu ministro da economia, como podes conduzir uma política coerente? Corre com ele e corre conosco também!

— Continuaremos a trabalhar juntos, segundo as leis tradicionais, o Egito é rico, o Nilo oferece-nos abundância e a prosperidade durará, embora tenhamos de lutar diariamente contra a injustiça.

— Não achas que o teu passado te deforma? A economia...

— No dia em que a economia tiver supremacia sobre a justiça, o mal propagar-se-á sobre esta terra.

— O papel dos templos devia ser minimizado — sugeriu o superintendente dos escritos.

— Que lhes censuras?

— Eles recolhem a quase totalidade dos gêneros, dos produtos e dos objetos antes de os distribuírem, em função das necessidades das populações, não seria mais desejável um circuito mais direto?

— Seria contrário à regra de Maât e destruiria o Egito em poucos anos. Os templos são os nossos reguladores de energia, os especialistas, recolhidos no interior dos seus muros, apenas se preocupam com a harmonia. Graças aos templos, estamos ligados ao invisível e às forças vitais do universo, das suas escolas e das suas oficinas saem os seres que há séculos constróem o nosso país. Desejas decapitá-lo?

— Tu deformas os meus objetivos.

— Receio que o teu pensamento se assemelhe a um bastão torcido.

— Insultas-me!

— Não estarás tu a voltar as costas aos nossos valores fundamentais?

— És um homem demasiado íntegro, Paser, és um fanático!

— Se essa é a tua convicção, não hesites: pede a minha cabeça ao rei.

— Tu beneficias do apoio de Kani, o sumo-sacerdote de Carnaque, cuja opinião Ramsés considera. Mas esse favor não durará mais que a tua popularidade. Demite-te Paser. Será a melhor solução, para ti e para o Egito.

O jardineiro-chefe do templo de Heliópolis estava apavorado, chorava sentado ao pé de uma oliveira. Paser, chamado de urgência, tremia, o vento frio soprava em rajadas que viravam as folhas prateadas. Alertado por Kem, o vizir achou melhor ir lá.

— Conta-me como foi — perguntou ao jardineiro.

— Eu próprio tinha vigiado a colheita... As oliveiras mais antigas do Egito! Que desgraça... Por quê este vandalismo, por quê?

O jardineiro-chefe não conseguia dizer mais nada. Depois de lhe ter dito que não o considerava responsável, Paser deixou-o mergulhado na sua infelicidade e seguiu Kem até às reservas do templo de Ra onde se conservava o melhor azeite para iluminação do país.

O chão parecia um pântano viscoso. Não fora poupada sequer uma ânfora, rolhas retiradas, conteúdo despejado.

— Resultado do teu inquérito?

— Um só homem — respondeu o núbio. Entrou pelo telhado.

— Procedimento igual ao do hospital.

— É o homem que te quer assassinar, de certeza. Porquê esta pilhagem?

— O papel económico dos templos incomoda Bel-Tran, suprimir a fonte de iluminação abrandará o ritmo de trabalho dos escribas e dos sacerdotes. Enviem imediatamente a seguinte mensagem: que a polícia vigie todas as reservas de azeite. Em relação à região de Mênfis, utilizaremos as do palácio. Nenhuma lamparina ficará vazia.

A resposta de Bel-Tran, à firmeza do vizir não se fez esperar.

Não havia criado que não andasse a varrer com uma vassoura de longas fibras rígidas, reunidas em meada, criada que não empunhasse uma escova de junco, amarrada por uma grande argola: os serviçais do vizir limpavam o chão com grande entusiasmo. No ar pairava um delicioso aroma a incenso, canela e cinamomo, a fumigação purificava a mansão e afugentava os insectos e outros hóspedes indesejáveis.

— Onde está a minha mulher?

— No armazém de trigo — respondeu o intendente.

De joelhos, Néféret enterrava num canto dentes de alho, peixe seco e natrão.

— O que está aí escondido?

— Talvez uma serpente, estes ingredientes vão asfixiá-la.

— Por quê tanta limpeza?

— Receio que o assassino tenha deixado outros vestígios.

— Surpresas desagradáveis?

— Até agora, não, nenhum lugar suspeito foi esquecido. O que disse o Faraó?

Paser ajudou-a a levantar-se.

— A atitude dos seus conselheiros surpreendeu-o, demonstrou-lhe como a doença do país é profunda. Creio não ser um terapeuta tão eficaz como tu.

— E o que respondeu ele aos cortesãos?

— Cabe-me a mim ocupar-me das suas reclamações.

— Exigiram a tua saída?

— Sugeriram-na apenas.

— Bel-Tran continua a espalhar a sua maledicência.

— Ele não está isento de fraquezas, compete-nos a nós descobri-las. — O vizir não conseguiu conter um espirro, seguido

de um arrepio. — Vou precisar de um médico.

A coriza partia os ossos, fraturava a cabeça e esmagava o cérebro. Paser bebia sumo de cebola, desinfetava as narinas com sumo de palma, desentupia o nariz com inalações e absorvia a tintura de briónia para evitar complicações pulmonares. Satisfeito por ter o seu dono em casa, Bravo dormia aos pés da cama dele, beneficiando de uma coberta macia e, ao passar junto ao dono, de uma colher de mel.

Apesar da febre, o vizir consultava os papiros que Kem, habilitado apenas para servir de intermediário entre ele e o escritório, lhe tinha levado. Quantos mais dias passavam, mais o vizir dominava o seu mister, este momento de afastamento era-lhe benéfico, na medida em que verificava que os grandes templos, de norte a sul, escapavam ao controle de Bel-Tran. Eram eles que regulavam a economia conforme os anciãos haviam ensinado e velavam pela repartição das riquezas armazenadas, graças a Kani e aos outros grandes sacerdotes, de pleno acordo com o superior de Carnaque, o vizir preservaria a estabilidade do Estado, pelo menos até à data fatídica em que Ramsés deveria abdicar.

Uma inalação de sulfureto de arsênico que os médicos chamavam “aquele que desafoga o coração”, aliviou Paser, para combater a tosse, inalou uma decoção de raízes de malvaíscio e de colocíntida fresca. A água acobreada acabaria por curar a infeção.

Quando o núbio tateou o nariz de madeira, o vizir compreendeu que ele detinha informações importantes.

— Primeiro, uma notícia inquietante: Mentmosé, o meu predecessor, de tão tristes recordações, deixou o Líbano onde cumpria uma pena de exílio.

— Corre grave risco... Quando tornares a apanhá-lo, será condenado a trabalhos forçados.

— Mentmosé sabe-o, é por isso que o seu desaparecimento não é bom agouro.

— Uma intervenção de Bel-Tran?

— É possível.

— Simples fuga?

— Gostava de acreditar nisso, mas Mentmosé odeia-te tanto como Bel-Tran. Tu fascina-os, porque não compreendem a tua rectidão nem o teu amor pela justiça. Se fosses um simples juiz não te dariam grande importância. Mas sendo um vizir... isso é inaceitável! Mentmosé não deseja um final pacífico, ele quer vingar-se.

— Continua a não haver nada de concreto sobre o assassinato de Branir?

— Diretamente, não, mas...

— Mas?

— Na minha opinião, o homem que tentou matar-te várias vezes é o mesmo que matou Branir, surge do nada e aí se refugia, mais rápido do que um galgo.

— Estás a tentar convencer-me de que se trata de um fantasma?

— Um fantasma, não... Mas um devorador de sombras como eu nunca vi. Um monstro com a paixão da morte.

— Terá cometido o erro de que tu estavas à espera?

— Talvez tenha procedido mal ao atacar o meu babuíno com o outro macaco⁶. Foi a única ocasião em que ele precisou de um aliado e, por isso, de estabelecer contatos. Eu acreditava que esta pista não tivesse sido destruída, mas um dos meus melhores guias, um homem conhecido por Pernas-curtas, sabe alguma coisa. Um juiz acaba de aumentar o montante do subsídio de alimentação que ele deve entregar à sua ex-mulher. É por isso que recuperou a memória.

— Ele saberia identificar o devorador de sombras?

— Se conseguir, vai exigir uma recompensa enorme.

— Concedida. Quando é que o vais ver?

— Esta noite, atrás do cais.

— Vou contigo.

— O teu estado não permite.

Néféret tinha convocado os principais fornecedores das substâncias raras e dispendiosas utilizadas nos laboratórios.

Apesar dos produtos não terem ainda acabado, achava prudente reforçar a existência o mais depressa possível, devido às dificuldades de recolha e entrega.

— Comecemos pela mirra, para que data está prevista a próxima expedição para a região de Pount?

O responsável tossiu.

— Ignoro-o.

— Que significa a tua resposta?

— Não foi fixada nenhuma data.

— Acho que deves ser tu a decidi-lo.

— Não disponho nem dos barcos nem do equipamento.

— Porquê?

—guardo a boa vontade dos países estrangeiros.

— Consultaste o vizir?

— Preferi seguir a via hierárquica.

— Deverias ter-me prevenido desse contratempo.

— Não havia pressa...

— De momento, trata-se de uma urgência.

— Precisava de uma autorização por escrito.

— Tê-la-ás a partir de hoje.

Néféret voltou-se para outro vendedor.

— Encomendaste goma-resina verde de gálbano'?

— Encomendei, sim, mas não vai chegar tão cedo.

— Porquê?

— Vem da Ásia, conforme a disposição dos que a colhem e dos vendedores. A gerência recomendou-me que não os incomodasse, as nossas relações ficariam ainda mais tensas por causa de uns incidentes que me escapam. Logo que possível...

— E a resina escura de ládano⁷? — perguntou Néféret ao terceiro fornecedor. — Sei que vem da Grécia e de Creta, estes países nunca hesitam em vender.

— Ah, hesitam sim. A colheita foi pobre, também decidiram não exportar.

Néféret nem sequer interrogou os outros comerciantes. O constrangimento deles significava que também eles responderiam negativamente.

— Quem recebe estes produtos raros no Egito? — perguntou ao fornecedor de mirra.

— Os fiscais da alfândega.

— E de quem dependem eles?

O homem gaguejou.

— Da... da Dupla Casa branca.

Do olhar da jovem, geralmente tão terno, transpareceram a revolta e a indignação.

— Sendo sectários de Bel-Tran — declarou com firmeza — é ao Egito que estão a trair. Enquanto médica-chefe do reino, exigirei a vossa acusação por ofensa à saúde pública.

— Não é essa a nossa intenção, mas as circunstâncias... Devas reconhecer que o mundo evolui e que o Egito deve se adaptar. A maneira de nós vendermos modificou-se. Bel-Tran detém a chave do nosso futuro. Se aceitasse aumentar os nossos rendimentos e rever as nossas margens de lucro, as entregas poderiam ser retomadas bastante depressa.

— Chantagem... Chantagem que compromete a saúde dos vossos compatriotas!

— Os prazos são excessivos. Temos o espírito aberto e as negociações foram bem conduzidas...

— Como se trata de uma urgência, vou pedir ao vizir um requerimento, e eu própria falarei com os nossos parceiros estrangeiros.

— Não te atreverias!

— A cobiça é uma doença incurável que eu não sei tratar. Peçam outro emprego a Bel-Tran, já não trabalham nos serviços de saúde.

A febre não tinha impedido Paser de assinar o requerimento que permitia à médica-chefe assegurar a livre circulação das gomas-resinas indispensáveis aos terapeutas. Munida do documento, Néféret tinha-se ocupado desde logo do serviço dos países estrangeiros, para ela própria velar pela redação dos documentos administrativos que decidiriam a expedição dos produtos comerciais.

O estado de saúde do seu doente preferido não a inquietava, mas ele teria de ficar de cama durante dois ou três dias, para evitar qualquer risco de recaída.

O vizir não conseguia conservar-se em repouso, rodeado de papiros e de tabuinhas de madeira enviados pelos escribas das diversas administrações, procurava os pontos fracos que Bel-Tran não deixaria de explorar. Imaginava as estratégias dele e tomava medidas para desviar os seus golpes, sem se iludir, o diretor da Dupla Casa branca e os seus aliados saberiam encontrar outros ângulos de ataque.

Assim que o intendente lhe anunciou o nome do visitante, Paser nem queria acreditar. Porém, e apesar do seu espanto, aceitou.

Seguro de si, vestido à última moda com uma luxuosa túnica de linho demasiado cingida na cintura, Bel-Tran saudou o vizir calorosamente.

— Trouxe-te uma bilha de vinho branco do ano dois de Sėti, pai do nosso ilustre soberano. Uma colheita única! Vais apreciá-lo. — Sem ter sido convidado a fazê-lo, Bel-Tran sentou-se em frente de Paser. — Soube que estavas doente, nada de grave?

— Logo deixarei o leito.

— É verdade que beneficias dos cuidados da melhor médica do reino, este acesso de fadiga, apesar disso, parece-me significativo. O cargo do vizir é quase impossível de suportar.

— A não ser para quem tem as costas largas, como tu.

— Circulam muitos rumores na corte, todos sabem que tens muita dificuldade em desempenhar a tua função.

— Exatamente.

Bel-Tran sorriu.

— Até tenho certeza de que nunca serei capaz — precisou Paser.

— Caro amigo, para ti essa doença só traz benefícios.

— Esclarece-me. Uma vez que deténs a arma decisiva, uma vez que estás certo de que vais alcançar o poder supremo, como é que a minha ação pode importunar-te?

— É só uma picada de mosquito, por isso, é desagradável. Se aceites obedecer-me e seguir uma vez por todas o caminho do progresso, continuarás a ser vizir. A tua popularidade não é de descurar, elogia-se a tua capacidade de trabalho, a tua retidão, a tua perspicácia... Ser-me-ias útil, aplicando a minha política.

— Kani, o sumo-sacerdote de Carnaque não concordará comigo.

— Tu é que deves enganá-lo! Já que fizeste gorar a minha tentativa de conquista de uma boa parte das terras do templo, deves-me agora isto. Esta economia sagrada é arcaica, Paser, não é preciso travar e regular a produção das riquezas, mas favorecer um crescimento contínuo.

— Assegurará ela a felicidade dos homens e o equilíbrio dos povos?

— Isso pouco importa, dá poder a quem a controla.

— Não paro de pensar no meu mestre Branir.

— Um homem do passado.

— Dizem os anuais que nenhum crime ficou impune.

— Esquece essa história lamentável e preocupa-te com o futuro.

— Kem não pára de investigar, ele pensa ter identificado o assassino. — Bel-Tran manteve o sangue-frio, mas o seu olhar ficou perturbado. — A minha hipótese é diferente da do chefe da polícia, hesitei várias vezes em culpar a tua mulher.

— A Silkis? Mas...

— Foi ela a mulher que atraiu a atenção do guardião-mor da esfinge para distraí-lo. Ela obedece-te desde o começo da conspiração, excelente tecelã, sabe manejar a agulha melhor do que ninguém. Nenhuma mulher é mais temível do que uma mulher jovem, dizem os sábios, sinto que ela é capaz de ter assassinado Branir enfiando-lhe uma agulha de madreperla na nuca.

— A tua febre é perniciosa.

— Silkis precisa da tua fortuna, mas tu és seu escravo muito mais do que imaginas. É o mal que vos une.

— Basta de pensamentos miseráveis! Então, submetes-te?

— Aventares sequer essa hipótese demonstra, só por si, uma incontestável falta de lucidez.

Bel-Tran levantou-se.

— Não intervenhas contra Silkis nem contra mim. Para ti e para o teu rei está tudo perdido, o testamento dos deuses está para sempre fora do teu alcance.

O vento da tarde anunciava a Primavera, quente, perfumado, trazia de longe a alma do deserto. Todos passavam a deitar-se mais tarde, indo conversar de casa para casa, para se informarem dos acontecimentos do dia. Kem esperou que as últimas candeias se apagassem antes de se aventurar nas vielas que levavam ao cais.

O babuíno caminhava a passo lento, virava a cabeça para a direita e para a esquerda, olhava para cima, como se pressentisse perigo. Nervoso, retomava de vez em quando o seu andar normal, e depois apressava bruscamente os passos. O núbio respeitava a mínima reação do macaco, na escuridão, ele guiava-o.

A zona do cais estava silenciosa, havia vigilantes à frente dos entrepostos. Kem e Pernas-curtas tinham combinado um encontro por detrás de uma dependência abandonada, por reconstruir. O denunciante tinha por hábito tratar ali bastantes dos seus negócios ilícitos sobre os quais o núbio aceitava fechar os olhos, em troca de informações que os polícias sedentários não conseguiam obter.

Pernas-curtas tinha saído do caminho da verdade desde que nascera, traficante espontâneo, não tinha outro prazer senão roubar o próximo. O pequeno povo de Mênfis não lhe confiava segredos, desde o início da sua investigação, Kem pensava que ele seria o único à procura de uma informação séria sobre o assassino, mas não devia precipitar-se sob pena de esbarrar com um mutismo definitivo.

O babuíno imobilizou-se, à escuta. O seu ouvido era bem mais sensível que o de um homem e o trabalho de polícia tinha desenvolvido as suas faculdades de percepção. Um nuvem encobriram uma primeira fatia da lua, a escuridão instalou-se no entreposto abandonado, desprovido de portas. O macaco retomou a sua caminhada.

A boa vontade de Pernas-curtas provinha de um contratempo jurídico, a sua mulher, bem aconselhada, despojara-o da pequena fortuna que ele tinha amealhado, e ele tinha decidido vender o seu bem mais precioso: a identidade do devorador de sombras. O que reclamaria ele em troca? Ouro, o silêncio do chefe da polícia sobre um tráfico mais importante que o normal, um carregamento de jarros de vinho... Kem tentava adivinhar.

O babuíno emitiu um suspiro aflitivo. Kem pensou que ele se tinha magoado, um exame rápido bastou-lhe para constatar que se enganava. Matador aceitou continuar e deu a volta ao entreposto.

No local do encontro não se encontrava ninguém.

Kem sentou-se ao lado do babuíno, muito calmo. Teria Pernas-curtas desistido? O núbio não queria acreditar. O denunciante necessitava de uma ajuda material urgente.

A noite caiu.

Pouco antes do amanhecer, Matador pegou na mão do seu colega e levou-o para dentro do entreposto. Cestos abandonados, caixas rasgadas, alguns utensílios... O macaco abriu passagem pelo meio daquele caos, parou em frente de um monte de sacos de sementes e emitiu o mesmo suspiro de algumas horas atrás.

O chefe da polícia, irritado, afastou os sacos.

Encostado a um poste de madeira, Pernas-curtas era bem-vindo ao encontro, com a cabeça esmagada pelo devorador de sombras, não iria identificá-lo.

Paser sossegou Kem.

— Sou responsável pela morte do Pernas-curtas.

— Claro que não, foi ele que te procurou.

— Devia tê-lo protegido.

— De que maneira?

— Não sei, mas devia...

— Pára de te atormentares.

— O devorador de sombras foi informado das intenções do Pernas-curtas, seguiu-o e eliminou-o.

— Ou então tentou fazer chantagem com ele.

— Era bastante venal para cometer uma loucura dessas... E a pista está novamente destruída. É evidente que continuarei a proteger-te.

— Toma as medidas necessárias, amanhã partimos para o Médio-Egito.

A voz de Paser tinha entristecido.

— Aconteceu alguma coisa?

— Vários assuntos inquietantes relacionados com os administradores da província.

— Sobre o quê?

— Água.

— Receias...

— O pior.

Néféret tinha conseguido realizar com êxito uma operação delicada: um artesão ainda novo, ferido na cabeça, vértebras cervicais lesadas, contusão na têmpora direita, transportado logo para o hospital, sobreviveria.

Esgotada, a jovem médica tinha adormecido numa das salas de repouso. Um dos seus assistentes acordou-a.

— Sinto muito, mas preciso de ti.

— Chama outro cirurgião, já não tenho forças para operar.

— Trata-se de um caso estranho, o teu diagnóstico é indispensável.

Néféret levantou-se e seguiu o assistente.

A paciente tinha os olhos abertos, mas fixos. Com cerca de quarenta anos, envergava uma túnica luxuosa, mãos e pés tratados provavam que pertencia a uma família abastada.

Estava caída numa viela do quarteirão norte explicou o assistente. Os moradores não a conheciam. Parece-se com um doente que acabamos de anestésiar...

Néféret ouvia o coração nas artérias, e examinou os olhos da mulher.

— Esta mulher está drogada — concluiu. — Introduziu no organismo extrato de dormideira cor-de-rosa⁸, uma substância que só deve ser utilizada no hospital. Vou pedir imediatamente um inquérito.

Paser, perante a insistência de sua mulher, tinha atrasado a sua partida para o Médio-Egito e tinha pedido a Kem para investigar a situação. A mulher estava morta, devido a abuso de droga, sem ter saído de coma.

Graças ao macaco, as pessoas logo desataram a língua. A infeliz tinha ido três vezes à viela para se encontrar com um homem, um grego instalado numa bela mansão, vendedor de vasos preciosos. Assim que Kem apareceu na casa do dito grego, o suspeito estava ausente, uma criada convidou o chefe da polícia a instalar-se na sala de espera e trouxe-lhe uma cerveja bem fresca. Tinha ido tratar de um assunto no cais e, por isso, não devia demorar.

Grande, magro, barbudo, o grego fugiu logo que pressentiu o chefe da polícia. Kem não se mexeu, confiante na vigilância do seu colega. De fato, o macaco passou uma rasteira no fugitivo que se estendeu ao comprido no passeio.

Kem levantou-o puxando-lhe pela túnica.

— Estou inocente!

— Mataste uma mulher.

— Só vendo vasos, nada mais.

Por um instante, o núbio perguntou a si próprio se o homem não seria o devorador de sombras, mas a personagem pareceu-lhe demasiado fácil de apanhar.

— Se não falares, serás condenado à morte.

A voz do grego gemia.

— Tem piedade! Sou só um intermediário.

— De quem compras a droga?

— De compatriotas que cultivam as plantas na Grécia.

— Esses estão longe, mas tu não.

Os olhos vermelhos do babuíno garantiam a afirmação do seu colega.

— Dou-te o nome deles.

— Dá-me o dos teus clientes.

— Esses não!

A mão peluda de Matador pousou no ombro do grego. Aterrorizado, falou com facilidade, citando funcionários, comerciantes e algumas personagens nobres.

Entre elas figurava a senhora Silkis.

Na manhã da partida, Paser recebeu um convite de Bel-Tran para um grande banquete onde estariam presentes os principais dignitários da corte, altos funcionários e vários chefes da província. Competia ao diretor da Dupla Casa branca, no final da cada Inverno, dar uma recepção suntuosa que o vizir honrava com a sua presença.

Ri de nós pensou Néféret.

— Bel-Tran sujeita-se à tradição quando ela lhe serve.

— Somos obrigados a figurar nesta hipocrisia?

— Receio que sim.

— A incriminação da senhora Silkis seria um grande escândalo.

— Vou fazer o possível para ser discreto.

— Já foi interrompido o tráfico de droga?

— Quem demonstrou uma eficácia perfeita, todos os cúmplices do grego foram presos no cais bem como todos os seus clientes... Com exceção de Silkis.

— É impossível enfrentá-la, não é?

— As ameaças de Bel-Tran não me impedirão.

— O importante é ter acabado com este pesadelo, de que te servia agora prender a mulher de Bel-Tran?

Debaixo da tamargueira, onde conversavam, Paser abraçou Néféret.

— É preciso fazer justiça.

— O momento em que se termina um ato não será tão importante como o próprio ato?

— Recomendar-me-ias esperar? Os dias e as semanas passam, a abdicação do Faraó aproxima-se.

— Até ao último segundo, devemos lutar com lucidez.

— As trevas são tão duras! Às vezes, eu... — Tocou com o indicador nos lábios dele.

— Um vizir do Egito nunca renuncia.

Paser gostava da paisagem do Médio-Egito, as falésias brancas ladeando o Nilo, as vastas planícies esverdeadas e as colinas claras onde os nobres tinham feito construir as suas mansões eternas. A região não possuía o carácter altivo de Mênfis nem o esplendor solar de Tebas, mas conservava os segredos de uma alma rústica, concentrada nas explorações de média envergadura que geravam famílias orgulhosas das suas tradições.

O polícia-babuíno, durante a viagem, não tinha detectado qualquer perigo, cada vez mais doce, o ar primaveril parecia encantá-lo, sem diminuir a perspicácia do seu olhar.

A província de Orix orgulhava-se da gestão da sua água, há séculos que assegurava a subsistência dos seus habitantes, afastava o fantasma da fome e não estabelecia distinção entre o grande e o pequeno. Nos anos de fraca cheia, os depósitos de armazenamento, construídos com apreciável arte, chegavam para irrigar as propriedades. Canais, eclusas e diques eram vigiados permanentemente por especialistas meticolosos, sobretudo durante o período crucial que se seguia ao abaixamento das águas da cheia, muitos campos permaneciam inundados, absorvendo o precioso lodo que justificava a qualificação de “terra negra” atribuída ao Egito. Empoleiradas no cimo das colinas, as aldeias animavam-se cantando em honra da energia fecundante escondida no rio.

De dez em dez dias, o vizir recebia um relatório detalhado sobre as reservas de água do país. Geralmente, sem advertir as autoridades locais, deslocava-se até ao local para inspecionar os trabalhos. Dirigindo-se à capital da província de Orix, Paser ficou sossegado, diques em excelente estado, reservatórios ao longo do caminho e pessoal a limpar os canais ofereciam um espectáculo tranquilizador.

A chegada do vizir gerou uma alegria transbordante, todos queriam ver a ilustre personagem, contar-lhe as suas queixas,

exigir mais justiça. Não havia agressividade nas propostas, a estima e a confiança da população comoveram Paser no mais fundo do seu íntimo e encheram-no de uma força renovada. Para aqueles seres, ele devia salvaguardar o país e impedir a decomposição do reino. Suplicava ao céu, ao Nilo e à terra fecundada, implorava aos mestres poderosos para lhe abrirem o espírito para poder salvar o Faraó.

O chefe da província tinha reunido na sua bela casa branca os seus principais colaboradores: o vigilante dos diques, o dos canais, o distribuidor da água armazenada, o geómetra público e o recortador de trabalhadores temporários, todos ostentavam um semblante entristecido. Inclinararam-se perante Paser, a quem o chefe da província, um sexagenário folião com uma barriga avantajada, cedeu o seu lugar e presidência da assembléia, herdeiro de uma grande geração, chamava-se Laú, “o boi gordo”.

— Esta visita é uma honra para mim — disse ele — e para a minha província.

— Fui alertado por informações, foste tu que as deste?

A brutalidade da pergunta surpreendeu o notável, mas não o chocou, os vizires, sobrecarregados com trabalho, não se deixavam intimidar com mundanidades.

— Fui eu que as enviei.

— Muitas províncias são vítimas dos mesmos problemas, se escolhi a tua, é por causa do seu comportamento exemplar durante muitas dinastias.

— Eu também vou ser direto! Já não entendemos as diretivas do poder central lamentou-se Laú. Geralmente, sou livre para gerir a minha província, mas exigem-me resultados que nunca decepcionaram o Faraó. Porém, desde que as águas deixaram de subir, temos tido ordens para agir contra a razão!

— Explica-te.

— O nosso geómetra público, como faz todos os anos, calculou a cubagem de terra a deslocar e a amontoar para tornar os diques impermeáveis, os números dele foram revistos no abaixamento! Se aceitarmos a retificação, os diques deixarão de ser resistentes e serão destruídos pelo impulso da corrente.

— Quem emana essa vontade de correção?

— O serviço geral de arpentagem de Mênfis. Mas não é tudo! O nosso recrutador de trabalhadores temporários sabe bem o número de homens de que precisa para efetuar a manutenção sempre que é necessário reparar e colmatar os diques. E agora o serviço recusa-lhe metade desses homens, sem justificativa. Mais grave ainda: a utilização dos depósitos submersos. Quem respeita melhor do que nós o tempo de passagem da água de um depósito a montante para um depósito a jusante, de acordo com o ritmo próprio das diversas espécies a cultivar? Mas os serviços técnicos da Dupla Casa branca querem impôr-nos agora datas incompatíveis com as exigências da natureza. E isso para não falar do aumento dos impostos que vai resultar do da produção! O que se passa nos cérebros dos funcionários de Mênfis, isso é que eu gostaria de saber?

— Mostrem-me esses documentos exigiu Paser.

O chefe da província mandou trazer os papiros. Os signatários tanto pertenciam à Dupla Casa branca como aos serviços que Bel-Tran controlava mais ou menos diretamente.

— Dêem-me alguma coisa para escrever.

Um escriba apresentou ao vizir um pequeno tabuleiro com tinta fresca e um cálamo. Com a sua escrita rápida e precisa, Paser anulou as diretivas e assinou.

— Estes erros administrativos estão corrigidos — anunciou — não liguem para estas ordens malucas e sigam os procedimentos habituais.

Espantados, os administradores da província aconselharam-se entreolhando-se, era a vez de Laú intervir.

— Devemos compreender que...

— Somente as diretivas com esta minha nova assinatura terão valor executório.

Maravilhados com a rapidez desta intervenção inesperada, os administradores saudaram o vizir e, alegres, ocuparam-se do seu trabalho. Só o chefe da província conservou um ar preocupado.

— Terias outros problemas para tratar?

— A tua atitude não implica uma espécie de guerra aberta contra Bel-Tran?

— Um dos meus ministros pode enganar-se.

— Nesse caso, porquê mantê-lo no cargo?

Paser receava esta pergunta. Até agora, as disputas tinham-se mantido discretas, mas o assunto da água lançava publicamente divergências graves entre o vizir e o diretor da Dupla Casa branca.

— Bel-Tran possui uma grande capacidade de trabalho.

— Sabes que ele empreende negociações junto dos chefes da província para convencê-los da virtude da sua política? Eu, como os meus colegas, coloco a questão: quem é o vizir, ele ou tu?

— Acabas de ter a resposta.

— Ela tranquiliza-me... Não gostei das propostas dele.

— Quais?

— Um posto importante em Mênfis, vantagens materiais aliciantes, menos problemas...

— Porquê recusar?

— Porque estou satisfeito com aquilo que possuo, Bel-Tran não admite que a ambição seja limitada. Amo esta região e detesto as grandes cidades. Aqui as pessoas respeitam-me, em Mênfis, sou um desconhecido.

— Então, confrontaste-o com uma recusa.

— Aquela personagem assusta-me, confesso: também preferi fazer-me de hesitante. Mas outros chefes de província aceitaram prestar-lhe auxílio, como se tu não existisses. Não estarás a correr o risco de ele se voltar contra ti?

— Se isso acontecer, compete a mim corrigir o meu erro.

Laú não escondeu a sua inquietação.

— Ouvindo-te falar, julgo que o país se arrisca a passar por algumas horas difíceis. Uma vez que preservaste a integridade da minha província, defender-te-ei.

Kem e o macaco estavam sentados no caminho que conduzia à bela mansão, o babuíno comia tâmaras, o polícia observava o que se passava na rua, obcecado com o devorador de sombras e convencido de que o homem das trevas pensava nele com a mesma intensidade.

Quando o vizir reapareceu, o núbio levantou-se.

— Corre tudo bem?

— Ainda uma catástrofe pouco precisa, devemos inspecionar mais outras províncias.

Laú voltou a encontrar Paser e Kem no caminho do cais.

— Um pormenor de que me esqueci... Foste tu que me mandaste um verificador para a água potável?

— Claro que não. Descreve-o.

— Sessenta anos, estatura média, cabeça vermelha e careca, que ele não pára de coçar, irrita-se com muita facilidade, voz fanhosa, tom áspero.

— Mentmosé — murmurou o núbio.

— Como se comportou ele?

— Uma visita banal de inspeção.

— Leva-me aos reservatórios.

A melhor água potável era colhida alguns dias depois da cheia, repleta de sais minerais, regulava a atividade intestinal e favorecia a fecundidade das mulheres. Turva e lodosa, era filtrada, armazenada em grandes ânforas que a conservavam nas melhores condições durante quatro ou cinco anos. A província de Orix exportava por vezes para o sul, nos anos muito quentes.

Laú mandou abrir o reservatório principal, fechado com pesados ferrolhos de madeira. Ficou sem respiração quando descobriu o desastre: as rolhas das ânforas tinham sido retiradas e a água tinha-se espalhado pelo chão.

Como é que uma mulher podia ser assim tão bela? interrogava-se Paser, contemplando Néfêret, arranjada para o banquete organizado por Bel-Tran. A médica-chefe do reino levava a gargantilha com sete fiadas de pérolas de coralina enfeitadas a ouro da Núbia que a rainha mãe Ihe tinha oferecido, ocultava a turquesa, presente do seu mestre Branir, para afastar as forças nocivas. A sua cabeleira de tranças finas e mechas em espiral evidenciava a sua face muito pura e a tez clara e resplandecente, outras fiadas de pérolas pequeninas ornamentavam os seus punhos e tornozelos, um cinto de ametista, presente de Paser, sublinhava a sua cintura estreita.

— Devias começar a vestir-te — observou ela.

— Vou ler mais um relatório.

— Sobre os reservatórios de água potável?

— Mentmosé destruiu cerca de uma dezena, os outros agora estão protegidos. Os arautos reclamam a identificação deste bandido, ou então cairá nas mãos da polícia ou será obrigado a isolar-se.

— Quantos chefes de polícia foram comprados por Bel-Tran?

— Um terço, talvez, mas os trabalhos de manutenção dos diques serão corretamente efetuados. Dei ordens nesse sentido, com interdição de reduzir os efetivos.

Ela sentou-se sobre os seus joelhos, levemente, para o impedir de trabalhar.

— Agora tens mesmo de vestir uma tanga de gala, pões uma cabeleira clássica e uma gargantilha digna da tua posição.

Kem, enquanto chefe da polícia, tinha recebido um convite. Muito pouco à vontade neste tipo de recepção, o núbio levava apenas o punhal com cabo de electro, decorado com rosinhas embutidas em lápis-lazúli e feldspato verde. Refugiado num canto da grande sala de colunas onde Bel-Tran e Silkis recebiam os convidados, vigiava o vizir, rodeado de muitas personalidades. O macaco tinha-se colocado no telhado da casa, de onde observava tudo à sua volta.

Grinaldas de flores contornavam as colunas, a nobreza de Mênfis envergava trajos deslumbrantes, gansos assados e carnes grelhadas eram servidos em travessas de prata e os melhores vinhos em taças importadas da Grécia. Alguns convivas estavam sentados em almofadas, outros em cadeiras. Um grupo de criados mudavam com frequência os pratos de alabastro.

O vizir e a sua esposa presidiam numa mesa de oferendas bem guarnecida, os criados lavaram-lhes as mãos com água perfumada e puseram-lhes à volta do pescoço um colar de centáureas azuis. Cada convidada recebeu uma flor de lótus que fixou na cabeleira.

Tocadores de harpa e de alaúde, e dançarinas de tamborim encantaram a assistência, Bel-Tran tinha pago às melhores profissionais da cidade, exigindo delas melodias inéditas que os amadores apreciariam merecidamente.

Um cortesão muito velho, incapaz de se deslocar, beneficiava de uma confortável cadeira com um buraco que lhe permitia participar nesta noite festiva. Um criado retirava o recipiente em terracota, colocado por baixo do assento, depois de utilizado, e substituía-o por outro, cheio de areia perfumada.

O cozinheiro de Bel-Tran era um artista especializado em ervas aromáticas, tinha conseguido juntar o gosto do rosmaninho, dos cominhos, da sálvia, do funcho e da canela, que era considerada “verdadeiramente nobre”. Os gastrónomos felicitavam-se mutuamente enquanto as conversas avançavam depressa em relação à generosidade do diretor da Dupla Casa branca.

Bel-Tran levantou-se e pediu silêncio.

— Caros amigos, nesta magnífica noite que a vossa presença torna ainda mais maravilhosa, gostaria de prestar uma homenagem àquele de que todos nós respeitamos a autoridade benevolente, o vizir Paser. O vizirato é uma instituição sagrada, através dela se manifesta a vontade do Faraó. Apesar de jovem, o nosso caro Paser é a prova de uma maturidade notável e surpreendente, soube fazer-se amar pela população, tomar decisões rápidas e trabalhar dia a dia para preservar a grandeza do nosso país. Em vosso nome, e a título de homenagem, que este modesto objeto lhe seja oferecido.

O intendente colocou no chão, à frente de Paser, uma taça azul revestida a esmalte, cujo fundo estava decorado com uma

flor de lótus de quatro pétalas.

— Agradeço-vos sentidamente — disse Paser — e permitam-me dar esta obra de arte ao templo de Ptah, deus dos artesãos. Quem poderia esquecer que os templos têm o dever de reunir as riquezas e de redistribuí-las em função das necessidades da população? Quem ousaria diminuir o seu papel sem prejudicar a harmonia e destruir o equilíbrio criado desde a primeira das nossas dinastias? Se estes alimentos são suculentos, se esta terra é fértil, se a nossa hierarquia se baseia nos deveres do homem e não nos seus direitos, é porque Maât, a eterna regra da vida, é nossa guia. Quem a trair, quem a ofender, é um criminoso a quem não deve ser concedida indulgência. Enquanto o sentido da justiça for o nosso valor supremo, o Egito viverá em paz e celebrará festas.

As palavras do vizir entusiasmaram uma parte da assistência e esmoreceram outra. Quando as discussões recomeçaram, as facções atacaram-se silenciosamente, fosse para elogiar a intervenção do vizir, fosse para criticá-la. Seria uma recepção o cenário apropriado para este gênero de declaração? Durante o breve discurso do vizir, a cara de Bel-Tran tinha-se contraído e o seu sorriso crispado não tinha iludido ninguém. Pois não se falava de divergência profunda de opinião entre o chefe do governo e o seu ministro da economia? Mas, devido aos rumores contraditórios, não era fácil distinguir o verdadeiro do falso.

Terminada a refeição, os convivas retomaram o ar fresco dos jardins. Quem foi alvo de atenções a dobrar, seguido de Matador-, o vizir ouvia as queixas de alguns altos funcionários que se lamentavam, com toda a razão, da lentidão da administração. Bel-Tran, num falatório interminável, rodeava um grupo de cortesãos atentos.

Silkis aproximou-se de Néféret.

— Há tanto tempo que desejava falar contigo, finalmente esta noite consegui.

— Estarias tu a pensar divorciar-te?

— Amo tanto Bel-Tran! É um marido maravilhoso. Se eu intervier a teu favor, será evitado o pior.

— Que queres dizer com essa palavra?

— Bel-Tran sente uma estima verdadeira por Paser, por que razão o teu marido não se mostra mais razoável? Os dois juntos fariam um excelente trabalho.

— O vizir não pensa assim.

— Está errado, convence-o a mudar de opinião, Néféret! — Silkis falava num tom ingênuo e adocicado, como uma criança.

— Paser não se deixa iludir.

— Resta tão pouco tempo... Em breve será demasiado tarde. Não será a obstinação do vizir má conselheira?

— O compromisso seria bem pior.

— Chegar ao posto de médica-chefe não foi fácil, porquê arruinares a tua carreira?

— Curar doenças não é uma carreira.

— Nesse caso, não recusarás tratar-me.

— Não estou a pensar nisso.

— Um médico não pode escolher os seus doentes!

— Mas nestas circunstâncias pode.

— De que me acusas?

— Ousarias afirmar que não és uma criminoso?

A senhora Silkis afastou-se.

— Não percebo... acusares-me...

— Alivia a tua consciência. Confessa, não há remédio melhor.

— De que seria eu responsável?

— No mínimo de teres consumido droga.

Silkis fechou os olhos e escondeu a cara com as mãos.

— Pára de proferir essas monstruosidades!

— O vizir possui provas da tua culpa.

Atormentada por uma crise de nervos, Silkis correu a refugiar-se nos seus aposentos. Néféret voltou para junto de Paser.

— Creio ter sido desajeitada.

— Depois da reação da tua interlocutora, estou convencido do contrário.

Bel-Tran interveio irritado.

— O que se passou? Tu...

O olhar de Néféret petrificou o diretor da Dupla Casa branca. Não havia ódio, nem violência, mas uma luz que penetrava a criatura. Bel-Tran sentia-se posto a descoberto, despojado das suas mentiras, dos seus artificios e das suas artimanhas, a sua alma ardia, um espasmo abalou-lhe o peito. Perturbado, interrompeu o combate e deixou a grande sala de colunas.

A recepção tinha terminado.

— Não serás tu uma mágica? — perguntou Paser à sua mulher.

— Sem magia, como lutar contra a doença?

— Na verdade, Bel-Tran contemplou-se a si próprio e o que descobriu não parece tê-lo divertido.

A suavidade da noite encantou-os, durante instantes, esqueceram-se de que o decorrer do tempo jogava contra eles. Puseram-se a sonhar que o Egito nunca iria mudar, que o aroma do jasmim perfumaria para sempre os seus jardins, que a cheia do Nilo alimentaria para sempre um povo unido pelo amor do seu rei.

Uma figura frágil saiu de um bosque e cortou-lhes o caminho. A mulher deu um grito de terror. Com um salto prodigioso, Matador tinha saltado do telhado e aterrado entre ela e o casal, imobilizando-a no mesmo lugar. De boca aberta, narinas dilatadas, estava prestes a atacar.

— Não o deixes fazer-me mal, suplico-te!

— A Senhora Tapeni! — exclamou Paser, colocando a mão direita no ombro de Matador, que voltou a juntar-se a Kem.

— Que estranha forma de me abordares... corres um certo risco.

A bela e frágil morena tremeu durante alguns segundos.

— Tenho de te revistar — declarou o núbio.

— Chega-te para trás!

— Se recusares, peço ao Matador para o fazer no meu lugar.

Tapeni cedeu. Paser achava que o sacerdote que lhe tinha posto o nome de “ratinha” tinha revelado bem a sua verdadeira natureza: vivacidade, nervosismo, astúcia.

Kem esperava encontrar uma agulha de madrepérola, a prova da sua vontade de agredir o vizir e da sua culpa no assassinato de Branir. No entanto, a tecelã não tinha nem a arma nem o instrumento.

— Querias falar comigo?

— Não tarda, não interrogarás mais ninguém.

— Em que se baseia essa tua profecia?

A linda morena mordeu os lábios.

— Mais uma vez, Tapeni, falaste demais ou não o suficiente.

— Ninguém aprova o teu rigor, neste país. O rei será obrigado a expulsar-te.

— Cabe a Sua Majestade decidir, de fato. Já acabaste a conversa?

— Ouvi dizer que o Suti fugiu da fortaleza onde cumpria a sua pena de exílio.

— Estás bem informada.

— Não penses que ele vai voltar!

— Tornarei a vê-lo vivo... e tu também.

— Ninguém escapa ao isolamento da Núbia. Ele morrerá de sede.

— A lei do deserto já lhe foi favorável. Suti sobreviverá e acertará as suas contas.

— Isso é contra a justiça!

— Lamento, mas como controlá-lo?

— Deves garantir a minha segurança.

— Como a de todos os habitantes do país.

— Manda procurar Suti e prende-o.

— No deserto da Núbia? Impossível. Sejamos pacientes e esperemos que ele se manifeste. A continuação de uma noite agradável, Tapeni.

Escondido atrás do tronco enorme de um sicômoro, o devorador de sombras viu passar o vizir, a sua mulher, Kem e o seu maldito babuíno com as orelhas à escuta.

Depois do seu recente contratempo, o assassino tinha tido vontade de tentar um ato de violência durante a recepção. Mas o núbio vigiava o interior e o macaco o exterior. Não iria ele estragar vários anos de sucesso, num simples acesso de vaidade, só para provar que ninguém, nem mesmo um vizir, lhe escapavam?

Devia manter o sangue-frio. Depois de ter esmagado a cabeça de Pernas-curtas, chantagista medíocre que tinha cometido o erro de enganá-lo, o devorador de sombras sentira as suas mãos tremer pela primeira vez. Matador não o impressionava mais do que dantes, mas não conseguir eliminar Paser horrorizava-o. Teria alguma força estranha a protegê-lo? Não, tratava-se tão só de um polícia núbio e de um babuíno de inteligência arguta.

O devorador de sombras ganharia o combate mais renhido da sua carreira.

Suti apalpou os lábios, as faces, a testa, mas não reconheceu os traços da sua fisionomia. Agora era só uma massa dilatada e dolorosa, as pálpebras inchadas impediam-no de ver. Estendido numa maca transportada por seis núbios corpulentos, não chegou a mexer as pernas.

— Estás aí?

— Claro — respondeu Pantera.

— Então mata-me.

— Vais sobreviver, mais alguns dias e o veneno dissipa-se. Quando começares a falar, o teu sangue circulará outra vez. O velho guerreiro negro não percebe como o teu organismo resistiu.

— As minhas pernas... Estou paralisado!

— Não, estás amarrado. As convulsões incomodavam os carregadores. Eram sem dúvida pesadelos. Sonhavas com a senhora Tapeni?

— Estava num mar de luz onde ninguém me importunava.

— Merecias ser abandonado à beira do caminho.

— Há quanto tempo estou inconsciente?

O sol ergueu-se três vezes.

— Avançamos muito?

— Caminhamos em direção ao nosso ouro.

— Não há soldados egípcios?

— Ninguém à vista, mas aproximamo-nos da fronteira, os núbios estão a ficar nervosos.

— Eu volto a assumir o comando.

— No teu estado?

— Desprende-me.

— Sabes que és detestável?

Pantera ajudou Suti a pôr-se de pé.

— Como é bom sentir a terra! Rápido, um pau.

Apoiado a uma cana grossa, Suti marchou à frente do clã. O seu orgulho deixava Pantera fascinada.

O bando passou a oeste de Elefantina e do posto fronteiriço da primeira província do sul. Alguns guerreiros isolados tinham-se juntado durante a lenta subida em direção ao norte. Suti confiava nos seus combatentes arrojados e experientes. Se voltassem a encontrar polícias do deserto não hesitariam em atacá-los.

Os núbios seguiam a deusa loira. Carregados de ouro, sonhavam com conquistas e vitórias, guiados pelo egípcio, mais forte do que um escorpião. Transpuseram uma barreira de granito tomando atalhos estreitos, caminharam pelo leito de um rio seco, mataram um animal para se alimentarem, beberam com parcimónia e continuaram sem se queixarem.

O rosto de Suti tinha adquirido de novo a sua beleza e o herói a sua alegria. Primeiro a levantar-se, último a deitar-se, alimentava-se do ar do deserto e mantinha-se infatigável. Pantera amava-o ainda mais, o jovem tinha a estatura de um autêntico chefe guerreiro cujas palavras se impunham e as decisões não se discutiam.

Os núbios tinham-lhe feito vários arcos de tamanhos diversos que utilizou para matar antílopes e um leão. Com um instinto muito seguro, como se tivesse percorrido durante toda a vida os caminhos inexploráveis, conduziu o seu pequeno exército até junto da água.

— Um grupo de polícias vem nesta direção — avisou um guerreiro negro.

Suti identificou-os imediatamente: “os de olho perspicaz” percorriam o deserto para assegurar a segurança das caravanas e para prender os larápios dos beduínos. Geralmente, não se aventuravam por aquelas paragens.

— Ataquemo-los — recomendou Pantera.

— Não — replicou Suti. — Escondamo-nos e deixemo-los afastarem-se.

Os núbios esconderam-se num monte rochoso por onde passaram os polícias, os cães, sequiosos e fatigados, não deram pela sua presença. No fim da missão, o grupo dirigiu-se para o vale.

— Tê-los-íamos exterminado sem dificuldade — resmungou Pantera, deitada ao lado de Suti.

— Se eles não tivessem voltado, o posto de Elefantina teria dado o alerta.

— Tu não queres matar egípcios... mas eu sonho com isso! E tu, o pária, estás à frente dos núbios dissidentes cujo único ofício é a guerra. Não tarda terás de lutar, faz parte da tua natureza, Suti, e não podes evitá-lo.

A mão da Pantera acariciou o tronco do seu amante, dissimulados pelos dois blocos de granito, esquecidos do perigo, abraçaram-se no calor do monte. Coberta de jóias de ouro da cidade perdida, a pele curtida e queimada, a líbia fazia do seu corpo uma lira e cantava uma melodia calorosa de que Suti saboreava cada nota.

— É ali — disse Pantera — reconheço a paisagem.

A líbia apertou o pulso de Suti até quase o partir.

— O nosso ouro está ali, naquela caverna. Para mim, é muito mais precioso do que qualquer outra coisa. Mataste um general egípcio para te apoderares do ouro dele.

— Já não precisamos dele.

— Pelo contrário! Com ele serás o senhor do ouro.

Suti não conseguia tirar os olhos da gruta onde tinha escondido o tesouro de um general traidor, que a lei do deserto tinha condenado à morte. Pantera tinha tido razão em arrastá-lo até ali, recusar aquele episódio da sua vida e deixá-lo no esquecimento teria sido uma infâmia. Como o seu amigo Paser, Suti estava apaixonado pela justiça, se o seu braço não tivesse ferido o fugitivo, ela não teria sido feita. O céu tinha-lhe concedido o ouro do traidor, destinado a comprar a sua tranquilidade ao líbio Adafi.

— Anda, — exigiu ela, — anda contemplar o nosso futuro.

Ela avançou, soberba. A gargantilha e as pulseiras refletiam o sol quase a ponto de cegarem. Os núbios ajoelharam-se, fascinados pela marcha lenta da sua deusa de ouro em direção ao santuário que só ela conhecia. Se ela os tinha conduzido até tão longe em território Egípcio, era para aumentar o seu poder mágico e torná-los invencíveis. Quando entrou na gruta com Suti, os negros cantaram a melopéia inesquecível saudando o regresso da noiva longínqua, prestes a celebrar as bodas com a alma do seu povo.

Pantera estava convencida de que este ato de posse consolidava o seu destino ao uni-lo com o de Suti. O instante presente seria portador de mil e um destinos de cores cintilantes.

Suti revivia a morte do general Asher, o assassino desprezível, convencido de que ia escapar ao tribunal do vizir e viver uma velhice feliz na Líbia, onde teria incitado distúrbios contra o Egito. O jovem não se arrependia do que tinha feito, nele estava inscrita a rectidão dos espaços áridos onde não passava a mentira.

A gruta pareceu-lhe fresca. Os morcegos, incomodados, esvoaçaram por todo o lado até se pendurarem de novo das paredes, com a cabeça para baixo.

— Era mesmo aqui — lamentou Pantera — mas onde é que está o carrinho?

— Avancemos.

— É inútil. Lembro-me do lugar exato onde o tínhamos escondido. — Suti procurou, em vão, no esconderijo menor. — A gruta estava vazia.

— Quem poderá ter sabido... quem se atreveu...

Doida de raiva, Pantera arrancou a gargantilha de ouro e a desfez em pedaços contra a rocha.

— Vamos revistar esta caverna miserável!

Suti apanhou um pedaço de pano.

— Olha isto.

Ela inclinou-se sobre a descoberta.

— Lã colorida indicou ele, os ladrões não são demônios da noite, são corredores da areia. Quando tiraram o carrinho, um ou dois deles rasgaram a túnica numa saliência da parede.

Pantera voltou a ter esperança.

— Vamos procurá-los.

— É inútil.

— Não vou desistir.

— Eu também não.

— O que achas?

— Ficamos aqui à espera, com paciência. Eles voltam.

— Como podes estar tão certo?

— Com a pressa de explorarmos as grutas, esquecemo-nos do cadáver.

— Asher está bem morto.

— O esqueleto dele deveria ter ficado no lugar onde o matei.

— O vento...

— Não. Os amigos dele levaram-no. E esperam-nos, para se vingarem.

— Caímos numa armadilha?

— As sentinelas viram-nos chegar.

— E se não tivéssemos voltado?

— É pouco provável. Durante vários anos, eles teriam ficado no seu posto, enquanto não tivessem certeza de que estávamos mortos. Terias procedido de outra forma se tivesses sido aliada do general? É essencial que nos identifiquem e um prazer que nos eliminem.

— Lutaremos.

— Desde que nos deixem preparar a defesa. Levaram até o meu arco... Ficarão encantados se me matarem com a minha própria flecha.

De peito nu, seios firmes, esplêndidos, entregues ao sol, Pantera discursou para os seus amigos. Explicou-lhes que os corredores da areia tinham saqueado e roubado o santuário da deusa do ouro. Parecia inevitável enfrentá-los e ela sabia que Suti não os deixaria ficar mal.

Ninguém protestou, nem mesmo o velho guerreiro. A idéia de fazer a areia beber o sangue dos beduínos deixava-o rejuvenescido. Os núbios provariam o seu valor. Frente a frente ninguém os igualava.

Apesar se dar por convencido, Suti, ex-tenente da cavalaria, construiu um verdadeiro campo entrincheirado com blocos atrás dos quais os guerreiros núbios estariam protegidos. Na gruta armazenaram os odres cheios de água, a comida e as armas. A uma certa distância da sua posição, cavaram buracos, distribuídos de forma irregular.

E esperaram.

Suti saboreou este tempo estático, atento aos cânticos secretos do deserto, aos seus movimentos invisíveis e à conversa do vento. Sentado numa rocha como um escriba, como se fizesse parte dela, mal dava pelo calor. Receava menos o barulho das armas do que o barulho e a agitação da cidade. Ali, o mínimo gesto devia estar em harmonia com o silêncio para poder trazer até aos seus ouvidos os passos dos nômades. Apesar de Paser o ter abandonado, ele teria gostado de tê-lo ao seu lado, de partilhar com ele aquele momento que poria fim ao crime. Sem dizer nada, sentir-se-iam menos sós, com o olhar perdido no horizonte ocre, devorador do efêmero.

Felina, Pantera abraçou-o pelas costas. Doce como um perfume de Primavera, acariciou-lhe a cabeça.

— E se estivesses enganado?

— Não havia problema.

— Talvez o suficiente para estes saqueadores terem roubado o nosso ouro.

— Interrompemos um tráfico. Não basta recuperar a mercadoria. Eles devem identificar-nos.

Por causa do calor e seguindo a tradição, os núbios e os egípcios, fora da cidade, andavam nus. Pantera não deixava de admirar o corpo magnífico do amante que também admirava o dela. A pele morena não temia o sol e encorajava o desejo. Todos os dias a deusa loura mudava de jóias, o ouro embelezava todas as suas curvas e deixava-a acessível só para Suti.

— Tu combates os líbios, se eles estiverem do lado dos corredores da areia.

— Matarei os ladrões.

O beijo deles foi digno da imensidade, os seus corpos unidos rolaram pela areia fina que uma brisa do norte levantava.

O velho guerreiro chamou a atenção de Suti para o fato de o moço de fretes ainda não ter voltado com a água.

— Quando é que ele partiu?

— Quando o sol apareceu por cima da gruta. Agora, pela sua posição no céu, ele já deveria ter regressado.

— Podia não haver água.

— O poço ia dar-nos de beber durante várias semanas.

— Confiavas nele?

— Era meu primo.

— Ataque de leão...

— As feras bebem à noite. Ele sabia evitar o ataque.

— Vamos procurá-lo?

— Se não voltar antes do entardecer é porque o mataram.

As horas passaram. Os núbios já não cantavam. Imóveis, olhavam na direção do poço de água, por onde o companheiro deveria ter aparecido.

O astro do dia tombou, mergulhou na montanha do ocidente e desceu pela barca da noite para percorrer os espaços subterrâneos onde enfrentaria o enorme dragão que tentaria absorver a água do universo e secar o Nilo.

O caminho continuou vazio.

— Mataram-no — afirmou o velho guerreiro.

Suti fez redobrar a vigilância. Talvez os agressores se aproximassem da gruta. Se fossem exploradores do deserto não hesitariam em violar as leis da guerra e atacar de noite.

Sentado de frente para o deserto, perguntava a si mesmo, sem angústia, se não estaria a viver as últimas horas da sua vida. Seriam elas um sinal da serena gravidade das rochas esquecidas ou do furor de um último combate?

Pantera enroscou-se nele.

— Sentes-te pronto?

— Tanto como tu.

— Não queiras morrer sem mim. Transporemos juntos a porta do além. Mas antes de tudo, seremos ricos e viveremos como reis, se a tua vontade for forte, conseguiremos. Sê um chefe, Suti, não desperdices a tua energia.

Como ele não respondesse, Pantera respeitou o seu silêncio e também adormeceu.

O ar frio acordou Suti. O deserto estava cinzento, com uma luz matinal que transparecia espessa por entre o nevoeiro. Pantera abriu os olhos.

— Aquece-me.

Ele abraçou-a, mas afastou-se bruscamente com os olhos fixos no além.

— A postos — ordenou aos núbios.

Do nevoeiro emergiam dezenas de soldados e carros.

Com os cabelos compridos, a barba mal aparada, um pano enrolado na cabeça, uma túnica grande com riscas coloridas, os corredores da areia permaneciam unidos, ao lado uns dos outros. Alguns, esfomeados, tinham as clavículas salientes, os ombros cavados e as costelas visíveis, pelas costas arqueadas, caíam tranças enroladas.

Manejando os arcos em simultâneo, fizeram um primeiro lançamento de flechas que não atingiu nenhum núbio. Como Suti tinha dado ordem de não responder, os beduínos encheram-se de coragem e aproximaram-se em grande gritaria.

Os arqueiros núbios mostraram-se à altura da sua reputação, nem um falhou o alvo. Além disso, a sua cadência de tiro foi rápida e constante, de um para dez, restabeleceram logo o equilíbrio. Os sobreviventes recuaram, dando lugar aos carros ligeiros, feitos de correias de couro entrecruzadas e cobertas de peles de hiena, por fora, a figura agressiva de uma divindade a cavalo. Um homem segurava as rédeas, um outro uma lança. Ambos tinham uma barbicha e a pele acobreada.

— Líbios — observou Suti.

— É impossível — objetou a Pantera, mortificada.

— Líbios associados aos corredores da areia. Lembra-te do que prometeste.

— Eu falo com eles. Não vão me atacar.

— Enganas-te.

— Deixa-me tentar.

— Não corras esse risco.

Os cavalos campeavam. Cada soldado, de lança em riste, erguia um escudo à altura do peito, chegando perto do adversário, atiraria a sua lança.

A líbia levantou-se e saiu do abrigo. Atravessou a linha dos blocos e deu alguns passos na extensão plana que a separava dos carros.

— Deita-te — gritou Suti.

Uma lança era arremessada, potente e exata.

A flecha de Suti atravessou a garganta do lançador, sem que o seu gesto terminasse. Atirando-se de lado, Pantera tinha evitado o golpe fatal. Rastejou para voltar à gruta.

Os assaltantes atacaram enquanto os núbios, furiosos por causa da agressão à sua deusa de ouro, dispararam flechas, umas a seguir às outras.

Os condutores dos carros viram demasiado tarde os buracos feitos na areia, alguns evitaram-nos, outros voltaram para trás, mas a maioria caiu na armadilha. As rodas deslocaram-se, as caixas partiram-se, os ocupantes foram atirados ao chão. Os núbios lançaram-se sobre eles e não lhes deram tréguas, do campo de batalha tornaram a levar cavalos e lanças.

No fim do primeiro combate, Suti só tinha perdido três núbios e infligido perdas elevadas à aliança formada por beduínos e líbios. Os vencedores aclamaram a deusa de ouro e o velho guerreiro compôs um cântico em sua honra. Apesar da ausência do vinho de palma, a embriaguez dominava os espíritos. Suti teve mesmo de elevar a voz para impedir que os soldados abandonassem as suas posições. Cada um desejava exterminar sozinho o que restava do inimigo.

Um carro pintado de vermelho surgiu de uma nuvem de poeira. Um homem desarmado desceu, com os braços pendentes. Altivo, tinha uma cabeça curiosamente quadrada, desproporcionada em relação ao corpo. A voz rouca ouvia-se ao longe.

— Quero falar com o vosso chefe.

Suti apareceu.

— Estou aqui.

— Como te chamas?

— E tu?

— Chamo-me Adafi.

— Sou Suti, oficial do exército do Egito.

— Falemos mais perto. Gritar não leva a uma conversa construtiva.

Os dois homens aproximaram-se.

— Então, és tu, Adafi, o inimigo figadal do Egito, o conspirador, o fomentador de distúrbios?

— Foste tu que mataste o meu amigo, o general Asher?

— Tenho essa honra, apesar da morte desse traidor ter sido muito suave.

— Um oficial egípcio à frente de um grupo de nômades núbios... Também já não és um traidor?

— Roubaste o meu ouro.

— Pertencia-me. Era o preço acordado com o general para uma retirada pacífica no meu território.

— Esse tesouro é meu.

— Com que direito?

— Saque de guerra.

— Não te falta atrevimento, meu jovem.

— Reclamo aquilo que me é devido.

— O que sabes do meu tráfico com os mineiros?

— O teu bando está aniquilado e não tens apoio nenhum no Egito. Desaparece o mais depressa possível e refugia-te nos confins do teu país bárbaro. Talvez a fúria do Faraó não te atinja.

— Se queres o teu ouro, precisas ganhá-lo.

— Ele está aqui?

— Debaixo da minha tenda. Uma vez que venceste o general Asher, que eu tive de enterrar, por que razão não nos tornamos amigos? À guisa de pacto, proponho-te a metade do ouro.

— Exijo a totalidade.

— Pedes demasiado.

— Já perdeste muitos homens. Os meus guerreiros são superiores aos teus.

— Isso é certamente verdade, mas conheço as tuas armadilhas e nós somos em número mais elevado.

— Os meus núbios lutarão até ao fim.

— Quem é a mulher loira?

— A deusa deles, de ouro. Graças a ela, eles não temem o medo.

— A minha espada resolverá essa superstição.

— Se sobreviveres.

— Se recusares colaborar, elimino-te.

— Não me escapas, Adafi. Serás a minha vitória mais importante.

— O orgulho dá-te volta à cabeça.

— Se queres poupar a vida dos teus soldados, desafia-me.

O líbio examinou atentamente Suti.

— Contra mim não tens qualquer chance.

— Cabe-me a mim decidir.

— És muito novo para morrer.

— Se ganhar fico outra vez com o meu ouro.

— E se perderes?

— Ficas tu com o meu.

— Com o teu... o que queres dizer?

— Os meus núbios transportam uma boa quantidade de metal precioso.

— Foste tu quem retomou o tráfico, no lugar do general.

Suti ficou calado.

— Perecerás — profetizou Adafi, de semblante franzido.

— Que armas vamos utilizar?

— Cada um com as suas.

— Exijo a assinatura de um acordo, aprovado pelos dois campos.

— Os deuses serão testemunhas.

A cerimônia foi organizada imediatamente. Participaram três líbios e três núbios, entre os quais o velho guerreiro. Invocaram os gênios do fogo, do ar, da água e da terra, encarregados de destruir o eventual perjúrio, e depois tiveram uma noite de repouso antes do duelo.

Perto da gruta, os núbios formaram um círculo à volta da deusa de ouro. Imploraram a sua proteção e suplicaram-lhe que concedesse a vitória aos seus heróis. Com pedras friáveis que deixavam marcas avermelhadas na pele decoraram o corpo de Suti com símbolos de guerra.

— Não faças de nós escravos.

O egípcio sentou-se virado para o sol, extraíndo da luz do deserto a força dos gigantes de outrora, capazes de deslocar blocos de granito para construir templos onde encarnava o invisível. Se tivesse recusado a via dos escribas e dos sacerdotes, Suti sentia a presença de uma energia oculta tanto no céu como no sol, absorvia-a, respirando, e canalizava-a, concentrando-se no objetivo a atingir. Pantera ajoelhou-se ao seu lado. É uma loucura. Adafi nunca foi vencido.

— Qual é a arma que ele prefere?

— A lança.

— A minha flecha será mais rápida.

— Não te quero perder.

— Uma vez que desejas ser muito rica, preciso correr riscos. Acredita em mim, não havia outra solução, repugnava-me ver aqueles núbios massacrados.

— É-te indiferente se eu ficar viúva?

— Enquanto deusa de ouro, tu proteges-me.

— Quando Adafi te tiver matado, enfio-lhe um punhal na barriga.

— Os teus compatriotas vão linchar-te.

— Os núbios defender-me-ão. Será esse o massacre que tu tanto receias!

— A menos que seja eu o vencedor.

— Enterrar-te-ei no deserto e queimarei viva a senhora Tapeni.

— Autorizar-me-ás a acender a fogueira?

— Amo-te quando sonhas. Amo-te porque sonhas.

A névoa cobriu novamente o deserto, sufocando a claridade do amanhecer. Suti avançou, fazendo ranger os pés na areia. Na mão direita, empunhava um arco de tamanho médio, o melhor que possuía, na esquerda, uma só flecha. Não teria tempo de puxar outra, Adafi tinha a reputação de um lutador invencível, que nenhum adversário nunca tinha conseguido pôr em perigo. Impossível de ser apanhado, teimava em escapar às expedições da polícia para apanhá-lo, a sua atividade preferida consistia em armar rebeldes e saqueadores para levar a insegurança às províncias ocidentais do Delta. Não sonharia Adafi reinar no norte do Egito?

Os raios de sol rasgavam um céu nublado. Muito digno na sua túnica vermelha e verde, os cabelos escondidos num turbante negro, mantinha-se a cerca de cinquenta metros do seu adversário.

Suti soube que ele estava perdido.

Adafi não trazia lança, mas sim o arco preferido do egípcio, o que ele tinha roubado da gruta. Uma arma de qualidade excepcional, em madeira de acácia, capaz de atirar uma flecha a mais de sessenta metros.

Aquela que Suti utilizaria parecia quase irrisória, com uma precisão aleatória, não lhe permitia matar o líbio, e muito menos feri-lo. Se ele tentasse aproximar-se, Adafi puxaria a primeira, sem sequer lhe dar a possibilidade de responder.

A cara do líbio tinha mudado: dura, firme, não apresentava o mais leve traço de humanidade. Adafi queria matar, o seu espírito só desejava a morte. Com o olhar gélido, esperava que a sua presa se mexesse.

O ex-tenente da cavalaria compreendeu por que razão o líbio vencia sempre os duelos. De barriga para baixo atrás de um pequeno monte, sobre a esquerda, um outro arqueiro líbio protegia Adafi. Agiria antes do seu mestre, coordenariam os movimentos?

Suti censurou a sua estupidez. Um combate sincero e leal, o respeito pelo prometido... Adafi pensara em todos os momentos. O primeiro instrutor do jovem egípcio tinha-lhe ensinado, no entanto, que os Beduínos e os Líbios atacavam pelas costas. Aquele esquecimento custar-lhe-ia a vida.

Adafi, Suti e o líbio emboscado tenderam o arco ao mesmo tempo. O egípcio manifestou um esforço progressivo, aumentando aos poucos a tensão. A sua atitude divertia Adafi, este último tinha pensado que Suti tentaria eliminar o primeiro homem à sua esquerda e depois atiraria outra flecha na sua direção. Mas ele só estava munido com um projétil.

De soslaio, o jovem assistiu a uma cena tão violenta quanto rápida. Pantera aproximou-se de repente do líbio agachado pelas costas e cortou-lhe a garganta. Adafi observou o drama e apontou a flecha em direção à mulher loira que se baixou rente à areia. Suti aproveitou este erro, esticou a corda ao máximo, fez pontaria e projetou o seu espírito no alvo. Consciente de que tinha errado, Adafi precipitou o tiro.

A sua flecha passou rente à face direita de Suti, a do egípcio cravou-se no olho direito do líbio. Aterrado, Adafi caiu de bruços no chão.

Enquanto os núbios proclamavam a vitória, Suti cortou a mão direita do vencido e agitou o arco no ar.

Os corredores da areia e os líbios largaram as armas e prosternaram-se perante o casal abraçado, Suti e Pantera.

O rosto da deusa de ouro transbordava de alegria, rica, feliz, com um exército inteiro ajoelhado a seus pés, soldados líbios obrigados a obedecerem-lhe, ela assistia à concretização dos seus mais desvairados sonhos.

— São livres de partir ou de me obedecerem — declarou Suti. — Se me seguirem, alcançarão o ouro. À mínima desobediência, eu próprio vos mato.

Ninguém se mexeu. A recompensa prometida teria seduzido os mercenários mais desconfiados. Suti examinou os carros e os cavalos, ambos o satisfizeram. Com alguns carros bem treinados e arqueiros núbios superiores a qualquer rival, o ex-tenente dispunha de um exército eficaz e coeso.

— És o senhor do ouro — disse Pantera, radiosa.

— Salvaste-me outra vez a vida.

— Já o tinha dito: sem mim, não conseguirás grande coisa.

Suti distribuiu um primeiro pagamento, que dissipou qualquer animosidade. Os líbios ofereceram vinho de palma aos núbios e a confraternização transformou-se numa orgia de álcool acompanhada de cânticos e gargalhadas. O seu novo chefe tinha-se isolado, preferindo o silêncio do deserto. Pantera foi ao seu encontro.

— Esquecias-te de mim no teu sonho?

— Não és tu que o inspiras?

— Prestaste um serviço muito grande ao Egito. Ao matares Adafi, eliminaste um dos seus adversários mais tenazes.

— O que vamos fazer desta vitória?

Com uma tanga modesta, sandálias velhas e a barba mal feita, o vizir Paser passeava no grande mercado de Mênfis, misturando-se com o povo. Seria esta a melhor forma de saber o que a população pensava? Satisfeito, verificou que havia produtos variados à disposição dos clientes. Como a circulação dos barcos no Nilo era permanente, a entrega dos produtos alimentares beneficiava de uma regularidade apreciável. Uma verificação recente das instalações portuárias e das docas, onde os barcos eram revistos duas vezes por ano, tinha demonstrado o excelente estado da frota mercante.

Paser reparou que a troca de gêneros era suficientemente regular e que se realizava de acordo com os princípios habituais, a inflação, bem controlada, não penalizava os mais modestos. Entre os comerciantes, havia um elevado número de mulheres que ocupavam funções vantajosas e cobiçadas. No meio das discussões, o aguadeiro acalmava os queixosos: O meu coração está contente! exclamava o camponês, feliz por ter conseguido uma bilha em troca de uns bons figos. Curiosos juntaram-se à volta de uma magnífica peça de linho que dois vendedores de tecidos desdobravam.

— Um pano divino! — comentou uma senhora abastada.

— É por isso que o preço é alto — indicou o fabricante.

— Desde a nomeação do novo vizir que os aumentos desnecessários são mal vistos.

— Ainda melhor! Vende-se mais e compra-se melhor. Se comprar este pano, leva também um lenço.

Enquanto o negócio era fechado, Paser interessou-se por um vendedor de sandálias, penduradas pelos cordões numa travezinha de madeira que sustentava duas colunas.

— Devias mudar de sandálias, meu jovem — disse o especialista. — Já andaste demais com essas, a sola deve estar quase rota.

— Não tenho forma de trocá-las.

— Pareces honesto, troco-tas fiado.

— É contra os meus princípios.

— Quem paga dívida, faz cabedal! Combinado. Conserto-te as velhas por pouca coisa.

Guloso, Paser comeu um bolo de mel, longe das conversas sobre o que iria ser a próxima refeição. Não houve nenhum problema nas propostas nem nenhuma contestação à atividade do vizir. No entanto, este não parecia nada convencido, o nome do Ramsés quase não era pronunciado.

Paser aproximou-se de uma vendedora de unguentos e negociou um frasquinho.

— É um bocado caro — opinou ele.

— És da cidade?

— Não, do campo. O prestígio de Mênfis atraiu-me, Ramsés fez desta cidade a mais bela do mundo. Gostava tanto de vê-lo! Quando é que ele sai do palácio?

— Ninguém sabe, dizem que está doente e que reside em Pi-Ramsés, no Delta.

— Ele, o homem mais robusto do país?

— Corre o boato de que o seu poder mágico se esgotou.

— E então, precisa se regenerar!

— Isso ainda será possível?

— Então, um soberano novo como ele...

A vendedora abanou a cabeça.

— O que vai então acontecer a Ramsés?

— Quem pode saber?

Ouviram-se gritos. A multidão dispersou, abrindo caminho a Matador. Com alguns saltos, foi até aos pés de Paser. A vendedora, convencida de que estava a falar com um ladrão e de que o babuíno-polícia ia prendê-lo, passou rapidamente uma corda à volta do pescoço do delinquente para imobilizá-lo. Ao contrário do costume, o macaco não mordeu a barriga da perna

da vítima, mas ficou plantado à frente dela até Kem chegar.

— Fui eu que o prendi! — gabou-se a vendedora — Tenho direito a um prêmio?

— Veremos — respondeu o núbio ao levar Paser.

— Pareces furioso — observou o vizir.

— Por que não me avisaste? Foste muito imprudente!

— Ninguém podia reconhecer-me.

— Ainda bem que Matador te encontrou.

— Precisava ouvir as pessoas.

— O que sabes mais, agora?

— A situação não é boa. Bel-Tran prepara as pessoas para a queda de Ramsés.

Néféret estava atrasada, apesar da responsabilidade de presidir à comissão administrativa. Alguns impertinentes acusá-lam de vaidosa apesar de ela ter estado a tratar da Diabrete, a pequena macaca verde, acometida de indigestão, Bravo, o cão, vítima de uma tosse espasmódica, e Vento do Norte, o burro, que tinha esfolado uma pata.

Considerava uma prioridade ocupar-se dos três talentos da casa.

A assembléia de notáveis levantou-se quando a médica-chefe do reino entrou e inclinou-se perante ela. A beleza de Néféret dissipou as veleidades dos críticos, sempre que falava, a sua voz era como um bálsamo e os veteranos não largavam esse remédio.

A presença de Bel-Tran surpreendeu Néféret.

— A administração delega-me como seu interlocutor financeiro — explicou. — Hoje em dia, devem adotar-se medidas relativas à saúde pública, tenho de garantir que elas não vão comprometer o equilíbrio financeiro do Estado de que sou responsável perante o vizir.

Geralmente, a Dupla Casa branca contentava-se em enviar um delegado, a intervenção do diretor anunciava um combate para o qual Néféret não estava preparada.

— Não estou satisfeita com o número de hospitais nas capitais de província e nas pequenas povoações. Proponho a criação de uma dezena de estabelecimentos segundo o modelo dos de Mênfis.

— Discordo — interveio Bel-Tran — o custo seria enorme.

— Os chefes de província financiarão a construção, o serviço de saúde atribuir-lhes-á os médicos competentes e assegurará o seu funcionamento. Não necessitaremos da ajuda da Dupla Casa branca.

— O pagamento dos impostos será afetado!

— De acordo com o decreto do Faraó, são os chefes de província que escolhem: ou obedecem à tua administração ou melhoram os equipamentos sanitários. Escolheram a segunda solução conforme os aconselhei, e legalmente. Continuaremos no próximo ano, espero.

Bel-Tran foi obrigado a inclinar-se, não pensava que Néféret tivesse agido com tanta habilidade e prontidão. Sem ostentação, mantinha laços próximos com os responsáveis de cada local.

— Segundo o “livro de proteção”, que data do tempo dos antigos fundadores, o Egito não deve negligenciar nenhuma das suas crianças, compete-nos a nós, enquanto médicos, tratar daqueles que sofrem. Ramsés, no início do seu reinado, prometeu uma vida feliz aos jovens, a saúde é para todos um ingrediente essencial dessa felicidade. Foi por isso que decidi formar mais médicos e enfermeiros, para que cada um, seja qual for o lugar onde mora, possa beneficiar dos melhores tratamentos.

— Desejo uma modificação na hierarquia médica — declarou Bel-Tran. — É preciso dar mais importância aos especialistas e muito menos à clínica geral. No futuro, com a abertura do Egito ao mundo, os especialistas enriquecerão facilmente e nós exportá-los-emos proveitosamente.

— Enquanto eu for médica-chefe — afirmou a jovem — preservaremos a tradição, se os especialistas tomassem o poder, a medicina perderia a visão do essencial: o ser humano no seu todo, a harmonia do espírito e do corpo.

— Se não aceitas a minha proposta, a Dupla Casa branca ser-te-á hostil.

— Isso é uma chantagem?

Bel-Tran levantou-se. Imperioso, dirigiu-se à assembléia.

— A medicina egípcia é a mais reputada, muitos sábios estrangeiros vêm ao nosso país para aprenderem as bases. No entanto, é preciso reformar os nossos métodos e rentabilizar mais esta fonte de riqueza. A vossa ciência merece mais, acreditem! Façamos mais remédios, utilizemos as drogas e os venenos cujos segredos conhecemos, preocupemo-nos com a quantidade! É este o futuro.

— Não aceitamos.

— Fazes mal, Néfêret. Vim avisá-los, a ti e aos teus colegas, como amigo. Recusar a minha ajuda seria um erro desastroso.

— Aceitá-lo seria destruir a nossa vocação.

— Não se trata de um valor comercial.

— Nem a saúde.

— Enganas-te, como o vizir. Defender o passado não vos leva a lugar nenhum.

— A tua é uma doença que eu não sou capaz de curar.

Bagey, o antigo vizir, tinha ido visitar Néfêret por causa de umas dores insuportáveis nos rins e de urina ensanguentada. A médica-chefe tinha-o examinado durante mais de uma hora e diagnosticado uma hematúria parasitária, que curaria com um preparado poderoso, um composto de sementes de pinheiro manso, junca, meimendro, mel e terra da Núbia⁹, para beber todas as noites, ao deitar. A terapeuta sossegou o paciente, o tratamento seria eficaz.

— O meu organismo está gasto — lamentou-se Bagey.

— És mais robusto do que pensas.

— A minha resistência diminui.

— A infecção é a causa dessa fraqueza passageira, asseguro-te uma recuperação rápida, seguida de uma longa velhice.

— Como está o teu marido?

— Gostava de te ver.

Paser e Bagey caminharam à sombra das árvores do jardim. Feliz com aquele passeio imprevisto, Bravo acompanhou-os, respirando o ar dos canteiros de flores.

— Bel-Tran ataca por todas as frentes, mas consigo travá-lo.

— Foste bem recebido pelos principais responsáveis da administração?

— Alguns aceitam-me, outros desconfiam de Bel-Tran, felizmente, a sua brutalidade e ambição demasiado visíveis ofendem algumas consciências. Muitos escribas são fiéis à velha sabedoria que criou este país.

— Acho-te mais sereno, mais seguro.

— É só aparência, cada dia é uma luta, e não posso prever de onde surgem os golpes. Falta-me a tua experiência.

— Não te iludas, já não tinha a energia necessária. O Faraó tomou a decisão acertada ao escolher-te. Bel-Tran percebeu, não contava com tanta resistência da tua parte.

— Como é possível trair assim o Egito?

— A natureza humana é capaz do pior.

— Às vezes sinto-me desencorajado, as pequenas vitórias que alcanço não atenuam o decorrer dos dias. A Primavera começou, já se fala da próxima cheia.

— E o que pensa Ramsés?

— Incita-me a trabalhar. Sem ceder um palmo de terreno que seja a Bel-Tran, tenho a impressão de retardar o prazo.

— Conquistaste mesmo uma parte do seu território.

— É a minha única razão de tanto esperar. Ao enfraquecê-lo, talvez o faça hesitar. Chegar ao poder sem apoio suficiente seria um fracasso. Mas será o prazo de que disponho suficiente para que eu consiga alterar as bases sobre as quais Bel-Tran se apoia?

— O povo gosta de ti, Paser. Acredita em ti, e ama-te. Exerces as tuas funções de forma impecável, conforme os deveres que o rei te indicou. E olha que não se trata de uma mera lisonja.

— Bel-Tran compraria facilmente os meus serviços! Quando penso nas suas demonstrações de amizade, pergunto se ele alguma vez foi sincero ou se esteve a representar desde o início, na esperança de me incluir na sua estratégia.

— Por que razão teria limites a hipocrisia?

— Não mantenha ilusões.

— Elimino o entusiasmo, é inútil e perigoso.

— Gostava de te confiar algumas pastas sobre o cadastro e a arpentagem. Aceitarias verificar se os dados não foram modificados?

— De boa vontade, até porque é a minha especialidade de origem. O que receias?

— Que Bel-Tran e os seus aliados tentem roubar legalmente as terras.

A tarde estava tão bela e suave que Paser decidiu repousar um pouco na piscina. Sentada na borda, com os pés na água, as pálpebras levemente pintadas de verde, Néféret tocava um alaúde cujas cordas, em uníssono, estavam presas na base do cabo. A melodia, doce e ligeira, encantava o vizir. Estava em harmonia com o balançar das folhas sopradas pela brisa do norte.

Paser pensava em Suti, que um concerto semelhante havia encantado, sobre que pista andaria perdido, que perigos correria? O vizir apostava no seu heroísmo para apagar todos os erros, mas esbarrava sempre com a ferocidade da senhora Tapani. Segundo Kem, ela ocupava-se cada vez menos da tecelagem para andar por toda a cidade. De que maneira estaria a tentar prejudicá-lo?

O som do alaúde tranquilizava-o, de olhos fechados, Paser entregou-se à magia da música.

Foi quando o devorador de sombras decidiu entrar em ação. Perto da mansão do vizir só havia um posto de observação, uma grande palmeira-tamargueira, plantada no meio do pátio de uma pequena casa que pertencia a um casal de reformados. O assassino tinha-se introduzido em casa deles, tinha-os espancado e depois tinha subido à árvore, munido da sua arma.

A sorte estava do seu lado. Tal como previra, no início deste fim de tarde em que o sol, prestes a esconder-se, brilhava muito suave, o vizir, em casa mais cedo do que o costume, dormitava na companhia de sua mulher, num lugar bem desabrigado.

O devorador de sombras ajustou a flecha dobrada utilizada pelos caçadores de pássaros. O polícia-babuíno, inclinado no telhado da mansão do vizir, não teria tempo de agir. A arma, temível quando manuseada com precisão, partiria a cabeça de Paser.

O criminoso certificou-se de que estava equilibrado, mantendo-se agarrado a um ramo com a mão esquerda, concentrou-se e avaliou a trajetória. Apesar da distância ser importante, ele não erraria o alvo, tinha provado, muito novo, qualidades excepcionais naquela atividade. Acertar na cabeça dos pássaros era o seu passatempo favorito.

Diabrete, a pequena macaca verde de Néféret, estava sempre atenta, pronta para apanhar um fruto maduro prestes a cair da árvore, ou a brincar com qualquer melro da palmeira-tamargueira, quando o seu braço se distendeu, ela soltou um grito de alarme.

No cérebro do babuíno, a coordenação foi fulgurante. Num ápice, traduziu o apelo da macaca verde, viu a direção tomada pela flecha, discerniu o seu alvo e atirou-se do telhado.

Com um salto prodigioso, Matador interceptou a arma do crime e caiu a alguns metros do vizir.

Estupefata, Néféret largou o alaúde, Bravo, a dormir, acordou em sobressalto e saltou para cima da barriga do dono.

De tronco muito ereto e as patas feridas, segurando firme a flecha, o agente da polícia Matador olhava orgulhoso para o primeiro-ministro egípcio cuja vida mais uma vez acabava de salvar.

O devorador de sombras escapuliu-se por uma viela, atormentado, que divindade tinha a alma daquele babuíno? Pela primeira vez na sua profissão, o assassino desconfiou das suas capacidades. Paser não era um homem como os outros, uma força sobrenatural protegia-o. Seria a deusa Maât ou a lei do vizir que o tornavam invencível?

O babuíno deixou-se acariciar. Néféret lavou-lhe as patas com água acobreada, desinfetou a ferida e pôs-lhe um penso. Se bem que já o tivesse constatado em outras ocasiões, a robustez de Matador surpreendeu-a, apesar da violência do choque, a ferida não era profunda e cicatrizaria rapidamente. Com uma saúde de ferro, o babuíno só precisaria de um ou dois dias de repouso relativo, sem ter sequer de ficar imobilizado.

— Que objeto espantoso — apreciou Kem, examinando a flecha talvez o início de uma pista. — O devorador de sombras fez o favor de nos deixar uma pista interessante. Ainda não a tinhas visto.

— Nem sequer tive tempo de ter medo — confessou Paser. — Se não fosse o grito da Diabrete...

A pequena macaca verde tinha ousado aproximar-se do enorme babuíno e tinha-lhe tocado no nariz, Matador não se mexeu. Atreveu-se ainda a colocar a minúscula pata na perna do grande macho, que parecia comovido.

— Vou duplicar o perímetro de segurança à volta da tua propriedade — anunciou o chefe da polícia — e eu próprio interrogarei os fabricantes de flechas. Finalmente, temos uma oportunidade para identificar o agressor.

Uma questão tinha oposto a senhora Silkis a Bel-Tran. Apesar deste admirar o seu filho, seu sucessor designado, achava que devia continuar a ser o dono da casa. No entanto, a sua mulher recusava repreender o rapazinho e ainda menos a filha, de quem aceitava mentiras e insultos sem reagir.

Considerando injustas as críticas do marido, a senhora Silkis tinha-se encolerizado. Descontrolada, tinha rasgado os estofos, partido um cofre precioso e espezinhado túnicas valiosas. Antes de ir para o escritório, Bel-Tran tinha dito as palavras terríveis: “és louca”.

A loucura... Isso apavorava-a. Pois não era ela uma mulher normal, apaixonada pelo marido, escrava de um homem rico, mãe extremosa? Ao tomar parte da conspiração, ao distrair o guardião-mor da esfinge, mostrando-se nua, tinha obedecido a Bel-Tran, confiante no seu destino. Num futuro próximo, reinariam no Egito.

Mas os fantasmas perseguiram-na. Aceitando ser violada pelo devorador de sombras, tinha-se metido num inferno de onde não conseguia sair. Os crimes de que era cúmplice torturavam-na menos do que aquele desamparo, causa de um prazer estranho. E a ruptura com Néféret... Querer continuar sua amiga seria loucura, mentira ou perversão?

Os pesadelos sucediam-se, tal como as noites em claro.

Um só homem a podia salvar: o intérprete dos sonhos. Exigia somas exorbitantes, mas ouvi-la-ia e ajudá-la-ia.

Silkis pediu à sua camareira um véu para esconder o rosto, a serva estava lavada em lágrimas.

— O que te entristece?

— É horrível... Está morto!

— Quem?

— Anda ver.

Do aloés, um arbusto soberbo corado de flores cor-de-laranja, amarelas e vermelhas, só restava um caule seco. Não só era uma planta rara, presente de Bel-Tran, como também produzia um remédio que a senhora Silkis utilizava diariamente. O óleo de aloés, aplicado nos órgãos genitais, evitava inflamações e favorecia a união dos corpos, além disso, aplicado nas manchas vermelhas que atormentavam a perna esquerda de Bel-Tran, aliviava as comichões.

Silkis sentia-se abandonada, o incidente provocou-lhe uma enxaqueca atroz. Não tardaria a murchar como o aloés.

O gabinete do intérprete dos sonhos era pintado de preto e cercado de escuridão. Estendida numa esteira, com os olhos fechados, Silkis preparava-se para responder às perguntas do sírio, cuja clientela era composta somente por senhoras ricas e nobres. Em vez de se tornar operário ou comerciante, tinha estudado a feitiçaria e as causas dos sonhos, decidido a acalmar a angústia de alguns ociosos em troca de uma retribuição merecida. Os peixes não eram fáceis de apanhar numa sociedade feliz e livre, mas uma vez na rede, já não voltavam a sair. Para se mostrar eficaz, não deveria o tratamento ter uma duração ilimitada? Uma vez aceita esta evidência, bastava-lhe interpretar os fantasmas das suas pacientes, com mais ou menos severidade. Desequilibradas chegavam, desequilibradas partiam, pelo menos, habituava-as à sua loucura, mais ou menos ligeira, e aumentava a sua fortuna. Até ao momento presente, o seu único adversário tinha sido o fisco, também pagava

impostos pesados para prosseguir a sua atividade sem preocupações. No entanto, a nomeação de Néfêret para o posto de médica-chefe do reino inquietava-o, fontes fidedignas garantiam que ela não se deixava comprar e não demonstrava nenhuma indulgência para com os charlatães da sua espécie.

— Sonhaste muito nestes últimos dias? — perguntou ele à senhora Silkis.

— Visões horríveis. Segurava um punhal e enfiava-o no pescoço de um touro.

— Como é que ele reagia?

— A lâmina partia-se!

Ele voltava-se e espezzinhava-me.

— Com o teu marido, as relações são... satisfatórias?

— O trabalho absorve-o. Está tão cansado que adormece logo. Quando lhe apetece, tem sempre pressa, muita pressa.

— É preciso que me digas tudo, Silkis.

— Sim, sim, eu compreendo...

— Já alguma vez utilizaste um punhal?

— Não.

— Um objeto semelhante?

— Não, acho que não.

— Uma agulha?

— Uma agulha, sim!

— Uma agulha de madrepérola?

— Sim, claro! Sei tecer, é o instrumento que prefiro.

— Já te serviste de alguma para agredir alguém?

— Não, juro que não!

— Um homem de uma certa idade... Ele vira-te as costas, aproxima-se sem barulho e enterras-lhe uma agulha de madrepérola no pescoço...

Silkis gritou, mordeu os dedos e contorceu-se na esteira. Desvairado, o intérprete dos sonhos quis pedir ajuda, mas a crise de loucura acalmou. A escorrer suor, Silkis sentou-se.

— Não matei ninguém — declarou ela com a voz rouca, — alucinada não tive coragem. Mas amanhã, se Bel-Tran me pedir, terei coragem. Para ficar com ele, aceito o que ele pedir.

— Então, estás curada.

— O... o que disseste?

— Já não precisas dos meus tratamentos.

Os burros estavam carregados e prontos para partir em direção ao porto, quando Kem se aproximou do intérprete dos sonhos.

— Estás pronto para sair?

— O barco espera-me. Em direção à Grécia, lá não terei problemas.

— Uma sensata decisão.

— Tenho a tua promessa: os fiscais da alfândega não me vão interpelar.

— Isso dependerá da tua boa vontade.

— Interroguei a senhora Silkis, como tinhas pedido.

— Fizeste-lhe as perguntas corretas?

— Sem entender nada, obedeci às tuas ordens.

— Resultado?

— Não matou ninguém.

— Tens certeza?

— Absoluta. Sou um charlatão, mas conheço este gênero de mulheres. Se a tivesses visto desvairada, saberias que ela não estava a representar.

— Esquece-a e esquece o Egito.

A senhora Tapeni estava banhada em lágrimas. À sua frente estava um Bel-Tran enfurecido, sentado a uma mesa baixa, coberta de papiros desenrolados.

— Interroguei Mênfis inteira, asseguro-te!

— Nesse caso, o teu fracasso é tanto mais doloroso, cara amiga.

— Paser não engana a mulher, não joga, não tem dívidas, não está envolvido em qualquer tráfico. É insensato, eu sei, mas este homem é perfeito!

— Tinha-te avisado: ele é vizir.

— Vizir ou não, achava que...

— A tua cobiça deforma-te o espírito, Tapeni. O Egito continua a ser um país à parte, onde os magistrados, e mais particularmente o primeiro de entre todos eles, adotam a retidão como linha de conduta, é ridículo e desusado, julgo eu, mas é preciso ter em conta esta realidade. Paser acredita na sua função e desempenha-a com paixão.

Nervosa, a linda morena já não sabia que atitude tomar.

— Enganei-me a seu respeito.

— Não aprecio as pessoas que se enganam, quem trabalha para mim tem de ser bem sucedido.

— Se existir uma falha, descobri-la-ei!

— E se não existir?

— Ah, então será preciso encontrá-la sem que ele perceba!

— Excelente iniciativa. O que propões?

— Vou pensar...

— Está tudo pensado. Tenho um plano simples, baseado no comércio de objetos muito particulares. Sempre aceitas ajudar-me?

— Estou à tua disposição.

Bel-Tran deu as suas ordens. O fracasso de Tapeni aumentou o ódio que ele tinha às mulheres, como os gregos tinham razão ao considerá-las inferiores aos homens! O Egito concedia-lhes demasiada importância. Uma incapaz como aquela Tapeni acabaria por incomodá-lo, mais valia livrar-se dela o mais depressa possível, demonstrando a Paser que a sua famosa justiça não era poderosa.

Na oficina, ao ar livre, trabalhavam arduamente cinco homens. Com a acácia, o sicômoro ou o tamariz fabricavam flechas, mais ou menos sólidas, mais ou menos caras. Quem consultou o patrão, um cinquentão severo de feições bruscas.

— Quais são os teus clientes?

— Caçadores de pássaros e outros caçadores. Porquê, interessa-te?

— Muito.

— Para quê?

— Terias feito alguma coisa?

Um operário murmurou algumas palavras ao ouvido do patrão.

— O chefe de polícia, na minha oficina! Procuras alguém?

— Foste tu que fabricaste esta flecha?

O patrão examinou a arma destinada a matar Paser.

— Belo trabalho... Qualidade superior. Com esta, é possível atingir um alvo bem distante.

— Responde à minha pergunta.

— Não, não fui eu.

— Que oficina poderá tê-la fabricado?

— Não sei.

— Extraordinário.

— Sinto muito não poder ajudar-te. Talvez numa próxima oportunidade.

Ao ver o núbio sair da oficina, o patrão ficou aliviado. O chefe da polícia não era assim tão obstinado como se afirmava. Mas quando o artesão fechou a oficina, ao cair da noite, logo mudou de opinião. A manápula do núbio pousou no seu ombro.

— Mentiste-me.

— Não, eu...

— Não mintas mais, não sabes que sou mais cruel do que o meu macaco?

— A minha oficina anda bem, tenho operários bons... Por que me persegues?

— Fala-me desta flecha.

— Está bem, fui eu que a fiz.

— A quem a vendeste?

— Roubaram-ma.

— Quando?

— Anteontem.

— Por que não me disseste a verdade?

— Porque tinhas esse objeto na mão, e desconfiei que ele estivesse metido num negócio mais suspeito... No meu lugar, serias tu a mentir.

— Não tens nenhuma idéia sobre a identidade do ladrão?

— Nenhuma. Uma flecha daquele valor... Bem gostava de recuperá-la.

— Contenta-te com a minha indulgência.

A pista do devorador de sombras tinha-se perdido.

Néféret ocupava-se de casos difíceis e fazia operações delicadas. Apesar da sua posição e dos cargos administrativos, não recusava dar uma ajuda em caso de urgência.

Ver a senhora Sababu aparecer no hospital deixou-a espantada, porque esta bela mulher que aparentava uns trinta anos, dona da locanda de cerveja mais afamada de Mênfis, povoada de criaturas deslumbrantes, só sofria de reumatismo.

— A tua saúde piorou?

— O teu tratamento continua muito eficaz, se vim aqui mais uma vez foi por outra razão.

Néféret tinha tratado uma inflamação no ombro da senhora Sababu, susceptível de privá-la do uso do braço, também a sua paciência lhe devia muito. Apesar de não ter renunciado à prostituição de luxo, Sababu admirava o vizir e a sua mulher, a lealdade daquele casal, a sua união inalterável davam-lhe uma confiança que ela nunca encontraria. Pintada com arte, perfumada em excesso, sabendo ser atraente, troçava das conveniências. Néféret não deixava transparecer nem ânimo nem desprezo, mas apenas vontade de a curar.

Sababu colocou um vaso de cerâmica diante de Néféret.

— Parte-o.

— Um modelo tão bonito?

— Por favor, parte-o.

Néféret deitou o vaso ao chão. No meio dos fragmentos, um falo em pedra e uma vulva lápis-lazúli, cobertos de inscrições mágicas babilônicas.

— Descobri por acaso este tráfico — explicou Sababu — mas mais tarde ou mais cedo eu viria a ser informada. Estas esculturas são destinadas a estimular o desejo nos indivíduos cansados e a tornar fecundas as mulheres estéreis. A importação é ilegal, se não for declarada. Outros vasos semelhantes continham alúmen, uma substância adstringente conhecida por aumentar o prazer e lutar contra a impotência. Detesto estes afrodisíacos, fazem do amor um ato pouco natural. Honrem o Egito interrompendo este comércio detestável.

A senhora Sababu, apesar das suas atividades, tinha o sentido da grandeza.

— Conheces os culpados?

— As entregas são feitas no cais oeste, durante a noite, não sei mais nada.

— E o teu ombro?

— Não tive mais dores.

— Se voltarem a aparecer não hesites em consultar-me.

— Vais intervir?

— Entrego o assunto nas mãos do vizir.

Havia ondas no rio que vinham bater nas pedras do cais abandonado em direção do qual deslizava um barco sem vela. Pessoa hábil, o capitão atracou docemente. No mesmo instante, acorreram dez homens apressados para desembarcarem o carregamento.

Tarefa cumprida, receberam o salário em amuletos da mão de uma mulher, enquanto Kem distribuiu os seus homens e procedeu a uma captura rápida e sem violência.

Apenas a mulher se debateu e tentou fugir. Uma tocha iluminou o seu rosto.

— Senhora Tapeni!

— Larga-me.

— Creio que sou obrigado a encarcerar-te. Não és tu responsável por um comércio ilegal?

— Estou protegida.

— Por quem?

— Se não me largares, arrependes-te.

— Levem-na — ordenou o núbio.

Tapeni debateu-se bravamente.

— Recebo as minhas instruções de Bel-Tran.

Como dispunha de provas materiais, Paser deu prioridade a este assunto. Antes de convocar o tribunal, acareou Tapeni e Bel-Tran.

A linda morena estava muito excitada. Desde a chegada do diretor da Dupla Casa branca que ela não parava de agredi-lo.

— Tira-me daqui, Bel-Tran!

— Se esta mulher não se acalmar, eu vou-me embora. Porquê esta convocação?

— A senhora Tapeni acusa-te de a teres colocado num comércio ilícito.

— Ridículo.

— Como ridículo? — exclamou ela. — Devia vender estes objetos a notáveis para comprometê-los.

— Vizir Paser, creio que a senhora Tapeni perdeu a cabeça.

— Não continues a falar nesse tom, Bel-Tran, ou eu digo tudo.

— Como queiras.

— Mas... ele é louco! Já perceberam...

— O teu delírio não me interessa.

— Então abandonas-me! Está bem, pior para ti.

Tapeni voltou-se para o vizir.

— Entre esses notáveis, tu eras o primeiro em mira! Que escândalo, se se soubesse que o belo casal se entregava a práticas imorais! Boa maneira de manchar o teu bom nome, não achas? A idéia é de Bel-Tran, encarregou-me de concretizá-la.

— Divagações desprezíveis.

— É a verdade!

— Tens algum elemento que o prove?

— Basta a minha palavra!

— Que sejas a autora desta trama, quem duvida? Foste apanhada em flagrante, Tapeni! O ódio que sentes pelo vizir levou-te longe demais. Graças aos deuses, desconfiava de ti há muito tempo e tive a coragem de intervir. Sinto-me orgulhoso de te ter denunciado.

— Denunciado...

— Exatamente — reconheceu o vizir. — Bel-Tran redigiu uma participação sobre as tuas atividades ilegais. Foi ontem entregue ao chefe da polícia e registrada pelos seus serviços.

— A minha colaboração com a justiça é evidente — concluiu Bel-Tran. — Espero que a senhora Tapeni seja severamente condenada. Ofender a moral pública é uma falta inadmissível.

Foram necessárias algumas horas de passeio no campo, na companhia de Bravo e Vento do Norte, para que a cólera do vizir se acalmasse. O sorriso triunfante de Bel-Tran era um insulto à justiça, uma ferida tão profunda que nem Néféret podia curar.

Um pequeno consolo: o seu inimigo acabava de perder uma das suas aliadas, ao traí-la. A senhora Tapeni, condenada a uma pequena pena de prisão, estava desprovida dos seus direitos cívicos. Grande beneficiário da situação, Suti, divórcio oficializado, não mais teria de trabalhar para a sua ex-mulher, a ruína da tecelã, apanhada na armadilha da sua própria avareza, concedia-lhe a liberdade.

O ar tranquilo do burro e a alegria confiante do cão sossegaram o vizir. O passeio, a serenidade da paisagem, a nobreza do Nilo dispersaram a sua angústia. Nesse momento, queria ter enfrentado a sós Bel-Tran e torcer-lhe o pescoço.

Criancices, uma vez que o diretor da Dupla Casa branca tinha tomado medidas para que a sua eventual eliminação não impedisse de forma alguma a queda do Ramsés e o abalo do Egito num mundo onde o materialismo reinaria por absoluto.

Como Paser se sentia desarmado face a um monstro como Bel-Tran! Geralmente, os vizires, fossem eles ou não homens de idade e experientes, só dominavam o cargo no final de dois ou três anos. Ao jovem Paser, o destino pedia para salvar o Egito antes da próxima cheia, sem lhe mostrar um verdadeiro método de agir. Ter identificado o adversário não chegava, porquê então continuar a lutar, se a guerra já estava perdida?

O olho malicioso de Vento do Norte e o olhar amistoso de Bravo foram estímulos decisivos. No burro e no cão encarnavam-se as forças divinas, portadores do oculto, traçavam os caminhos do coração, fora dos quais a vida não fazia sentido.

Com eles, defenderia a causa de Maât, a frágil e radiosa deusa da justiça.

Kem estava desesperado.

— Apesar do respeito que tenho por ti, vizir Paser, preciso dizer-te que o teu comportamento é estúpido! Sozinho, em plena campanha...

— Eu tinha uma escolta.

— Porquê correr tais riscos?

— Já não suportava o meu escritório, a administração, os escribas! O meu dever é fazer respeitar a justiça e tenho de me debruçar sobre um Bel-Tran que me despreza, seguro da sua vitória.

— Diz-me, mudou alguma coisa desde a data da tua nomeação? Tudo isto já tu sabias.

— Tens razão.

— Em vez de teres pena de ti próprio, preocupa-te antes com um negócio escuro que atormenta a província de Abidos. Chegaram-me relatos de dois feridos graves, uma violenta luta entre os sacerdotes do grande templo e os emissários do Estado, e uma recusa da corveia. Outros delitos maiores chegarão ao teu tribunal, mas talvez demasiado tarde.

Abril trazia o calor, pelo menos durante o dia. Se as noites continuavam frescas e propícias à sesta, o sol do meio-dia tornava-se ardente na altura das colheitas. O jardim do vizir estava um assombro, as flores rivalizavam na beleza, compondo uma sinfonia de vermelhos, amarelo, azuis, violetas e alaranjados.

Quando se aventurou naquele paraíso, logo depois de acordar, Paser dirigiu-se para a piscina. Como supunha, Néféret tomava o seu primeiro banho. Nadava nua, sem esforço, continuamente, com os seus próprios movimentos. Ele pensou no instante em que pela primeira vez a vira assim, naquela hora abençoada em que o amor os tinha unido naquela terra, para sempre.

— A água não está um pouco fria?

— Para ti, sim! Vais constipar-te.

— Isso está fora de questão.

Quando ela saiu do banho, embrulhou-se num lençol de linho e ele abraçou-a com força.

— Bel-Tran recusa a construção de novos hospitais na província.

Não tem importância, a tua pasta chegará em breve às minhas mãos. Como ela está bem fundamentada, aprová-la-ei sem receio de ser acusado de favoritismo.

— Ontem, ele foi para Abidos.

— Tens certeza disso?

— A informação provém de um médico que cruzou com ele no cais. Os meus colegas começam a perceber o perigo, e já não elogiam o diretor da Dupla Casa branca. Alguns acham que tu devias mesmo demarcar-te.

— Problemas, todavia menores, explodiram em Abidos, parto hoje mesmo para lá.

Haveria algum outro lugar mais mágico do que Abidos, o imenso santuário de Osíris, onde se celebravam os mistérios do deus assassinado e ressuscitado, reservados a alguns neófitos, entre eles o Faraó? Como o seu pai Sėti, Ramsés, o Grande, tinha embelezado o lugar e concedido ao clero o usufruto de um vasto domínio arável, para que os especialistas do sagrado não sofressem nenhuma perda material.

No desembarcadouro, não foi o sumo-sacerdote de Abidos que recebeu o vizir, mas sim Kani, o sumo-sacerdote de Carnaque. Os dois homens saudaram-se calorosamente.

— Não esperava a tua vinda, Paser.

— Quem alertou-me, é assim tão grave?

— Duvido, mas foi necessária uma longa investigação antes de te procurar. Tu próprio a conduzirás agora. O meu colega de Abidos está doente, pediu a minha ajuda para resistir às pressões extraordinárias a que está sujeito.

— O que se exige dele?

— O que se exige de mim e de outros responsáveis dos lugares sagrados: que aceitemos pôr os trabalhadores afetos ao templo à disposição do Estado. Vários administradores de província requereram pessoal abusivamente e decretaram corveias desde o mês passado, enquanto os grandes estaleiros exigem pessoal extraordinário só a partir de Setembro, depois do início da cheia.

— O polvo continuava a estender os seus tentáculos e a desafiar o vizir.

— Disseram-me que havia feridos — interveio o núbio.

— Exato: dois camponeses que se recusaram a obedecer às ordens dos polícias. A família deles trabalha para o templo há seis séculos, também não aceitam serem transferidos para outra função.

— Quem enviou esses brutamontes?

— Não sei. A revolta está prestes a explodir, Paser, os camponeses são homens livres, não se deixarão manipular como brinquedos.

— Fomentar uma guerra civil destruindo as leis do trabalho: eis o plano imaginado por Bel-Tran, que entretanto já partiu para Mênfis. Escolher Abidos para primeira sede era uma idéia excelente, considerado um território sagrado, longe dos sobressaltos econômicos e sociais, a região tornar-se-ia exemplar.

O vizir queria ter-se retirado para o admirável templo de Osíris cuja entrada lhe era permitida devido à posição que ocupava. No entanto, a urgência da situação dissuadiu-o de conceder a si próprio essa alegria. Apressou-se a ir até à aldeia mais próxima, Kem, com o seu vozeirão, apelou à população para se reunir na praça principal, junto ao forno do pão. A mensagem espalhou-se com uma rapidez surpreendente, parecia um milagre que o próprio vizir se dirigisse aos cidadãos mais modestos. Dos campos, dos celeiros, dos jardins, todos acorreram para não faltarem ao grande acontecimento.

O discurso de Paser começou pela celebração do poder do Faraó, único homem capaz de dispensar a vida, a prosperidade e a saúde ao seu povo, depois, lembrou que a recruta de trabalhadores era uma prática ilegal e severamente castigada segundo a antiga lei, sempre em vigor. Os culpados perderiam o posto, receberiam duzentas cacetadas e eles próprios fariam o trabalho que queriam distribuir de forma injusta e finalmente, seriam presos.

Aquelas palavras dissiparam a inquietação e a cólera. Cem bocas se abriram, designando o culpado de todos os problemas: o mestre de cavalaria Fekti, o Tosquiado, proprietário de uma casa de campo à beira do Nilo e de uma criação de cavalos, em que os mais robustos estavam destinados às cavalariaças reais. Autoritária e brutal, esta personagem tinha-se contentado, até então, com a sua comodidade insolente, sem incomodar os operários do templo.

Cinco artesãos acabavam de ser levados à força para casa dele.

— Conheço-o — disse Kem a Paser, ao aproximarem-se da casa. — É o oficial que me condenou por um roubo de ouro que não pratiquei e que me cortou o nariz.

— Neste momento, tu és o chefe da polícia.

— Sossega. Saberei manter o sangue-frio.

— Se ele for inocente, não posso deixar-te prendê-lo.

— Esperemos que ele seja culpado.

— Tu representas a força, Kem, que ela continue sujeita à lei.

— Vamos entrar em casa de Fekti?

Encostado a uma das colunas do átrio de madeira, estava um homem armado com uma lança.

— Não podem passar.

— Baixa a tua arma.

— Vai-te embora, oh preto, senão estripo-te!

O babuíno apoderou-se do cabo, arrancou-o das mãos do guarda e partiu-o em dois. Em pânico, o homem apressou-se a entrar para dentro da propriedade, aos gritos, onde estavam os especialistas a treinar dois cavalos magníficos. O grande macaco assustou-os, eles empinaram-se, desambaraçaram-se dos cavaleiros e fugiram para o campo.

Vários milicianos, armados com punhais e lanças, saíram de um edifício de telhado plano e obstruíram a rua aos intrusos. Um homem calvo de tronco forte afastou-os e fez frente ao trio composto por Paser, por Kem e pelo babuíno cujos olhos vermelhos se tornavam ameaçadores.

— O que significa esta intrusão?

— És tu o Fekti? — perguntou Paser.

— Sim e esta propriedade é minha. Se não se põem a andar daqui para fora com o vosso monstro apanham uma boa tarefa.

— Sabes quanto custa agredir o vizir do Egito?

— O vizir... Trata-se de alguma brincadeira?

— Dá-me uma pedra de calcário.

Paser imprimiu na pedra o seu selo. Rabugento, Fekti disse aos seus guardas para dispersarem.

— O vizir aqui... Não faz qualquer sentido! E esse preto grande quem é? Mas... Eu estou a reconhecê-lo! É ele, é mesmo ele!

Fekti desatou a fugir, mas a corrida foi interrompida por Matador que o agrediu e o deitou ao chão.

— Já não estás no exército? — perguntou o núbio.

— Não, nada melhor do que criar eu mesmo os meus cavalos. Esqueçamos esta velha história, tu e eu.

— Quem te ouvisse, não acreditaria.

— Sabes que agi conscientemente... E depois disso não te impiedu de seguir uma carreira. És soldado da guarda do vizir, não?

— Chefe da polícia.

— Tu, Kem?

O núbio estendeu a mão a Fekti, que escorria suor, e levantou-o.

— Onde é que escondes os cinco artesãos que levaste à força?

— Eu? Isso é uma calúnia!

— Os teus milicianos não espalham o pânico considerando-se polícias?

— São boatos!

— Confrontaremos os teus soldados com os queixosos.

Um esgar deformou a boca do Tosquiado.

— Proíbo-te de o fazeres.

— Estás sujeito à nossa autoridade — lembrou Paser. — Será indispensável uma investigação. Depois de ter desarmado os teus homens, é evidente.

Os milicianos, hesitantes, não desconfiaram o suficiente do babuíno. Saltando de um para outro, batendo-lhes com o braço, o cotovelo e a mão, juntou lanças e punhais, enquanto Kem impedia que os mais nervosos reagissem. A presença do vizir acalmou a agitação por causa da condenação de Fekti que se sentia renegado pelas suas próprias tropas.

Os cinco artesãos estavam fechados num silo para sementes, para onde Matador tinha levado o vizir. De boa vontade de lá saíram, explicando que tinham sido forçados, sob ameaça, a repararem uma parede da casa e a restaurarem alguns móveis.

Na presença do acusado, o vizir registrou ele mesmo os depoimentos. Fekti foi reconhecido culpado de atos ilícitos de desvio e recruta de mão-de-obra pública. Kem apoderou-se de um pesado varapau.

— O vizir autoriza-me a executar a primeira parte da sentença.

— Não faças isso! Vais matar-me!

— Os acidentes acontecem, às vezes não consigo dominar a minha força.

— O que queres saber?

— Quem inspirou a tua conduta?

— Ninguém.

O pau ergueu-se.

— Mentas muito mal.

— Não! Recebi instruções, é verdade.

— Bel-Tran?

— De que te serve saberes? Ele negará.

— Uma vez que não espero nenhuma revelação, toma lá duzentas cacetadas conforme a lei.

Fekti rolou aos pés do núbio, sob o olhar indiferente do babuíno.

— Se cooperar, levas-me para a prisão sem me bateres?

— Se o vizir estiver de acordo...

Paser assentiu.

— O que aqui se passou não é nada, debruça-te sobre as atividades da comissão de acolhimento aos trabalhadores estrangeiros.

Mênfis dormitava sob um calor primaveril. Nos escritórios do serviço de acolhimento aos trabalhadores estrangeiros era hora da sesta. Uma dezena de gregos, fenícios e sírios esperavam que os funcionários se ocupassem dos seus casos.

Quando Paser entrou no pequeno compartimento onde os estrangeiros aguardavam com paciência, estes levantaram-se, convencidos de que tinham encontrado finalmente um responsável, o vizir não os desiludiu. Interrompendo o zum-zum dos protestos, um jovem fenício assumiu-se como porta-voz.

— Queremos trabalho.

— O que vos foi prometido?

— Que o teríamos, porque estamos dentro da lei.

— Qual é a tua profissão?

Sou um bom carpinteiro e conheço uma oficina que pode me contratar imediatamente.

— O que é que ele te propõe?

— Em cada dia, cerveja, pão, peixe seco ou carne, e legumes, de seis em seis dias, óleo, unguentos e perfumes. Em função das minhas necessidades, roupas e sandálias. Oito dias de trabalho e dois de descanso, sem contar com as festas e os feriados. As faltas devem ser todas justificadas.

— São as condições que os egípcios aceitam, estás satisfeito com elas?

— São bem melhores do que no meu país de origem, mas preciso, tanto eu como os outros, do consentimento do departamento de imigração! Por que nos prendem aqui há mais de uma semana?

Paser interrogou os outros, tinham o mesmo problema.

— Vão dar-nos a autorização ou não?

— A partir de hoje.

Um escriba de ventre dilatado interrompeu a assembléia.

— O que se passa aqui? Sentem-se e calem-se! Senão, na qualidade de chefe de serviço, expulso-vos.

— As tuas maneiras são muito bruscas — disse Paser.

— Por quem te tomas?

— Pelo vizir do Egito.

Fez-se um longo silêncio. Os estrangeiros estavam divididos entre a esperança e o medo. O escriba fixava o sinete que Paser acabava de apor num bocado de papiro.

— Perdoa-me — gaguejou — mas ninguém tinha me prevenido da tua visita.

— Por que não dás uma satisfação a estas pessoas? Elas estão dentro da lei.

— O excesso de trabalho, a falta de pessoal...

— Não está correto. Antes de vir aqui, examinei o funcionamento do teu serviço, não te faltam meios nem funcionários. O teu salário é elevado, pagas dez por cento de impostos e recebes gratificações sem as declarares. Tens uma bela casa, um jardim agradável, um carro, um barco e dois criados. Enganei-me em alguma coisa?

— Não, não...

Acabado o almoço, os outros escribas apressaram-se a dirigir-se para a entrada dos edifícios administrativos.

-Pede aos teus subordinados para entregarem as autorizações — ordenou Paser — e vem comigo.

O vizir levou o escriba para as ruas de Mênfis e o funcionário pareceu incomodado por se misturar com o povo.

— Quatro horas de trabalho de manhã — lembrou Paser — quatro depois do almoço, depois de uma longa pausa para a refeição: é assim o teu ritmo de trabalho?

— Com efeito.

— Pois parece que não o respeitas.

— Fazemos o melhor que podemos.

— Trabalhando pouco e mal lesas aqueles que dependem das tuas decisões.

— Não é essa a minha intenção, que fique bem claro!

— No entanto, o resultado é lastimável.

— A tua opinião parece-me muito severa.

— Pois eu constato, e sem quaisquer dúvidas, que ela não o é o suficiente.

— Dar trabalho aos estrangeiros não é tarefa fácil, por vezes são impertinentes, falam mais ou menos bem a nossa língua, adaptam-se lentamente aos nossos costumes.

— Admito que sim, mas olha à tua volta: um determinado número de comerciantes e artesãos são estrangeiros, ou filhos de estrangeiros, que vieram para ficar. Enquanto respeitarem as nossas leis eles são bem-vindos. Gostaria de consultar as tuas listas.

O funcionário pareceu muito constrangido.

— É um bocado delicado...

— Porquê?

— Estamos a fazer uma reclassificação que levará vários meses. Quando terminarmos, aviso-te.

— Sinto muito, mas tenho pressa.

— Mas... é mesmo impossível!

— A confusão administrativa não me impede de trabalhar, vamos outra vez a tua casa.

As mãos do escriba tremiam. A informação que Paser tinha adquirido era boa, mas como explorá-la? Sem dúvida alguma, o serviço de acolhimento dos trabalhadores estrangeiros entregava-se a alguma atividade ilícita de certa grandeza, restava defini-la e arrancar o mal pela raiz.

O chefe do serviço não tinha mentido: os arquivos estavam dispersos pelo chão dos compartimentos oblongos onde eram conservados. Vários funcionários empilhavam tábuas de madeira e numeravam os papiros.

— Quando é que começaram esse trabalho?

— Ontem — respondeu o responsável.

— Quem é que vos deu ordem?

O homem hesitou, o olhar do vizir convenceu-o a não mentir.

— A Dupla Casa branca... Há muito que ela se informa do nome dos imigrantes e da natureza do seu emprego, para estabelecer o montante dos impostos.

— Então, vamos investigar.

— É impossível, mesmo impossível!

— Esta tarefa vai lembrar-me os meus primeiros anos de juiz em Mênfis. Podes te retirar, vão assistir-me dois voluntários.

— O meu papel é auxiliar-te, e...

— Vai lá para dentro, voltamos a ver-nos amanhã.

O tom de Paser não admitia resposta. Dois jovens escribas, no serviço há alguns meses, ficaram contentes por ajudar o vizir que tirou a túnica e as sandálias, e se pôs de joelhos para separar os documentos.

A tarefa parecia insuperável, mas Paser esperava que a sorte lhe fornecesse um indício, por menor que fosse, que o colocasse na pista certa.

— É estranho — reparou o mais novo — com o antigo chefe de serviço, Sechem, não teríamos passado por uma precipitação destas.

— Quando foi substituído?

— No início do mês.

— Onde mora?

— No quarteirão do jardim, ao lado da grande nascente.

Paser saiu, no caminho, Kem entrava de guarda.

— Nada de importante, o Matador patrulha à volta do edifício.

— Por favor, prende uma testemunha e traga-a aqui.

Sechem, o Fiel, era um homem idoso, doce e tímido. A sua interpelação tinha-o assustado e a sua comparência imediata perante o vizir deixava-o mergulhado numa angústia visível. Paser não o imaginava um criminoso manhoso, mas tinha aprendido a não confiar nas aparências.

— Porque deixaste o teu posto?

— Ordens superiores, fui transferido para o controle do movimento dos barcos, para uma posição inferior.

— Que erro cometeste?

— Na minha opinião, não fiz nada, trabalho nesse serviço há vinte anos, nunca faltei, mas cometi o erro de me opor a diretivas que considerava errôneas.

— Explica-te.

— Não admitia o atraso no processo de regularização e muito menos a ausência de controle em relação às pessoas contratadas.

— Receavas uma diminuição dos pagamentos?

— Não! Quando um estrangeiro vende os seus serviços a um senhor de uma terra ou a um patrão de artesãos, pede um preço muito alto e adquire rapidamente terra e casa que pode legar aos seus descendentes. Mas por que razão, em três anos, a maioria dos queixosos foram encaminhados para um estaleiro naval dependente da Dupla Casa branca?

— Mostra-me as listas.

— Basta consultar os arquivos.

— Acho que deves ter uma surpresa desagradável.

Sechem ficou desesperado.

— Esta reclassificação era inútil!

— Em que prateleira estavam registradas as listas das pessoas contratadas?

— Nas prateleiras em sicômoro.

— És capaz de as encontrar nesta confusão?

— Espero que sim. — Outra decepção abateu Sechem, depois de procurar em vão, concluiu. — Desapareceram! Mas existem minutas, mesmo incompletas, elas serão úteis.

Dispostos a tudo, os dois jovens escribas tiraram as pedras de calcário dos arrumos onde se acumulavam. À luz de tochas, Sechem identificou as suas preciosas minutas.

O estaleiro naval parecia uma colméia em plena atividade, os contramestres davam ordens secas e precisas a marceneiros que aparelhavam longas tábuas de acácia. Os técnicos juntavam as pranchas de um casco, outros colocavam a amurada, com uma habilidade perfeita, construíram uma embarcação colocando as tábuas umas por cima das outras, e unindo-as com entalhes e encaixes. Numa outra parte do estaleiro, os operários calafetavam os barcos, enquanto os colegas fabricavam os remos.

— Entrada interdita — avisou um vigilante a Paser, acompanhado por Kem e pelo babuíno.

— Mesmo ao vizir?

— És o...

— Chama o teu patrão.

O homem não se fez de rogado. Uma personagem de boa estatura chegou a correr, seguro de si, com a voz firme,

reconheceu o babuíno e o chefe da polícia e fez uma vênia ao vizir.

— Em que posso ajudá-los?

— Gostaria de encontrar os estrangeiros com estes nomes.

O vizir apresentou uma lista ao chefe do estaleiro.

— São desconhecidos aqui.

— Pensa bem.

— Não é preciso, tenho certeza...

— Tenho documentos oficiais que provam que contrataste, durante três meses, cerca de cinquenta estrangeiros. Onde estão eles?

A reação do interpelado foi fulgurante. Desatou a fugir tão depressa em direção à viela que Matador pareceu ter sido apanhado desprevenido. No entanto, o macaco galgou o muro e saltou para as costas do fugitivo, mantendo-o com a cara virada para o chão.

O chefe da polícia levantou o acusado pelos cabelos.

— Podes começar a falar, espertalhão.

A quinta, situada a norte de Mênfis, ocupava uma extensão enorme. O vizir e um grupo de polícias penetraram na propriedade no meio da tarde e prenderam um criador de gansos.

— Onde estão os estrangeiros?

O aparato das forças impressionou o camponês, que foi incapaz de se manter calado e indicou um estábulo.

Quando o vizir se aproximou do estábulo, vários homens armados com foices e paus obstruíram-lhe a passagem.

— Não utilizem a violência — advertiu Paser — e deixem-nos entrar aí.

Um impertinente agitou a sua foice, o punhal lançado por Kem atingiu-lhe o antebraço.

Toda a resistência parou. No interior do estábulo, cerca de cinquenta estrangeiros acorrentados estavam ocupados a ordenhar vacas e a separar sementes.

O vizir deu ordem para os libertarem e mandou prender os seus guardas.

Bel-Tran divertiu-se com o incidente.

— Escravos? Sim, como na Grécia, e não tarda em todo o mundo mediterrânico! A escravatura é o futuro do homem, meu caro Paser. Exige uma mão-de-obra dócil e barata, graças a ela, desenvolveremos um programa de grandes trabalhos sem comprometer a sua rentabilidade.

— Devo lembrar-te que a escravatura, contrariamente à lei de Maât, está proibida no Egito?

— Se tentas culpar-me, desiste, não conseguirás estabelecer qualquer ligação entre mim, o estaleiro naval, a quinta e o serviço de acolhimento aos trabalhadores estrangeiros. Entre nós, confesso-te: procedia experimentalmente uma experiência que interrompiste de forma desastrosa, mas que já começava a revelar-se frutuosa. As tuas leis são saudosistas, quando é que percebes que o Egito de Ramsés morreu?

— Por que odeias os homens dessa maneira?

— Só existem duas raças: os dominadores e os dominados. Eu pertença à primeira, a segunda deve obedecer-me. Eis a segunda lei em vigor.

— Apenas na tua cabeça, Bel-Tran.

— Os dirigentes concordam comigo, pois esperam vir a tornar-se dominadores, mesmo que a esperança deles não seja concretizada, ter-me-ão dado jeito.

— Enquanto eu for vizir, ninguém será escravo na terra do Egito.

— Este combate de retaguarda deveria entristecer-me, mas os teus gestos inúteis distraem-me mais. Pára de gastar energias, Paser, sabes tão bem como eu que a tua ação é irrisória.

— Lutarei contra ti até ao último fôlego.

Suti testava o arco de madeira de acácia, verificava a solidez da madeira, a tensão da corda e a flexibilidade da armação.

— Não tens nada melhor para fazer? — perguntou Pantera, carinhosamente.

— Se queres ser rainha, preciso de ter um exército digno de confiança.

— Uma vez que já tens um exército, serve-te dele.

— Achas que o meu exército é capaz de vencer o egípcio?

— Enfrentemos primeiro a polícia do deserto e imponhamos a nossa lei sobre as areias do deserto. Líbios e núbios confraternizam sob o teu comando, isso já é um grande feito. Se lhes deres ordem para combaterem, eles obedecer-te-ão. És o dono do ouro, conquista o território do qual seremos donos e senhores.

— És completamente louca.

— Desejas vingar-te, meu amor, vingar-te do teu amigo Paser e do teu maldito Egito. Com o ouro e os guerreiros, alcançarás os teus objetivos.

Os beijos ardentes eram sinal de paixão, convicto de que a aventura seria exaltante, o general Suti percorreu o acampamento. Os líbios, irreduzíveis, especialistas em assaltos relâmpago, estavam equipados com tendas e coberturas que tornavam a existência quase agradável em pleno deserto. Excelentes caçadores, os núbios dedicavam-se à caça.

Mas a excitação dos primeiros dias tinha-se dissipado, os líbios acabaram por compreender que Adafi estava morto e que tinha sido assassinado por Suti. Era evidente que tinham de respeitar a palavra dada frente aos deuses, mas começava a formar-se uma oposição clandestina. A chefiá-la, estava um tal Jossete, homem baixo, robusto, coberto de pêlos muito pretos, braço direito de Adafi, manejador de facas, nervoso e rápido, reagia cada vez pior ao comando do egípcio.

Suti inspecionou cada um dos bivaques e felicitou os seus homens, estavam a limpar as armas, a tratar da sua condição física e a cuidar da sua higiene.

Acompanhado por cinco soldados, Jossete interrompeu Suti, que conversava com um grupo de líbios que regressavam de exercícios.

— Para onde nos levas?

— Que te parece?

— Não gosto da forma como nos respondeste.

— Fizeste uma pergunta descabida.

Jossete franziu as finas sobrancelhas.

— Ninguém fala assim comigo.

— A obediência e o respeito são as primeiras qualidades de um bom soldado.

— Desde que tenha um bom chefe.

— Como general, não te agrado?

— Como ousas comparar-te a Adafi?

— Foi ele que perdeu, não eu, mesmo atuando de forma desonesta, foi vencido.

— Estás a acusá-lo de desonestidade?

— Não foste tu próprio que enterraste o cadáver do seu cúmplice?

Bastante impulsivo, Jossete tentou dar um murro na barriga de Suti, mas este deteve o líbio com uma cotovelada no peito, atirando-o ao chão, antes que se pudesse levantar, o egípcio enterrou-lhe a cara na areia e colocou um pé sobre a sua cabeça.

— Ou obedeces, ou morres sufocado.

O olhar de Suti dissuadiu os líbios de socorrerem o seu camarada, Jossete largou a faca e bateu com o punho no chão, em sinal de submissão.

— Respira.

O calcanhar soergueu-se. Jossete cuspiu areia e rolou sobre si mesmo.

— Ouve com atenção, meu traidor de trazer por casa, quiseram os deuses que eu matasse um traidor e assumisse o comando de um grande exército. E eu aproveitei essa oportunidade, quanto a ti, ou te calas e combates a meu lado, ou então, ala.

Jossete voltou para as fileiras, cabisbaixo.

O exército de Suti avançou em direção ao norte, passando pelo vale do Nilo, a relativa distância das zonas habitadas, escolhendo o itinerário mais difícil e menos frequentado. Com um sentido inato de liderança, o jovem guerreiro sabia repartir os esforços e inspirar confiança nos seus homens e ninguém punha em causa a sua autoridade.

O general e Pantera seguiam à frente das suas tropas, a cavalo, a líbia saboreava cada segundo da sua conquista impossível, como se se tivesse tornado dona desta terra pouco hospitaleira. Suti, atento, ouvia o deserto.

— Enganamos a polícia — disse ela.

— A deusa do ouro está enganada, estão no nosso encalço há dez dias.

— Como sabes?

— Estarás, por acaso, a duvidar do meu instinto?

— Porque não atacam?

— Porque somos muitos, eles têm de reagrupar várias patrulhas.

— Ataquemos primeiro!

— Esperemos.

— Não queres matar egípcios, não é? É essa a tua grande idéia. Deixares-te crivar de flechas pelos teus compatriotas.

— Se não somos capazes de derrotá-los, como poderei oferecer-te um reino?

“Os de olho perspicaz” não acreditavam no que viam. Acompanhados pelos seus cães ferozes, sulcavam incessantemente o vasto deserto, interpelavam os beduínos rapinantes, protegiam as caravanas e asseguravam a segurança dos mineiros. Nenhum deslocamento de nômades lhes passava despercebida, nenhum vagabundo gozaria de um furto. Há decênios que “os de olho perspicaz” abortavam todas as tentativas de perturbar a ordem estabelecida.

Assim que um batedor assinalou a presença de uma força armada proveniente do sul, ninguém conseguia acreditar, teria bastado um relatório alarmista de uma patrulha para desencadear uma intervenção que necessitava da coordenação de polícias dispersos num vasto território.

Depois de se reunirem, “os de olho perspicaz” hesitaram sobre a conduta a assumir. Quem eram estes soldados perdidos, quem os comandava, que desejavam? A aliança insólita entre líbios e núbios era presságio de luta violenta, contudo, os polícias do deserto orgulhavam-se de eliminar os intrusos sem pedir ajuda ao exército. Tal façanha aumentaria o seu prestígio e valer-lhes-ia vantagens materiais.

O inimigo tinha cometido um erro crucial ao acampar para lá de uma linha de colinas de onde os polícias atacariam, ao anoitecer, quando a atenção das sentinelas diminuísse.

Primeiro estrangulá-los-iam, depois, atirariam uma saraivada de flechas envenenadas e, para terminar, seria a luta corpo a corpo. O assalto seria rápido e sangrento, se houvesse prisioneiros, seriam obrigados a falar.

Quando o sol se põe no deserto, levanta-se o vento, “os de olho perspicaz” tentaram em vão definir a posição das sentinelas. Receando uma armadilha, avançaram prudentemente. Uma vez alcançado o cimo das colinas, os grupos de assalto não se depararam com nenhum adversário. Nesta posição favorável, observaram o acampamento e, para grande espanto seu, verificaram que estava vazio. Carros abandonados, cavalos à solta e tendas desmontadas eram testemunho da debandada daquele estranho exército. Sentindo-se ameaçada, a tropa heróclita tinha preferido dispersar.

Vitória fácil que seria seguida de uma perseguição renhida e da prisão de cada soldado. Renitentes a toda a forma de pilhagem, os polícias elaborariam uma lista detalhada do material apreendido. O Estado conceder-lhes-ia uma parte.

Desconfiados, penetraram em pequenos grupos no acampamento, protegendo-se uns aos outros, os mais arrojados encaminharam-se para os carros, destaparam as coberturas e descobriram as barras de ouro. Chamaram de imediato os colegas, que se reuniram à volta do tesouro. Fascinados, a maioria largou as armas e mergulhou na contemplação do divino

metal.

Em dezenas de lugares, o deserto impôs-se, Suti e os seus homens estavam camuflados, cientes da atração que exerceria um acampamento vazio e o carregamento de ouro, mas sabiam que a sua partida duraria pouco. Apareceram pelas costas dos polícias, cercados, estes últimos compreenderam que resistir de nada valeria. Suti saltou para um dos carros e interpelou os vencidos.

— Se forem pessoas razoáveis, nada têm a recear. Não só sobreviverão, como ficarão ricos como os líbios e os núbios que estão sob o meu comando. Chamo-me Suti, antes de comandar este exército era tenente no exército egípcio. Fui eu que livre a vossa corporação de uma ovelha ranhosa, o General Asher, traidor e assassino, fui eu que lhe apliquei a sentença promulgada pela lei do deserto. Hoje, sou o dono do ouro.

Alguns polícias reconheceram-no, pois a reputação de Suti tinha ultrapassado as muralhas de Mênfis, outros já o consideravam como um herói lendário.

— Não estavas preso na fortaleza de Tjaru? — perguntou um oficial.

— A guarnição tentou eliminar-me, ao oferecer-me como bode expiatório aos núbios, mas a deusa do ouro velava por mim.

Pantera avançou, iluminada pelos últimos raios de luz que fizeram resplandecer o seu diadema, o colar e a pulseira de ouro que ostentava. Subjugados, vencedores e vencidos julgaram estar na presença de uma aparição da famosa deusa longínqua, finalmente de regresso ao sul misterioso e agreste, para conduzir o Egito às alegrias do amor.

E prostraram-se, submissos.

A festa estava no auge. Brincava-se com o ouro, bebia-se, faziam-se planos para o futuro e enaltecia-se a beleza da deusa do ouro.

— Estás feliz? — perguntou Pantera a Suti.

— Podia ter sido mais difícil.

— Pergunto-me o que não farás para evitares matar um egípcio... Tornaste-te num bom general graças a mim.

— Esta coligação é bem fraca.

— Tem confiança.

— Que desejas conquistar?

— O que aparecer, ficar parado é insuportável. Avancemos, tracemos o nosso horizonte.

Jossete apareceu das trevas, com o punhal no ar e atirou-se para cima de Suti. Felino, este desviou-se, evitando assim o golpe mortal.

Uma vez passado o perigo, Pantera riu da agressão, a diferença de tamanhos e de força era tal que o seu amante não teria qualquer dificuldade em vencer o medonho e pequeno líbio.

Suti bateu no vazio, reanimado, Jossete tentava espetar-lhe o punhal no coração. Um reflexo salvou Suti, mas perdeu o equilíbrio e caiu.

Pantera, com um pontapé, desarmou o agressor. A vontade de matar decuplicou as forças de Jossete, desembaraçou-se da líbia de cabelos loiros, munuiu-se de uma pedra e tentou atingir a cabeça de Suti, que não foi suficientemente lesto: virou-se, mas não evitou o impalto no seu braço esquerdo e soltou um grito de dor.

Jossete deu um grito de contentamento, elevando a pedra ensanguentada, colocou-se em frente do ferido.

— Morre, egípcio duma figa.

Nisto, com um olhar fixo e a boca escancarada, o líbio largou a arma improvisada e deixou-se cair ao lado de Suti. Estava morto.

Pantera tinha visado em cheio, ao espetar na nuca de Jossete o seu próprio punhal.

— Porque te defendeste assim tão mal?

— No escuro, já não distingo mais nada... Estou cego.

Pantera ajudou Suti a levantar-se. Ele fez uma cara de dor.

— O braço... está quebrado.

Pantera levou-o até ao velho guerreiro núbio.

— Deitem-no de costas — ordenou a dois soldados — e coloquem um rolo de panos sobre as suas omoplatas. Tu, à direita, tu, à esquerda.

Os dois negros puxaram em simultâneo o braço do ferido, o velho guerreiro diagnosticou uma fratura do úmero e repôs os ossos no seu devido lugar, indiferente aos gritos de dor de Suti. Duas talas forradas de linho ajudariam à cura.

— Nada de muito grave — declarou o ancião. — Pode andar e comandar as tropas.

Apesar das dores, Suti levantou-se.

— Conduz-me à minha tenda — murmurou ao ouvido de Pantera. Caminhava lentamente, para não tropeçar. A loira Líbia guiou-o e ajudou-o a sentar-se.

— Ninguém deve ficar a saber que estou diminuído.

— Descansa, eu tomarei conta de ti.

De madrugada, Suti acordou cheio de dores. Rapidamente se esqueceu delas pois o panorama que contemplava deixava-o maravilhado.

— Vejo, Pantera, eu já vejo!

— A luz... foi a luz que te curou.

— Eu conheço esta doença: um acesso de cegueira noturna. Repetir-se-á quando menos esperar. Só uma pessoa me poderá salvar: Néféret.

— Estamos longe de Mênfis.

— Anda.

Saltando para o dorso do cavalo, começaram a cavalgar. Passaram dunas, galoparam ao longo do leito de um curso de água e subiram uma colina rochosa.

Do alto, o panorama era esplêndido.

— Olha Pantera, olha a cidade branca no horizonte! É Coptos, a cidade para onde nos dirigimos.

O intenso calor de Maio entorpecia a imensa necrópole de Sakkarah, as escavações dos túmulos decorriam a um ritmo lento, se é que não estavam mesmo paradas. Os sacerdotes encarregados de velar pelo ka, a energia imortal, deslocavam-se lentamente. Apenas Djuí, o mumificador, não tinha direito a descansar, acabavam de lhe trazer três cadáveres que necessitavam de todos os preparativos para a viagem para o outro mundo. Pálido, com a barba por fazer, as pernas esguias, extraía as vísceras e embalsamava os corpos melhor ou pior, de acordo com o preço que lhe pagavam. Quando não estava a trabalhar, levava flores a alguns jazigos em troca de uma pequena contribuição, apreciável complemento do seu salário. Djuí inclinou-se ao passar pelo vizir e pela mulher que se dirigiam ao túmulo de Branir.

O tempo não tinha diminuído a dor nem sarado a ferida. Sem Branir, Paser e Néféret sentiam-se órfãos, o mestre assassinado jamais seria substituído. Ele encarnava a sabedoria, a sabedoria brilhante do Egito que Bel-Tran e os seus compinchas tentavam destruir.

Ao venerar a memória de Branir, Paser e Néféret uniam-se à longa linhagem de anciãos fundadores, inflamados defensores de uma verdade pacífica e de uma justiça serena sobre a qual tinham edificado um país de água e de sol. Branir não tinha sido esquecido, a sua presença invisível guiava-os, o seu espírito indicava-lhes um caminho que eles ainda não tinham descoberto. Apenas a comunhão da alma, na vida para além da morte, os ajudaria a percorrê-lo.

O vizir encontrou-se com o rei em segredo, no interior do templo de Ptah. Oficialmente, Ramsés, o Grande, residia na bela cidade de Pi-Ramsés, no centro do Delta, para poder beneficiar do seu clima ameno.

— O nossos inimigos devem pensar que estou desesperado e vencido.

— Já nem três meses nos restam.

— Progressos?

— Pouco satisfatórios. Pequenas vitórias, sem dúvida, mas que não abalam Bel-Tran.

— Os cúmplices?

— São numerosos, já consegui apanhar alguns.

— Eu também. Em Pi-Ramsés, remexi no corpo do exército encarregado de vigiar as fronteiras com a Ásia, alguns oficiais superiores recebiam gratificações ilícitas da Dupla Casa branca, através de vários organismos. Bel-Tran é um chefe tortuoso, para encontrar vestígios da sua ação é preciso desvendar os esquemas complicados que engendrou. Continuemos a intrrometer-nos no seu campo de ação.

— Todos os dias descubro mais qualquer coisa.

— O testamento dos deuses?

— Nem uma pista.

— O assassino de Branir?

— Nada de concreto.

— É preciso desferir um rude golpe, Paser, e conhecer exatamente os limites do campo de ação de Bel-Tran. Como o tempo escasseia, façamos um recenseamento.

— Demorará muito tempo.

Pede ajuda a Bagey e solicita a ajuda de todas as administrações, que os chefes de província dêem prioridade a esta tarefa. Em menos de quinze dias, obteremos os primeiros resultados. Quero conhecer o estado real do país e a extensão desta conspiração.

Cansado, curvo, com as pernas inchadas, o antigo vizir recebeu Paser amavelmente, ainda que a sua mulher não apreciase tal visita, não admitia que o marido, já reformado, fosse importunado dessa maneira.

Paser reparou que a pequena casa do centro da cidade estava em avançado estado de degradação, em certos lugares, o estuque estava lascado. Não disse nada, com medo de vexar o seu antecessor, tomaria providências para que uma equipe de restauradores se encarregasse de restaurar e pintar as casas de toda a rua, incluindo assim a habitação de Bagey no seu processo de reabilitação. Ele próprio financiaria esta operação.

— Um recenseamento? — estranhou Bagey. — É uma tarefa árdua.

— O último data de cinco anos, pareceu-nos a altura ideal para atualizarmos os dados.

— Tens razão.

— Queria fazê-lo o mais rapidamente possível.

— Não será difícil, desde que tenha o apoio efetivo dos mensageiros do rei.

Os mensageiros formavam um corpo de elite encarregado de transmitir as diretivas do poder central, dependia da sua eficácia, nomeadamente, uma aplicação mais ou menos rápida das reformas.

— Eu acompanho-te ao serviço de recenseamento — acrescentou Bagey. — Acabarias por compreender o seu funcionamento, mas assim ganharás alguns dias.

— Vai na minha liteira.

— É mais cómodo para ti...

— Não faltou nenhum mensageiro real.

O vizir abriu a sessão do conselho ao colocar uma imagem de Maât no seu cordão de ouro e todos se inclinaram perante a deusa da justiça.

Vestido com as vestes tradicionais dos vizires, um comprido avental engomado feito de um tecido espesso e teso, que apenas lhe não cobria os ombros, Paser sentou-se numa cadeira de costas direitas.

— Convoquei-os, em nome do Faraó, para vos confiar uma missão especial: um recenseamento tão rápido como o vôo de um pássaro. Desejo conhecer todos os nomes dos proprietários de campos e terras cultivadas, a superfície que detêm, o número de cabeças de gado e a quem pertencem, a qualidade e a quantidade das riquezas, o número de habitantes. Não será necessário lembrar-lhes que as mentiras voluntárias ou por omissão serão consideradas faltas graves, passíveis de severas penas.

Um mensageiro pediu autorização para intervir.

— Normalmente, um recenseamento arrasta-se durante vários meses, porquê tanta pressa?

— Vejo-me obrigado a tomar decisões de ordem económica e, para isso, necessito saber se o estado do país se alterou muito em cinco anos. Em seguida, estudaremos os resultados.

— Não será fácil satisfazer o teu pedido, mas conseguiremos, se fizermos a recolha diária dos inquiridos. Importar-te-ias de precisar quais as tuas intenções: é para preparar um novo sistema fiscal?

— Nenhum recenseamento foi estabelecido com base nesse pensamento, como sempre, o seu objetivo será o pleno emprego e uma justa repartição dos serviços. Dou-lhes a minha palavra, jurada sobre esta Lei.

— Terás os primeiros resultados dentro de uma semana.

Em Carnaque, as tamargueiras floresciam entre as esfinges, para impedir o acesso dos profanos ao templo. A Primavera espalhava os seus cheiros açucarados, as pedras do templo ornavam-se de cores quentes e o bronze das grandes portas cintilava.

Néféret presidia à assembléia anual dos médicos-chefes das principais cidades do Egito, reunidos no templo da deusa Mut, onde tinham sido iniciados nos segredos da sua arte. Discutiriam os problemas da saúde pública e dariam a conhecer as maiores descobertas, cujos principais beneficiados seriam os farmacêuticos, os veterinários, os dentistas, os oftalmologistas, os “pastores do ânus”, os “conhecedores dos humores e dos órgãos ocultos”¹⁰ e outros especialistas. A maioria eram veteranos e admiraram a expressão cândida da médica-chefe do reino, o seu pescoço de gazela, a sua constituição esbelta, a elegância das suas vestes, Néféret tinha um diadema de flores na cabeça com pequenas pérolas e, ao pescoço, a pérola de turquesa que Branir lhe havia oferecido para a proteger das influências nocivas.

O Sumo-sacerdote de Carnaque, Kani, tinha aberto a sessão. De pele morena, enrugada, vestígios de furúnculos na nuca, testemunho da sua atividade de jardineiro, obrigado a transportar pesadas placas, não seduzia ninguém.

— Graças aos deuses, o corpo médico deste país é hoje dirigido por uma mulher excepcional, preocupada em melhorar os cuidados e não em aumentar o seu prestígio, depois de um deplorável interlúdio, eis que voltamos à justa tradição ensinada por Imhotep. Não nos desviemos mais e o Egito terá uma alma e um corpo são.

Néféret detestava discursos e raramente discursava, passando a palavra aos seus colegas. As suas intervenções foram breves e frutuosas, havia relatórios que mencionavam o melhoramento das técnicas cirúrgicas, nomeadamente nos campos da ginecologia e da oftalmologia e a invenção de numerosos remédios à base de plantas exóticas. Vários sábios insistiram em que era necessário manter um elevado nível de formação dos médicos, mesmo que para tal fosse necessário alargar a duração dos estudos e exigir mais anos de prática antes de serem considerados aptos a exercer a medicina.

Néféret concordou com as conclusões, apesar do bom ambiente que a rodeava, Kani reparou que ela estava tensa, inquieta.

— Está a decorrer um recenseamento — revelou ela. — Graças às diligências dos mensageiros do rei, já se conhecem alguns resultados. Há um que nos preocupa especialmente: o rápido crescimento da população de certas províncias. O controle demográfico é vital, se o não fizermos, estamos a condenar o nosso povo à miséria.¹¹

— Que desejas?

— Que os médicos das aldeias utilizem métodos contraceptivos.

— O teu antecessor pôs cobro a essa política uma vez que cabia ao Estado distribuir gratuitamente os produtos.

— É uma política estúpida e perigosa. Voltemos à contraceção à base de acácia, o ácido lácteo dos espinhos e dos picos é eficaz.

— Claro, mas para conservá-lo, é necessário misturá-lo com tâmaras e mel... E este último produto é muito caro.

— Famílias muito numerosas arruinarão as aldeias, que os médicos convençam os pais desta realidade. Quanto ao mel, pedirei ao vizir que coloque uma parte da sua colheita ao serviço da saúde.

À luz morrente do crepúsculo, Néféret tomou o caminho que conduzia ao templo de Ptah, afastado do grande eixo este-oeste, coluna vertebral da imensa Carnaque, o pequeno santuário situava-se no centro de uma zona florestal.

Alguns sacerdotes cumprimentaram a médica-chefe do reino, Néféret entrou sozinha na capela onde se encontrava a estátua da leoa Sekhmet, patrona dos médicos e encarnação da força misteriosa que gerava tanto as doenças como os seus remédios.

A deusa, com corpo de mulher e cabeça de leoa, estava envolvida em trevas, o último raio de luz, penetrando por uma fenda do teto, iluminou o rosto da deusa aterradora. Sem a sua ajuda, nenhum médico podia curar.

O milagre repetiu-se, como no seu primeiro encontro: a leoa sorriu. Os seus traços suavizaram-se e ela baixou os olhos para a sua serva. Tendo vindo para lhe pedir a sua sabedoria, Néféret comungou com o espírito da pedra viva, pela presença inalterável da divindade, transmitia-se a ciência da energia em que o estado humano era apenas uma forma passageira.

A jovem passou a noite em meditação, de discípula de Sekhmet tornou-se sua irmã e confidente. Quando a poderosa luz da manhã conferiu de novo à estátua a sua expressão vingadora, Néféret já não a temia.

Corria um boato por toda a cidade de Mênfis: a audiência do vizir teria um carácter extraordinário. Tinham sido convocados não só os novos amigos do rei, mas também numerosos cortesãos que acorriam apressados ao salão das colunas para assistir ao acontecimento. Alguns apontavam para a demissão de Paser, esmagado pelo peso da responsabilidade, outros para um escândalo com consequências imprevisíveis.

Contrariamente ao que era seu hábito, Paser não organizou um conselho restrito, mas sim um aberto a todos. Nessa bonita manhã de Maio, enfrentava toda a corte.

— Obedecendo às ordens do Faraó, mandei realizar um recenseamento cuja primeira parte está terminada, graças ao extraordinário desempenho dos mensageiros do reino.

— Tenta agradar a uma corporação difícil — murmurou um velho cortesão.

— Sem esquecer de atribuir a si próprio os méritos da sua ação — acrescentou o seu vizinho.

— É meu dever informar-vos dos resultados — prosseguiu Paser. Um arrepio desagradável percorreu a assembléia, a gravidade do tom deixava adivinhar uma catástrofe inesperada.

— O aumento desmesurado da população em três províncias do norte e em duas do sul torna indispensável a intervenção do serviço de saúde que refreará estas tendências o mais brevemente possível, através de um serviço de informação às famílias.

Não se ouviu nenhum comentário desfavorável.

— Os bens dos templos, ainda intactos, estão gravemente ameaçados, o mesmo acontecendo com os das cidades. Sem a minha intervenção direta, o espectro económico alterar-se-á rapidamente e deixarão de reconhecer a terra dos vossos

antepassados.

Os cortesãos perderam a serenidade, a declaração do vizir parecia exagerada e infundada.

— É evidente que não se trata de uma opinião, mas de fatos consumados cuja gravidade não vos será alheia.

— Peço-te que os exponha sem rodeios — solicitou o superintendente dos campos.

— De acordo com relatórios oficiais recolhidos pelos mensageiros reais, cerca de metade das terras é controlada direta ou indiretamente pela Dupla Casa branca, sem perceberem, numerosos templos da província estarão, num futuro próximo, privados das suas colheitas. Uma elevada quantidade de pequenos e médios exploradores, endividados, tornar-se-ão arrendatários ou serão expulsos. O equilíbrio entre propriedade privada e domínio público encontrar-se-á num ponto de ruptura. O mesmo se passa com o gado e com o artesanato.

Os olhares pousaram todos em Bel-Tran, sentado à direita do vizir. Nos olhos do diretor da Dupla Casa branca estampavam-se o espanto e a cólera. De lábios cerrados, nariz contraído, cabeça levantada, fulminava a assembléia com o olhar.

— A política econômica seguida antes da minha nomeação — continuou Paser — orientava-se numa vertente com a qual não concordo. O recenseamento prova os seus excessos, que pretendo combater desde já, graças aos decretos assinados pelo Faraó. Só respeitando os seus valores ancestrais poderá o Egito preservar a grandeza e felicidade do seu povo, pedirei, por isso, ao diretor da Dupla Casa branca para seguir à risca as minhas instruções e anular as injustiças.

Publicamente acusado, mas encarregado de uma nova missão, iria Bel-Tran retirar-se ou submeter-se? Pesado, robusto, avançou e apresentou-se perante o vizir.

— Sou-te leal: ordena e cumprirei.

Um murmúrio de satisfação traduziu o consentimento da corte. Evitava-se assim uma crise, Bel-Tran reconhecia os seus erros e o vizir não o condenaria. A moderação de Paser foi admirada, apesar da sua juventude, possuía o sentido dos cambiantes e sabia ser diplomata, sem abdicar de uma linha de conduta irrepreensível.

— Para encerrar este conselho — declarou o vizir — mantenho a recusa de criar um estado civil onde seriam registrados nascimentos, mortes, casamentos e divórcios. Tal documento restringiria a liberdade, ao registrar por escrito acontecimentos que apenas dizem respeito aos interessados e não ao Estado. Não endureçamos a nossa sociedade ao cairmos numa gestão administrativa demasiado formal. Quando o Faraó for coroado, não mencionaremos a sua idade, mas festejaremos a sua função. Preservemos este estado de espírito, mais preocupado com a verdade intemporal do que com aos detalhes fugazes e o Egito permanecerá em harmonia, à semelhança do céu.

Capítulo 31

A senhora Silkis, desnorteada, não conseguia acalmar a cólera do marido. Vítima de uma crise de tétano, Bel-Tran deixara de ter sensibilidade nos dedos dos pés e das mãos. Atormentado por acessos de raiva, quebrava vasos preciosos, rasgava papiros novos e injuriava os deuses. Até mesmo as insinuações da mulher de nada valiam.

Silkis retirou-se para os seus aposentos, sorveu um preparado composto por sumo de tâmara, folhas de rícino e leite de sicômoro, destinado a acalmar o fogo que lhe queimava os intestinos. Um médico tinha-a alertado para o mau estado do plexo venoso das suas coxas, um outro ficou preocupado com o constante calor do ânus, ela despediu-os a todos antes de aceitar o tratamento de um especialista que lhe tinha injetado leite materno com a ajuda de um clister.

Continuava a doer-lhe a barriga, como se estivesse a pagar por todos os seus erros. Gostaria de confiar os seus pesadelos ao intérprete dos sonhos e solicitar os cuidados de Néféret, mas o primeiro tinha abandonado Mênfis e a segunda era sua inimiga.

Bel-Tran entrou de rompante no seu quarto.

— Ainda estás doente!

— Admite, estou a ser consumida por uma peste.

— Pago para que tenhas os melhores médicos.

— Só Néféret me pode salvar.

— Mentira! Ela não é melhor do que os seus colegas.

— Enganas-te.

— Alguma vez me enganei desde que comecei a subir na vida? Transformei-te numa das mulheres mais ricas deste país, serás brevemente a mais rica e eu possuirei o poder supremo, manipulando os escravos.

— Tens medo de Paser.

— Ele irrita-me, ao comportar-se como o vizir que pensa ser.

— A sua intervenção fê-lo ganhar muitos adeptos, alguns dos teus seguidores abandonaram-te.

— Imbecis! Arreponder-se-ão, aqueles que não me obedecerem cegamente não passarão de meros escravos.

Silkis deitou-se, esgotada.

— E se tu te contentasses só com a tua riqueza e em tratares de mim?

— Dentro de dez semanas, seremos os donos deste país e tu serias capaz de renunciar por causa da tua saúde! És louca, minha pobre Silkis.

Ela levantou-se e agarrou-o pela cintura.

— Diz a verdade: já não gostas de mim, não é?

— Que queres dizer com isso?

— Sou nova e bonita, mas os meus nervos estão frágeis e a minha barriga é, por vezes, pouco acolhedora... Já escolheste outra, para ser a futura rainha?

Ele esbofeteou-a, obrigando-a a soltá-lo.

— Gosto de ti e continuo a gostar e, desde que acates as minhas ordens, nada terás a recear.

Ela não chorou nem choramingou, a sua expressão de juventude transformou-se em gelo, parecendo mármore grego.

— E se eu te abandonar?

Bel-Tran sorriu.

— Gostas demasiado de mim, minha querida, e gostas demasiado deste conforto. Conheço os teus vícios, somos inseparáveis. Renegamos juntos os deuses, mentimos os dois, injuriamos a justiça e a Regra. Existe melhor garantia para uma solidariedade indestrutível?

— Deliciosa — reconheceu Paser, ao sair da água.

Néféret examinava a faixa de cobre que envolvia o interior do lago e o desinfetava. O sol tinha dourado a sua pele, sobre a qual rolavam gotas de água.

Paser mergulhava, nadava, e segurava-a docemente pela cintura antes de voltar a mergulhar e de a beijar no pescoço.

— Estão à minha espera no hospital.

— Então vão esperar mais um pouco.

— Não tens de ir para o palácio?

— Não sei.

A sua resistência fora vencida, lânguida, não resistiu mais. Paser, abraçou-a, conduziu-a até ao rebordo de pedra. Sempre abraçados, deitaram-se sobre as lajes aquecidas pelo sol e deram largas ao seu desejo.

Uma voz forte interrompeu-os.

— É Vento do Norte — disse Néféret.

Este zurrar indica a chegada de um amigo.

Alguns minutos mais tarde, Kem cumprimentou o vizir e a sua esposa. Bravo, que dormia junto a um sicômoro, abriu um olho e voltou a adormecer, com a cabeça colocada sobre as patas.

— A tua intervenção foi muito apreciada — revelou ele ao vizir. — Acabaram-se as críticas no seio da corte e o ceticismo desapareceu. Eis-te reconhecido como um verdadeiro primeiro-ministro.

— E Bel-Tran? — perguntou inquieta Néféret.

— Está cada vez mais perturbado, alguns notáveis declinam os seus convites para jantar, outros, fecham-lhe as portas. Consta que o substituirás sem aviso prévio no caso de uma nova afronta. Desferiste-lhe um golpe fatal.

— Não — disse Paser.

— Pouco a pouco, vais enfraquecendo o seu poder.

— Sabe pouco.

— Mesmo que possua uma arma decisiva, poderá servir-se dela?

— Não pensemos nisso, continuemos a agir.

O núbio cruzou os braços.

— Quem te ouvir falar, acabará por acreditar que a retidão é a única forma de sobreviver neste reino.

— Não acreditas nisso?

— A mim custou-me o nariz, a ti, custar-te-á a vida.

— Empenhemo-nos em contradizer essa profecia.

— Quanto tempo ainda temos?

— Tenho de te dizer a verdade: dez semanas.

— E quanto ao devorador de sombras? perguntou Néféret.

— Não penso que tenha desistido — respondeu Kem. — Mas saiu derrotado dos seus confrontos com o Matador. Se começou a ter dúvidas, talvez considere abandonar a partida.

— Estarás a ficar otimista?

— Nunca te esqueças: não descuido nunca a retaguarda.

Néféret, sorridente, virou-se para o núbio.

— Esta visita não é uma mera visita de cortesia, não é?

— Conheces-me bem.

— Essa expressão de contentamento nos teus olhos... Sinal de esperança?

— Sabemos onde está Mentmosé, o meu maldito antecessor.

— Em Mênfis?

— Segundo um informante, que o viu sair de casa de Bel-Tran, seguiu em direção ao norte.

— Terias podido interpellá-lo — afirmou Paser.

— Teria sido um erro, não era melhor saber para onde se dirigia?

— Desde que o não percas de vista.

— Se não foi de barco, é porque quer passar despercebido. Ele sabe que é procurado pela polícia. Ao escolher um caminho por terra, evitará os controles.

— Quem o segue?

— Os meus melhores polícias, assim que chegar aos seu destino, seremos informados.

— Previne-me, assim que souberes alguma coisa, irei contigo.

— Não é prudente.

— Necessitarás de um magistrado para interrogá-lo. E quem será melhor do que o vizir?

Paser estava decidido a descobrir toda a verdade e nem Néféret o tinha conseguido convencer a renunciar a uma aventura perigosa, apesar da presença de Kem e do babuíno.

Não saberia Mentmosé, antigo chefe da polícia que, em desrespeito das leis, tinha mandado Paser para a prisão, tudo acerca do assassinato de Branir? O vizir não deixaria escapar esta oportunidade de ficar a conhecer toda a verdade.

— Mentmosé falaria.

Enquanto o vizir esperava o sinal de Kem, Néféret preparava, com os colegas, um programa de contraceção a nível de todo o país. Graças ao decreto do vizir, os produtos seriam distribuídos gratuitamente às famílias. Os médicos das aldeias, cuja função seria reabilitada, ficariam incumbidos de informarem a população e de, a partir deste momento, vigiarem o controle da natalidade.

Contrariamente ao seu antecessor, Néféret não se tinha instalado nos gabinetes administrativos reservados ao médico-chefe do reino e aos seus colaboradores mais próximos, tinha preferido o seu antigo gabinete no hospital principal para poder estar em contato com os doentes e com os preparadores de remédios. Ouvia, aconselhava e transmitia esperança. Tentava dia a dia diminuir os limites do sofrimento, e todos os dias sofria derrotas nas quais depositava esperança para vitórias futuras. Preocupava-se igualmente com a redação de tratados de medicina, transmitidos desde o tempo das pirâmides e sempre melhorados, um colégio de escribas especializados descrevia as experiências com sucesso e tomava nota dos tratamentos.¹²

Ao sair de uma operação aos olhos, destinada a evitar o agravamento de um glaucoma, Néféret lavava as mãos na sala de água dos cirurgiões, quando um jovem médico lhe indicou uma urgência. Cansada, a jovem médica pediu-lhe que se ocupasse dela, mas a paciente insistia em ser atendida por Néféret, e só por ela.

A mulher estava sentada, com a cabeça coberta por um véu.

— De que te queixas? — perguntou Néféret. A paciente nada disse.

— Tenho de te examinar.

Silkis levanta então o véu.

— Cura-me Néféret, se não, morrerei.

— Há aqui excelentes médicos, consulta um deles.

— Só tu, Néféret, conseguirás salvar-me, mais ninguém.

— És a mulher de um ser vil e destruidor, Silkis, de um perjuro e de um mentiroso. Ficar ao lado dele atesta a tua cumplicidade, é ele que te corrói a alma e o corpo.

— Nunca cometi nenhum crime. Devo obedecer a Bel-Tran, apaixonei-me por ele...

— Então não passas de um mero objeto?

— Nunca compreenderás.

— Nem compreenderei, nem te tratarei.

— Sou tua amiga, Néféret, tua amiga fiel e sincera, uma vez que sabes que te estimo, confia em mim.

— Se deixares Bel-Tran, acreditarei em ti, senão, pára de me mentires e de mentires a ti própria.

A sua voz delicada de mulher-menina assumiu um tom lamentoso.

— Se me curares, Bel-Tran recompensar-te-á, juro! É a única forma de salvares Paser.

— Tens certeza?

— Admite finalmente a verdade.

— Ela está sempre presente.

— Bel-Tran prepara um novo golpe, bastante mais atrativo! Será à minha imagem, belo e sedutor.

— Ficarás cruelmente desapontada.

O sorriso de Silkis desapareceu.

— Porque dizes isso?

— Porque o teu futuro se baseia na ambição e no ódio, e será apenas isso, se não abandonares já essa vida.

— Assim sendo, não confias em mim..

— Cúmplice de um assassino, comparecerás mais cedo ou mais tarde perante a justiça do vizir.

A mulher-menina ficou furiosa.

— Esta era a tua última chance, Néféret! Ao decidires unir o teu destino ao de Paser, ao recusares ser minha médica particular, estás condenada a desaparecer sem glória. Da próxima vez que nos encontrarmos, serás minha escrava.

Tal como na canção popular “os mercadores sobem e descem o rio, frenéticos como moscas, transportando mercadorias de umas cidades para as outras, abastecendo os que nada têm”. No barco onde sírios, gregos, cipriotas e fenícios discutiam, enquanto comparavam os preços e repartiam a futura clientela, Paser mantinha-se à distância. Ninguém tinha reconhecido o vizir do Egito naquele homem vestido de forma banal e cuja única bagagem era uma esteira para dormir. No tejadilho da embarcação, atulhado de pacotes, Matador estava à escuta. A sua calma provava que o devorador de sombras não andava por aquelas paragens. Kem não abandonava a proa, com a cabeça coberta por um capuz, com medo de ser reconhecido. Contudo, os mercadores estavam mais preocupados em calcular os lucros do que em reparar nos outros passageiros.

O barco avançava rapidamente, pois o vento estava de feição, o capitão e a sua tripulação receberiam uma boa recompensa, se chegassem ao seu destino mais cedo do que o previsto. Os comerciantes estrangeiros eram homens muito apressados.

Uma altercação opôs sírios e gregos, os primeiros propuseram colares de pedras semi-preciosas aos segundos em troca de vasos vindos de Rodes. Mas os helênicos desdenharam da oferta pois consideravam-na insuficiente. Esta atitude surpreendeu Paser, uma vez que a transação lhe parecia justa.

O incidente acalmou os ímpetos comerciais e dedicaram-se à meditação, ao longo do Nilo. Depois de ter seguido ao longo do “grande rio” que atravessava o Delta, o navio mercante virou para este, para as águas de Ra, um braço de rio que se separa do leito principal e segue em direção às vias que servem Canaã e a Palestina.

Os Gregos desembarcaram quando o barco fez uma breve escala num descampado, foram seguidos por Kem, Paser e Matador. O cais, vetusto, parecia abandonado, em volta, florestas de papiros e pântanos. Alguns patos dispersaram.

— Foi aqui que Mentmosé se juntou a um grupo de comerciantes gregos — revelou o núbio. — Seguiram por terra em direção a sudeste. Se seguirmos aqueles homens, encontrá-lo-emos.

Os mercadores conversavam, desconfiados, a presença daquele trio intrigava-os. Um deles, ligeiramente coxo, veio ao seu encontro.

— Que desejam?

— Um empréstimo — respondeu Paser.

— Neste recanto perdido?

— Em Mênfis jamais no-lo concederiam.

— Falência?

— Alguns negócios são inconcretizáveis, pois tenho idéias a mais, ao decidirmos acompanhar-vos, encontraremos possivelmente pessoas mais compreensivas.

O grego pareceu convencido.

— Vieram bater à porta certa. O teu macaco... está à venda?

— Não, por enquanto.

— Há curiosos.

— É um animal selvagem, tímido e inofensivo.

— Servir-vos-á como garantia e conseguirão um bom preço.

— Será longo o percurso?

— Duas horas a pé, esperamos apenas a chegada dos burros.

A caravana pôs-se em marcha, acompanhando o passo do burro. Bem carregados, não estrebuchavam e mantinham um olhar sereno, habituados a este trabalho duro. Os homens saciaram a sua sede e Paser humedeceu o focinho dos quadrúpedes.

Depois de ter atravessado um campo ao abandono, chegaram ao fim da viagem: uma pequena cidade de casas baixas, protegida por uma muralha.

— Não vejo nenhum templo, nem pilares, nem portas monumentais, nem auriflomas a ondular ao sabor do vento — estranhou Paser.

— Aqui não são necessárias santidades — retorquiu um grego, divertido. — wEsta cidade apenas conhece um deus: o lucro. É a ele que servimos fielmente e foi ele que nos trouxe felicidade.

Pela entrada principal, vigiada por dois guardas indulgentes, entravam burros e mercadores. As pessoas acotovelavam-se, berravam, pisavam-se e mergulhavam na multidão que enchia as ruas estreitas nas quais se erguiam tendas de todos os tamanhos. Os palestinianos, descalços, com a barba por fazer, suíças abundantes e uma opulenta cabeleira presa no cimo da cabeça por uma fita, mostravam-se orgulhosos dos seus albornozes sarapintados comprados dos libaneses, mestres afamados na arte do cálculo mental. Cananenses, líbios e sírios tomavam de assalto as lojas dos gregos, a transbordar de produtos importados, nomeadamente vasos esguios e elegantes e acessórios para a higiene quotidiana. Até mesmo os hititas compravam mel e vinho, tão indispensáveis à sua mesa como aos seus rituais.

Ao observar as transações, Paser depressa se deu conta de uma anomalia: os compradores não propunham nada em troca dos bens que adquiriam. Em vez de negociarem calorosamente, limitavam-se apenas a apertar a mão do vendedor.

Sob o olhar atento de Kem e do babuíno, Paser aproximou-se de um grego palavroso, pequeno e barbudo, que tinha em exposição soberbas taças de prata.

— Gosto daquela.

— Mas que gosto excelente! Estou muito triste...

— Porquê?

— É a minha preferida. Separar-me dela seria um duro golpe. Paciência! É a dura lei do comércio. Pega nela, homem, toca-lhe, acredita, vale a pena. Nenhum artesão é capaz de fazer uma igual.

— Quanto custa?

— Admira a sua beleza, imagina-a em tua casa, sonha com os olhares de inveja e admiração dos teus amigos. Primeiro, recusarás dizer o nome do comerciante a quem compraste esta magnífica peça, mas depois confessarás: Quem mais, se não Péricles poderia ter tais obras-primas?

— Deve ser muito cara.

— Que importa o preço, se a arte atinge a perfeição? Propõe um preço.

— Uma vaca malhada?

O grego olhou-o espantado.

— Gosto pouco de brincadeiras.

— Achas pouco?

— Isto está a tornar-se aborrecido e eu não tenho tempo a perder.

Ofendido, o mercador passou a um novo cliente. Boquiaberto, Paser tinha feito uma proposta em que o principal prejudicado era ele. O vizir dirigiu-se a um outro grego, o mesmo diálogo, com algumas variações, acompanhou a transação. No momento crucial, Paser estendeu a mão. O outro apertou-a, estupefato, retirou-a.

— Mas... não tem nada.

— Que deveria ter?

— Julgas que os meus vasos são de graça? Dinheiro, pois então.

— Eu... eu não tenho.

— Vai a um banco e pede um empréstimo.

— Onde posso encontrar um?

— Na praça principal, há mais de dez.

Estupefato, Paser seguiu as indicações do mercador.

As ruelas desembocavam numa praça quadrada onde havia lojas estranhas. Paser pediu informações, tratava-se mesmo de “bancos”, um termo inusitado no Egito. Dirigiu-se ao banco mais próximo e pôs-se na fila.

À entrada, dois homens armados, examinaram o vizir da cabeça aos pés para se certificarem de que não trazia nenhum punhal.

No interior, várias pessoas atarefadas. Uma delas colocava pequenos discos de metal numa balança, pesava-os e arrumava-os em seguida em várias caixas.

— Depósito ou levantamento?

— Depósito.

— Enumera os teus bens.

— É que...

— Rápido, os outros clientes estão à espera.

— Face à grande quantidade que desejo depositar, gostaria de discutir o seu valor com o responsável máximo do banco.

— Está ocupado.

— Quando me poderá receber?

— Um momento.

O funcionário regressou passados alguns instantes, o encontro tinha sido marcado para o fim da tarde.

E foi assim que o dinheiro¹³, “o grande mal”, havia sido introduzido naquela cidade, o dinheiro, sob a forma de moedas em circulação, inventado pelos gregos há décadas, tinha sido afastado do país dos faraós, pois acabaria com a economia de troca direta e conduziria a uma irremediável decadência da sociedade. “O grande mal” ditava o primado do ter sobre o ser, aumentava a ambição natural dos homens e permitia-lhes ver claramente os valores monetários desenquadrados da realidade. Os vizires fixavam o preço dos objetos e alimentos em função de uma referência, que não circulava e não se materializava em pequenas rodas de prata ou de cobre, uma verdadeira prisão para o indivíduo.

O diretor do banco era um homem rotundo, de rosto quadrado e com cerca de cinquenta anos, nascido em Micenas, tinha reconstituído o ambiente da sua terra natal: pequenas estatuetas de barro, efigies em mármore de heróis gregos, uma edição em papiro das principais passagens da Odisseia, vasos de gargalo alto decorados com as explorações de Heracles.

— Informaram-me que desejarias fazer um avultado depósito.

— Exatamente.

— De que natureza?

— Tenho muitos bens.

— Gado?

— Gado.

— Cereais?

— Cereais.

— Barcos?

— Barcos.

— E... Mais alguma coisa?

— Muitas coisas mais.

O diretor parecia surpreso.

— Tens muito dinheiro no banco?

— Penso que sim, mas...

— Que receias?

— A tua aparência não é indicadora de... tais riquezas.

— Para viajar, evito os trajes suntuosos.

— Compreendo, mas gostaria de ter...

— Uma prova da minha riqueza?

O diretor concordou.

— Dá-me uma placa de argila.

— Preferia registrar a declaração num papiro.

— Tenho uma forma melhor de o certificar, dá-me essa placa.

Desconcertado, o banqueiro obedeceu.

Paser imprimiu o seu selo na argila.

— Esta garantia é-te suficiente?

Com os olhos esbugalhados, o grego fitou o selo do vizir.

— Que...que desejas?

— Foste visitado por um desertor.

— Eu? É impossível.

— Chama-se Mentmosé, foi chefe da polícia, antes de infringir a lei e ser exilado. A presença dele em território egípcio é um delito grave que deverias ter denunciado.

— Garanto-te que...

— Pára de mentir — recomendou o vizir. — Sei que Mentmosé esteve aqui, por ordem do diretor da Dupla Casa branca.

O banqueiro desistiu.

— Por que razão recusaria eu fazer negócio com Mentmosé? Ele atuava em nome das autoridades.

— Que te pediu ele?

— Para espalhar as atividades bancárias à volta do Delta.

— Onde está ele escondido?

— Já deixou a nossa cidade, em direção a Rakotis.

— Ter-te-ás esquecido de que a circulação de dinheiro é proibida e que os culpados de tal infração estão sujeitos a pesadas penas?

— Os meus negócios são legais.

— Recebeste, por acaso, um decreto assinado por mim?

— Mentmosé assegurou-me que as atividades bancárias eram consideradas como um dado adquirido e que eram prenúncio de uma realidade futura.

— Foste imprudente, no Egito, a lei existe para ser cumprida.

— Não resistirás muito tempo a esta prática, ela é a base do progresso...

— Um progresso que não desejamos.

— Não sou o único, os meus colegas...

— Procuremo-los, mostra-me a cidade.

Otimista, o banqueiro grego apresentou o vizir, acompanhado de Matador, aos seus colegas encarregados de importar a moeda fraudulenta, de gerir as contas dos clientes, de fixar as taxas de empréstimo e de proceder às várias operações bancárias com vista a obterem o maior lucro possível para a instituição. Insistiam nas grandes vantagens do seu procedimento, um Estado forte, que manipulasse o sistema, não utilizaria em seu proveito os bens que os seus cidadãos se veriam obrigados a confiar-lhe?

Enquanto o vizir ouvia a lição, os polícias de Kem, a um sinal do seu chefe, tiraram os seus disfarces de líbios e gregos e fecharam as portas da cidade, apesar dos protestos de uma multidão sobressaltada. Três homens tentaram escalar a muralha e fugir, mas a sua fraca constituição física traiu-os. Impotentes, foram presos e conduzidos à presença do chefe da polícia.

O mais agitado defendia-se com veemência.

— Larga-me imediatamente.

— És acusado de ser receptor de dinheiro.

— Não tens autoridade para me julgar.

— Devia levar-te a tribunal.

Assim que os três prisioneiros foram levados à presença do vizir, que os exonerou do seu título e das suas funções, a sua fúria esmoreceu e pediram clemência.

— Perdoa-nos... Foi um erro, um erro lamentável. Somos comerciantes honestos, nós...

— Os vossos nomes e profissão.

Os três homens eram egípcios do Delta, fabricantes de móveis, uma parte da sua produção, não declarada, era enviada para aquela cidade grega.

— Parece-me que alcançavam benefícios ilegais, lesando assim os vossos compatriotas. Contestam os fatos?

Ninguém se pronunciou.

— Sê piedoso... fomos enganados.

— Limitar-me-ei a aplicar a lei.

Paser organizou um tribunal na praça principal. O júri foi composto por Kem e cinco camponeses egípcios que o chefe da polícia tinha mandado vir da exploração agrícola mais próxima.

Os numerosos acusados, na sua maioria gregos, não contestaram nem o motivo nem a sentença aplicada, o júri adotou, por unanimidade, o castigo que o vizir esperava: expulsão imediata dos culpados e proibição de pisarem o solo egípcio. As moedas apreendidas seriam fundidas e o metal obtido seria ofertado aos templos sob a forma de objetos rituais. Quanto à cidade, continuaria nas mãos de comerciantes estrangeiros, desde que estes se submetessem às regras da economia egípcia.

O patrono dos banqueiros agradeceu ao vizir.

— Receava uma pena mais severa, dizem que a prisão de Khargeh é um inferno — confessou.

— Eu sobrevivi.

— Tu?

— Mentmosé esperava que eu lá apodrecesse.

— Eu, no teu lugar, não subestimava a sua astúcia. Ele é manhoso e perigoso.

— Eu sei.

— Ao pôr cobro ao desenvolvimento do sistema monetário, estarás ciente de que suscitaste o ódio de um inimigo que contava lucrar com esse mesmo sistema?

— Estou até feliz por isso.

— Por quanto tempo mais pensas permanecer como vizir?

— Enquanto o Faraó assim o desejar.

A bordo de um barco veloz, Paser, Kem e o babuíno velejavam em direção à costa de Rakotis. O vizir contemplava a magnificência verdejante das paisagens do Delta, onde incontáveis caminhos de água se entrelaçavam. Quanto mais avançavam em direção ao norte, mais as águas se estendiam pelo reino e mais o Nilo se dilatava, preparando o seu noivado com um mar sonhador e terno, cujas terras derradeiras se embriagavam, em formas aleatórias. Um mundo parecia numa imensidão de azul para renascer em vagas.

Rakotis era a terra do peixe. Uma grande quantidade de peixarias do Delta tinham-se fixado nos arredores do pequeno porto, onde se podiam encontrar pessoas de todas as raças. Ao ar livre, no mercado ou em armazéns, os pescadores limpavam o peixe e espalmavam-no, em seguida, amarravam-no a varas de madeira, secavam-no ao sol ou enterravam-no na areia quente ou na lama com efeitos desinfetantes. Depois, procedia-se à salga, os melhores exemplares eram conservados em óleo e os ovos de tainha eram colocados à parte para preparar a butarga. Se os gastrônomos apreciavam peixe fresco, grelhado ou com molho de cominhos, orégãos, coentros e pimenta, o povo consumia peixe seco, alimento tão cotidiano como o pão. O custo da tainha equivaleria a uma caneca de cerveja e um cesto de percas do Nilo era trocado por um belo amuleto.

Paser estava surpreso com a calma que reinava na cidade mercantil, nem um cântico, nem atropelamentos, nem negociações calorosas, nem idas e vindas de caravanas de burros.

No cais, alguns homens dormiam ao pé das redes de pesca, nem um barco atracado. Uma grande casa baixa, com o telhado plano, era a sede dos serviços administrativos encarregados do registro das pescarias e sua expedição.

Entraram.

Estava vazia. Nenhum documento, como se nunca tivessem existido arquivos, nem mesmo uma pena de escriba ou folhas de rascunho. Nem uma única pista que indicasse que ali tinham trabalhado escribas.

— Mentmosé não deve estar longe — afirmou Kem. — O Matador presentiu a sua presença.

O babuíno revistou o edifício e dirigiu-se para o porto, Paser e Kem seguiram-no. Assim que o macaco se aproximou de um barco em mau estado, cinco barbudos malcheirosos, armados com facas de abrir peixe, despertaram.

— Vão embora, vocês não são daqui.

— Vocês são os últimos habitantes de Rakotis?

— Desapareçam.

— Sou Kem, chefe da polícia, falem, ou então terão problemas.

— Os negros pululam no sul, não aqui, volta para a tua terra.

— Não vão obedecer às ordens do vizir, aqui presente?

O pescador desatou a rir.

— O vizir pavoneia-se no seu escritório de Mênfis. Em Rakotis, a lei somos nós.

— Quero saber o que se passou — disse Paser, com voz grave.

O homem virou-se para os seus companheiros.

— Ouviram o que ele disse? Pensa que é o grande juiz! Pensa mesmo que nos assusta com aquele macaco.

O Matador tinha muitas qualidades e um grande defeito: a sua suscetibilidade. Enquanto agente da polícia, detestava que troçassem da autoridade.

O seu salto surpreendeu o adversário e desarmou-o, depois mordeu-o no braço, antes que o segundo interviesse, deu-lhe um murro na nuca. Quanto ao terceiro, puxou-lhe as pernas, derrubando-o. Kem encarregou-se dos dois primeiros, demasiado debilitados para lhe oferecerem resistência.

O chefe da polícia agarrou no único pescador que estava em condições de falar.

— Porque está deserta a cidade?

— Por ordem do vizir.

— Transmitida por quem?

— Pelo seu mensageiro particular, Mentmosé.

— Estiveste com ele?

— Toda a gente o conhece, por estas bandas, teve alguns problemas, mas já está tudo resolvido. Desde que voltou a trabalhar no campo da justiça, tem ótimas relações com as autoridades do porto. Consta que lhes oferece dinheiro grego, moedas em metal, e que aqueles que forem seus amigos ficarão ricos. É por isso que seguem as suas instruções à letra.

— Quais foram?

— Deitar ao mar as reservas de peixe fumado e abandonar Rakotis devido a uma doença contagiosa. Os escribas foram os primeiros a partir, logo seguidos pela população e pelos trabalhadores.

— E vocês não?

— Eu e os meus companheiros não temos para onde ir.

O babuíno bateu com as patas.

— Estão sob as ordens de Mentmosé, não é?

— Não, nós...

A pata do babuíno atingiu a garganta do pescador, os olhos de Matador expressavam toda a sua ferocidade.

— Sim, sim, estamos à espera dele.

— Onde se esconde?

— Nos pântanos, a oeste.

— Porque se esconde?

— Destruí as placas e os papiros que roubamos dos escritórios da administração.

— Há quanto tempo partiu?

— Pouco depois do nascer do sol, quando regressar, levá-lo-emos ao grande canal e iremos para Mênfis com ele. Prometeu-nos uma casa e um terreno.

— E se ele se esquecer de vocês?

O pescador levantou os olhos em direção ao núbio.

— Não é possível, ele prometeu...

— Mentmosé não tem palavra, é um mentiroso nato. Nunca trabalhou para o vizir. Sobe para esta barca e leva-nos até ele, se nos ajudares, seremos indulgentes.

O quarteto navegou na vastidão semi-aquática, semi-herbácea onde Kem e Paser teriam sido incapazes de se orientar. Desordenados, os íbis negros voavam em direção a um céu onde pequenas nuvens redondas indicavam em que direção soprava o vento. Ao longo do casco, perfilavam-se serpentes, tão verdes como a água glauca.

Imersos neste labirinto pouco hospitaleiro, o pescador prosseguia com surpreendente à vontade.

— Vou meter por um atalho — explicou. — Apesar de ele levar um grande avanço, apanhá-lo-emos antes que ele alcance o canal principal onde circulam os cargueiros.

Kem ajudou-o a remar, Paser escrutinava o horizonte, o babuíno estava sonolento. Os minutos passavam muito depressa. O vizir perguntava-se se o guia não estaria a brincar com eles, mas a serenidade do Matador acalmou-o.

Assim que ele se sentou nas patas traseiras, os três homens acreditaram que a sua perseguição não tinha sido em vão, alguns instantes mais tarde, avistaram uma outra embarcação.

Havia um único passageiro a bordo, um homem calvo, de crânio rosado e reluzente.

— Mentmosé — gritou Kem. — Pára, Mentmosé!

O antigo chefe da polícia acelerou o ritmo, mas a distância que os separava diminuiu consideravelmente.

Percebendo que não conseguiria escapar, Mentmosé enfrentou-os, atirando uma lança que se espetou no peito de um dos pescadores. O infeliz atingido desequilibrou-se e afundou-se no pântano.

— Coloca-te atrás de mim — ordenou Kem ao vizir. O macaco mergulhou.

Mentmosé lançou uma segunda lança em direção ao núbio, este último desviou-se no último instante, evitando o contato. Paser manejava a pagaia com dificuldade, atolando-se num banco de nenúfares, mas logo se desembaraçando e prosseguindo novamente.

Com uma terceira lança na mão, Mentmosé hesitava, mataria primeiro o macaco ou o núbio?

Emergindo da água, Matador agarrou na proa e abanou o barco com intenção de virá-lo, mas Mentmosé pisou-lhe os dedos com as pedras que serviam de âncora e tentou perfurar-lhe a pata, cravando-a à madeira. Magoado, o babuíno largou a mão no momento em que Kem saltava da sua embarcação para a do fugitivo.

Apesar da sua constituição física e da falta de ginástica, Mentmosé respondeu com uma agressividade inesperada, a ponta da lança arranhou a face do núbio. Em desequilíbrio, estatelou-se no chão da embarcação e susteve um golpe violento com o antebraço. A lança espetou-se entre duas tábuas. Paser alcançou Mentmosé, que afastou a embarcação do vizir, Kem agarrou no pé direito do ex-polícia e Mentmosé caiu ao pântano.

— Pare de resistir, Mentmosé — ordenou Paser. — Considera-te nosso prisioneiro.

Mentmosé não tinha largado a sua arma, quando a manejou em direção ao vizir, soltou um grito horrível, pôs a mão na nuca, desfaleceu e desapareceu na água glauca. Paser viu uma enguia¹⁴ dos canaviais, nas margens do canal, bastante raras no Nilo, estas enguias provocavam afogamentos, pois o simples contato com qualquer nadador, de uma violência extraordinária, deixava-os inconscientes.

Kem, aflito, conseguiu salvar o babuíno que lutava contra a corrente, mergulhando, ajudou-o a subir para a barca. O macaco, muito digno, mostrou-lhe a ferida como se estivesse a pedir desculpas por não ter conseguido prender Mentmosé.

— Sinto muito — lamentou o núbio — Mentmosé não mais falará.

Deprimido e chocado, o vizir permaneceu silencioso durante a viagem de regresso a Mênfis, ainda que tivesse desferido um rude golpe contra as atividades ilícitas de Bel-Tran, como não lamentar a morte de um pescador, presumível cúmplice de Mentmosé?

Kem tinha tratado do Matador, cuja ferida era superficial, Néféret supervisionaria a total recuperação do macaco. O núbio percebeu as preocupações do vizir.

— Não lamento Mentmosé, aquele crápula parecia um fruto velho e bichoso.

— Porque comete a corja de Bel-Tran tantas atrocidades? A sua ambição só traz infelicidade.

— O vizir é o baluarte contra os demônios, não cedas.

— Esperava superintender o cumprimento da lei e não proceder a inquéritos sobre o assassinato do meu mestre e deparar-me com tantos dramas. “A função do vizir é tão amarga como o fel” declarou o rei quando da minha entronização.

O babuíno colocou a pata magoada no ombro de Paser, assim se mantendo até chegarem a Mênfis.

Com o auxílio de Kem, Paser redigiu um longo relatório sobre os mais recentes acontecimentos.

Um escriba trouxe-lhe um papiro lacrado. Endereçado ao vizir, vinha de Rakotis e era “urgente” e “confidencial”.

Paser abriu a carta e leu um texto surpreendente em voz alta.

— Eu, Mentmosé, antigo chefe da polícia injustamente condenado, acuso o vizir Paser de incapaz, criminoso e irresponsável. Com testemunhas oculares, ordenou que fossem lançadas ao mar as reservas de peixe seco, privando assim a população do Delta da sua base de alimentação durante algumas semanas. É a ele mesmo que dirijo esta queixa, de acordo com a lei, ver-se-á obrigado a instruir um processo contra si próprio.

— Eis a razão por que Mentmosé destruiu os documentos administrativos das peixarias, ninguém o poderá contradizer.

— Ele tem razão — concluiu o vizir. — Apesar da sua mentira descomunal, vejo-me obrigado a provar a minha inocência num processo legal. Será necessário proceder a uma reconstituição, convocar testemunhas e provar a manipulação. Durante este processo, Bel-Tran poderá agir livremente.

Kem coçou o seu nariz de madeira.

— Não bastava enviar-te esta missiva, Mentmosé teria de ter apresentado uma queixa em nome de Bel-Tran ou de um alto dignitário, obrigando-te assim a levar em consideração as suas acusações.

— Bem visto.

— Assim, só resta este papiro.

— Certo, mas é o suficiente para desencadear todo um processo.

— Se ele não existisse, não haveria processo.

— Não posso destruí-lo.

— Mas eu posso.

E Kem arrancou o papiro das mãos de Paser e rasgou-o em mil pedacinhos que foram levados pelo vento.

Suti e Pantera contemplavam a bela cidade de Coptos, cujas casas brancas se deleitavam ao sol de Maio, na margem direita do Nilo, a cerca de quarenta quilômetros de Carnaque. Desta capital da quinta província do Alto-Egito partiam as expedições comerciais para os portos do mar Vermelho e as equipas de mineiros em direção às minas do deserto oriental. Foi para lá que Suti se dirigiu, para encontrar a pista de Asher, o general traidor e assassino, que ele tinha matado.

O estranho exército de Suti aproximou-se do fortim que vigiava a estrada de acesso à entrada da cidade, como era proibido circular nas redondezas sem autorização, os viajantes apresentavam-se acompanhados de polícias encarregados de verificar a sua identificação e garantir a sua segurança.

Os que estavam no posto da guarda não acreditavam no que viam, de onde surgira aquele exército heteróclito, composto por líbios, núbios e representantes das forças da ordem? Eram capazes de jurar que confraternizavam, enquanto “os de olho perspicaz” pareciam ter recrutado prisioneiros acorrentados.

Suti avançou sozinho em direção ao chefe do posto, armado com uma espada.

De cabelos compridos, pele bronzeada, o torso nu ornado com um grosso cordão de ouro e pulseiras que faziam ressaltar o vigor dos seus braços, Suti tinha a postura de um verdadeiro general, que regressava com os seus homens de uma campanha vitoriosa.

— Chamo-me Suti e sou egípcio, como tu, porque havemos de nos matar?

— De onde vens?

— Bem vês: do deserto que conquistamos.

— Mas isso é... ilegal!

— A lei do deserto pertence-me, é minha e dos meus homens, se te opões a ela, morrerás de forma inglória. Vamos tomar esta cidade. Fica do nosso lado e nada te acontecerá.

O chefe da polícia hesitou.

“Os de olho perspicaz” estão sob o teu comando?

— São pessoas sensatas, ofereço-lhes mais do que alguma vez pensaram. — Suti atirou uma barra de ouro para os pés do chefe do posto.

— É apenas um modesto presente, para evitar uma carnificina. — O homem, espantado, apanhou o tesouro.

— A minha reserva de ouro é inesgotável, corre e vai prevenir o governador militar desta cidade. Eu espero aqui mesmo.

Enquanto o chefe do posto cumpria a sua missão, os soldados de Suti cercavam a cidade. Como na maior parte das cidades egípcias, Coptos não se encontrava dentro de uma muralha, os assaltantes espalharam-se, de forma a controlar os principais acessos.

Pantera meteu o seu braço no braço esquerdo do seu amante, como uma esposa fiel. Coberta de jóias de ouro, a líbia de cabelos loiros parecia uma deusa, nascida da união do céu e da terra.

— Recusarias um combate, meu amor?

— Não é preferível uma vitória pacífica?

— Eu, eu não sou egípcia, ver os teus compatriotas derrotados pelos meus agrada-me-me-ia sobremaneira. Os líbios não têm medo de lutar.

— Achas que é o momento ideal para me provocares?

— É um momento tão bom como outro qualquer.

Ela beijou-o com o fulgor de uma conquistadora, excitada com a idéia de se tornar rainha de Coptos.

O governador da cidade apareceu pouco depois. Mirou o agressor de alto a baixo, depois de uma longa carreira no exército, durante a qual defrontara os Hititas, estava prestes a reformar-se e a ir para uma cidade vizinha de Carnaque. Como sofria de artrose, limitava-se a fazer um trabalho de rotina, longe dos campos onde se tomavam as decisões. Em Coptos, não se queriam lutas, devido à sua localização estratégica, a cidade beneficiava de uma proteção policial que desencorajava traficantes e ladrões. Estava preparada para enfrentar um assalto súbito de larápios e não para sustentar guerreiros temíveis.

Por trás de Suti, carros bem equipados, à direita, arqueiros núbios, à esquerda, lançadores de lanças líbios, nas saídas das estradas e nas colinas, “os de olho perspicaz”. E esta mulher soberba, de cabelos loiros, pele dourada e adereços de ouro! Muito embora não acreditasse em contos, o governador pensou que ela vinha de um outro mundo, possivelmente das ilhas misteriosas situadas nos confins da Terra.

— Que exigem?

— Que me entregues Coptos para eu fazer dela o meu feudo.

— Impossível.

Sou um egípcio — lembrou-lhe Suti — e servi no exército do meu país, hoje em dia, comando o meu próprio exército e disponho de uma imensa fortuna que decidi compartilhar com esta cidade de mineiros e pesquisadores de ouro.

— Não foste tu que acusaste Asher de traição e assassinato?

— Fui.

— Tinhas razão, era um velhaco e um homem sem palavra. Que os deuses não permitam o seu reaparecimento.

— Fique tranquilo: o deserto engoliu-o.

— Foi feita justiça.

— Gostaria de evitar um confronto fratricida.

— É minha obrigação fazer respeitar a ordem pública.

— Quem tenciona perturbá-la?

— O teu exército não me parece nada pacífico.

— Se ninguém o provocar, é inofensivo.

— Quais as tuas condições?

— O primeiro magistrado de Coptos é uma pessoa idosa, sem ambição. Que ele me ceda o seu lugar.

— Tal mudança não será possível sem o acordo do chefe da província, que deverá, por sua vez, ter o consentimento do vizir.

— Começaremos por despedir esse velho senil — decretou Pantera — Depois, se verá.

— Leva-me à presença do primeiro magistrado — ordenou Suti.

O primeiro magistrado de Coptos estava a comer azeitonas ao som de uma jovem tocadora de harpa dotada de verdadeiro talento, apreciador de música, ia cada vez menos à sede da magistratura. A administração de Coptos era simples, os fortes contingentes da polícia do deserto garantiam a segurança, a população estava bem alimentada, os ourives trabalhavam metais e minerais preciosos, o templo refletia a sua prosperidade.

A visita do governador militar perturbou a sua calma, contudo, acedeu a recebê-lo.

— Este é Suti — disse o militar, ao apresentar Suti ao Magistrado.

— Suti... o acusador do general Asher?

— O próprio.

— Estou muito feliz por te acolher em Coptos, desejas beber uma cerveja fresca?

— Com prazer.

A tocadora de harpa saiu e um copeiro trouxe as taças e a maravilhosa bebida.

— Estamos às portas de um desastre declarou o governador militar. O primeiro magistrado sobressaltou-se.

— Que dizes?

— O exército de Suti cerca a cidade, se nos batermos, haverá muitos mortos e feridos.

— Um exército... Com soldados de verdade?

— Núbios, excelentes arqueiros, líbios, peritos na arte de manejar a lança, e... polícias do deserto.

— Mas isso é de doidos! Exijo que esses traidores sejam presos e castigados.

— Não será muito fácil convencê-los — objetou Suti.

— Muito fácil... Mas onde pensas que estás?

— Na minha cidade.

— Estarás no teu perfeito juízo?

— O exército dele parece ser muito eficaz — opinou o governador militar.

— Chama reforços!

— Atacarei antes.

— Prende este homem, governador.

— Não caias nessa, — recomendou Suti. — A deusa do ouro colocaria a cidade a ferro e fogo.

— A deusa do ouro?

— Regressou do sul longínquo, com a chave das riquezas inesgotáveis, recebe-a e alcançarás a felicidade e a prosperidade. Rejeita-a e a calamidade abater-se-á sobre a tua cidade.

— Estás mesmo convencido de que sairás vencedor?

— Não tenho nada a perder, o mesmo não se passa contigo.

— Não tens medo da morte?

— Há muito que ela me acompanha. Nem os ursos da Síria, nem Asher, o traidor, nem os ladrões núbios conseguiram matar-me. Se quiseres tentar, faz favor.

Um bom Magistrado devia possuir um excelente poder de negociação, não tinha ele de resolver mil e um conflitos de forma diplomática?

— Devo partir do pressuposto de que estás a falar a sério, Suti.

— É melhor que o faças.

— Que propões então?

— Que me cedas o teu lugar, para que eu me torne no novo primeiro magistrado da cidade.

— Nem pensar.

— Conheço a alma desta cidade, aceitar-nos-á como soberanos, à deusa do ouro e a mim.

— A tua tomada de poder será ilusória, assim que a notícia se espalhar, o exército os desalojará.

— Será um bonito confronto.

— Manda dispersar as tuas tropas.

— Vou para junto da deusa de ouro — declarou Suti. — Concedo-te uma hora para refletires. Ou aceitas a minha proposta, ou atacaremos.

Enlaçados, Suti e Pantera observavam Coptos. Sonhavam com os exploradores, que partiam em busca de rotas incertas, em busca de tesouros mil vezes sonhados, quantos não tinham sido guiados pela gazela de Isis em direção ao bom jazigo, quantos não tinham regressado vivos para admirar a vasta curva do Nilo, para este, na cidade dos pesquisadores de ouro?

Os núbios cantavam, os líbios comiam, “os de olho perspicaz” inspecionavam os carros de assalto, ninguém falava e estavam todos à espera do choque inevitável que ensanguentaria as estradas e os campos.

Mas uns estavam saturados de andar de um lado para o outro, outros aspiravam a uma fortuna inesperada, e outros ainda tinham vontade de combater para provar a sua valentia, estavam todos enfeitiçados pela beleza de Pantera e a determinação de Suti.

— Submeter-se-ão? — perguntou ela.

— Pouco importa.

— Não matarás os teus irmãos de raça.

— Terás a tua cidade, no Egito, veneramos as mulheres capazes de encarnar deusas.

— Não me venerarás, se morreres em combate.

— Tu, a líbia, tu amas o meu país cuja magia te conquistou.

— Se ela te absorve, seguir-te-ei, o meu feitiço será mais forte do que tudo.

O governador militar apresentou-se antes do prazo terminar.

— O primeiro magistrado aceita as tuas condições.

Pantera sorriu, Suti não reagiu.

— Aceita, mas com uma condição: que não pilhes a cidade.

— Viemos oferecer, não roubar.

À frente do exército, o casal entrou na cidade.

A novidade espalhou-se tão rapidamente que os habitantes se juntaram no eixo principal da cidade e nos cruzamentos, Suti deu aos núbios ordem para destaparem as arcas que estavam nos carros.

O ouro brilhava.

Os habitantes de Coptos nunca tinham visto tanto metal precioso, as meninas lançavam flores aos núbios que passavam, os garotos corriam ao lado dos soldados. Em menos de uma hora, a cidade inteira estava em festa e celebrava o regresso da deusa longínqua, cantando a lenda do herói Suti, vencedor dos demônios da noite e descobridor de uma mina de ouro gigantesca.

— Pareces perturbado — notou Pantera.

— É possível que seja uma armadilha.

O cortejo avançou em direção à casa do primeiro magistrado, uma bonita vivenda situada no centro da cidade, construída no meio de um jardim. Suti observou os telhados, de arco na mão, estava pronto a disparar uma flecha no caso de se tratar de uma emboscada.

Mas não ocorreu nenhum incidente. Vinda dos subúrbios da cidade, apareceu uma multidão entusiasta, convencida de que se tinha acabado de operar um milagre, o regresso da deusa longínqua tornaria Coptos na cidade mais rica de todas as cidades.

À entrada da vivenda, os servos tinham espalhado maravilhas-bastardas pelo chão, formando um tapete alaranjado, com flores de lótus na mão, davam as boas-vindas à deusa do ouro e ao general Suti. Orgulhosa, Pantera agradeceu com um sorriso e dirigiu-se, com pose real, para a entrada enfeitada de tamarizes.

— Como é bonita esta casa! Repara na fachada, nas colunas altas e elegantes, nas soleiras das portas decoradas com palmeiras... Vou sentir-me muito confortável aqui. Lá embaixo, uma cavaliça! Daremos passeios a cavalo, antes de nos banharmos e de bebermos vinho doce.

O interior da casa encantou a líbia dos cabelos loiros. O primeiro magistrado tinha um gosto requintado, nas paredes, pinturas que evocavam o vôo dos patos selvagens e a vida luxuriante de um pântano. Um gato selvagem, a trepar pelos ramos da árvore do papiro aproximava-se de um ninho repleto de ovos de ave, o festim prometido à sua gulodice.

Pantera entrou no quarto de dormir, tirou o colar de ouro e estendeu-se na cama de pau santo.

— És um vencedor, Suti, possui-me.

O novo Magistrado de Coptos não conseguiu resistir a tal apelo.

Nessa mesma noite, foi oferecido um gigantesco banquete aos habitantes da cidade. Aos mais modestos foi servida carne assada e beberam vinho, centenas de lâmpadas iluminavam as ruelas onde se dançou até o sol romper. Os notáveis prometeram a Suti e Pantera a sua obediência e elogiaram a beleza da deusa de ouro, sensíveis à homenagem.

— Porque não veio o primeiro magistrado? — perguntou Suti ao governador militar.

— Abandonou Coptos.

— Sem a minha autorização?

— Aproveita o teu curto reinado, ele alertará o exército e o vizir restabelecerá a ordem na cidade.

— Paser?

— É cada vez mais famoso, é um homem justo, mas severo.

— Perspectiva-se um belo confronto.

— A sabedoria exigirá a tua rendição.

— Sou um louco, governador, um louco com reações imprevisíveis. Mas a minha lei é a do deserto e essa não liga às regras.

— Poupa, pelo menos, os civis.

— A morte não poupa ninguém. Bebe hoje, amanhã beberemos sangue e lágrimas.

Suti levou as mãos aos olhos.

— Vai procurar a deusa do ouro, quero falar com ela.

Pantera deleitava-se com o canto de um tocador de harpa que convidava os comensais a aproveitar o momento presente saboreando a eternidade, uma coorte de admiradores devorava-a com os olhos. Alertada pelo governador, foi ter com Suti que a olhava fixamente.

— Estou de novo cego — murmurou. — Leva-me até ao meu quarto, apoiar-me-ei no teu braço. Ninguém se deve perceber o meu estado.

Vários convivas cumprimentaram os anfitriões cujo desaparecimento indicava o fim da festa. Suti deitou-se de costas.

— Néfêret curar-te-á — afirmou Pantera. — Irei eu própria chamá-la.

— Não terás tempo para o fazer.

— Porquê?

— Porque o vizir enviará o exército para nos exterminar.

Néféret prostrou-se perante Tuya, a mãe de Ramsés, o Grande.

— Estou à tua disposição, Majestade.

— Sou eu que deveria cumprimentar com reverência a médica-chefe do reino. Em menos de um mês, realizaste um trabalho notável.

Ativa, de nariz fino e reto, olhar severo, a face marcada, o queixo quase quadrado, Tuya gozava de uma autoridade moral incontestável. Tendo a seu cargo o bom funcionamento dos seus palácios, dispondo de um em cada uma das cidades mais importantes, dava conselhos sem ordenar e velava pelo respeito dos valores que tinham feito da monarquia Egípcia um regime inabalável. A rainha-mãe pertencia a um grupo de mulheres de poder cuja influência, na corte, permanecia dominante, pois não haviam sido as rainhas da sua estirpe que tinham expulsado o invasor asiático e fundado o império tebano, do qual a dinastia de Ramsés era herdeira?

Contudo, o descontentamento de Tuya aumentava, há já alguns meses que o filho não lhe fazia confidências. Ramsés tinha-se afastado dela como se tivesse um segredo demasiado grave, um segredo que não lhe pudesse confiar.

— A tua saúde, Majestade, como vai?

— Graças ao teu tratamento, estou ótima, embora os olhos ainda me doam um pouco.

— Porque pediste para me consultar?

— Os problemas quotidianos... Estás atenta à tua saúde?

— Não tenho tempo para pensar nela.

— Fazes mal, Néféret! Se ficares doente, quantos doentes perecerão desesperados?

— Deixa-me examinar-te.

Foi fácil fazer o diagnóstico, a rainha-mãe sofria de uma irritação da córnea. Néféret prescreveu-lhe um remédio à base de excrementos de morcego¹⁵, acabaria com a inflamação e não tinha efeitos secundários.

— Estarás curada dentro de uma semana, não te esqueças dos colírios. Os teus olhos estão bastante melhores, mas não te deves descuidar.

— Não consigo preocupar-me comigo própria, se fosse outro médico, desobedeceria. Dedico toda a minha atenção ao Egito. Como se tem sentido o teu marido no seu cargo?

— É duro como um bloco de granito e amargo como fel. Mas isso não o fará renunciar.

— Soube que assim seria desde a primeira vez que o vi. Na corte, é admirado, receado e invejado, é a prova da sua competência. A sua nomeação foi uma grande surpresa e não faltaram críticas. Através da sua conduta, calou os seus adversários, ao ponto de fazer esquecer o vizir Bagey, o que não é tarefa fácil.

— Paser não liga à opinião dos outros.

— Ainda bem, enquanto permanecer insensível à vergonha e ao elogio, será um bom vizir. O rei aprecia a sua retidão, por outras palavras, Paser conhece as preocupações mais secretas de Ramsés, aquelas que eu ignoro, e tu, Néféret, também as conheces pois tu e o teu marido são um só corpo. É verdade, não é?

— Assim é.

— O reino está ameaçado?

— Está.

— Estou ciente disso, pois Ramsés não me conta mais nada, com medo de que eu leve a cabo alguma ação demasiado impulsiva. Talvez tenha razão, ultimamente é Paser quem dirige as operações.

— Os adversários são perigosos.

— É por isso que já é tempo de eu intervir. O vizir não ousará solicitar o meu apoio direto, mas eu vou ajudá-lo. De quem desconfia ele?

— De Bel-Tran.

— Detesto os arrivistas sociais, graças a Deus, a ambição deles acaba por devorá-los. Presumo que seja ajudado pela mulher, a Silkis?

— É sua cúmplice, de fato.

— Encarregar-me-ei dessa pateta. A maneira como mexe o pescoço, quando me cumprimenta, irrita-me.

— Não subestimes a capacidade dela de fazer o mal.

— Graças a ti, Néféret, vejo maravilhosamente bem. Eu própria me encarrego dessa peste.

— Não te escondo que Paser está apreensivo com a idéia de ter de presidir à entrega dos tributos estrangeiros, espera que o rei chegue a tempo de Pi-Ramsés, para assumir essa função.

— Que se desengane, o humor do Faraó está cada vez pior. Já não sai do palácio, não concede audiências e encarregou o vizir de tratar dos assuntos do dia a dia.

— Está doente?

— Só podem ser os dentes.

— Desejas que eu o examine?

— Ele acaba de despedir o seu dentista, classificando-o de incompetente, depois da cerimônia, deverá acompanhar-me a Pi-Ramsés.

Uma frota de navios vindos do norte trouxe os dignitários estrangeiros, mais nenhum barco foi autorizado a circular durante as manobras de atracação, supervisionadas pela polícia fluvial. No cais, o diretor do serviço dos países estrangeiros dava as boas-vindas aos hóspedes do Egito, instalando-os em confortáveis liteiras, logo seguidos pelas suas delegações. O imponente cortejo dirigiu-se para o palácio.

Como todos os anos, vassalos e parceiros econômicos do Faraó vinham prestar-lhe homenagem em forma de tributos, nesta ocasião, Mênfis beneficiava de um feriado de dez dias e celebrava-se a paz solidamente instalada, graças à sabedoria e ao vigor de Ramsés.

Sentado num trono de espaldar alto e envergando o traje de gala adequado à ocasião, empertigado e reto, com um cetro na mão direita e a imagem de Maât no pescoço, Paser não se sentia à vontade. À sua direita, retirada, a rainha-mãe, nos primeiros bancos, os cortesãos, os “amigos diletos” do rei, entre os quais se encontrava Bel-Tran. Silkis trazia um vestido novo que fazia empalidecer de vergonha algumas mulheres de cortesãos menos afortunados. O antigo vizir Bagey tinha aceitado assistir o seu sucessor, ensinando-lhe o protocolo, a sua presença sossegava Paser. O coração de couro que trazia ao peito simbolizaria, aos olhos dos embaixadores, a confiança que Ramsés depositava neles e provaria que a troca de vizires não representava uma ruptura na política externa do Egito.

Paser tinha poderes para dirigir a cerimônia na ausência do monarca, no ano anterior, esta cerimônia tinha estado a cargo de Bagey. O jovem vizir teria preferido não ser ele a presidir, mas reconhecia a importância do acontecimento, os visitantes deveriam regressar satisfeitos a fim de que as relações diplomáticas continuassem excelentes. Em troca dos presentes, esperavam compreensão em relação à sua situação econômica, entre o rigor excessivo e a fraqueza culpada, o vizir devia seguir a opção mais adequada. Uma falha grave no seu comportamento e todo o equilíbrio seria quebrado.

Esta era certamente a última vez que tal cerimônia se realizava.

Bel-Tran ignoraria este velho ritual, desprovido de qualquer rentabilidade aparente. Os sábios do tempo das pirâmides haviam construído uma civilização feliz que assentava na reciprocidade, na educação e no respeito mútuo.

O ar insolentemente satisfeito de Bel-Tran incomodou Paser. O encerramento dos bancos gregos foi um duro golpe para ele, mas ele não parecia muito preocupado. Teria ele intervindo demasiado tarde para refrear a sua investida? A menos de dois meses da festa da regeneração e da abdicação forçada do rei, o diretor da Dupla Casa branca limitava-se a aguardar, sem provocar demasiados distúrbios.

Aguardar... uma tarefa difícil para um ser ambicioso cujo maior prazer era perturbar a ordem. Chegavam aos ouvidos do vizir numerosas queixas, suplicando-lhe que substituísse Bel-Tran por um dignitário mais calmo e menos impertinente. Sacrificava os seus subordinados pois não lhes concedia o mínimo descanso. A pretexto de trabalhos urgentes, sobrecarregava-os com processos fictícios para poder controlá-los e impedi-los de conspirarem. Aqui e ali levantavam-se protestos, os métodos de Bel-Tran pareciam demasiado brutais, desprovidos de qualquer consideração em relação aos empregados que não se queriam ver confinados às suas meras funções técnicas. Mas ele não ligava, a produtividade seria uma

palavra-chave da sua política. Quem não obedecesse, que se retirasse.

Alguns dos seus aliados, bastante discretamente, tinham aberto os seus corações ao vizir, cansados da conversa fiada do banqueiro, que se arrastava em discursos intermináveis em que prometia mundos e fundos, abandonavam a sua duplicidade e as suas mentiras por vezes grosseiras. A sua pretensão em orientar tudo era prova da sua ambição. Alguns chefes da polícia, inicialmente seduzidos, manifestavam agora uma indiferença educada.

Paser fazia progressos. Pouco a pouco, ia descobrindo a verdadeira personalidade de Bel-Tran, a sua inconsistência e a sua indolência, o perigo que ele representava não tinha diminuído, mas a sua capacidade de convencer esgotava-se de dia para dia.

Mas porque estava ele tão alegre?

O ritualista anunciou os visitantes, fez-se silêncio na sala de audiências do vizir.

Os embaixadores vinham de Damascos, de Biblos, de Palmira, de Alepo, de Ugarito, de Qadesh, do país Hitita, da Síria, do Líbano, de Creta, do Chipre, da Arábia, de África ou da Ásia, de portos, cidades mercantis e capitais, todos eles traziam oferendas.

O delegado do misterioso país do Pount, paraíso da África negra, era um homem de pele muito escura e cabelo encarapinhado, ofereceu peles de animais selvagens, árvores de incenso, ovos e penas de avestruz. O embaixador núbio foi bastante apreciado devido à sua elegância: tanga de pele de leopardo, coberta por uma saia plissada, penas coloridas no cabelo, brincos de prata e grandes pulseiras. Os seus serviçais colocaram aos pés do trono jarros com óleo, brincos, ourivesaria, incenso, enquanto faziam desfilar leopardos presos com um laço e uma girafa bebé.

A moda de Creta era bem divertida: cabelos pretos aos cachos desiguais, tangas em meia-lua bordadas com um galão e decoradas com triângulos ou retângulos, sandálias com a ponta arrebitada. O embaixador fez sinal para que se colocassem punhais, espadas, vasos com cabeças de animais, redes de pesca e taças. Seguiu-se o enviado de Biblos, fiel aliado do Egito, que ofereceu peles de boi, cordame e rolos de papiro.

Todos os embaixadores se inclinavam perante o vizir, pronunciando a fórmula sagrada: “Recebe o tributo do meu país, trazido em homenagem a Sua Majestade, o Faraó do Alto e do Baixo-Egito, para selar a paz”.

O representante da Ásia menor, onde o exército egípcio tinha travado violentos combates num passado que Ramsés desejava esquecer, apresentou-se na companhia da sua mulher. Ele trazia uma tanga ornada de bolotas e uma túnica vermelha e azul às riscas presa com um laço, ela, uma saia esvoaçante e uma capa matizada. A sua oferenda, para espanto da corte, foi das mais modestas, normalmente, a Ásia encerrava a cerimônia depositando aos pés do Faraó ou do vizir barras de cobre, lápis-lazúli, turquesas, vigas de madeira preciosa, jarros de unguentos, arreios de cavalos, arcos e carcás cheios de flechas e punhais, sem esquecer os ursos, os leões e os touros destinados aos aídos reais. Desta vez, o embaixador apenas ofereceu algumas taças, jarros de óleo e joalharia sem grande valor.

Quando cumprimentou o vizir, este último não deixou transparecer qualquer emoção. Contudo, a mensagem era bem clara: a Ásia fazia ao Egito graves acusações. Se os motivos de discórdia não fossem esclarecidos e as causas dissipadas imediatamente, o espectro da guerra voltaria a pairar.

Enquanto Mênfis estava em festa, nos armazéns dos bairros dos artesãos, Paser recebeu o embaixador da Ásia. Nenhum escriba assistiu a este encontro, antes que as declarações fossem registradas e adquirissem um valor legal, era imperioso restabelecer a harmonia entre os dois povos.

O diplomata, de cerca de quarenta anos, tinha um olhar vivo e uma voz incisiva.

— Porque não presidiu Ramsés em pessoa à cerimônia?

— Tal como no ano passado, fixou residência em Pi-Ramsés, para supervisionar a construção do novo templo.

— O vizir Bagey foi destituído do cargo?

— Não é bem isso, como pôde constatar.

— A tua presença e o coração de cobre que ostentas... Sim, reparei nos símbolos que provam a estima. Mas ainda és muito novo, vizir Paser. Porque te confiou Ramsés esta função que é reconhecida como tão desgastante?

— Bagey sentia-se muito cansado para continuar a exercer, e o rei acedeu ao seu pedido.

— Não respondeste à minha pergunta.

— Quem conhece os segredos da mente do Faraó?

— O seu vizir, certamente.

— Não tenho assim tanta certeza.

— Então, não passas de um fantoche.

— Cabe-te a ti fazer tal julgamento.

— A minha opinião baseia-se nos fatos: eras um pequeno magistrado da província e Ramsés fez-te primeiro-ministro do Egito. Conheço o rei há dez anos, não se costuma enganar no valor das pessoas que o rodeiam. Tu deves ser uma pessoa excepcional, vizir Paser.

— É a minha vez de te interrogar, se me permites.

— É esse o teu dever.

— Qual é o significado da sua atitude?

— Não te parecem suficientes os tributos da Ásia?

— Estás ciente do teu ato: quase chegou a ser uma injúria.

— Quase, disseste bem. É o testemunho do meu sangue-frio e de uma última tentativa de conciliação, em consequência da injúria sofrida.

— Não entendo onde queres chegar.

— O teu gosto pela verdade é elogiado, não passará isso de uma mentira?

— Juro-te, em nome do Faraó, que não sei a que te referes.

O embaixador da Ásia foi apanhado de surpresa, a sua voz tornou-se menos dura.

— Isso é muito estranho, terás perdido o controle das tuas administrações, especialmente da Dupla Casa branca?

— Algumas práticas, anteriores à minha nomeação, desagradaram-me, estou a reformá-las. Foste vítima de alguma indelicadeza da qual não fui informado?

— A palavra é muito fraca! Seria mais exato falares de um falta tão grave que poderia conduzir a uma ruptura nas relações diplomáticas e até mesmo a um conflito armado.

Paser tentava disfarçar a sua ansiedade, mas a sua voz estava trêmula.

— Importaria-se de me elucidar sobre o assunto?

— Começo a acreditar que não és culpado.

— Enquanto vizir, arco com a responsabilidade, sob pena de parecer ridículo, confirmo a minha ignorância. Como reparar esta falta, se não conheço a causa?

— Os Egípcios escarnecem de nós por causa do nosso gosto pelos ardis e conluios, receio que agora sejam eles próprios as vítimas! Dir-se-ia que a tua juventude não suscita grandes amizades.

— Explica-te, por favor.

— Ou és um grande mentiroso, ou serás vizir por pouco tempo, já ouviste falar no teor das nossas trocas comerciais?

Paser não cedeu, apesar da ironia mordaz, mesmo que o embaixador o considerasse um incapaz e um ingênuo, tinha de conhecer a verdade dos fatos.

— Quando enviamos os produtos, a Dupla Casa branca paga o equivalente a esses produtos em ouro. Desde que a paz foi instaurada que é esse o processo.

— A entrega não foi efetuada?

— As barras de ouro chegaram, mas o ouro era de má qualidade, mal purificado e partido, bom apenas para gáudio de alguns nômades. Ao enviar-nos um carregamento de ouro que não utiliza, o Egito ofendeu-nos. É a palavra de Ramsés, o Grande, que está em jogo e nós achamos que ele traiu a sua palavra.

Era esta a razão pela qual Bel-Tran estava satisfeito: arruinar a reputação do rei na Ásia permitiria-lhe apresentar-se como salvador, decidido a corrigir os erros do monarca.

— Trata-se de um erro — explicou Paser — e não de uma intenção deliberada de te ofender.

— Que eu saiba, a Dupla Casa branca não é independente! Apenas cumpriu ordens superiores.

— Considera-te vítima de um mau funcionamento e de uma descoordenação entre os serviços que estão sob a a minha alçada, mas não tomes isso como uma ofensa. Eu próprio informarei o rei da minha incompetência.

— Foste traído, não é verdade?

— Cabe-me a mim tomar conhecimento e tomar as medidas necessárias, se não, estarás muito em breve na presença de um novo vizir.

— Lamentaria muito se isso acontecesse.

— Aceitas as minhas mais profundas desculpas?

— Foste convincente, mas a Ásia exige que o erro seja compensado: envia-nos, com a maior brevidade possível o dobro da quantidade de ouro prevista pois, se o não fizeres, será inevitável um confronto.

Paser e Néfêret faziam os últimos preparativos para partir para Pi-Ramsés, quando um mensageiro do rei pediu para ser recebido pelo vizir.

— Aconteceram fatos inquietantes — revelou o mensageiro. — O primeiro magistrado de Coptos acaba de ser destituído por um contingente militar composto por líbios e núbios.

— Há feridos?

— Não. Tomaram a cidade sem violência. “Os de olho perspicaz” juntaram-se a esses rebeldes e o governador militar não ousou resistir.

— Quem comanda esse contingente?

— Um tal Suti, coadjuvado por uma deusa do ouro que subjugou a população.

Paser sentiu-se invadir por uma imensa alegria: Suti estava vivo e bem vivo! Que maravilhosa notícia, mesmo que esse reaparecimento tão esperado tivesse ocorrido em circunstâncias caóticas.

— O corpo do exército instalado em Tebas está pronto a intervir, o oficial superior está apenas à espera das tuas diretivas. Assim que assinares os documentos necessários, eu próprio os transmitirei. Ele crê que a ordem será facilmente restabelecida. Mesmo que estejam convenientemente equipados, os rebeldes não são assim tão numerosos, para poderem resistir a um ataque organizado.

— Assim que regressar de Pi-Ramsés, eu próprio me ocuparei desse assunto, até lá, que os nossos soldados cerquem a cidade e acampem. Que deixem passar as caravanas que abastecem a cidade e os mercadores e que não falte nada a ninguém. Previnam Suti de que irei a Coptos assim que me for possível e que eu próprio negociarei com ele.

Da varanda da suntuosa mansão que lhes tinha sido reservada, Paser e Néféret contemplavam a cidade preferida de Ramsés II, Pi-Ramsés¹⁶. Localizada perto de Avaris, a capital menosprezada pelos invasores asiáticos, derrotados no início do Novo Império, Pi-Ramsés tinha-se tornado, sob o impulso do soberano, a maior cidade do Delta. Com aproximadamente cem mil habitantes, albergava vários templos, dedicados a Amon, Ra, Ptah, ao temível Seth, patrono do ouro, Sekhmet, patrona dos médicos e Astaré, deusa oriunda da Ásia. O exército possuía quatro quartéis, com armazéns e estaleiros. No centro, o palácio real que englobava as casas dos nobres e altos funcionários e um grande lago.

Na estação quente, Pi-Ramsés gozava de um tempo ameno, pois a cidade era banhada por dois braços do Nilo, “as águas de Ra” e as “águas de Avaris”, era atravessada por numerosos canais e pântanos que, repletos de peixe, ofereciam aos pescadores a oportunidade de se dedicarem à sua ocupação favorita.

A sua localização não tinha sido escolhida ao acaso, posto de observação ideal sobre o Delta e a Ásia, Pi-Ramsés era uma perfeita base de partida para os soldados do Faraó, caso fossem detectados problemas nos protectorados. Os filhos dos nobres lutavam entre si para serem aceites na divisão dos carros de assalto ou cavalaria, para poderem montar rápidos e frenéticos cavalos. Carpinteiros, construtores navais e metalúrgicos, dotados de excelentes equipamentos, eram frequentemente visitados pelo rei, sempre atento ao seu trabalho.

“Que bom viver em Pi-Ramsés”, dizia uma cantiga popular, “é a melhor cidade do mundo. Não há diferenças sociais, as acácias e os sicómoros fornecem sombra aos que passeiam, os palácios resplandecem de ouro e turquesa, o vento é doce, os pássaros brincam nos pântanos.”

Durante uma curta manhã, o vizir e sua mulher tinham aproveitado a calma dos pomares, rodeados de vinhas que produziam o vinho servido nas festas e nos banquetes. Não se prolongavam os celeiros até ao céu? Na fachada das opulentas habitações, viam-se as telhas azuis envernizadas que tinham tornado Pi-Ramsés conhecida por “cidade turquesa”. Nas soleiras das casas de tijolo, construídas entre as grandes mansões, as crianças comiam maçãs e romãs e brincavam com bonecos de madeira, rindo dos escribas e admirando os tenentes da divisão dos carros de assalto.

O sonho tinha sido breve, ainda que os frutos soubessem a mel e o jardim da residência fosse um verdadeiro paraíso, o vizir preparava-se para enfrentar o Faraó. De acordo com as confidências da rainha-mãe, o rei já não acreditava no sucesso do seu vizir. O seu isolamento era o de um homem condenado e sem esperança.

Néféret maquiava-se, desenhava o contorno dos olhos com um pincel, um sulfuro de arsênico que era aplicado com bastonetes. O estojo de maquilhagem tinha gravado um nome que significava “a que permite ver”. Paser passou-lhe o cinto com pérolas de ametista e ouro que Néféret tanto apreciava.

— Acompanhas-me ao palácio?

— Também fui chamada.

— Tenho medo, Néféret, medo de ter desapontado o rei.

Ela inclinou-se para trás e encostou a cabeça ao ombro de Paser.

— Ficarei sempre contigo — murmurou ela. — A minha maior felicidade é passear contigo num jardim retirado, onde apenas possamos escutar a voz do vento. A tua mão está junto da minha pois o meu coração transborda de alegria quando estamos juntos. Que posso querer mais, vizir do Egito?

Renovada três vezes por mês, nos dias um, onze e vinte e um, a guarda do palácio recebia, sempre que entrava ao serviço, carne, vinho e bolos, para além do salário, pago em cereais. Para receber o vizir, os guardas formaram uma parada de honra, a visita do vizir significaria uma bela recompensa.

Um camareiro recebeu Paser e Néféret e fez as honras do palácio de Verão. A antecâmara, de paredes brancas e com um pavimento colorido, dava acesso a várias salas de audiência ornadas de quadrados amarelos e castanhos envernizados, com laivos azuis, vermelhos e pretos. Na sala do trono, os frisos eram formados por escudos com o nome do rei. As salas de recepção aos soberanos estrangeiros eram de um deslumbramento pitoresco: nadadoras nuas, pássaros esvoaçantes, paisagens em turquesa encantavam quem as visse.

— Sua Majestade está à tua espera no jardim.

Ramsés gostava de plantar árvores, de acordo com os desejos dos anciãos, não deveria o Egito assemelhar-se a um enorme jardim onde as espécies mais diversas deveriam viver em harmonia? Ajoelhado, o rei estava a enxertar uma macieira.

No braço, as suas pulseiras preferidas, em ouro e lápis-lazúli decoradas com patos bravos.

A cerca de dez metros, o melhor guarda do corpo de Ramsés: um leão semi-domesticado que tinha sido companheiro do jovem rei nos campos de batalha da Ásia, nos primeiros tempos do seu reinado. Batizado com o nome de “exterminador dos inimigos”, o animal só obedecia ao seu dono, se alguém se aproximasse do soberano com más intenções seria atacado.

O vizir avançou, Néféret aguardou num quiosque, perto de um lago onde brincavam peixes.

— Como vai o reino, Paser?

O rei virava as costas ao seu vizir.

— De mal a pior, Majestade.

— Houve problemas na cerimônia dos tributos?

— O embaixador da Ásia está muito descontente.

— A Ásia é um perigo constante, os seus povos não são pacíficos. Aproveitam a paz para preparar a guerra. Coloquei reforços nas fronteiras de este e de oeste, uma cadeia de fortalezas impedirá os Líbios de nos atacarem, o mesmo se passando com os Asiáticos. Arqueiros e infantaria receberam ordens para estarem alerta dia e noite e para comunicarem entre si por sinais óticos. Recebo diariamente, aqui em Pi-Ramsés, relatórios relativos às manobras dos principados da Ásia, além dos relativos às atividades do meu vizir. — O rei levantou-se, virou-se e olhou para Paser. — Alguns nobres queixam-se, alguns chefes de província protestam, a corte sente-se despeitada. “Se o vizir estiver enganado, diz a Lei, que não esconda o seu erro, que o torne público e declare que o vai retificar.”

— Que erro cometi?

— Não mandaste aplicar sanções a dignitários e a altos funcionários? Os executores dessa sanções chegaram mesmo a entoar: “Que belos presentes para quem nunca recebeu nenhum”.

— Não tinha conhecimento desse pormenor, mas fiz aplicar a lei, tanto a ricos como a pobres. Quanto mais elevada for a posição social do culpado, maior é a punição.

— Não negas tais fatos?

— Não.

Ramsés deu o braço a Paser.

— Estou orgulhoso de ti, o exercício do poder não te corrompeu.

— Receava ter-te desapontado.

— Os comerciantes gregos enviaram-me uma queixa do tamanho de um papiro. Fizeste alguma coisa contra os seus negócios?

— Pus termo a um tráfico ilegal de moeda e à instalação de bancos no nosso território.

— Obra de Bel-Tran, evidentemente.

— Os culpados foram expulsos e a principal fonte financeira de Bel-Tran foi extinta, desapontados, alguns dos seus amigos afastam-se dele.

— Assim que ele assumir o poder, introduzirá a circulação de dinheiro.

— Ainda temos algumas semanas, Majestade.

— Sem o testamento dos deuses, ver-me-ei obrigado a abdicar.

— Poderá um Bel-Tran enfraquecido reinar?

— Ele preferirá destruir a renunciar. Existem muitos homens como ele e, até agora, temos conseguido afastá-los do trono.

— Esperemos que tal continue a acontecer.

— De que nos acusa a Ásia?

— Bel-Tran mandou-lhes ouro de má qualidade.

— A pior das ofensas! O embaixador ameaçou-te?

— Há só uma forma de evitar a guerra: oferecer o dobro da quantidade de ouro prevista.

— E dispomos dessa quantidade?

— Não, Majestade, Bel-Tran tratou de esvaziar os cofres.

— A Ásia pensará que faltei à minha palavra. Razão mais do que suficiente para abdicar... Bel-Tran aparecerá como o grande salvador..

— Ainda temos uma chance.

— Qual é?

— Suti está em Coptos, acompanhado por uma deusa do ouro, não saberá ele de um tesouro de fácil acesso?

— Vai ter com ele e pergunta-lhe.

— Não é assim tão simples.

— Porquê?

— Porque Suti comanda um contingente armado, destituiu o primeiro magistrado de Coptos e controla a cidade.

— Mas isso é insurreição.

— A nossas tropas cercam Coptos, ainda não lhes dei ordem para atacarem. A invasão foi pacífica e não houve feridos.

— Que ousas pedir-me?

— Se conseguir convencer Suti a ajudar-nos, que não seja acusado de nenhum delito.

— Fugiu de uma fortaleza da Núbia e acaba de cometer um ato de insubordinação de uma gravidade extrema.

— Foi vítima de uma injustiça e serviu sempre o Egito de corpo e alma, não será isso razão mais do que suficiente?

— Esquece que ele é teu amigo, vizir, e cinge-te à Regra. Que a ordem seja restabelecida.

Paser inclinou-se, Ramsés, acompanhado pelo seu leão, dirigiu-se para o quiosque onde se encontrava Néféret a meditar.

— Estás pronta para me torturar?

O exame da médica-chefe prolongou-se por mais de uma hora. Verificou que Ramsés, o Grande, sofria de reumatismo, para o qual receitava decocções diárias de casca de salgueiro¹⁷ e julgou urgente voltar a obturar alguns dentes. No laboratório do palácio, Néféret preparou uma mistura composta por resina de pistácia, terra da Núbia, mel, de pedaços de cogumelos esmagados, colírio verde e pedaços de cobre, e aconselhou o rei a deixar de mascar rebentos de papiro doce, se quisesse evitar cáries e uma deterioração precoce dos dentes.

— Estás otimista, Néféret?

— Para ser sincera, receio que tenhas um abcesso na base de um molar superior esquerdo. Deves ficar sob vigilância permanente, assim, evitaremos ter de arrancá-lo, se passares frequentemente nas gengivas tintura de calêndula.

Néféret lavou as mãos, Ramsés limpou a boca com natro.

— Não é o meu futuro que me preocupa, Néféret, mas sim o do Egito. Conheço a tua faculdade de percepção do invisível, tal como o meu pai, presentes as linhas de força que se escondem além da aparência. É por isso que volto a perguntar-te: estás otimista?

— Sou obrigada a responder?

— Estás assim tão desesperada?

— A alma de Branir protege o Egito, os seus receios não foram em vão. Nas mais profundas trevas, surgirá uma luz.

Os núbios, colocados nos telhados das casas de Coptos, observavam as redondezas. De três em três horas, o velho guerreiro fazia um relatório oral da situação a Suti.

— Centenas de soldados... Vieram pelo Nilo.

— Estamos cercados?

— Eles permanecem nas suas posições a uma certa distância. Se atacarem, não teremos qualquer chance.

— Manda descansar os teus homens.

— Não confio nos Líbios, só pensam em roubar.

— “Os de olho perspicaz” estão de olho neles.

— Quando será a vez de esses te traírem?

— O meu ouro é inesgotável.

Cético, o velho guerreiro regressou à varanda da magistratura de onde podia contemplar o Nilo. Já sentia saudades do deserto. Coptos estava silenciosa. Estavam todos conscientes de que o exército não tardaria a atacar.

Se a estranha tropa de Suti se rendesse, evitar-se-ia um banho de sangue, mas Pantera mantinha a sua posição, persuadindo os seus seguidores a resistir, sob pena de serem terrivelmente castigados pelas autoridades egípcias. A deusa do ouro não tinha regressado de tão longe para ceder à chegada dos primeiros militares. Amanhã, o seu império se estenderia até o mar, quem lhe obedecesse alcançaria a felicidade. Como não acreditar no poder de Suti? Era a luz do outro mundo que o guiava, a sua imponência só podia ser a de um semi-deus. Destemido, transmitia coragem aos que nunca a tinham tido. “Os de olho perspicaz” sonhavam com um chefe assim, capaz de comandar sem elevar a voz, de partir o mais robusto dos arcos e de estourar os miolos dos mais cobardes. A lenda de Suti espalhava-se, não tinha sido ele quem havia escavado o segredo das montanhas ao retirar delas os metais mais raros? Quem ousasse atacá-lo seria vítima das chamas que brotam das entranhas da terra.

— Enfeitiçaste esta cidade e os seus habitantes — disse Suti a Pantera, estendida no rebordo do lago onde se tinha banhado.

— Isto é apenas o começo, meu querido, Coptos será pequena para nós.

— O teu sonho tornar-se-á um pesadelo, não conseguiremos resistir por muito tempo a um exército organizado.

Pantera agarrou-se ao pescoço de Suti, obrigando-o a deitar-se.

— Já não acreditas na tua deusa do ouro?

— Porque fui tão insensato ao ponto de te dar ouvidos?

— Porque te salvei a vida. Não penses no pesadelo, contenta-te com o sonho, pois não tem ele as cores do ouro?

Suti queria ter resistido, mas a sua resistência cedo terminou. O simples contato com a pele dela, dourada, perfumada, despertou nele um desejo tão impetuoso como uma torrente, tomou a iniciativa e acariciou-a. Pantera cedeu, antes de atirar Suti para o lado e caírem ambos no lago.

Estavam ainda unidos quando o velho guerreiro núbio interrompeu o diálogo dos seus corpos.

— Está ali, na grande porta do lado do Nilo, um oficial que quer falar contigo.

— Sozinho?

— Sozinho e desarmado.

A cidade calou-se, quando Suti se encontrou com o oficial do exército de Amon, de cota de malha colorida.

— És tu Suti?

— O primeiro magistrado cedeu-me o seu lugar.

— És tu que comandas os rebeldes?

— Tenho a honra de ser o chefe destes homens livres.

— Os teus homens já repararam que somos muitos. Independentemente do vosso valor como guerreiros, serão derrotados.

— Quando pertencia à divisão de carros de assalto, o meu melhor instrutor ensinou-me a desconfiar da vaidade. De resto, nunca cedi a ameaças.

— Recusas render-te?

— Duvidas?

— Qualquer tentativa de fuga está condenada ao fracasso.

— Ataquem, nós estamos preparados.

— Não cabe a mim tomar tal decisão, mas ao vizir. Enquanto ele não chegar, o abastecimento decorrerá como habitualmente.

— Quando virá ele a Coptos?

— Aproveita enquanto podes. Assim que o vizir Paser desembarcar, ele conduzir-nos-á à vitória e a ordem será restabelecida.

Silkis saltitou, chamou os criados, correu para o jardim e não parou um instante enquanto Bel-Tran não chegou. Bateu na filha pois tinha deixado cair um bolo e deixou o filho perseguir um gato que se refugiou no cimo de uma palmeira. Em seguida, ocupou-se do almoço, alterou a ementa, meteu os filhos na ordem e correu para o pórtico da mansão quando Bel-Tran chegou.

— Meu querido, é maravilhoso!

Dando-lhe apenas tempo para descer da liteira, puxou-lhe o véu de linho que lhe cobria os ombros, sensíveis ao sol.

— Cuidado! Custou-me uma fortuna.

— Uma notícia extraordinária... Anda depressa, enchi-te a tua taça preferida com vinho.

Mais mulher-menina do que nunca, Silkis gesticulou e riu durante o curto percurso.

— Recebi esta manhã um mensageiro do palácio.

De uma mala cheia de papiros, ela retirou uma missiva marcada com o selo real.

— Um convite da rainha-mãe... Para mim, que triunfo!

— Um convite?

— No seu próprio palácio! Toda a Mênfis saberá.

Perplexo, Bel-Tran leu o documento.

Tinha sido redigido pela rainha-mãe. Tuya não tinha utilizado os serviços do seu secretário, prova mais do que evidente do seu interesse em se encontrar com Silkis.

— Várias damas da corte esperam por esta honra há muitos anos... E eu, eu consegui!

— Extraordinário, admito.

— Extraordinário? Nem por sombras! É graças a ti, meu querido. Tuya é uma mulher muito esperta, muito ligada ao filho. Ramsés deve ter-lhe comunicado que o seu reinado está prestes a terminar, e a rainha-mãe prepara o futuro. Vai tentar ser minha amiga para que tu não lhe retires os seus direitos e privilégios.

— Partes do princípio de que Ramsés lhe contou a verdade.

— Bastava ter evocado que pretendia abdicar. Cansaço, doença, incapacidade para modernizar o Egito... Fosse qual fosse o motivo apresentado, Tuya pressentiu a eminência de uma mudança e percebeu o teu futuro papel. Para te agradar apresentou-me-a no seu círculo de confidentes. A velha senhora é astuta... mas sabe que perdeu esta batalha! Se nos mostrarmos hostis, ela perde os palácios, os criados e o seu bem-estar. Na sua idade, é uma perda difícil de suportar.

— Servirmo-nos do seu prestígio não será má idéia. Se ela der o seu aval a este novo governo, este implementar-se-á rapidamente e sem oposição. Não imaginava receber tal presente do destino.

— Que atitude devo tomar? — perguntou Silkis, excitada.

— De respeito e indulgência. Concorde com os seus pedidos e dá-lhe a entender que aceitamos a sua ajuda e a sua submissão.

— E... E se ela perguntar pelo destino do filho?

— Ramsés retirar-se-á para um templo núbio onde passará o resto dos seus dias na companhia de sacerdotes. Assim que a nova política estiver instaurada e que não haja a mínima chance de retorno ao passado, livrar-nos-emos da mãe e do filho, devemos apagar qualquer vestígio do passado.

— És maravilhoso, meu querido.

Kem não se sentia à vontade. Se Paser não gostava de mundanidades nem do protocolo, ele detestava-os. Sentia-se ridículo ao ver-se obrigado a vestir os hábitos luxuosos dignos de um chefe da polícia. O barbeiro tinha-o penteado, colocado a peruca, barbeado e perfumado e um pintor tinha-lhe retocado de preto o seu nariz de madeira. Há cerca de uma hora que estava na antecâmara, o que considerava uma perda de tempo. Mas como esquivar-se a uma convocação da rainha-mãe?

Finalmente, um camareiro conduziu-o ao gabinete de trabalho de Tuya, decorado com mapas do país e pedras esculpidas

dedicadas aos seus antepassados. Bastante menor que o núbio, a rainha-mãe impressionou-o muito mais do que um animal selvagem prestes a atacá-lo.

— Pretendi pôr à prova a tua paciência — confessou ela. — Um chefe da polícia não deve perder a calma.

Kem não sabia se deveria ficar de pé, sentar-se, responder ou manter-se em silêncio.

— Que pensas do vizir Paser?

— É um homem justo, a única pessoa justa que conheço! Se pretendes ouvir acusações, pede-as a outra pessoa qualquer.

Kem percebeu, de imediato, da forma pouco polida como respondeu e da sua má educação.

— Tens bastante mais personalidade do que o teu antecessor, mas és menos diplomático.

— Disse apenas a verdade, Majestade.

— Isso é ótimo, para um chefe da polícia.

— Não me importa nada a minha posição nem o meu cargo, se os aceitei, foi para ajudar Paser.

— O vizir é um homem de sorte e eu gosto de pessoas que têm sorte. Estás disposto, portanto, a ajudar Paser.

— De que forma?

— Quero saber tudo sobre a senhora Silkis.

Quando o barco do vizir foi avistado, a polícia fluvial desimpediu o acesso ao cais principal do porto de Mênfis. Os pesados navios faziam as suas manobras com a elegância de uma libélula e cada um encontrava um lugar sem embater nos outros.

O devorador de sombras tinha pernoitado num telhado de um silo, próximo do edifício da alfândega e de um armazém de papiros. Assim que cumprisse a sua missão, desapareceria. Tinha-lhe bastado ter estado com atenção ao que se passava na capitania do porto para obter todas as informações de que necessitava sobre a viagem do vizir. Nas medidas de segurança impostas por Kem não estavam previstos os imprevistos.

O plano do devorador de sombras assentava numa hipótese plausível: com vista a evitar a multidão, Paser não seguiria pela artéria principal até ao palácio. Rodeado por uma escolta de polícias, enveredaria pela ruela mais próxima do silo, suficientemente larga para permitir a passagem dos carros de assalto.

Acabava precisamente de parar um desses carros por baixo do devorador de sombras.

Desta vez, o bastão não falharia o alvo. Era um modelo simples e fora comprado num saldo no mercado devido ao seu muito uso. O vendedor não tinha reconhecido o assassino, que tinha se misturado num grupo de compradores e tinha oferecido em troca alhos frescos.

Perpetuado o crime, entraria em contato com Bel-Tran. A posição do diretor da Dupla Casa branca estava cada vez mais ameaçada, muitos previam a sua destituição para breve. Ao matar Paser, o devorador de sombras restituía-lhe a certeza de vencer. Todos sabiam que Bel-Tran queria aniquilá-lo e não recompensá-lo e foi, por isso, que tomou as devidas precauções: o seu encontro decorreria num lugar deserto e o seu interlocutor viria sozinho. Se estivessem de acordo em guardar segredo, Bel-Tran partiria vivo e triunfante, se não, ver-se-ia obrigado a calá-lo para sempre. As suas exigências não atemorizariam o grande financeiro: além do ouro, também a imunidade, um cargo oficial com uma nova identidade e uma grande mansão no Delta. O devorador de sombras nunca teria existido. E, um dia, Bel-Tran teria de recorrer novamente aos seus serviços... Um reino construído sobre o assassinato só graças ao assassinato se manteria.

No cais, estavam Kem e o seu macaco.

A última preocupação do devorador de sombras dissipou-se: o vento soprava na direção desejada. O babuíno não perceberia a sua presença e não teria nenhuma chance de alterar a trajetória do bastão, que não descreveria um arco, mas cairia do céu à velocidade de um trovão. Apenas um senão: o ângulo de tiro era muito apertado. Mas o sangue-frio e o desejo de ser bem sucedido tornariam possível o seu ato.

O barco do vizir acostou. Paser e Néféret desceram, acompanhados e protegidos por Kem e os seus homens. Depois de ter saudado o casal com um meneio de cabeça, Matador encabeçou o cortejo.

Evitou a grande artéria e dirigiu-se para a ruela. O forte vento enervava o babuíno, cujas narinas se agitavam em vão.

Dentro de alguns segundos, o vizir pararia frente ao carro. O tempo que demoraria a subir bastaria para o bastão lhe

perfurar a cabeça.

Com o braço dobrado, o devorador de sombras estava concentrado. Kem e o macaco colocaram-se um de cada lado do carro. O núbio deu o braço a Néféret, ajudando-a a subir. Atrás dela, Paser. O devorador de sombras levantou-se, visou Paser e reteve a arma no preciso momento em que se preparava para lançá-la.

Apareceu um homem que tapou o vizir.

Bel-Tran acabava de salvar o homem que tanto desejava ver morto.

— Preciso falar contigo imediatamente.

— É assim tão urgente? — perguntou Paser, espantado.

— Informaram-me no teu gabinete de que tinhas desmarcado todos os encontros.

— Devo prestar-te contas de como ocupo o meu tempo?

— A situação é grave: recorro à deusa Maât.

Bel-Tran não tinha pronunciado aquelas palavras em vão, na presença de várias testemunhas, entre as quais o chefe da polícia. A declaração tinha sido tão solene que o vizir acabaria por aceder ao seu pedido, desde que este tivesse um fundamento.

— Ela responder-te-á de acordo com a Regra, comparece no meu gabinete dentro de duas horas.

O vento acalmou, Matador olhou para o céu. O devorador de sombras baixou-se e bateu em retirada. Quando ouviu o carro do vizir a afastar-se, mordeu os lábios até fazer sangue.

O vizir cumprimentou o jovem Bak, o seu novo secretário particular. O adolescente, escrupuloso e trabalhador, não tolerava nenhuma inexatidão na redação dos documentos oficiais. Era por isso que Paser lhe confiava a tarefa de examinar os decretos e comunicações de forma a evitar que pudessem ser contestadas pelos responsáveis e pela população.

— Estou muito satisfeito contigo, Bak, mas seria bom que mudasses de administração.

O adolescente empalideceu.

— Cometi algum erro?

— Nenhum.

— Sê sincero, por favor!

— Nenhum, repito.

— Nesse caso, porque vais transferir-me?

— Para teu bem.

— Meu bem... Mas eu sinto-me feliz ao teu lado. Terei ofendido alguém?

— A tua discrição granjeou a estima dos escribas.

— Diz-me a verdade.

— Pois bem... Seria prudente afastar-te de mim.

— Recuso-me a obedecer!

— O meu futuro está comprometido, Bak, assim como o dos meus colaboradores.

— É Bel-Tran, não é? Ele quer destruir-te.

— É inútil arrastar-te quando cair, numa outra administração, estarás protegido.

— Repugna-me tal infâmia, aconteça o que acontecer, ficarei a teu lado.

— Ainda és muito jovem, queres comprometer desde já a tua carreira?

— Pouco me importa a minha carreira, confiaste em mim e eu confio em ti.

— Estás consciente da tua atitude irrefletida?

— Não reagiras da mesma forma, se estivesses no meu lugar?

— Confere este texto relativo a uma plantação de árvores no quarteirão norte de Mênfis, que não haja ninguém a contestar o lugar escolhido.

Transbordante de alegria, Bak retomou o seu trabalho. O seu rosto, porém, alterou-se, quando conduziu Bel-Tran ao gabinete de Paser.

Sentado em posição de escriba, Paser redigia uma carta dirigida aos chefes de província relativa à próxima colheita, pedia-lhes que verificassem o estado dos diques e das represas para que o país tirasse o maior proveito da subida das águas fecundantes.

Bel-Tran, vestido com uma túnica nova pregueada, permanecia de pé.

— Sou todo ouvidos — disse o vizir sem levantar os olhos — Por favor, vai direto ao assunto.

— Conheces os limites do teu poder?

— Estou mais preocupado com os meus deveres.

— Ocupas um lugar vital, Paser, no caso de existirem erros graves cometidos pelos soberanos, cabe-te a ti fazer justiça.

— Detesto insinuações.

— Vou direto ao assunto: só o vizir poderá julgar os membros da família real e o rei, em caso de traição.

— Ousas falar em traição?

— Ramsés é culpado.

— Quem o acusa?

— Eu, para que os nossos valores sejam respeitados. Ao enviar aos nossos amigos da Ásia ouro de má qualidade, Ramsés pôs em perigo a paz, que se instaure o seu processo no tribunal.

— Foste tu quem enviou esse metal defeituoso!

— O Faraó ocupa-se pessoalmente da política asiática, pensará ele que um dos seus ministros agiu contra o seu desejo?

— Como disse, cabe-me a mim restabelecer a verdade. Ramsés não é culpado e eu prová-lo-ei.

— Fornecerei provas contra ele, enquanto fores vizir, serás obrigado a levá-las em conta e a instruíres o processo.

— A instrução será longa.

Bel-Tran enfureceu-se.

— Não compreendes que te estou a oferecer a última chance de salvação? Ao acusares o rei, salvar-te-ás! As personalidades mais influentes apoiam-me, Ramsés é um homem sozinho, abandonado por todos.

— Mas não pelo seu vizir.

— O teu sucessor condenar-te-á por alta traição.

— Confiemos em Maât.

— Mereces a tua triste sorte, Paser.

— As nossas ações serão pesadas na balança no outro mundo, tanto as minhas como as tuas.

Bel-Tran retirou-se e Bak entregou a Paser uma estranha missiva.

— Suponho que esta carta seja urgente.

Paser leu o documento.

— Fizeste bem em me mostrares esta carta antes de partir.

A pequena vila tebana estaria adormecida sob o sol quente de Maio à sombra das palmeiras. Mas apenas os bois e os jumentos beneficiavam deste descanso, pois a população estava reunida na praça poerenta onde se reuniria o tribunal local.

O primeiro magistrado tentava finalmente vingar-se do velho pastor Pépi, um verdadeiro selvagem que vivia isolado, apenas com as suas cabras e os crocodilos, e que costumava esconder-se nas florestas de papiros sempre que se aproximava um fiscal. Como não pagava impostos há vários anos, o primeiro magistrado tinha decidido que a sua modesta parcela de terra, alguns arpentos ao pé do rio, se tornariam propriedade da vila.

Apoiado no seu bastão nodoso, o velho tinha saído da sua toca para defender a sua causa. O juiz da vila, um camponês amigo do acusador e inimigo desde a infância de Pépi, não parecia estar disposto a ouvir os argumentos do pastor, apesar dos seus protestos.

— Eis a sentença: foi decidido que...

— Processo insuficiente.

— Quem ousa interromper-me?

Paser avançou.

— O vizir do Egito.

Toda a gente reconheceu Paser, que tinha debutado na sua carreira de juiz na sua aldeia natal. Surpresos e admirados, inclinaram-se.

— De acordo com a lei, sou eu que dirijo este tribunal — declarou.

— É um processo complexo — resmungou o magistrado.

— Conheço-o bem, graças a um dossiê que me foi entregue por um empregado dos correios.

— As acusações contra Pépi...

— As suas dívidas estão pagas, o processo não tem, por isso, razão de existir. O pastor conserva o terreno que lhe foi legado pelo pai do seu pai.

O vizir foi aclamado e trouxeram-lhe cerveja e flores. Finalmente, ficou a sós com o herói do dia.

— Eu sabia que virias — disse Pépi. — Soubeste escolher o momento exato. No fundo, não és um mau sujeito, apesar do lugar que ocupas.

— Como vês, um juiz pode ser uma pessoa justa.

— Mesmo assim, continuarei a não confiar. Vens viver para cá?

— Infelizmente, não. Tenho de partir para Coptos.

— Tarefa difícil, essa de ser vizir, preserva a felicidade do povo, é isso que todos esperam de ti.

— Quem suportaria tal cargo sem se corromper?

— Faz como a palmeira: quanto mais tentamos curvá-la, quanto mais a cortamos, mais ela se eleva.

Pantera deliciou-se com uma fatia de melancia, tomou banho, secou-se ao sol, bebeu a cerveja fresca e enroscou-se em Suti, cujo olhar continuava fixo na margem ocidental.

— Que receias?

— Porque não atacam?

— Por ordem do vizir, não te esqueças.

— Se Paser vier, nós...

— Não vem. O vizir do Egito abandonou-te, és um rebelde e um fora-da-lei. Quando tivermos os nervos à flor da pele, a discórdia instalar-se-á, não tarda muito, os líbios atacarão os núbios e “os de olho perspicaz” regressarão ao seu posto. O exército não chegará sequer a entrar em ação.

Suti acariciou os cabelos de Pantera.

— Que sugeres?

— Acabemos com o cerco. Aproveitemos, enquanto os nossos soldados nos obedecem.

— Seremos massacrados.

— Como sabes? Estamos habituados a milagres, tu e eu. Se vencermos, Tebas será nossa. Coptos é demasiado pequena para nós e a melancolia não te assenta bem.

Ele agarrou-a pela cintura e levantou-a, com os seios à altura dos seus olhos, a cabeça para trás, os cabelos da cor do sol, os braços estendidos, a líbia suspirou de desejo.

— Faz-me morrer de amor — implorou ela.

O Nilo transformava-se, quem estivesse atento, notava que o azul já não era tão vivo, como se os primeiros Iodos, vindos do sul, começassem a escurecê-lo. Em Junho chegava a monção, no campo, era época da debulha.

Sob a proteção de Kem e do babuíno-polícia, Paser tinha pernoitado na sua aldeia natal, ao ar livre. Quando era um jovem juiz, costumava dar-se a esse luxo, ávido dos perfumes da noite e das cores da alvorada.

— Partimos para Coptos — anunciou a Kem.

— Convencerei Suti a renunciar aos seus projetos insensatos.

— Como vais consegui-lo?

— Suti ouvir-me-á.

— Sabes bem que não.

— Fizemos um pacto de sangue, não são precisas palavras para nos entendermos.

— Não permitirei que te encontres sozinho com ele.

— É a única solução.

Quando ela surgiu do palmar, Paser pensou que era um sonho. Leve, resplandecente, com um diadema de flores de lótus e a pérola de turquesa ao pescoço, Néféret vinha ao seu encontro.

Assim que a tomou nos braços, ela parou de chorar.

— Tive um sonho horrível — explicou. — Morrias, sozinho, nas margens do Nilo, a chamar por mim. Vim impedir que tal aconteça.

Seria muito arriscado, mas era um risco que tinha de correr. Onde estaria o vizir mais exposto do que em Coptos? Em Mênfis, tornava-se impossível atingi-lo. Além da proteção de que dispunha, a sorte estava do seu lado. Algumas pessoas afirmavam que os deuses protegiam Paser, ainda que tal idéia lhe assaltasse o espírito, o devorador de sombras não acreditava nela. Versátil, o sucesso acabaria por estar do seu lado.

Corriam boatos. No mercado, falava-se de uma tropa de rebeldes vinda do deserto que se tinha apoderado de Coptos e ameaçava Tebas, a intervenção rápida do exército dissipava qualquer inquietação, mas toda a gente se interrogava sobre qual o castigo que o vizir aplicaria aos rebeldes. A população tinha gostado de saber que era o próprio vizir que se encarregaria de restabelecer a ordem, Paser não se comportava como um funcionário administrativo, mas como um homem de ação, pronto a intervir.

O devorador de sombras sentiu um formigueiro nos dedos. Lembrou-se do primeiro crime que cometera, ao serviço dos conjurados, que eram dirigidos por Bel-Tran. Ao subir para o barco que o levaria a Coptos, teve certeza de que, desta vez, não falharia.

— O vizir! — gritou uma sentinela núbia.

Os habitantes de Coptos correram para as ruas. Anunciava-se um combate, falava-se de um regimento de arqueiros, de várias investidas, de centenas de carros de assalto.

Na varanda da casa do primeiro magistrado, Suti mantinha-se calmo.

— É mesmo o vizir anunciou. Vem com o traje oficial e vem sozinho.

— E o exército? — perguntou uma voz angustiada de mulher.

— Não traz nenhum soldado com ele.

— Que pensas fazer?

— Sair de Coptos e encontrar-me com ele.

Pantera tentou impedir a saída de Suti.

— É uma emboscada, os arqueiros abater-te-ão.

— Não conheces Paser.

— E se as tropas dele o traírem?

— Morreremos os dois.

— Não lhe dê ouvidos, não cedas.

— Tranquiliza o teu povo, deusa do ouro.

Da proa do navio de guerra, Néféret, Kem e o babuíno, obrigados a ficar a bordo, observavam Paser. A mulher estava apavorada, o núbio não parava de se culpar.

— Paser está decidido, porque deu a sua palavra... Devia tê-lo prendido.

— Suti não lhe quer mal.

— Não sabemos no que se tornou, o gosto pelo poder pode tê-lo enlouquecido. Que homem encontrará o vizir pela frente?

— Paser saberá convencê-lo.

— Não posso ficar aqui sem fazer nada. Vou juntar-me a ele.

— Não, Kem. Respeitemos as suas ordens.

— Se lhe acontecer alguma coisa, juro que destruirei esta cidade.

O vizir parou a cerca de dez metros da entrada principal de Coptos, do lado do Nilo. Tinha seguido pela alameda pavimentada, ladeada de pequenos altares onde, em dias de procissão, os sacerdotes colocavam as suas oferendas.

Com os braços pendentes e um ar muito digno na sua veste rígida e pesada, Paser viu aparecer Suti.

De cabelos compridos, bronzeado, mais robusto do que antes, ostentava um colar de ouro, à cintura, um punhal com o cabo em ouro.

— Quem vai ao encontro de quem?

— Ainda respeitas a nossa hierarquia?

Suti avançou.

Os dois homens ficaram frente a frente.

— Abandonaste-me Paser.

— Nunca.

— Será que posso acreditar em ti?

— Alguma vez te menti? A minha posição como vizir impedia-me de violar a lei e de anular a sentença pronunciada contra ti. Se a guarnição de Tjaru não te perseguiu depois de teres fugido, foi por minha ordem. Depois, perdi-te o rastro, mas tinha certeza de que regressarias. Nesse dia, estaria presente e eis por que estou aqui. Teria apreciado uma reparação mais discreta, mas dou-me por satisfeito com esta.

— Aos teus olhos, sou um rebelde.

— Não recebi nenhuma queixa nesse sentido.

— Invadi Coptos.

— Não houve mortos, nem feridos, nem luta.

— E o primeiro magistrado?

— Pediu ajuda ao exército que está em manobras aqui perto. Do meu ponto de vista, não se cometeu nenhum erro irremediável.

— Esqueces-te de que a lei me obriga a ser escravo da senhora Tapeni.

— Foram-lhe retirados todos os direitos cívicos. Está igualmente a pagar a sua lamentável tentativa de se aliar a Bel-Tran. Ela nunca imaginaria que ele detestasse as mulheres a tal ponto.

— O que quer dizer que...

— O que quer dizer que podes pedir o divórcio quando quiseres, podes mesmo exigir uma parte dos seus bens, o que não te aconselho, pois o processo arrastar-se-ia.

— Pouco me importam os seus bens!

— Estás satisfeito com a tua deusa do ouro?

— Pantera salvou-me a vida, na Núbia, mas a justiça do Egito condenou-a ao exílio definitivo.

— Errado, pois a pena dela estava ligada à tua. Além disso, um ato heróico a favor do Egito autoriza-me a rever o processo. Pantera está livre de circular no nosso território.

— O que dizes é verdade?

— Na pele de vizir, sou obrigado a dizer sempre a verdade. Estas decisões, tomadas com base na retidão, serão ratificadas por um tribunal.

— Não acredito.

— Fazes mal. Não é apenas o teu irmão de sangue quem te fala, mas o vizir do Egito.

— Não estarás a comprometer a tua posição?

— Pouco importa, quando começar a época das colheitas, serei demitido e irei para a prisão. A vitória de Bel-Tran e dos seus aliados será fatal, além disso, paira sobre o Egito uma ameaça de guerra.

— Os Asiáticos?

— Bel-Tran mandou-lhes ouro em más condições, a culpa é atribuída ao Faraó. Para nos desculparmos, teremos de lhes oferecer o dobro da quantidade. Não tenho tempo para refazer o tesouro, já delapidado por obra de Bel-Tran. Vire-me para que lado me virar, estou encurralado. Pelo menos, vocês, tu e Pantera, estarão a salvo, aproveita o Egito nestas duas semanas que faltam para a abdicação de Ramsés e depois abandona-o. Este país se transformará num verdadeiro inferno e se baseará na lei do dinheiro grego, do lucro e do materialismo.

— Eu tenho ouro.

— O ouro que roubaste do general Asher e que depois escondeste?

— Chegaria para pagar quase todas as dívidas do Egito.

— Graças a ti, poderíamos evitar uma invasão.

— Deverias mostrar-te mais curioso.

— Quer isso dizer que recusas?

— Não compreendes nada: descobri a cidade do ouro, perdida no deserto. Enormes reservas de metais preciosos! A Coptos, ofereço um carro carregado de barras de ouro, ao Egito, o valor da sua dívida.

— E a Pantera? Concordará?

— Precisarás ser um verdadeiro diplomata, é a altura ideal para provares o teu engenho.

Os dois amigos caíram nos braços um do outro.

Por altura das festas do deus Min, o patrono da cidade, Coptos vivia os momentos de júbilos mais desenfreados do país. Força que comandava a união do céu e da terra, Min incitava os rapazes e garotas à comunhão dos seus desejos. Quando foi proclamado o acordo de paz, a explosão de felicidade que se seguiu só era comparável ao júbilo das celebrações tradicionais.

Por decisão do vizir, Coptos beneficiaria do ouro de Suti, isento de impostos, os líbios foram contratados como soldados da infantaria do corpo do exército estacionado em Tebas, os núbios como arqueiros de elite e “os do olho perspicaz” retomaram a sua missão de vigiar as caravanas e os mineiros, sem serem repreendidos.

Os soldados do exército regular eram os únicos que não participavam no banquete e na festa, na noite quente de Junho, as gargalhadas ecoavam sem cessar, sob a proteção da lua cheia. Suti e Pantera receberam Paser e Néféret na casa do primeiro magistrado, oficialmente posta à disposição do primeiro-ministro.

A líbia de cabelos loiros, com adereços de ouro, parecia contrariada.

— Recuso-me a sair da cidade, nós a conquistamos e ela nos pertence.

— Põe os pés na terra recomendou Suti. Já não temos exército.

— Temos ouro suficiente para comprar o Egito!

— Trata-se primeiro de o salvarmos — disse Paser.

— Eu, salvar o meu inimigo de sempre!

— Também Pantera está interessada em evitar uma invasão asiática, se tal acontecer, de nada vos valerá esse tesouro.

Pantera fitou Néféret, esperando que esta concordasse com ela.

— Eu concordo com o vizir, de que te serviria seres rica, se não pudesses usufruir da tua riqueza?

Pantera gostava de Néféret. Pouco convencida, levantou-se nervosa e deu uma volta à sala.

— Que desejas em troca?

— No papel de salvadores do Egito — declarou Pantera — podemos ser ambiciosos. Uma vez que estamos na presença do vizir, vou direta ao assunto: que cedências está ele pronto a fazer?

— Nenhuma.

Pantera sobressaltou-se.

— Como, nenhuma?

— Ficam ambos isentos de toda e qualquer acusação e sem cadastro, uma vez que não cometeram nenhum crime. O primeiro magistrado de Coptos aceitará o vosso pedido de desculpas e o ouro que trará a felicidade à cidade de Coptos, assim sendo, por que razão haveria ele de vos importunar?

Suti desatou a rir.

— O meu irmão de sangue é fenomenal! Fala de justiça, mas não se esquece de ser diplomata. Tornaste-te num verdadeiro vizir?

— Faço o possível.

— Ramsés provou ser um gênio ao escolher-te, e eu, eu tenho muita sorte em ser teu amigo.

Pantera irritou-se.

— Que reino me oferecerás tu, Suti?

— Não te chega a minha vida, deusa do ouro?

A líbia avançou em direção ao egípcio e deu-lhe diversos murros no peito.

— Devia ter-te matado.

— Não desespere.

Ele dominou-a e apertou-a contra si.

— Consegues imaginar-te como notável?

Desta vez foi Pantera que desatou a rir e, soltando-se, pegou um jarro de vinho, quando o deu a Suti, este levou as mãos à cara.

— Está cego desde que foi picado por um escorpião! — disse ela, pousando o jarro.

Néféret acalmou-a.

— Não te preocupes, os acessos de cegueira noturna são uma doença rara, é verdade, mas eu conheço-a e vou curá-la.

A angústia durou pouco, pois os serviços médicos de Coptos dispunham de todos os remédios necessários. Néféret administrou-lhe um medicamento composto de humores extraídos dos olhos dos porcos, galena, ocre amarelo e mel fermentado, tudo triturado e transformado numa massa compacta, em seguida, juntou ainda a esta mistura uma decoção de fígado de boi. Suti deveria ingerir este preparado diariamente durante três meses para ficar completamente curado.

Pantera dormia, tranquila, cansada, Néféret tinha adormecido. Suti contemplava as estrelas, não se cansando de olhar para a sua luz. Acompanhado por Paser, passeavam-se nas ruas daquela cidade tão calma.

— Que bom! Néféret restituiu-me a vida.

— A tua sorte não te abandonou.

— Como está o país?

— Mesmo com o teu auxílio, não tenho certeza de poder salvá-lo.

— Prende Bel-Tran e mete-o na prisão.

— Bem que gostaria, mas é preciso cortar o mal pela raiz.

— Se está tudo perdido, não te sacrifiques.

— Enquanto houver uma ponta de esperança, cumprirei a missão que me foi confiada.

— A obstinação é um dos teus numerosos defeitos, porquê persistires e seres derrotado? Por uma vez na vida, ouve o que te digo. Tenho uma proposta melhor para te fazer.

Os dois homens passaram por um grupo de líbios, encostados à porta de uma taberna. Bêbados, falavam aos berros.

Suti voltou a olhar para o céu, demasiado feliz por poder ver a lua e as estrelas, assim que o babuíno-polícia, que seguia os dois homens à distância, deu um grito de alarme, Suti percebeu — a presença do arqueiro, de pé num telhado, pronto a atirar.

Deu um passo para o lado e colocou-se à frente de Paser.

Quando Suti caiu, com uma flecha espetada, o devorador de sombras saltava já para um carro e fugia, iniciando a sua fuga.

A operação teve início de madrugada e durou cerca de três horas. Ainda sonolenta, Néfêret procurou energia no âmago do seu ser, para não cometer nenhum erro. A assisti-la, com o olhar atento, estavam dois cirurgiões habituados a estas situações de perigo.

Antes de extrair a flecha do peito de Suti, cravada abaixo do coração, Néfêret aplicou-lhe uma anestesia geral. De tempos em tempos, administrava-lhe dez doses de um pó composto por ópio, raiz de mandrágora e pedra siliciosa. Durante a intervenção, um assistente adicionava vinagre a este pó e obrigava o paciente a inalar os vapores que daí se elevavam, para não acordar da anestesia. Por precaução, um dos cirurgiões passava no corpo de Suti um bálsamo contra a dor, do qual a raiz de mandrágora, poderoso narcótico, era o principal componente.

A médica-chefe do reino verificou a lâmina em pedra dura do seu escalpelo antes de abrir mais o rasgo de forma a retirar mais facilmente a ponta da flecha. A profundidade do ferimento deixou-a apreensiva. Por sorte, os canais do coração não tinham sido afetados, porém, Suti tinha perdido muito sangue. Estancaram a hemorragia com compressas embebidas em mel. A jovem médica tratou os cortes com movimentos lentos e precisos, depois uniu a pele do corte principal com finos fios obtidos a partir de intestino de boi. Por breves segundos, hesitou: Seria necessário fazer um enxerto? Guiando-se pelo seu instinto e acreditando na robustez de Suti, pôs de lado esta hipótese. As primeiras reações da pele confirmaram a sua opinião. Consolidou os pontos de sutura com faixas de tecido colante, as quais cobriu com sebo e mel. Depois ligou o corpo do doente com um tecido vegetal muito suave.

Do ponto de vista técnico, a operação tinha sido um sucesso. Mas iria Suti acordar da anestesia?

Kem examinou o telhado de onde o devorador de sombras tinha atirado a flecha. Apanhou o arco núbio que o assassino tinha utilizado, antes de fugir pela ruela onde uma quadriga roubada aos núbios o esperava. Matador ainda correu no seu encaço, mas em vão. O assassino desapareceu num ápice.

O chefe da polícia tentou inutilmente arranjar testemunhos fidedignos várias pessoas tinham visto uma quadriga abandonar a aldeia durante a noite. Todavia, ninguém foi capaz de fazer uma descrição precisa do condutor. Kem teve vontade de arrancar o nariz de madeira e calcá-lo aos pés. Mas a pata do babuíno agarrada ao seu punho dissuadiu-o.

— Obrigado pela tua ajuda Matador.

Mas o macaco não o libertou.

— O que queres?

Matador voltou a cabeça para o lado esquerdo.

— Já percebi. Queres que te siga.

Este conduziu Kem à esquina de uma ruela, onde lhe mostrou um marco em pedra arranhado pela passagem da quadriga.

— Tens razão, ele fugiu por aqui, mas...

O babuíno levou o seu superior um pouco mais à frente, em direção ao caminho por onde o veículo tinha seguido. Inclinou-se sobre um buraco da calçada e depois recuou, fazendo um sinal a Kem para vir ver. Intrigado o núbio obedeceu.

No fundo do buraco, uma lâmina em obsidiana.

— Perdeu-a sem dar por isso...

Kem examinou o objeto.

— Sabes uma coisa, agente da polícia Matador, creio que acabaste de encontrar uma pista decisiva.

Quando Suti despertou, contemplou o sorriso de Néfêret.

— Pregaste-me um susto — confessou ela.

— O que é uma flecha comparada com as garras de um urso? Salvaste-me a vida pela segunda vez.

— Uns centímetros mais acima e o assassino acertava-te em cheio no coração.

— Vou ficar com sequelas?

— Talvez uma cicatriz, mas se mudarmos os pensos com frequência pode ser que disfarce.

— Quando estarei de pé?

— Dentro de pouco tempo, graças à tua constituição robusta. Pareces mais forte agora do que quando fizeste a tua primeira operação.

— A morte diverte-se a pregar-me partidas.

A voz de Néféret tremeu de emoção.

— Sacrificaste a tua vida por Paser...Não sei como posso agradecer-te.

Suti pegou-lhe carinhosamente na mão.

— Pantera rouba todo o amor que eu tenho para dar, senão como poderia eu resistir-te? Ninguém será capaz de vos separar, a ti e a Paser. Até o próprio destino se fará velho ao longo da vossa união. Hoje, foi a mim que ele elegeu como escudo. E sinto-me orgulhoso por isso, Néféret, muito orgulhoso.

— Importas-te de que Paser venha fazer-te uma visita?

— Se a equipe médica permitir.

O vizir estava tão emocionado quanto a sua mulher.

— Não devias ter arriscado a tua vida por mim, Suti.

— Julgava que um vizir não dizia disparates.

— Tens dores?

— Não, não sinto quase nada. Néféret é uma terapeuta extraordinária.

A nossa conversa foi interrompida.

— Ah! Já me lembro.

— Então, qual era o conselho?

— Para ti, qual é o meu juramento mais solene?

— Depois dos teus propósitos, teres uma vida longa, amares, dares festas, embebedares-te a cada sol que nasce.

— E o teu?

— Sabes bem qual é: regressar à minha aldeia com Néféret, longe da agitação em que vivo todos os dias.

— O deserto mudou-me muito, Paser. Ele é o meu futuro e o meu reino. Aprendi a partilhar os seus segredos, a saciar-me com os seus mistérios. Longe dele, sinto-me pesado e velho. A partir do momento em que as plantas dos meus pés tocam na areia, sinto-me jovem e imortal. Não há lei mais verdadeira do que a do deserto. Junta-te a mim, és feito da mesma natureza. Partamos juntos, deixemos este mundo de compromisso e de mentiras.

— Se existe um vizir, Suti, é para lutar contra isso e fazer prevalecer a retidão.

— Achas que vais conseguir?

— Todos os dias recebo um lote de vitórias e de derrotas, mas Maât ainda governa o Egito. Enquanto Bel-Tran reinar, a justiça não terá lugar nesta terra.

— Não fiques à espera desse momento.

— Ajuda-me a travar esta batalha?

Suti voltou-se para o lado, como se isto significasse uma recusa.

— Deixe-me dormir. Como poderei combater ao teu lado, se estiver cansado e com sono?

O barco da rainha-mãe tinha transportado Silkis do porto de Mênfis até Pi-Ramsés. Na sua cabina, bem arejada e protegida do sol ardente de Junho, a esposa de Bel-Tran tinha beneficiado dos cuidados atentos do zeloso pessoal. Deram-lhe massagens, perfumaram-na, ofereceram-lhe sumos de fruta e panos frescos para pôr na testa e na nuca, de forma a que a viagem fosse o mais agradável possível.

No desembarcadouro, à sua espera, estava uma liteira transportada por escravos e equipada com dois guarda-sóis. O

trajeto foi curto, tendo Silkis sido conduzida pela margem do lago da residência real. Dois porta guarda-sóis desceram com ela para o esquife pintado de azul. Sem tocar nas margens, os remadores levaram-na até uma ilha onde, sentada à sombra de um pavilhão de madeira, Tuya lia poemas do Antigo Império que exaltavam a beleza sublime das paisagens egípcias e o respeito e devoção devidos aos deuses.

Silkis, que envergava um vestido de linho de um luxo ostentatório, entrou em pânico. Nem mesmo as inúmeras jóias que trazia lhe davam segurança. Seria capaz de enfrentar a mulher mais rica e mais influente de todo o Egito?

— Vem sentar-te junto de mim, Silkis.

Para grande espanto da recém-chegada, a rainha-mãe parecia mais uma mulher do povo do que a mãe de Ramsés, o Grande. Com os cabelos soltos e os pés descalços, trazia um vestido branco muito simples, de alças, sem colares, nem pulseiras, nem maquiagem... Mas a sua voz trespassava a alma.

— Deves estar com calor, minha querida?

Incapaz de proferir palavra, Silkis sentou-se na relva sem pensar nas inevitáveis manchas verdes que sujariam o seu precioso vestido de linho.

— Põe-te à vontade. Vai nadar, se quiseres.

— Não. Não me apetece, Majestade.

— E uma cerveja fresca, apetece-te?

Estupefata, Silkis aceitou um recipiente alto, munido de um fino tubo metálico que permitia aspirar o delicioso líquido. Bebeu vários goles, sem levantar os olhos, incapaz de encarar o olhar penetrante de Tuya.

— Adoro o mês de Junho — disse a rainha-mãe. — A sua luz é de uma franqueza deslumbrante. Tens medo do calor intenso?

— Seca... seca-me a pele.

— Não dispões de um arsenal de cremes?

— Sim, claro que sim.

— Dedicas então muito tempo a cuidar da tua beleza?

— Várias horas por dia...o meu marido é muito exigente.

— Tem uma carreira notável...segundo consta.

Silkis levantou um pouco a cabeça. Não tardou que a rainha-mãe se aproximasse do local de onde Silkis a espreitava. O medo foi-se dissipando aos poucos. Aquela mulher impressionante, de nariz fino e perfeito, de faces bastante marcadas e queixo quadrado não iria ser ela a sua dócil escrava? A vergonha invadiu-a como daquela vez que se despiu em frente do guardião-mor da esfinge de forma a tê-lo à sua mercê, para o seu marido poder abatê-lo. Silkis gostava de ser submissa a Bel-Tran, mas gostava que os que a rodeavam se rojassem a seus pés. Começar por humilhar a rainha-mãe despertava nela uma sensação de êxtase.

— Verdaderamente notável, Majestade. É essa a palavra exata.

— Um insignificante guarda-livros que subiu muito rapidamente no reino...Só no Egito é possível uma ascensão tão rápida. O importante não será não perder a pequenez, mas sim atingirmos a grandeza?

Silkis franziu o semblante.

— Bel-Tran é um homem honesto, trabalhador e que só pensa no bem-estar comum.

— A sede de poder dá origem a conflitos, aos quais tenho assistido à distância.

Silkis vangloriou-se. O peixe tinha mordido o anzol! Bebeu um pouco mais de cerveja fresca para ganhar coragem, sentindo uma sensação de relaxamento a invadir-lhe o corpo.

— Correm em Mênfis rumores de que o rei está enfermo.

— Bastante cansado, Silkis. As suas preocupações são esmagadoras.

— Não deveria ele celebrar, quanto antes, uma festa da regeneração?

— Essa é a tradição sagrada.

— E... se o ritual mágico falhar?

— Isso significaria que os deuses apelavam para um novo Faraó.

Um sorriso cruel aflorou aos lábios de Silkis.

— Só os deuses se poderão pronunciar?

— És enigmática.

— Não achas que Bel-Tran tem porte de rei?

Pensativa, Tuya viu uma colônia de patos-reais deslizar sobre a água azulada do lago real.

— Quem somos nós para pretendermos levantar o véu do futuro?

— Bel-Tran pode fazê-lo, Majestade!

— Admirável!

— Ele e eu contamos com o teu apoio. Sabemos que os teus julgamentos são bastante seguros.

— É esse o papel da rainha-mãe: ver e aconselhar.

Silkis tinha vencido. Sentia-se leve como um pássaro, rápida como um chacal, afiada como a lâmina de um punhal. O Egito pertencia-lhe.

— Como é que o teu marido juntou toda a sua fortuna?

— Desenvolvendo a sua fábrica de papiros. É claro que fez certas habilidades com as contas, como por todo o lado por onde passou. Nisso, não há ninguém melhor do que ele.

— Cometeu algumas desonestidades, não?

Silkis tornou-se volúvel.

— Majestade! O que são os negócios, senão negócios? Se almejamos atingir um lugar de destaque, é necessário, por vezes, pôr de lado a moral. E é isso que a maior parte das pessoas não é capaz de fazer. Bel-Tran não é um qualquer, e a moral não é obstáculo que o impeça de concretizar um bom negócio. Ele conseguiu subverter completamente os hábitos desta cidade desde que está no poder. E ninguém percebeu as fraudes que cometeu. E tanto o estado como ele próprio só beneficiaram com isso! Mas agora é demasiado tarde para lhe instaurarem um processo.

— Construiu uma fortuna pessoal enorme, não é verdade?

— Mas é claro!

— De que forma?

Silkis regozijou-se.

— Da maneira mais audaciosa possível!

— Como assim?

— Nem vais acreditar no que vou contar. Trata-se de um tráfico de papiros do “Livro dos Mortos”. E, como ele é o fornecedor de uma grande parte da nobreza, encarregou-se de encontrar escribas capazes de desenhar as cenas e de escrever os textos relativos à ressurreição do defunto no outro mundo.

— E de que tipo é a fraude?

— Tripla! Primeiro, o papiro é de qualidade inferior à prometida, depois, reduziu o volume dos textos, sem baixar o preço da prestação, pagando muito pouco ao escriba redator, finalmente, o processo repete-se com as ilustrações! As famílias dos defuntos, abaladas pela dor, nem se lembram de verificar. E possuo também um lote enorme de moedas gregas que repousam nos meus cofres à espera da livre circulação da prata... Que revolução, Majestade! Daqui a pouco tempo, nem vais reconhecer este velho Egito, encarcerado nas suas tradições inúteis e nos seus costumes retrógrados.

— Se não estou enganada, esse é o discurso do teu marido?

— O único a que o país deverá dar ouvidos!

— E tu Silkis, qual é a tua opinião pessoal?

A pergunta demoveu a esposa de Bel-Tran.

— O que queres dizer com isso?

— Achas que assassínios, roubos e mentiras são bons pilares para sustentar um reino?

Exaltada, Silkis não se deixou desmoralizar.

— Se forem necessários, porque não? Agora, já não podemos voltar atrás. Eu própria sou cúmplice e culpada! Tenho pena de não ter acabado com o mestre Branir e o vizir Paser, os principais entraves...

Uma vertigem fê-la vacilar. Levou uma mão à frente.

— O que é que me está a acontecer...Por que razão confessei tudo isto...

— Porque bebeste cerveja misturada com mandrágora, o seu gosto é insípido, mas a bebida solta a palavra. Graças a ela, os espíritos mais fracos revelam os seus segredos.

— O que é que eu disse? O que é que eu revelei?

— Se a mandrágora teve um efeito tão rápido — disse a rainha-mãe — é porque tu és uma drogada.

— Dói-me o ventre!

Silkis levantou-se. A ilha e o céu andavam à roda. Caiu de joelhos e tapou os olhos com as mãos.

— O tráfico de livros dos mortos é um crime abominável — condenou Tuya. — Tu e o teu marido especulam com a dor alheia com uma crueldade incrível. Eu mesma apresentarei queixa perante o tribunal do vizir.

— Não vai adiantar! Em breve serás minha serva — disse ela erguendo a cabeça.

— Não vais conseguir os teus propósitos, pois estás marcada pelo fracasso e nunca serás uma dama da corte. As vossas torpezas serão do conhecimento de todos. Ninguém vos aceitará, mesmo que ainda detenham algum poder. Verão que é uma situação insustentável, por mais obstinado que seja o vosso constrangimento em renunciar às vossas ambições.

— Bel-Tran espezinhar-te-á.

— Sou uma mulher com alguma idade e experiência e não temo os bandidos da vossa laia. Os meus antepassados lutaram contra invasores tão perigosos como o teu marido e saíram vitoriosos. Se ele esperava o teu apoio, terá uma grande desilusão, pois não terás qualquer utilidade.

— Eu vou ajudá-lo e juntos venceremos.

— Não serás capaz: com uma inteligência tão limitada, uns nervos tão frágeis, uma ausência total de personalidade própria e uma força destrutiva nutrida pelo ódio e pela hipocrisia. Mais cedo ou mais tarde, não só o prejudicarás como também o trairás.

Silkis bateu com os pés e os punhos cerrados no chão. Com um aceno de Tuya a barca acostou.

— Levem esta mulher de volta ao porto — ordenou Tuya à tripulação — e tirem-na de Pi-Ramsés.

Silkis sentiu uma vontade avassaladora de dormir, e deitou-se no chão da embarcação, com a cabeça a rebentar de insuportáveis zumbidos, como se as abelhas devorassem o seu cérebro.

A rainha-mãe contemplou serena as águas tranquilas do lago real, sobre o qual dançavam as andorinhas.

Apoiado no ombro de Paser, Suti deu os seus primeiros passos na coberta do barco que os transportava até Mênfis. Néféret vigiava a experiência, satisfeita com a recuperação do seu amigo. Pantera admirava os seus heróis, sonhando com um rio imenso que lhe pertenceria quando fosse rainha. De Norte a Sul e de Sul a Norte, viajariam numa barca enorme carregada de ouro que eles distribuiriam pelas aldeias disseminadas ao longo das margens do rio. Já que era impossível conquistar um império pela força, porque não utilizar a razão? No dia em que as minas da cidade desaparecida se exaurissem, o povo todo celebraria o nome de Pantera e Suti. Deitada no telhado da cabina, confiou o seu corpo de cobre às carícias escaldantes do sol de Verão.

Néféret fez um novo curativo em Suti.

— A ferida está com bom aspecto. Como te sentes?

— Ainda não tenho forças para combater, mas já me tenho de pé.

— Posso pedir-te que repouses? Caso contrário, os tecidos demorarão mais tempo a cicatrizar.

Suti estendeu-se sobre a esteira, à sombra de um pano esticado sobre quatro estacas. Graças ao descanso imposto, as suas forças em breve se regenerariam.

Néféret observava o Nilo. Paser abraçou-a.

— Achas que a cheia este ano será precoce?

— A maré enche, mas a sua cor modifica-se lentamente, talvez ainda tenhamos de esperar mais alguns dias.

— Quando a estrela Sótis brilhar no céu, Isis derramará lágrimas e a energia da ressurreição animará o rio nascido na outra vida e, como em cada ano, a morte será vencida. Todavia, o Egito dos nossos pais perecerá.

— Todas as noites imploro à alma do nosso mestre desaparecido, tenho certeza de que não anda muito longe de nós.

— Fui um fracasso total, Néféret: não consegui identificar o assassino nem encontrar o testamento dos deuses.

Kem aproximou-se do casal.

— Desculpa-me se importuno, mas gostaria de te propor uma promoção.

Paser foi apanhado de surpresa.

— Tu, Kem. a preocupares-te antes do tempo?

— Matador, o agente da polícia, merece-a.

— Já devia ter pensado nisso há mais tempo, sem ele, eu já estaria a estas horas na margem do Ocidente.

— Ele não só te salvou a vida como também nos ofereceu uma pista para identificar o devorador de sombras. Esta façanha merece um cargo de Tenente com um aumento de soldo.

— Que pista é essa?

— Deixa o Matador levar este inquérito até ao fim. Eu acompanhá-lo-ei.

— De quem suspeitas?

— Ainda tenho de fazer algumas investigações antes de obter o nome do culpado, mas não nos escapará.

— Quanto tempo demorarão as investigações?

— Se tudo correr bem, um dia, se não uma semana. O Matador é capaz de identificá-lo assim que o vir.

— Deverás prendê-lo para ser julgado.

— O devorador de sombras cometeu vários assassínios.

— Se não conseguires convencer o Matador a poupá-lo, serei obrigado a retirá-lo do caso.

— O devorador de sombras tentou acabar com ele, atirando-o contra outro babuíno, como pode ele esquecer isso? Impedi-lo de cumprir a sua missão seria uma injustiça.

— Temos de descobrir se o devorador de sombras é o responsável pela morte de Branir, e para quem trabalha ele.

— Vais ficar a saber. Nada mais posso prometer-te. Se o Matador for provocado, não sei como poderei detê-lo. Entre a

vida de um valente servidor e a de um monstro, a minha escolha já está feita. Sejam prudentes, um e outro.

Quando Bel-Tran transpôs o limiar da sua mansão, não veio ninguém ao seu encontro. Contrariado, chamou o intendente. Somente um dos jardineiros respondeu ao seu chamamento.

— O intendente?

— Partiu, com dois criados e os teus filhos, meu senhor.

— Andaste a beber, homem?

— Asseguro-te que é a mais pura verdade.

Furioso, Bel-Tran entrou em casa desvairado, chocando com a camareira de Silkis.

— Onde estão os meus filhos?

— Foram para a casa do Delta.

— Por ordem de quem?

— Da tua esposa.

— Onde está ela?

— No quarto, mas...

— Fala!

— Está muito deprimida. Desde que voltou de Pi-Ramsés ainda não parou de chorar.

Bel-Tran atravessou, com passadas largas, as várias divisões da casa e precipitou-se para os aposentos da sua mulher, que se encontrava imóvel e em posição fetal, soluçando ininterruptamente.

— Ainda estás doente? — disse ele, sacudindo-a. Porém ela não reagiu. — Por que razão mandaste as crianças para a casa de campo? Responde!

E torceu-lhe os pulsos, obrigando-a a sentar-se.

— Responde, é uma ordem!

— Eles... correm perigo.

— Estás a delirar.

— E eu também...corro perigo.

— O que é que se passou?

Ainda a soluçar, Silkis contou-lhe o seu encontro com a rainha-mãe.

— Aquela mulher é um monstro, pôs-me de rastros.

Bel-Tran não ouviu de ânimo leve o que a mulher lhe contou, e fê-la repetir as acusações feitas por Tuya.

— Tem calma, minha querida.

— Uma armadilha! Ela passou-me uma rasteira!

— Tranquiliza-te. Dentro em pouco, não terá qualquer poder...

— Não compreendes. Eu não tenho qualquer chance de ser admitida como dama da corte. Cada um dos meus gestos será contestado, cada uma das minhas atitudes será criticada, a menor das minhas iniciativas vilipendiada... Quem é que tem forças para resistir a tal perseguição?

— Acalma-te.

— Acalmar-me, enquanto Tuya arruma a minha reputação!

Silkis entrou numa cólera desesperada, chorando e balbuciando frases incompreensíveis sobre intérpretes de sonhos, devorador de sombras, os filhos, um trono inacessível e dores intestinais insuportáveis.

Bel-Tran abandonou o quarto, pensativo. Tuya era uma mulher lúcida e ponderada. Silkis, por sua vez, devido às suas perturbações mentais, seria incapaz de se integrar na corte do Egito.

Pantera sonhava. A viagem no Nilo, com a segurança da companhia do vizir e de Néféret, tinha-lhe proporcionado um momento de serenidade que não era habitual no âmago da sua existência tumultuosa. Sem confessar a Suti, sonhava com uma casa grande rodeada por um jardim, envergonhada de não renunciar de maneira alguma à sua sede de conquista. A presença de Néféret apaziguava-lhe o fogo que a consumia desde que tivera de lutar pela sua sobrevivência. Pantera descobrira as virtudes da ternura, das quais sempre desconfiara como se de uma doença mortal se tratasse. O Egito, essa terra que tanto detestava, tornou-se no seu porto de paz.

— Preciso falar contigo — afirmou com gravidade ao vizir, que se encontrava sentado à escriba.

Paser redigia um decreto relativo à proteção, em cada província, de uma espécie animal, a qual seria proibido caçar e consumir.

— Sou todo ouvidos.

— Vamos até à popa. Adoro poder contemplar o Nilo.

Encostados ao pavês, os dois viajantes, maravilhados, o vizir e a líbia, conversavam embalados pela corrente.

Em terra, nos carreiros e no cimo dos cabeços, os burros avançavam no seu passo lento, carregando cereais. Em torno dos valentes jumentos, elevava-se a gritaria da criançada. Nas aldeias, à sombra das palmeiras, as mulheres preparavam cerveja. Nos campos, os camponeses debulhavam os cereais ao som de uma flauta que tocava velhas melodias. Todos aguardavam a cheia.

— Dou-te todo o meu ouro, vizir do Egito.

— Suti e tu descobriam uma mina abandonada, é justo que vos pertença.

— Guarda essas riquezas para os deuses. Eles farão melhor uso delas do que os mortais. Mas deixa-me viver aqui e esquecer o passado.

— Tenho que te contar a verdade: dentro de um mês, a alma deste país mudará, e sofrerá transformações tais que não o vais reconhecer.

— Ainda tenho um mês de tranquilidade.

— Os meus amigos vão ser perseguidos, detidos e talvez executados. Se me ajudares, também te denunciarão.

— Não volto atrás na minha decisão. Toma o ouro, usa-o para evitar a guerra com a Ásia.

E, voltou para o telhado da cabina, para adorar um sol sob o qual a violência se apaziguara. Suti tomou o seu lugar.

— Já consigo andar e mexer o braço esquerdo. Dói um bocado, mas estou bastante satisfeito com a recuperação. A tua mulher tem umas mãos de fada.

— A tua também tem um coração de ouro.

— Uma verdadeira feiticeira! Pobrezinha, ainda não consegui separar-me dela.

— Ela queria dar todo o seu ouro ao Egito para evitar um conflito com os Asiáticos.

— Que pena não poder fazer uma vênia!

— Ela quer ser feliz ao teu lado. Creio que o Egito a conquistou.

— Que terrível futuro se avizinha. Será preciso que eu dizime um batalhão de líbios para lhe dar vigor novamente? Vamos esquecê-la por momentos. Estou preocupado contigo.

— Tu sabes a verdade.

— Só uma parte, mas constato que tu te refugias no teu principal defeito: o respeito pelos outros.

— É a lei de Maât.

— Balelas! Estás em guerra Paser e sofreste vários golpes sem ripostares. É só mais uma semana e, graças a Néféret estarei de novo na ofensiva. Deixa-me agir à minha maneira e estragar o jogo do adversário.

— Mas, não vais fazer nada ilegal, não é?

— Quando as hostilidades são declaradas, é necessário traçarmos o nosso caminho. Senão, podemos cair numa

emboscada. Bel-Tran é um inimigo como qualquer outro.

— Não, Suti. Ele possui uma arma decisiva contra a qual nem tu, nem eu podemos lutar.

— Qual?

— Tenho de guardar segredo.

— Já não tens muito tempo para agir.

— Quando a cheia chegar, Ramsés abdicará. Não será capaz de viver a sua regeneração.

— A tua atitude é absurda. Até agora, sem dúvida tens tido razões para desconfiares de todos. Porém, neste momento, estás rodeado de pessoas em quem confias, revela-lhes a natureza dessa arma e as verdadeiras razões da incapacidade de Ramsés. Juntos encontraremos uma saída.

— Tenho de consultar o Faraó. Só ele pode dar-me autorização para aceder ao teu pedido. Desembarcarás em Mênfis e eu continuarei a viagem até Pi-Ramsés.

Néféret depositou as flores de lótus, as centáureas azuis e as flores de lis sobre o altar da pequena capela aberta aos vivos. Assim, permaneceu em comunhão com a alma de Branir, cujo corpo de luz, chamado à ressurreição de Osíris, repousava num sarcófago, no seio da terra-mãe.

Por uma fenda aberta na parede do túmulo, Néféret contemplou a estátua do mestre assassinado, e ali ficou de pé, como se fosse começar a andar, a olhar para o céu. As trevas pareciam-lhe menos profundas que o habitual. Surpresa, sentiu que Branir a fitava com uma intensidade fora do comum. Já não eram os olhos de um morto, mas os de um vivo que regressara do outro mundo para lhe transmitir uma mensagem, para lá das palavras e dos pensamentos dos humanos.

Perturbada, aboliu qualquer reflexão, a fim de perceber com o coração a verdade do inefável. E Branir falou-lhe, como outrora, com a sua voz grave e possante. Evocou a luz de que os justos se alimentam, a beleza dos paraísos onde o pensamento vagueia nas estrelas.

Quando o mestre terminou, a jovem percebeu que ele tinha aberto um caminho para onde o vizir devia caminhar. O triunfo do mal não era inevitável.

À saída do imenso campo funerário de Sakkarah, Néféret cruzou com Djuí, o mumificador. Pálido, de mãos intermináveis e pernas esguias, dirigia-se para a sua oficina.

— Ocupei-me do túmulo de Branir, conforme o teu desejo.

— Muito obrigada, Djuí.

— Pareces-me emocionada.

— Não é nada. Já passou.

— Queres um copo de água?

— Não. Tenho de ir até ao hospital. Até breve.

Com passo arrastado, o mumificador caminhava sob um sol implacável em direção a uma casa de janelas minúsculas. Encostados à parede, havia inúmeros sarcófagos de diversas qualidades. A oficina situava-se num local isolado. As pirâmides e os túmulos erguiam-se ao longe. Uma colina rochosa não deixava vislumbrar as palmeiras e as culturas que decoravam o deserto.

Djuí abriu a porta e entrou, as dobradiças rangeram. Pôs um avental de pele de cabra, coberto de manchas acastanhadas, e examinou minuciosamente o cadáver que tinham acabado de lhe trazer. Tinham-lhe encomendado uma mumificação de segunda classe, o que exigia a utilização de óleos e unguentos. Com um ar enfasiado, o especialista empunhou uma gazua de ferro com a qual iria extrair o cérebro do defunto pelas narinas.

Nisto, uma navalha veio cair-lhe aos pés.

— Perdeste este objeto em Coptos.

Djuí voltou-se lentamente. Na soleira da porta estava Kem, o chefe da Polícia.

— Estás enganado.

— É com esta navalha que abres as entranhas dos cadáveres.

— Não sou o único mumificador...

— És o único que passa a vida a viajar, pelo menos nestes últimos meses.

— Mas, que eu saiba, isso não é proibido.

— De cada vez que deixas o teu posto de trabalho, és obrigado a comunicá-lo. Senão os teus colegas apresentam queixa.

Ora as tuas viagens coincidiram com as do vizir, que tu, em vão, tentaste aniquilar por diversas vezes.

— A minha profissão é tão difícil que tenho, frequentemente, necessidade de mudar de ares.

— Na tua profissão, vive-se no isolamento e nunca se abandona o local de trabalho. E tu nem tens família em Tebas.

— A região é muito bonita. Tenho o direito de circular, como qualquer outra pessoa.

— Sabes muito sobre venenos.

— Como sabes isso?

— Consultei a tua ficha de serviço. Antes de te tornares mumificador, trabalhaste como assistente no laboratório do hospital, e o conhecimento profundo do local facilitou-te os roubos.

— Que eu saiba, não é proibido mudar de atividade.

— Também és excelente no manejo do bastão de arremesso, e o teu primeiro ofício foi caçador de aves.

— E isso é crime?

— Todos os indícios dizem que sim. És tu o devorador de sombras encarregado de assassinar o vizir Paser.

— Pura calúnia.

— Tenho uma prova formal de valor incalculável: esta navalha de obsidiana. Na base do punho tem uma marca distintiva dos mumificadores e um número que corresponde à oficina de Sakkarah. Não devias tê-la perdido, Djuí, mas não podias separar-te dela. Foi o teu amor pela profissão que te traiu, o gosto pela morte.

— Qualquer tribunal considerará essa prova insuficiente.

— Sabes bem que não. E a confirmação final está escondida aqui, estou certo disso.

— Vais fazer uma busca?

— É indispensável que a faça.

— Oponho-me, pois estou inocente.

— Então o que receias?

— Esta é a minha casa, ninguém tem o direito de violá-la.

— E eu sou o chefe da Polícia. Mas, antes de me mostrares a cave, pousa a gazua de ferro. Não gosto de te ver com uma arma na mão.

O mumificador obedeceu.

— Vai tu à frente.

Djuí deslizou pela escada abaixo como estava habituado a fazer. Duas tochas, que ardiam permanentemente, iluminavam uma cave imensa onde havia sarcófagos empilhados por todo o lado. Ao fundo, uma vintena de canopos destinados a receber fígados, pulmões, estômagos e intestinos dos defuntos.

— Abre-os.

— Mas isso é um sacrilégio.

— Eu assumo a responsabilidade.

O Núbio levantou uma tampa em forma de cabeça de babuíno, uma outra em forma de cabeça de cão e uma terceira de falcão. Os vasos canopos não continham senão vísceras.

No quarto vaso, com a tampa em forma de cabeça de homem, estava um grande lingote em ouro. Quem prosseguiu as suas investigações e destapou mais três vasos.

— O pagamento pelos teus assassinios?

Com os braços cruzados sobre o peito, Djuí parecia indiferente.

— Quanto queres, Kem?

— Quanto ofereces?

— Se vieste sem o teu babuíno e sem o vizir é para poderes vender o teu silêncio. Será que te contentas com metade dos meus ganhos?

— Mas também é necessário satisfazeres a minha curiosidade: Quem é que te paga?

— Bel-Tran e os seus cúmplices. Apesar de tu e o vizir terem dissolvido o bando, ele e mulher continuam a desafiar-vos. É uma mulher perversa, podes crer. É ela que me transmite as ordens quando tenho de acabar com uma testemunha incômoda.

— Assassinaste o sábio Branir?

— Tenho a lista dos meus sucessos em dia, para me lembrar deles quando for velho. Mas Branir não faz parte do meu rol de vítimas. Não teria recusado o serviço, disso podes estar seguro, mas não o encomendaram a mim.

— Quem é, então, o culpado?

— Não faço idêia, mas é uma coisa que me diverte. Estás no caminho certo, Kem. Também não esperava menos da tua parte. Eu sabia que, se me identificasses, não avisarias o vizir e virias exigir a tua parte.

— Vais deixar Paser em paz?

— Ele foi o meu único fracasso... A menos que tu me dês uma mãozinha?

O núbio avaliou o peso dos lingotes.

— São magníficos.

— A vida é curta. É preciso saber aproveitá-la.

— Cometeste dois erros, Djuí.

— Falemos antes do futuro.

— Em primeiro lugar, menosprezaste o meu verdadeiro valor.

— Queres tudo?

— Nem uma montanha de ouro me satisfaria.

— Estás a brincar?

— Em segundo lugar, foi teres acreditado que o Matador te perdoaria depois de o teres confrontado com um rival, decidido a deixá-lo em pedaços. A maioria das pessoas poderão sentir compaixão por esse teu olhar, mas eu não passo de um negro de sentimentos inferiores, e ele de um macaco suscetível e rancoroso. O Matador é meu amigo e quase morreu por tua causa. Quando ele clama vingança, sou obrigado a dar-lhe ouvidos. Graças a ele, não devorarás mais sombras.

O Babuíno apareceu ao fundo das escadas. Kem nunca o tinha visto tão furioso. Com os olhos vermelho vivo, o pêlo todo eriçado e os caninos arreganhados, rosnava com tal ferocidade que fazia gelar o sangue. Nenhuma dúvida restava sobre a culpabilidade de Djuí.

O devorador de sombras recuou e Matador investiu.

— Deita-te ao comprido — pediu Néféret a Suti.

A dor desapareceu.

— Tenho de verificar os canais do coração e da circulação de energia. — Néféret mediu a pulsação em vários lugares, sem tirar os olhos da pequena clepsidra que trazia no pulso. No seu interior, as graduações apresentavam-se sob a forma de pontos dispostos sobre doze linhas verticais. Calculou os ritmos internos, comparando-os, e constatou que o pulsar do coração era possante e regular.

— Se não tivesse sido eu a operar-te, não acreditava que tivesses sido vítima de um ferimento recente. A tua cicatrização é duas vezes mais rápida que o normal.

— Amanhã, se a médica-chefe do reino me autorizar, vou praticar tiro ao arco.

— Não exijas muito dos teus músculos. Aprende a ser paciente.

— Impossível, tenho a impressão de que a minha vida se dissipa rapidamente. Não deveria assemelhar-se antes ao vôo de uma ave de rapina, violento e imprevisível?

— A doença faz admitir todas as formas de existência. Nesse caso, tenho de mudar-te o penso para o teu voo se regenerar.

— Quando volta Paser?

— Amanhã, o mais tardar.

— Espero que tenha sido persuasivo. É preciso sair desta passividade.

— Estás a julgar muito mal o vizir, desde a tua partida desastrosa para a Núbia, ele não parou de lutar contra Bel-Tran e os seus aliados.

— Os resultados não foram muitos.

— Conseguiu enfraquecê-los.

— Mas não os eliminou!

— O vizir é o primeiro servidor da lei que ele deve fazer respeitar.

— Bel-Tran não conhece senão a sua própria lei, porque Paser não luta com armas do mesmo calibre. Quando éramos jovens, ele gostava de ponderar as situações e eu tomava atitudes mais irrefletidas. Se o alvo estiver definido, eu não falho.

— A tua ajuda vai ser-lhe muito preciosa.

— Com a condição de que eu esteja a par de tudo, como tu.

— Acabei o teu curativo.

Pi-Ramsés estava menos alegre que o habitual. Os soldados tinham substituído os transeuntes. Os carros de assalto circulavam nas ruas, a marinha de guerra ocupava o porto. Nas casernas, em estado de alerta, os soldados da infantaria repetiam os exercícios de combate, os arqueiros treinavam com afinco, os oficiais superiores verificavam os arreios dos respectivos cavalos. Um cheiro a guerra pairava no ar.

A guarda do palácio tinha sido redobrada. A visita de Paser não suscitou entusiasmo, era como se a presença do vizir selasse uma decisão que tanto receavam.

O Faraó já não se dedicava à jardinagem, mas, na companhia dos seus generais, estudava um grande mapa da Ásia estendido no solo da sala do conselho. Os militares inclinaram-se perante o vizir.

— Posso consultar-te, Majestade?

Ramsés mandou sair os generais.

— Estamos prestes a entrar em guerra, Paser. A armada de Seth já se encontra ao longo da fronteira. Os nossos espíões confirmaram que os principados da Ásia tentam unir-se para mobilizar o máximo de soldados. O confronto será implacável. Apesar dos meus generais me aconselharem insistentemente a atacar, prefiro aguardar, como medida de precaução. Dir-se-ia que o futuro me pertence!

— Evitaremos o conflito, Majestade!

— Com que milagre?

— Com o ouro de uma mina há muito esquecida.

— Essa informação é fiável?

— Vem uma expedição a caminho, com uma carta escrita por Suti.

— E a quantidade é suficiente?

— A Ásia ficará satisfeita.

— Que deseja Suti em troca?

— O deserto.

— Estás a falar a sério?

— Ele está.

— Achas que o posto de chefe de “os de olho perspicaz” lhe agradará?

— Talvez ele procure apenas a solidão.

— Um outro milagre no alforge?

— Suti deseja conhecer a verdade. Ele propôs que eu reunisse as poucas pessoas que provaram ser-me fiéis e não escondesse nada das razões da tua abdicação.

— Um conselho secreto...

— Um derradeiro conselho de guerra.

— Que te parece a idéia?

— A minha missão foi um fracasso, pois não encontrei o testamento dos deuses. Se me autorizares, mobilizarei as forças que ainda nos restam, para enfraquecer Bel-Tran ao máximo.

A senhora Silkis era vítima da terceira crise de histeria desde essa madrugada. Três médicos haviam passado pela sua cabeceira, sem grande sucesso. O último tinha-lhe administrado um narcótico, na esperança de que depois de um sono profundo ela recuperasse a razão. Mas, desde que acordara a meio da tarde, começara a delirar, alertando as restantes pessoas da casa com as suas crises e convulsões. Somente uma nova dose de narcótico fora eficaz, apesar de se recearem as consequências: alteração das faculdades cerebrais e degradação da flora intestinal.

Bel-Tran tomou a decisão que se impunha. Convocou um escriba, ao qual ditou uma lista de bens que legava aos seus filhos, reduzindo os da mulher ao mínimo imposto pela lei. Contrariamente à tradição, tinha estabelecido um contrato de casamento bastante pormenorizado que o autorizava a gerir a fortuna da mulher em caso de impossibilidade ou incompetência manifesta da parte de Silkis. Incapacidade que ele fez constatar pelos seus três terapeutas, fortemente recompensados. Munido destes documentos, Bel-Tran seria o único a poder exercer a autoridade paternal sobre os seus filhos, cuja educação não podia continuar a ser assumida por Silkis.

A rainha-mãe até lhe tinha prestado um grande favor ao desmascarar a verdadeira natureza da sua mulher: um ser instável, um pouco infantil, um pouco cruel, inapta para ocupar uma função de primeiro plano. Depois de lhe ter servido como um belo acessório nas recepções e banquetes, tornara-se agora um empecilho.

Onde poderia ela ser melhor tratada que num estabelecimento especializado em doentes mentais? Logo que estivesse em condições de viajar, enviá-la-ia para o Líbano.

Faltava só consumir o divórcio, documento indispensável, uma vez que Silkis residia ainda no lar familiar. Bel-Tran não esperaria pela sua partida. Uma vez livre dela, estaria pronto a enfrentar a última etapa que o separava da realização do seu sonho. É assim que se percorre o caminho para o poder, pondo de lado os companheiros inúteis.

O Egito inteiro invocava a cheia. A terra estava fendida, como morta. Queimada, ressequida por um vento escaldante, morria de sede, ávida da água regeneradora que transporta as margens e faria o deserto recuar. Uma fadiga surda consumia os homens e os animais, as poeiras cobriam as árvores, as últimas parcelas de verdura secavam lentamente. Todavia o esforço

não esmorecia. As equipes encarregadas de limpar os canais, reparar os poços e as cegonhas de tirar água, consolidar os diques amontoando a terra cavada e tapando as fissuras, sucediam-se umas às outras. As crianças estavam encarregadas de encher as taças com frutos secos, principal alimento durante o período em que a água cobriria os campos.

Quando regressava de Pi-Ramsés, Paser sentiu o sofrimento e a esperança da sua terra. Será que amanhã Bel-Tran não iria acusar a própria cheia, censurando-a por não ter durado um ano inteiro? O regime que ele iria impor prejudicava a aliança do país com os deuses e com a natureza. Rompendo o delicado equilíbrio respeitado até ao presente por dezanove dinastias de faraós, o administrador do Tesouro deixaria o campo livre às forças do mal.

Sobre o principal cais de desembarque de Mênfis, Kem e o babuíno-polícia esperavam o vizir.

— Djuí é o devorador de sombras — revelou o núbio.

— E também é ele o culpado pela morte do mestre?

— Não, mas ele era o braço armado de Bel-Tran. Foi ele que assassinou os veteranos sobreviventes e os cúmplices do diretor da Dupla Casa branca, e foi ele que tentou matar-te.

— Predeste-o?

— O Matador não lhe concedeu o seu perdão. Ditei o meu testemunho a um escriba. Contém acusações contra Bel-Tran, nomes e datas. Agora, estás em segurança.

Acompanhado de Vento do Norte, que transportava um odre de água fresca, Suti aproximou-se de Paser.

— E Ramsés, aceitou?

— Aceitou.

— Reúne o teu conselho no campo. Estou pronto a ir combater.

— Antes, gostaria de tentar um último recurso.

— O tempo urge.

— Os mensageiros já partiram, levando as minhas convocatórias. O conselho reunir-se-á a partir de amanhã.

— É a tua última chance.

— A última chance que o Egito tem.

— Que último recurso é esse?

— Não vou correr risco algum, Suti.

— Deixa-me acompanhar-te.

— Aceita a presença de Matador — disse Kem.

— Impossível — respondeu o vizir — devo ir sozinho.

A uma trintena de quilômetros a sul da necrópole de Sakkarah, o lugar de Licht vivia ainda como no Médio Império, um tempo de paz e prosperidade. Ali haviam sido erguidos os templos e as pirâmides, dedicadas aos Faraós Amenemhat I e Sesóstris I, poderosos monarcas da segunda dinastia que tinham transformado o Egito num país alegre, depois de um período conturbado. Desde essa época longínqua, setecentos anos antes do reinado de Ramsés II, a memória dos ilustres soberanos era ainda respeitada. Os sacerdotes do Ka celebravam os ritos quotidianos, para que a alma dos reis defuntos permanecesse presente sobre a terra e inspirasse a ação dos seus sucessores.

Não muito longe das culturas, a pirâmide de Sesóstris I encontrava-se em reconstrução, estando a ser escavada uma parte do seu revestimento de calcário branco, proveniente da pedreira de Tura.

O carro de Bel-Tran, conduzido por um velho oficial, dirigia-se para a rua que contornava o deserto. Parou no princípio da calçada coberta que dava acesso à pirâmide. Nervoso, o diretor da Dupla Casa branca desceu do veículo e chamou um sacerdote. A sua voz irritada era uma inconveniência no seio do silêncio que reinava no local.

Um ritualista de crânio rapado saiu de uma capela.

— Chamo-me Bel-Tran, venho a pedido do vizir.

— Segue-me.

O homem de negócios sentiu-se muito pouco à vontade. Não gostava nem das pirâmides, nem dos santuários antigos que os arquitetos tinham construído com blocos colossais, jogando com o seu tamanho com incrível virtuosismo. Os templos constituíam um entrave às análises econômicas de Bel-Tran, e destruí-los seria uma das prioridades do Novo Regime. Enquanto houvesse homens, por poucos que fossem, que escapassem à lei universal do lucro, estariam a pôr em causa o desenvolvimento de um país.

O ritualista precedeu Bel-Tran. Nos muros da estreita calçada, baixos relevos mostravam o rei a fazer oferendas às divindades. Como o sacerdote caminhava lentamente, Bel-Tran era obrigado a travar o passo, ao mesmo tempo que ia protestando contra o tempo perdido e a sua convocação para este local esquecido.

No cimo da calçada erguia-se um templo ao lado da pirâmide. O ritualista virou à esquerda, atravessou uma pequena sala de colunas e parou diante de uma escada.

— Sobe, o vizir está à tua espera no alto da pirâmide.

— Por que razão me espera ele num lugar tão alto?

— Está a fiscalizar os trabalhos.

— A subida não é perigosa?

— Os degraus estão um pouco gastos, mas, se subires com cuidado, não há perigo.

Bel-Tran não confessou ao sacerdote que tinha vertigens, admiti-lo seria expor-se ao ridículo. Contrariado, iniciou a subida que culminava a sessenta metros do solo.

Empreendeu a escalada por uma aresta, sob o olhar atento dos pedreiros que trabalhavam no restauro do revestimento. De olhos postos no chão e pés desajeitados, subiu até ao cimo, uma plataforma desprovida de pirâmídon. Este último, em mau estado, tinha sido confiado aos ourives, para ser recoberto de ouro fino.

Paser estendeu a mão a Bel-Tran e ajudou-o a pôr-se de pé.

— Que paisagem maravilhosa, não achas?

Bel-Tran vacilou, fechando os olhos para manter o equilíbrio.

— Do alto de uma pirâmide — prosseguiu o vizir — o Egito desvenda-se inteiro. Já reparaste na fronteira bem delineada entre as culturas e o deserto, entre a terra negra e a vermelha, entre o domínio de Hórus e o de Seth? Contudo, são indissociáveis e complementares. A terra arável manifesta a sua eterna dança das estações, e o deserto, o fogo do imutável.

— Por que razão me fizeste vir aqui?

— Sabes o nome desta pirâmide?

— Não me lembro.

— Chama-se “a vigilante dos dois países”, ao tomar conta deles, deu-lhes unidade. Se os nossos antepassados consagraram os seus esforços a edificar este tipo de monumento, se continuamos a construir templos e locais para a eternidade, é porque a sua presença é indispensável para que haja harmonia.

— Um monte de pedras sem utilidade.

— A fundação da nossa sociedade. O além inspira o nosso governo, a eternidade dos nossos atos, pois o quotidiano não é suficiente para satisfazer os homens.

— Idealismo retrógrado.

— A tua política vai arruinar o Egito, Bel-Tran, e denegrir a tua imagem.

— Pagarei aos melhores branqueadores.

— A alma não se lava assim tão facilmente.

— Afinal, és sacerdote ou primeiro ministro?

— O vizir é sacerdote de Maât. A deusa da retidão nunca te seduziu, não é?

— Após ponderada reflexão, cheguei à conclusão de que detesto as mulheres. Se não tens outro assunto para tratar comigo, vou descer.

— Acreditei que fosses meu amigo, quando colaboramos um com o outro. Tu não passavas de um fabricante de papiros e eu de um juiz menor, perdido numa grande cidade. Nem sequer questionava a tua sinceridade. Parecias-me carregado de uma

verdadeira convicção no desempenho das tuas funções, ao serviço do país. Quando penso nesse tempo, ainda me custa admitir que mentiste permanentemente.

Levantou-se um vento violento. Desequilibrando-se, Bel-Tran agarrou-se a Paser.

— Foi tudo uma farsa, desde o nosso primeiro encontro.

— Esperava conseguir convencer-te, para te poder usar, mas tenho de confessar que foi uma decepção! A tua teimosia e falta de visão desiludiram-me muito. Mas não foi muito difícil manipular-te.

— O passado não importa, muda de vida, Bel-Tran. Aplica as tuas competências ao serviço do Faraó e do povo do Egito, renuncia às tuas ambições desmedidas e conhecerás a alegria de seres correto.

— Nunca ouvi palavras tão ridículas... Espero que nem tu acredites nelas!

— Para quê levar o povo à desgraça?

— Como és o vizir, ignoras o gosto do poder. Eu conheço-o. Este país agrada-me, pois sou capaz de lhe impor a minha própria lei.

O vento obrigava os dois homens a gritar e a dar ênfase a cada palavra. Ao longe, as palmeiras vergavam-se e as palmas entrecruzavam-se e gemiam ao quebrar. Turbilhões de areia tomavam de assalto a pirâmide.

— Esquece o interesse pessoal, Bel-Tran, isso não te leva a nada.

— O mestre Branir não se orgulharia de ti nem da tua falta de inteligência. Ao ajudares-me, provaste a tua incompetência, e a tua estupidez, ao suplicares, como fazes agora.

— Foste tu que o assassinaste?

— Nunca sujei as minhas mãos, Paser.

— Nunca mais pronuncies o nome de Branir.

Bel-Tran viu a sua morte espelhada nos olhos de Paser. Apavorado recuou um passo e perdeu o equilíbrio. Paser agarrou-o por um pulso. Com o coração a pulsar de aflição, o diretor da Dupla Casa branca desceu agarrando-se às pedras.

Sobre ele pesava o olhar do vizir do Egito, enquanto se desencadeava um vento de tempestade.

No final do mês de Maio a água do Nilo era verde. No fim de Junho tornava-se castanha, lodosa e lamacenta. Nos campos, tinham-se interrompido os trabalhos. Com o fim da debulha avizinhava-se um longo período de férias. Aqueles que desejavam arredondar o seu pecúlio iam trabalhar nas grandes pedreiras, uma vez que a inundação facilitaria o transporte dos grandes blocos, carregados nos barcos.

Uma inquietação ensombrava os espíritos: seria o nível das águas suficiente para matar a sede à terra ressequida e torná-la fecunda? Para apelar aos favores dos deuses, camponeses e cidadãos ofereciam ao rio pequenas estatuetas feitas de barro cozido ou de faiança, representando um homem gordo, de grandes mamas pendentes e a cabeça coroada de plantas. Simbolizava Hápi, o dinamismo da cheia, formidável poder tornaria as culturas verdejantes.

Dentro de vinte dias, por volta de vinte de Julho, Hápi incharia ao ponto de invadir as Duas Terras e transformar o Egito num imenso lago, onde cada um se deslocaria de barca de uma aldeia para outra. Dentro de vinte dias, Ramsés abdicaria a favor de Bel-Tran.

O vizir acariciava o seu cão, entretido com um osso já mastigado que ele tinha enterrado e depois retirado do seu esconderijo. Bravo, também ele, sentia os efeitos deste período carregado de medos e incertezas. Paser preocupava-se com o futuro dos seus fiéis companheiros. Quem tomaria conta do seu cão e do seu burro se ele fosse preso e deportado? Vento do Norte, habituado ao seu agradável retiro, seria reenviado para caminhos poeirentos por onde carregaria pesadas cargas. Cúmplices há tanto tempo, estes dois companheiros morreriam de desgosto.

Paser envolveu a mulher nos seus braços.

— Tens de partir, Néfêret, deixar o Egito antes que seja demasiado tarde.

— Propões-me que te abandone?

— O coração de Bel-Tran secou. A avidez e a ambição dominaram toda a sua sensibilidade. Nada o poderá comover.

— Que esperavas tu?

— Que a voz das pirâmides incutisse nele uma consciência esquecida... Mas só consegui avivar a sua sede de poder. Salva a tua vida, a do Bravo e a do Vento do Norte.

— Como vizir, admitirias que a médica-chefe do reino desertasse do seu posto no momento em que uma grave doença se abate sobre o seu país? Qualquer que seja o final desta aventura, vivê-la-emos juntos. Interroga o Bravo e o Vento do Norte, nem um nem outro consentirão em deixar-te.

De mãos dadas, Paser e Néfêret contemplaram o jardim, onde Diabrete, a pequena sagui, fazia travessuras sem-fim em troca de algumas guloseimas. Tão próximos do cataclismo, saborearam a paz perfumada deste lugar abrigado do tumulto. De manhã tinham-se banhado na piscina de recreio, antes de passearem à sombra da folhagem.

Os hóspedes do vizir chegaram.

Kem e Matador saudaram o guarda, subiram a alameda bordada de tamarizes, recolheram-se diante da capela dos antepassados, lavaram as mãos e os pés na soleira da porta do recinto, atravessaram o pórtico em abóbada e entraram na sala de quatro pilares onde estavam sentados o vizir e a sua esposa. Depois de o chefe-da-policia e do seu tenente, entraram a rainha-mãe Tuya, o antigo vizir Bagey, Kani, sumo-sacerdote de Carnaque, e Suti.

— Com a autorização do Rei — declarou Paser — posso revelar-lhes que a grande pirâmide de Quéops, onde somente o Faraó pode entrar, foi violada por Bel-Tran, a sua esposa e três cúmplices, o transportador Denes, o dentista Qadash e o químico Chéchi. Estes três últimos já estão mortos, mas o objetivo da conspiração foi atingido: profanaram o sarcófago, roubaram a máscara de ouro, a grande gargantilha, o escaravelho do centro, os amuletos de lápis-lazúli, o enxó de ferro celeste e o côvado de ouro. Alguns desses tesouros já foram reencontrados, mas falta-nos o essencial: o testamento dos Deuses, guardado dentro do estojo em couro que o rei deve segurar na mão direita durante a festa de regeneração, antes de mostrá-lo ao povo e aos sacerdotes. Este documento, transmitido de faraó em faraó, legitima o seu reinado. Quem iria imaginar que tamanha profanação e roubo fossem cometidos? O mestre Branir foi assassinado, porque era incômodo para os insurretos. Kem e Matador puseram fim às ações criminosas do mumificador Djuí, que se tornou num devorador de sombras a soldo de Bel-Tran. Bem poucos os resultados, pois não conseguimos identificar o assassino de Branir e fomos incapazes de devolver ao rei o testamento dos deuses. No dia de ano novo, Ramsés será obrigado a abdicar e entregar o trono a Bel-Tran.

Este fechará os templos, introduzirá a livre circulação da moeda e adotará a lei única do lucro.

Um longo e pesado silêncio se sucedeu às explicações do vizir. Os membros do seu conselho secreto estavam aterrorizados. Como temiam as predições ancestrais, o céu cair-lhes-ia sobre a cabeça¹⁸. Suti foi o primeiro a reagir.

— Esse documento, por mais precioso que seja, não pode ser suficiente para fazer de Bel-Tran um faraó respeitado e capaz de reinar.

— Foi por isso que ele esperou o tempo necessário para gangrenar a administração e a economia do país, e criar uma rede de alianças eficazes.

— E não tentaste dismantelá-las?

— As cabeças do monstro multiplicam-se quando as cortamos.

— Estás a ser muito pessimista — afirmou Bagey. — A maior parte dos funcionários não aceitarão as diretivas de Bel-Tran.

— A administração egípcia tem o sentido da hierarquia — objetou Paser. — Eles obedecerão ao faraó.

— Organizemos a resistência — propôs Suti. — Entre todos, nós controlamos um apreciável número de setores. Que o vizir coordene as forças de que dispõe.

Kani, o sumo-sacerdote de Carnaque, pediu a palavra. O ex-jardineiro, de rosto enrugado, pronunciou-se sem rodeios.

— Os templos não vão aceitar as mudanças econômicas que Bel-Tran quer impor, pois estas conduziriam o nosso país à miséria e à guerra civil. O faraó é o servidor do templo em espírito e, se ele trair esse dever primeiro, não passará de um chefe político, a quem não devemos qualquer obediência.

— Nesse caso — confirmou Bagey — a hierarquia administrativa será libertada dos seus compromissos. Ela prestou juramento de fidelidade ao mediador entre o céu e a terra, e não a um déspota.

— O serviço de saúde deixará de funcionar — precisou Néféret. — Estando ligado aos templos, rejeitará o novo poder.

— Com pessoas como vós — disse a rainha-mãe Tuya, com a voz embargada de comoção — a guerra ainda não está perdida. Saibam que a corte está contra Bel-Tran e nunca acolherá no seu seio a senhora Silkis, cujas torpezas são do conhecimento geral.

— Magnífico! — exclamou Suti. — Conquistaste então semear a discórdia neste casal de criminosos?

— Isso não sei, mas essa mulher infame, cruel e perversa tem nervos frágeis. Se estou certa nas minhas conjecturas, Bel-Tran abandoná-la-á ou ela o trairá. Quando veio a Pi-Ramsés assegurar-se da minha futura cumplicidade, parecia segura do seu sucesso, porém, no momento da partida, o seu cérebro tinha soçobrado a um naufrágio. Uma pergunta, vizir Paser: Por que razão não estão aqui todos os “amigos diletos” do rei?

— Porque nem Ramsés nem eu próprio conseguimos identificar os cúmplices, mais ou menos passivos, de Bel-Tran. Se o rei decidiu ocultar a verdade, é para continuar a luta o máximo de tempo possível, sem que o adversário esteja ao corrente dos nossos passos.

— Já lhe desferiste alguns rudes golpes.

— Infelizmente, nenhum foi decisivo! Nem mesmo a resistência será fácil, pois Bel-Tran está infiltrado no exército e nos transportes.

— A polícia está do teu lado — afirmou Kem — e o prestígio de Suti é tão grande para “os de olho perspicaz” que os conseguirá mobilizar sem dificuldade.

— Não é Ramsés quem controla as tropas estacionadas em Pi-Ramsés? — perguntou Suti.

— É por isso mesmo que elas lá estão.

— A armada de Tebas escutará a minha voz de comando — afirmou Kani. — Nomeia-me general de Mênfis — exigiu Suti. — Saberei falar aos soldados.

A proposta recolheu a unanimidade do conselho secreto.

— Só falta o transporte marítimo, sobre o qual a Dupla Casa branca detém poder total — lembrou Paser. — Já para não falar dos serviços de irrigação e dos encarregados dos canais, que Bel-Tran tenta corromper há vários meses. Quanto aos chefes de província, alguns afastaram-se dele, mas outros há que ainda acreditam nas suas promessas. Temo que os conflitos

internos façam inúmeras vítimas.

— E haverá outra solução? — perguntou a rainha-mãe. — Ou abdicamos de tudo perante Bel-Tran, e o Egito da deusa Maât morrerá, ou recusamos a tirania e mantemos viva a esperança, nem que isso nos custe a vida.

Ajudado por Bagey, que tinha vencido as reticências de uma esposa hostil a este aumento de trabalho, Paser redigia os decretos relativos à exploração das propriedades após a cheia e a reutilização das docas de irrigação. Elaborou um programa de grandes obras civis e religiosas para um período de três anos. Estes documentos demonstravam que o vizir contava agir e que nenhuma mudança ameaçava o reino de Ramsés.

A festa da regeneração seria grandiosa. Uns atrás dos outros, chegavam a Mênfis os chefes das províncias, acompanhados de estátuas das divindades locais. Alojados no palácio, com todas as honras merecidas, conversavam com o vizir de quem apreciavam a autoridade e a cortesia. Em Sakkarah, no interior do recinto de Djeser, os ritualistas preparavam a grande corte onde Ramsés, portador da dupla coroa, Reuniria no seu ser simbólico o Norte e o Sul. Nesse espaço mágico, o soberano comunicaria com cada poder divino, para recolher forças e ser capaz de governar.

A nomeação de Suti, cuja lenda se tinha expandido rapidamente, tinha suscitado o entusiasmo por todos os quartéis de Mênfis. O novo general já tinha reunido as suas tropas, anunciando-lhes que a guerra com a Ásia tinha sido evitada e que beneficiariam de um prêmio excepcional. A nomeação do jovem chefe atingiu o seu apogeu durante o banquete oferecido às tropas. Quem, senão Ramsés, poderia garantir a paz duradoura que os soldados egípcios tanto desejavam?

A polícia era cada vez mais admirada sob o comando de Kem, a quem todos reconheciam uma fidelidade indefetível ao vizir. O núbio não precisou discursar para manter a coesão dos seus subordinados em torno de Paser.

Todos os templos do Egito, sob recomendação do sumo-sacerdote Kani, agindo de acordo com o rei e o vizir, preparam-se para o pior. Todavia, os especialistas em energia sagrada nada mudaram no decurso dos dias e das noites. Os ritos de alva, do meio-dia e do sol-pôr continuaram a ser assegurados com regularidade, como o tinham sido desde a primeira dinastia.

A rainha-mãe marcou inúmeras audiências e dialogou com os cortesãos mais influentes, membros da alta administração ligados à casa real, escribas encarregados da educação das elites, e senhoras da alta nobreza responsáveis pelo protocolo. Todos eles consideravam que o fato de Bel-Tran, um descontrolado, e Silkis, uma desequilibrada, quererem pertencer à esfera da monarquia, era algo de tão disparatado que só dava vontade de rir.

Mas Bel-Tran não ria.

A vasta ofensiva de Paser estava a dar frutos. Até dentro da sua própria administração ele encontrava dificuldade em ser respeitado, e tinha frequentemente de fazer frente aos seus subordinados mais negligentes. Os rumores espalhavam-se, o vizir nomearia um novo diretor para a Dupla Casa branca, e Bel-Tran, que era demasiado ambicioso, demasiado apressado e incapaz de perder a sua pose de novo rico, seria mandado de volta para a sua exploração de papiros no Delta. Alguns desses rumores continham informações confidenciais, entre elas que a rainha-mãe teria apresentado queixa junto do vizir por causa do tráfico do “Livro dos Mortos”. A ascensão de Bel-Tran tinha sido muito repentina. Não seria o seu declínio uma certeza? Além destas dificuldades, havia ainda a ausência prolongada de Silkis, encarcerada na sua mansão. Constava que sofria de uma doença incurável que a impedia de comparecer aos banquetes, que há bem pouco tempo tanto apreciava.

Bel-Tran praguejava, mas preparava-se para a vingança, quaisquer que fossem os seus opositores, seriam dizimados. Tornar-se faraó era deter o poder sagrado perante o qual todo um povo se inclinava. A rebelião contra o rei, crime supremo, chamava a si o castigo supremo. Os indecisos ligar-se-iam ao novo monarca, os partidários de Paser abandoná-lo-iam. Traidor de longa data das suas palavras e dos seus juramentos, Bel-Tran já não acreditava em promessas. Quando a força se manifestava, a fraqueza e o desânimo soçobravam.

Paser tinha o poder de um chefe, mais tinha se equivocado quando o pôs ao serviço de uma lei ultrapassada. Era um homem do passado, ligado a valores retrógrados, incapaz de compreender as exigências do futuro, e, por isso, tinha de ser eliminado. Já que o devorador de sombras não tinha conseguido acabar com ele, Bel-Tran iria eliminá-lo à sua maneira, acusando-o de incúria e alta traição. Pois não se tinha o vizir oposto às reformas necessárias e à transformação do estado?

Quinze dias de paciência, quinze dias até ao seu triunfo, quinze dias até à queda de um vizir inflexível e obstinado... Bel-Tran, acometido de um nervosismo crescente, já não era capaz de entrar em casa. A rápida degradação física de Silkis horrorizava-o. Os papéis do divórcio já estavam em curso, e mais nada o ligava àquela mulher definhada.

O diretor da Dupla Casa branca permanecia no escritório depois da saída dos funcionários, e sonhava com os seus projetos e com as múltiplas decisões que tinha de tomar em tão pouco tempo. Agiria com rapidez e força.

Quatro lamparinas a óleo, de onde não se elevava fumo algum, davam-lhe a iluminação suficiente. Sem sono, o administrador do Tesouro passou a noite a verificar os elementos da sua estratégia econômica. Mesmo desmanteladas em grande parte, as suas redes de influência, que seriam sustentadas pelos banqueiros e os comerciantes gregos, imporiam mais facilmente as suas idéias à população do que a sua arma mais poderosa, de que Paser ignoraria a natureza até ao derradeiro momento, e que seria utilizada com total eficácia.

Um barulho sobressaltou Bel-Tran. Àquela hora o edifício estava deserto. Intrigado, levantou-se.

— Quem está aí?

Somente o silêncio lhe respondeu. Mais tranquilo, lembrou-se de que a ronda noturna garantia a segurança do local. Sentou-se à escriba e desenrolou um papiro contabilístico que continha o novo sistema fiscal.

Foi então que sentiu um poderoso antebraço a apertar-lhe a garganta. Meio estrangulado, Bel-Tran gesticulou, tentando libertar-se.

— Fique quieto ou enfio-te este punhal no ventre.

A voz do seu agressor não lhe era desconhecida.

— O que queres tu?

— Fazer-te uma pergunta. Se responderes, tens a vida salva.

— Quem és tu?

— De nada te adiantará sabê-lo.

— Não cedo a ameaças.

— Não tens coragem para resistires.

— Já sei quem és...Suti!

— O general Suti.

— Não vais me fazer mal.

— Enganas-te.

— O vizir vai condenar-te!

— O vizir não sabe de nada, e torturar um indivíduo da tua laia não me incomoda nada. Se for esse o preço da verdade, estou pronto a pagá-lo.

Bel-Tran sentiu que o seu interlocutor não estava a brincar.

— O que queres saber?

— Onde está o testamento dos deuses?

— Não sei...

— Basta, Bel-Tran. Não é altura para vires com mentiras.

— Larga-me. Eu falo.

O torniquete soltou-se. Bel-Tran massajou o pescoço e olhou de relance o punhal que Suti empunhava.

— Mesmo que me enfiasses essa lâmina no ventre, não irias saber mais nada.

— Vamos experimentar?

A lâmina picou a carne de Bel-Tran. O sorriso do administrador do Tesouro irritou Suti.

— Tinhas prazer em morrer?

— Matares-me seria uma estupidez. Não sei onde está escondido o testamento dos deuses.

— Mentas.

— Serve-te da tua arma e cometerás um crime inútil.

Suti hesitou, a desmedida segurança com que Bel-Tran falava incomodava-o.

O diretor da Dupla Casa branca deveria ter tremido de medo e ficado aterrado com a idéia de fracassar tão perto do objetivo devido a esta intervenção brutal.

— Sai daqui, general Suti. A tua atitude foi inútil.

Suti bebeu uma taça de cerveja fresca, mas nem isso o acalmou.

— Inacreditável — disse ele a Paser, que tinha escutado a história com toda a atenção. — Inacreditável... Mas Bel-Tran não mentia, disse podes estar certo. Ele não conhece o esconderijo do testamento dos deuses!

Néféret serviu Suti outra vez. A pequena sagui saltou para o ombro do jovem general, molhou um dedo na taça, pulou para o tronco do sicômoro mais próximo e desapareceu entre a folhagem.

— Penso que ele não te enganou. Bel-Tran é um tagarela formidável, mestre na arte das falsas aparências.

— Desta vez ele está a dizer a verdade, mesmo que isso não faça sentido. Acredita: estava prestes a trespassar-lhe o corpo, mas esta revelação tirou-me a vontade de fazê-lo. Sinto-me perdido... Tens de nos orientar, vizir.

O porteiro da mansão avisou Néféret de que uma mulher insistia em falar-lhe. Autorizada a entrar no jardim, a camareira de Silkis prostrou-se perante a médica-chefe do reino.

— A minha ama está a morrer e pede para te ver.

Silkis nunca mais iria ver os seus filhos. Ao ler o auto de divórcio, que lhe tinha sido entregue por um escriba a mando de Bel-Tran, Silkis entrara numa crise de histeria que lhe roubara as forças. Em torno dela tudo era mácula. Apesar da intervenção de um médico, a hemorragia intestinal ainda não tinha parado.

Olhando-se ao espelho, Silkis assustou-se, quem era aquela feiticeira de olhos inchados, rosto deformado e dentes podres? Pisar o espelho não tinha acabado com o horror. Silkis sentia a degradação do seu corpo, rápida e incontrolável.

Quando as suas pernas desfaleceram, a esposa de Bel-Tran foi incapaz de se levantar. Na grande casa abandonada, só restavam o jardineiro e a camareira. Os dois levantaram-na e colocaram-na na cama. Ela delirava, gritava, caía em letargia e logo delirava novamente.

Silkis definhava por dentro.

Num dos seus poucos momentos de lucidez, tinha ordenado à criada que fosse buscar Néféret. E Néféret tinha vindo. Bonita, radiante, agradável, estava a examiná-la.

— Queres que te leve para o hospital?

— É inútil, vou morrer... Ainda pretendes convencer-me do contrário.

— Preciso auscultar-te.

— A tua experiência já te permite emitires um parecer... Estou num estado deplorável, não estou?

E Silkis arranhou o rosto com as unhas.

— Odeio-te, Néféret. Odeio-te, porque possuis aquilo com que eu sonhava e nunca terei.

— E Bel-Tran, não se preocupa contigo?

— Abandonou-me, porque estou feia e doente... Um divórcio dentro dos trâmites legais. Como vos odeio aos dois, a ti e a Paser!

— Mas porquê? Não fomos nós a causa da tua desgraça.

Silkis deixou pender a cabeça para o lado. Suores doentios escorriam-lhe pelos cabelos.

— Eu perdi, Néféret, eu falhei. Não consegui aniquilar-vos, a ti e ao teu vizir. Devo ser a mais hipócrita das mulheres, cativei a tua confiança, a tua amizade... com a única intenção de te prejudicar e de te vencer. Terias sido minha escrava, obrigada a obedecer-me, a cada segundo da tua vida.

— Onde é que o teu marido escondeu o testamento dos deuses?

— Não faço idéia.

— Bel-Tran perverteu-te.

— Não acredites nisso! Nós estivemos sempre de pleno acordo, desde o início da conspiração. Nem uma única vez me opus às suas decisões. O assassinio dos veteranos, os crimes do devorador de sombras, o extermínio de Paser... Também os

quis, aprovei, e felicito-me por isso! Era eu quem transmitia as ordens, fui eu quem escreveu a mensagem que levou Paser a casa de Branir... Paser na prisão, acusado de ter assassinado o seu mestre. Que vitória!

— Porquê tanto ódio?

— Para dar a Bel-Tran o primeiro lugar, para que ele me elevasse à sua altura. Estava disposta a mentir, a servir-me de ardis e a enganar quem quer que fosse, para atingir o meu propósito. E ele deixou-me... Deixou-me porque o meu corpo me traiu.

— E a agulha que matou Branir, pertence-te?

— Não fui eu quem matou Branir... Bel-Tran tem razão em deixar-me, mas a verdadeira culpada és tu! Se tivesses aceitado tratar de mim, eu teria conservado o meu marido em vez de estar aqui a apodrecer sozinha e abandonada.

— Quem matou Branir?

Um sorriso perverso animou o rosto deformado.

— Paser segue o caminho errado... Quando descobrirem a verdade, será tarde, tarde demais! E eu assistirei do fundo dos infernos, onde os demônios me queimarão a alma, à tua decadência, bela Néféret!

Silkis vomitou. Néféret chamou a criada.

— Lava-a e desinfeta este quarto com uma fumigação. Eu vou enviar um médico do hospital.

Silkis ergueu os olhos doentios.

— Volta, Bel-Tran, volta! Nós espezinhá-los-emos, nós...

Ofegante, com a cabeça deitada para trás e os braços caídos, desfaleceu.

O mês de Julho marcava a entrada no reinado de Ísis, soberana das estrelas, a grande mágica cujo ser generoso e inesgotável dispensava todas as formas de vida. Mulheres e raparigas, evocando os seus feitos, preparavam os seus mais belos vestidos para a grande festa organizada no primeiro dia da cheia. Na ilha de Filae, território sagrado da deusa, situado no extremo sul do Egito, as sacerdotisas repetiam excertos de música tocados desde a subida das águas.

Em Sakkarah, os ritualistas eram sacerdotes. Em cada capela da corte onde se concretizaria a regeneração, tinha sido instalada a estátua de uma divindade. O Faraó subiria uma escada e abraçaria o corpo de pedra animado de uma força sobrenatural, que penetraria nele e o rejuvenesceria. Composto pelas forças divinas, obra-prima concebida pelo Princípio e realizada pelo templo, o Faraó, elo de ligação entre o invisível e o visível, seria impregnado da energia necessária à manutenção da união das Duas Terras. Desta forma, asseguraria a coesão do seu povo, conduzindo-o em direção à plenitude, neste mundo e no do além.

Quando Ramsés, o Grande, chegou a Mênfis, três dias antes da festa da regeneração, toda a corte, o acolheu. A rainha-mãe desejou-lhe o maior sucesso na passagem da prova ritual, os dignitários reasguraram-lhe a sua confiança. O rei confirmou que a paz com a Ásia ia ser duradoura e que ele continuaria, após a festa, a reinar segundo a lei eterna de Maât.

Mal acabou a breve cerimônia, Ramsés reuniu à porta fechada com o seu vizir.

— Tens elementos novos?

— Um fato preocupante, Majestade: Em consequência de uma intervenção um pouco rude de Suti, Bel-Tran afirmou ignorar o local onde se encontra o testamento dos deuses.

— Que grande mentira.

— Supomos que não.

— Que conclusões podemos tirar?

— Que ninguém poderá apresentar o testamento aos sacerdotes, à corte e ao povo.

Ramsés ficou perturbado.

— Terá sido destruído pelos nossos inimigos?

— Entre eles há grandes divergências, Bel-Tran eliminou os seus cúmplices e divorciou-se de Silkis.

— Se não possui o documento, como vai poder agir?

— Já tentei apelar, pela última vez, à centelha de luz que ainda existe no seu coração. Mas foi inútil.

— Quer isso dizer que nada o demoverá.

— Silkis no meio do seu delírio, insinuou que seguíamos uma pista errada.

— Que quis ela dizer com isso?

— Não faço idéia, Majestade.

— Abdicarei antes do início do ritual, vou depor os meus cetros e as minhas coroas frente à única porta do recinto sagrado de Sakkarah. Em vez de uma regeneração, os ritualistas celebrarão a coroação do meu inimigo.

— O serviço das águas é formal: a cheia começará depois de amanhã.

— Paser, o Nilo inundará pela última vez a terra dos faraós. Quando a cheia vier, no próximo ano, será para rejuvenescer um tirano.

— Majestade, a resistência está a organizar-se. O reinado de Bel-Tran vai ser muito difícil.

— O título de faraó, por si só, impõe obediência, ele reconquistará rapidamente o terreno perdido.

— Sem o testamento?

— Ele troçou de Suti. Retiro-me para o templo de Ptah. Encontrar-nos-emos em frente à porta do recinto de Sakkarah. Foste um bom vizir, Paser. O país nunca te esquecerá.

— Fracassei, Majestade.

— Desconhecíamos este mal. Não dispúnhamos dos meios necessários para combatê-lo.

A notícia espalhou-se de norte a sul. A cheia seria perfeita, nem muito forte nem muito fraca. Não faltaria água em nenhuma província e nenhuma seria prejudicada. O Faraó beneficiaria do favor dos deuses, pois ele era capaz de alimentar o seu povo. A regeneração tornaria Ramsés o maior de todos os reis, e perante ele a terra inteira se prostraria. Tudo se agitava em torno dos nilómetros. As graduações traçadas na pedra permitiam avaliar o ritmo da subida das águas e o dinamismo de Hápi. Pela aceleração do caudal do rio e pela sua coloração acastanhada, sabia-se que o milagre anual estava na iminência de acontecer. A alegria invadiu os corações, a festa começou antes da hora.

Os membros do conselho secreto do vizir não dissimulavam a tristeza que sentiam. A rainha-mãe Tuya deixava transparecer o peso dos anos, Bagey, o antigo vizir estava cada vez mais curvado, Suti sofria das suas múltiplas feridas, Kem estava cabisbaixo, como se tivesse vergonha do seu nariz de madeira, as rugas de Kani, o sumo-sacerdote de Carnaque, tinham-se aprofundado, a dignidade de Paser era toldada pelo desespero. Cada um, no seu domínio, tinha dado o máximo do seu esforço, e sentiam agora o gosto do fracasso. O que iria acontecer aos melhoramentos feitos por toda a parte, quando o novo faraó ditasse a sua lei?

— Não fiquem em Mênfis — aconselhou Paser. — Fretei um barco para vos transportar para o Sul. De Elefantina, será fácil chegarem à Núbia e aí se esconderem.

— Não vou abandonar o meu filho — declarou Tuya.

— Se Silkis morrer, Majestade, Bel-Tran vai acusar-te de responsável pela sua morte e será impiedoso.

— A minha decisão está tomada, Paser, eu fico.

— Eu também fico — afirmou Bagey. — Já nada receio com a minha idade.

— Sinto muito ter-te desiludido. Tu encarnas uma tradição que Bel-Tran quer fazer desaparecer.

— Só por cima do meu cadáver. A minha presença, junto de Ramsés e da rainha-mãe, talvez o incite à moderação.

— Em nome dos outros sumos-sacerdotes — declarou Kani — acompanharei Bel-Tran desde a sua coroação e deixarei bem firme o nosso respeito pelas leis e virtudes econômicas que fizeram a grandeza do Egito. Ficará a saber que os templos não compactuarão com um tirano.

— A tua vida correrá grande perigo.

— Isso pouco importa.

— Devo ficar para te proteger — afirmou Suti.

— Eu — acrescentou Kem — obedeço às ordens do vizir e de mais ninguém.

Comovido até às lágrimas, o vizir Paser encerrou o seu último conselho evocando a deusa Maât, cuja lei sobreviveria para

além da extinção da humanidade.

Após ter contado a Paser a última peregrinação ao túmulo de Branir, Néféret partiu para o hospital, para operar um doente vítima de traumatismo craniano e dar alguns conselhos aos seus colaboradores. Tinha confirmado que a comunicação com a alma do seu mestre não tinha sido uma ilusão. Todavia, e embora não conseguisse traduzir a mensagem extraterrena em palavras humanas, tinha ficado com a sensação de que Branir não iria abandoná-los.

Somente em frente da capela dos antepassados Paser deixou a sua mente refletir sobre o passado. Desde que tinha abarcado a função de vizir não tinha tido tempo disponível para meditar desta forma, desligado de uma realidade sobre a qual não tinha qualquer influência. A mente, animal selvagem que tinha de manter acorrentado, estava agora tranquila. O pensamento libertara-se, aguçado e preciso como o bico de um íbis, e o vizir recordou os acontecimentos uns atrás dos outros, desde o momento crucial em que, recusando-se a caucionar a inopinada transferência do guardião-mor da esfinge de Gize, tinha, inconscientemente, contrariado os planos dos conjurados. A perseguição da verdade tinha sido semeada de armadilhas e perigos, mas ele não tinha perdido a coragem. Agora, apesar de ter identificado alguns dos conjurados, comandados por Bel-Tran e pela sua esposa Silkis, e de dispor das peças do enigma e de conhecer toda a trama, Paser considerava-se alvo de chacota. Arrebatado pelo turbilhão, não tinha sabido recuar na altura certa.

Bravo levantou a cabeça e rosnou docemente. O cão tinha pressentido uma presença. No jardim, os pássaros assustados esvoaçaram. Alguém caminhava ao longo do canteiro dos lótus e em direção ao pórtico. Paser reteve o cão pela coleira.

Seria um emissário de Bel-Tran encarregado de matá-lo, um segundo devorador de sombras que o Matador não tivesse interceptado? O vizir preparava-se para morrer. Seria o primeiro a sucumbir aos golpes do novo senhor do Egito, na sua urgência em eliminar todos os adversários.

Vento do Norte não se tinha manifestado. O vizir temia que o agressor o tivesse degolado. Suplicar-lhe-ia, sem dúvida em vão, que poupasse Bravo.

Ela apareceu somente iluminada pelo luar, com uma espada na mão, os seios nus cobertos de símbolos estranhos, a face ornamentada com listas negras e brancas.

— Pantera!

— Tenho de matar Bel-Tran.

— São pinturas de guerra...

— Era tradição, na minha tribo. Ele não escapará à minha magia.

— Temo que sim, Pantera.

— Onde está ele escondido?

— No seu escritório na Dupla Casa branca e muito bem guardado. Após a visita de Suti, ele não quer correr mais nenhum risco. Não vás lá Pantera. Poderás ser presa ou morta.

Os lábios da líbia mostraram o seu enfado.

— Então, está tudo terminado...

— Convence Suti a deixar Mênfis esta noite. Refugiem-se na Núbia, explorem a vossa mina de ouro e sejam felizes. Não se deixem arrastar na minha ruína.

— Prometi aos demônios da noite destruir esse monstro e cumprirei a minha promessa.

— Para quê arriscas-te tanto?

— Porque Bel-Tran fez mal a Néféret, e eu não admito que tentem destruir a sua felicidade.

Pantera esgueirou-se pelo jardim. Paser viu-a escalar o muro do recinto com a agilidade de um felino.

Bravo voltou a mergulhar no sono e Paser retomou a sua meditação.

Recordou-se de estranhos pormenores e, para não se esquecer deles, anotou-os sobre placas de argila.

À medida que o trabalho avançava, outros aspectos do seu inquérito, até então negligenciados, foram trazidos à luz. Paser reagrupou os indícios, pôs de parte as conclusões provisórias e analisou minuciosamente as pistas estranhas, que a razão o impedia de levar a sério.

Quando Néféret chegou, de madrugada, Bravo e Diabrete fizeram-lhe muita festa. Paser tomou-a nos braços.

— Estás exausta.

— A operação foi um pouco difícil, e depois aproveitei para pôr uns assuntos em ordem. O meu sucessor não terá qualquer dificuldade em prosseguir o meu trabalho.

— Agora, vai descansar.

— Não tenho sono.

Néféret reparou nas dezenas de placas distribuídas em colunas.

— Estiveste a trabalhar toda a noite?

— Porque estava a ser estúpido.

— Por que razão te insultas dessa forma?

— Estúpido e cego, pois recusei-me a ver a realidade. Uma falta imperdoável para um vizir. Uma falta que teria precipitado o Egito na desgraça. Mas tu tinhas razão: algo aconteceu, a alma de Branir falou.

— Queres dizer que...

— Sei onde se encontra o testamento dos deuses.

Quando a estrela Sótis ainda brilhava a oriente, companheira do sol nascente, o início da cheia foi proclamado no país inteiro. Após vários dias de angústia, o ano novo surgiria da corrente criadora e o rejuvenescimento seria excepcional, pois a festa seria a dobrar com a regeneração de Ramsés, o Grande.

Demônios, miasmas e perigos invisíveis tinham sido vencidos. Graças aos exorcismos da médica-chefe do reino, Sekhmet, a terrível, não tinha enviado contra o Egito as suas hordas de doenças. Cada pessoa enchia um vaso de faiança azul com a água do ano novo, possuidora da luz da origem. Conservá-la em casa assegurava prosperidade.

Também no palácio este costume era mantido. Um vaso em prata, contendo o precioso líquido, foi depositado aos pés do trono, onde pontificava Ramsés, o Grande, desde os primeiros alvares da manhã.

O rei não trazia nem coroa, nem gargantilha, nem braceletes, contentava-se com uma simples tanga branca do Antigo Império.

Paser inclinou-se perante o rei.

— O ano será de felicidade, Majestade. A cheia é perfeita.

— E o Egito conhecerá a desgraça...

— Espero ter cumprido a minha missão.

— Não te censuro nada.

— Peço-te, Majestade, que aceites as insígnias do poder.

— É um pedido impossível, vizir. Esse poder já não existe.

— Está e permanecerá intato.

— Brincas comigo no momento em que Bel-Tran vai entrar nesta sala do trono, para tomar o Egito?

— Ele não virá.

— Perdeste o juízo?

— Bel-Tran não é o chefe dos conjurados. Era de fato o cabeça do grupo que violou a grande pirâmide, mas o instigador da conjura não participou na expedição. Quem já tinha aventado essa hipótese, interrogando-se sobre o número de conspiradores, mas não lhe dei ouvidos. À medida que íamos descobrindo a amplitude do plano, Bel-Tran impôs-se como porta-voz, enquanto o manipulador permanecia na sombra. Creio, não só conhecer o seu nome, mas também o lugar onde esconde o testamento dos deuses.

— Achas que o encontraremos a tempo?

— Estou convencido de que sim.

Ramsés levantou-se, colocou ao peito o grande colar de ouro, nos braços os seus braceletes de prata, na cabeça a coroa azul, e na mão direita o cetro, e sentou-se no trono.

O camarista pediu autorização para intervir. Bagey solicitava uma audiência. O soberano dissimulou a sua impaciência.

— Incomoda-te a sua presença, vizir?

— Não, Majestade.

O ex-vizir avançou, rosto sisudo, andar aprumado, trazendo somente uma jóia como símbolo da sua antiga função, um coração de couro pendurado numa corrente que trazia ao pescoço.

— A nossa derrota ainda não foi consumada — revelou o rei — Paser pensa que...

Ramsés foi interrompido. Bagey ainda não tinha feito a vênia perante ele.

— Eis o homem de quem vos falava, Majestade — disse Paser.

O monarca ficou estupefato.

— Tu, Bagey, o meu antigo vizir!

— Dá-me o cetro de comando. Já não estás apto para governar.

— Que demônio possuiu o teu espírito? Traíres-nos assim...

Bagey sorriu.

— Bel-Tran soube convencer-me da precisão do seu ponto de vista. O mundo que ele deseja, e que construiremos juntos, também me convém. A minha coroação não vai surpreender ninguém e dará segurança ao país. Quando o povo perceber as transformações que Bel-Tran e eu teremos imposto, será demasiado tarde. Aqueles que não nos seguirem permanecerão à margem, onde os seus cadáveres acabarão por apodrecer.

— Já não és o homem que eu conheci, magistrado íntegro e incorruptível, o géometra preocupado com a verdade...

— Mudam-se os tempos, mudam-se os homens.

Paser interveio.

— Antes de conheceres Bel-Tran, contentavas-te em servir o Faraó e aplicar a sua lei com um rigor inabalável. O administrador do Tesouro mostrou-te outros horizontes. Ele soube comprar a tua consciência, porque ela estava à venda.

Bagey permaneceu gélido.

— Era preciso assegurares o futuro dos teus filhos — continuou Paser. — De maneira ostensiva, demonstravas que tinhas pouco apego aos bens materiais, mas tornaste-te cúmplice de um homem cuja avidez é o traço dominante do seu carácter. Também tu és insaciável, pois ambicionas o poder supremo.

— Chega de discursos — cortou secamente Bagey, estendendo a mão. — O cetro de comando, Majestade, e a coroa também.

— Temos de comparecer perante os sumos-sacerdotes e perante a corte.

— Isso diverte-me. Renunciaries ao trono em meu favor.

Com um gesto firme e rápido, Paser agarrou o coração em couro, puxou até rebentar a corrente onde estava pendurado, e entregou a jóia ao rei.

— Abre este coração mórbido, Majestade.

Ramsés despedaçou o coração com o cetro. Lá dentro estava o testamento dos deuses. Bagey, petrificado, nem se mexera.

— Covarde entre os covardes! — exclamou o rei.

Bagey recuou. Os seus olhos glaciais contemplaram Paser.

— Só esta noite a verdade aflorou à minha mente — confessou o vizir, com voz calma. — Como tinha plena confiança em ti, era incapaz de imaginar a tua aliança com um ser como Bel-Tran, e ainda menos o teu papel de agitador oculto. Aproveitaste-te da minha credulidade e quase triunfaste. Contudo, já devia ter desconfiado de ti há muito tempo. Quem poderia ter ordenado a transferência do guardião-mor da esfinge, culpando o general Asher, que conhecia a traição? Quem poderia ter puxado os cordelinhos da administração e organizado tamanha conspiração, senão o próprio vizir? Quem poderia manipular o antigo chefe da polícia, Mentmosé, tão preocupado em manter o seu posto que executava as ordens sem as compreender? Quem deixou Bel-Tran trepar na escala hierárquica sem contrariar a suas ações? Se eu próprio não fosse vizir, nunca teria percebido a amplitude desta função e do campo de ação que implica.

— Cedeste às ameaças ou à chantagem de Bel-Tran? — perguntou o Faraó.

Bagey permaneceu mudo. Paser respondeu em seu lugar.

— Bel-Tran desenhava-lhe um futuro risonho, onde ele ocuparia finalmente um lugar de destaque, e Bagey soube como utilizar um personagem grosseiro, mas conquistador. Bagey escondia-se nas trevas, Bel-Tran exibia-se. Durante toda a sua existência, Bagey refugiou-se atrás das regras e da frieza da geometria, pois a covardia reside no seu coração. Constatei-o quando, nas situações difíceis em que tínhamos de enfrentar juntos o inimigo, ele preferia fugir a ajudar-me. A sensibilidade e o amor são palavras desconhecidas para Bagey. O seu rigor não era senão a máscara do seu fanatismo.

— E tu ousaste trazer ao peito o coração de vizir, para fazeres acreditar que eras a consciência do Faraó.

A cólera de Ramsés fez recuar Bagey, que não desviava os olhos de Paser.

— Bagey e Bel-Tran, principalmente este último, basearam toda a sua estratégia na mentira. Os seus cúmplices ignoravam o papel de Bagey, nem desconfiavam dele! Esta atitude iludiu-me. Quando o velho dentista Qadash se tornou incômodo, Bagey ordenou que o eliminassem. E a mesma sorte esperaria o transportador Dénes e o químico Chéchi, se a princesa Hatusa não se tivesse encarregado ela própria da vingança. Quanto ao meu desaparecimento, ele devia culminar a decepção de ver o posto

de vizir escapar de Bel-Tran. Quando fui nomeado, ele esperava corromper-me. Despeitado, tentou desacreditar-me. Como fracassou, a última saída era a minha morte.

O rosto de Bagey não deixava transparecer qualquer emoção, indiferente à enumeração dos seus crimes.

— Graças a Bagey, Bel-Tran progredia em segurança. Quem iria procurar o testamento dos deuses no coração de couro, símbolo da consciência dos deveres do vizir, que o faraó o tinha autorizado a conservar em reconhecimento dos serviços prestados? Bagey tinha tudo calculado. Nada tinha sido deixado ao acaso, detinha assim o melhor e o mais inacessível dos esconderijos. Escondido na sombra, só seria identificado quando tomasse o poder. Até o derradeiro momento, concentraríamos as nossas atenções em Bel-Tran, pois Bagey, sendo membro do meu conselho secreto, mantinha o cúmplice informado das minhas decisões.

Como se a proximidade do trono se tornasse intolerável, Bagey afastou-se.

— O único ponto em que não me enganei — precisou Paser — foi a ligação entre o assassinato de Branir e a conspiração. Mas como poderia eu supor que estivesse envolvido nesse crime abominável? Fui um bem fraco vizir, com os meus pruridos, a minha cegueira e a minha confiança na tua autoridade. Até nisso os teus cálculos se revelaram corretos... Até à aurora deste dia esplêndido em que Ramsés, o Grande, se regenerará. Branir devia ser eliminado, enquanto sumo-sacerdote de Carnaque, ele teria ocupado uma posição dominante e dar-me-ia meios de investigação de que eu não dispunha. Ora quem sabia que Branir ocuparia essa função? Cinco pessoas apenas. Três das quais inquestionáveis: o rei, o predecessor de Branir em Carnaque e tu próprio. Em contrapartida, os outros eram excelentes suspeitos: o médico-chefe do reino, Nebamon, que desejava eliminar-me para casar com Néféret, já então minha mulher, e o chefe da polícia, Mentmosé, seu cúmplice, que não hesitou em mandar me prender, mesmo sabendo que eu estava inocente. Durante muito tempo acreditei na culpabilidade de um ou do outro, antes de ter certeza de que eles não tinham atentado contra a vida do meu mestre. A arma do crime, a agulha de madrepérola, parecia apontar para uma mulher. Segui em vão pistas falsas, pensando na mulher do transportador Dénes, a senhora Tapani, e em Silkis. Para cravar aquela agulha no pescoço da vítima sem que ela esboçasse o mínimo gesto de defesa, o assassino tinha de ser alguém que pertencesse ao seu círculo íntimo de amizades, alguém completamente insensível, capaz de matar um sábio, aceitando ser amaldiçoado, e de mostrar uma perfeita precisão no seu gesto criminoso. Ora, o inquirido tinha estabelecido que estas três senhoras não eram culpadas do crime, tal como também não era o predecessor de Branir, que não deixara Carnaque e, portanto, não podia estar em Mênfis no dia do assassinio.

— Não estás a esquecer-te do devorador de sombras? — perguntou Bagey.

— O interrogatório que Kem conduziu, dissipou as minhas dúvidas. Ele não é o assassino de Branir. Só restas tu, Bagey.

O acusado não negou.

— Conhecias bem a sua casa e os seus hábitos, e, a pretexto de o felicitares, fizeste-lhe uma visita a uma hora em que ninguém daria pela tua presença. Homem das trevas, sabias passar despercebido. Ele voltou-se e tu espetaste-lhe na nuca uma agulha de madrepérola que tinhas roubado de Silkis em um dos teus encontros secretos na casa de Bel-Tran. Não há memória de alguma vez ter sido perpretada tamanha covardia nesta terra. Depois, tudo se precipitou em cadeia: Branir desaparecido, eu preso e tu ilibado, um chefe da polícia inapto para te identificar, Néféret escrava do médico-chefe Nébamom, Suti impotente para agir, Bel-Tran vizir dentro em breve, e Ramsés obrigado a abdicar a teu favor. Mas tu subestimaste o poder da alma de Branir e esqueceste-te de que ela estava do outro lado. Não era suficiente aniquilares-me só a mim, era necessário impedir Néféret de perceber a verdade. Bel-Tran e tu, que subestimaram as mulheres, fizeram mal em negligenciar a sua ação. Sem ela, eu teria fracassado e vocês seriam agora os senhores do Egito.

— Deixa-me abandonar o país com a minha família — pediu Bagey, com a voz enrouquecida. — A minha mulher e os meus filhos não têm culpa.

— Tu serás julgado — decretou o Faraó.

— Servi-vos com fidelidade, sem ser recompensado pelo meu valor. Bel-Tran, sim, soube dar-me esse valor. Quem era Branir, e quem é este Paser miserável, comparado comigo e com os meus conhecimentos?

— Tu eras um falso sábio, Bagey, a pior espécie de criminosos. O monstro que alimentaste dentro de ti devorou-te a ti próprio.

Naquele dia de festa, os escritórios da Dupla Casa branca estavam desertos. Temendo uma nova intervenção de Suti, Bel-Tran não tinha levantado a guarda, exigindo mesmo que redobrassem a vigilância.

A alegria coletiva divertia-o. O povo ainda não sabia que aclamava o nome de um monarca destituído. Quem se

preocuparia que um Ramsés desacreditado cedesse o lugar a Bagey, estimado por todos? Todos teriam confiança num velho vizir, sem ambição aparente.

Bel-Tran consultou a sua clepsidra. Àquela hora, já Ramsés tinha abdicado. Bagey estava instalado no trono, empunhando o cetro de comando. Um escriba registrava a sua primeira decisão: demitir Paser, prendê-lo por alta traição e nomear Bel-Tran novo vizir. Dentro de poucos minutos, viria uma delegação procurá-lo, para conduzi-lo ao palácio, onde assistiria à cerimônia da coroação do novo monarca.

Bagey iria fartar-se de um poder que era incapaz de assumir. Bel-Tran saberia como adúlá-lo durante o tempo necessário e faria o que quisesse dele. Logo que o Estado estivesse nas suas mãos, o administrador do Tesouro desembaraçar-se-ia do velho funcionário, a menos que alguma doença o fizesse por ele.

Da janela do primeiro andar, Bel-Tran viu Kem à frente de um esquadrão de polícias. Por que razão ainda estaria o núbio no seu posto? Bagey devia ter-se esquecido de substituí-lo. Bel-Tran não ia cometer esse tipo de erros. Iria rodear-se, o mais rápido possível, de subordinados dedicados à sua causa.

O passo marcial de Kem intrigou o administrador do Tesouro. O núbio não parecia um vencido, obrigado a executar uma ordem desagradável. Bagey tinha-lhe garantido que não corriam qualquer risco de fracasso, pois o testamento dos deuses estava guardado num lugar onde ninguém o encontraria.

A guarda da Dupla Casa branca baixou as armas e deixou Kem passar. Bel-Tran entrou em pânico, algo tinha corrido mal. Abandonou o escritório e correu para o fundo do edifício, onde existia uma saída de emergência, em caso de incêndio. O ferrolho rangeu ao abrir, Bel-Tran entrou por um corredor que dava para o jardim. Esgueirando-se entre os maciços de flores, trepou o muro do recinto.

Quando se preparava para dar uma pancada no guarda da porta de acesso ao domínio da Dupla Casa branca, um peso abateu-se sobre os seus ombros, fazendo-o cair. Bel-Tran enterrou a cara na terra mole, acabada de cavar por um jardineiro. O punho do babuíno-polícia deitou o fugitivo por terra.

Sob os olhares dos sumos-sacerdotes de Héliópolis, de Mênfis e de Carnaque, o Faraó, após ter unido o Norte e o Sul, entrou no grande átrio da regeneração. A sós com as divindades, partilhou o segredo da encarnação e regressou ao mundo dos homens.

Portador da dupla coroa, Ramsés encerrou na mão direita o estojo em couro que continha o testamento dos deuses, legado de faraó em faraó.

Da “janela da aparição” do seu palácio de Mênfis, o rei mostrou ao seu povo o documento que fazia dele o seu soberano legítimo.

Íbis levantaram vôo na direção dos quatro pontos cardeais, encarregados de espalhar a boa nova. De Creta à Ásia, do Líbano à Núbia, vassallos, aliados e inimigos ficariam a saber que o reinado de Ramsés, o Grande, continuaria.

Ao décimo quinto dia da cheia, a alegria atingia o auge.

Do terraço do seu palácio, Ramsés contemplava a aldeia iluminada por inúmeras lamparinas. Nas noites quentes de Verão, o Egito não pensava senão na alegria e na felicidade de viver.

— Que vista magnífica, Paser.

— Porque será que o mal possuiu Bagey?

Porque habitava nele desde o nascimento. Cometi um erro quando o nomeei vizir, mas os deuses permitiram-me corrigir esse erro, escolhendo-te a ti. Ninguém modifica a sua natureza profunda. Nós, que detemos o destino de um povo, somos herdeiros de uma sabedoria que temos que saber discernir. De momento, é preciso fazer justiça. Somente nela repousam a grandeza e a felicidade de um país.

— Distingamos a verdade da mentira — declarou Paser — e protejamos os fracos para os salvar dos poderosos.

A audiência do tribunal do vizir estava aberta.

Os três acusados, Bagey, Bel-Tran e Silkis, tinham de responder pelos seus crimes em tribunal, perante Paser e um júri composto por Kani, o sumo-sacerdote de Carnaque, Kem, o chefe da polícia, um mestre-de-obras, uma tecelã e uma sacerdotisa de Hátor. Devido ao seu estado de saúde, a senhora Silkis tinha sido autorizada a permanecer em casa.

O vizir leu os autos de acusação, nos quais não foi omitido nenhum detalhe. Assim que Kem comunicou a Silkis o teor do texto que lhe dizia respeito, ela refugiou-se no mais completo mutismo. Bagey não evidenciou qualquer emoção nem qualquer interesse pelas queixas formuladas contra si, Bel-Tran protestou, gesticulou, injuriou os juizes e vangloriou-se de ter procedido bem.

Após uma breve pausa para deliberação, o júri tornou público o seu veredito, que Paser aprovou.

— Bagey, Bel-Tran e Silkis, tendo sido considerados culpados de conspiração contra a pessoa do rei, perjúrio, crime e cumplicidade em crimes praticados, traição e rebelião contra Maât, são condenados à morte, neste mundo e no além. Doravante, Bagey passará a ser chamado “o covarde”, Bel-Tran, “o ávido”, e Silkis, “a hipócrita”. E carregarão estes nomes até à eternidade. Como são inimigos da luz, a sua efigie e o seu nome serão desenhados com tinta fresca sobre uma folha de papiro que ficará presa a uma estatueta de cera feita à sua imagem, a qual será trespassada com uma lança, espezinhada e depois atirada às chamas. Assim se apagarão quaisquer vestígios dos três criminosos, tanto neste mundo como no outro.

Quando Kem trouxe o veneno a Silkis, para que ela própria executasse a sentença, a camareira informou-o de que Silkis tinha morrido pouco tempo depois de ter tomado conhecimento do seu nome de infâmia e dos seus cúmplices, acometida de um derradeiro ataque de histeria, o seu cadáver foi incinerado.

Bel-Tran tinha sido colocado sob prisão num quartel sob o comando do general Suti e ocupava uma cela de paredes caiadas, onde não parava de andar de um lado para o outro, de olhos fixos no frasquinho de veneno que o chefe da polícia havia deixado ficar no meio da cela. O ávido, apavorado, não aceitava ter de se infligir a própria morte. Quando a porta se abriu, a sua vontade foi atirar-se ao recém-chegado, lançá-lo por terra e escapar. Mas a aparição deixou-o pregado ao solo.

Pantera, com o corpo coberto de pinturas de guerra, ameaçava-o com uma espada curta, na mão esquerda empunhava um saco de couro. O olhar da jovem era aterrador, Bel-Tran recuou até ficar colado à parede.

— Sentado!

Bel-Tran obedeceu.

— Já que és o ávido, come!

— O veneno?

— Não, o teu prato favorito.

E, encostando a lâmina à garganta de Bel-Tran, obrigou-o a entreabrir os lábios e despejou-lhe pela boca abaixo o conteúdo do saco moedas gregas de prata.

— Farta-te, ávido, farta-te até os infernos!

O sol de Verão dardejava em reflexos sobre as faces da grande pirâmide de Quéops recobertas do calcário branco de Tura, transformando a construção num imponente raio de sol petrificado, cuja intensidade olhar algum suportaria.

Com as pernas inchadas e as costas vergadas, Bagey seguia Ramsés penosamente, o vizir fechava o cortejo. O trio transpôs o limiar do imenso monumento e enveredou por um corredor ascendente. Respirando a custo, o assassino de Branir avançava cada vez mais devagar, percorrer a extensa galeria foi um verdadeiro suplício. Quando terminaria a ascensão?

Depois de se ter curvado a ponto de deslocar os rins, penetrou numa ampla sala de paredes nuas, cujo teto era constituído por nove gigantescas lajes de granito. Ao fundo, um sarcófago vazio.

— Eis o lugar que tanto desejavas conquistar — disse Ramsés. — Os teus cinco cúmplices, que o profanaram, já foram punidos. Contempla agora tu, o mais covarde entre os covardes, o centro energético do país, e decifra o segredo de que tanto querias apropriar-te.

Bagey hesitou, temendo uma cilada.

— Vá — ordenou o rei. — Explora o lugar mais inacessível de todo o Egito.

Bagey ganhou coragem. Avançou colado à parede, como um ladrão, procurando em vão uma inscrição, um esconderijo com objetos preciosos, até chegar por fim junto do sarcófago, sobre o qual se debruçou.

— Mas... está vazio!

— Então os teus cúmplices não o pilharam? Ora vê melhor.

— Nada... Não vejo absolutamente nada.

— Já que és cego, então vai-te daqui.

— Ir-me embora, eu?

— Sai da pirâmide, desaparece.

— Deixas-me partir?

O Faraó manteve-se em silêncio. O covarde embrenhou-se no corredor baixo e estreito e desceu a grande galeria.

— Não esqueci a sua condenação à morte, vizir Paser. Para os covardes, o veneno mais violento é a luz do meio-dia, aquela que o fará tombar ao sair da pirâmide e o destruirá.

— Mas a entrada no santuário não te está reservada apenas a ti, Majestade?

— Tu és o meu coração, Paser, aproxima-te do sarcófago.

E os dois homens pousaram as mãos sobre a pedra fundamental do Egito.

— Eu, Ramsés, filho da luz, decreto que mais nenhum corpo visível repouse neste sarcófago. Deste vazio nasce a energia criadora sem a qual o reino não passará de um governo medíocre de homens. Enxerga, vizir do Egito, enxerga para lá da vida, e venera a sua presença. E não te esqueças disto, quando fizeres justiça.

Quando o Faraó e o seu vizir saíram da grande pirâmide, foram banhados pela doce claridade do poente, no interior do gigante de pedra, o tempo fora abolido. Há muito que os guardas tinham levado o cadáver calcinado do covarde, fulminado sobre a soleira do templo das purificações.

Suti estava nervoso, apesar da importância da cerimônia, Pantera estava atrasada. Embora ela se tivesse recusado a explicar-lhe por que razão cobrira o corpo com pinturas guerreiras, ele estava persuadido de que só a líbia poderia ter sido cruel ao ponto de sufocar o ávido, Kem contentara-se em constatar o falecimento do condenado à morte, cujo corpo seria queimado, à semelhança dos dos seus cúmplices, e não abrija qualquer inquérito.

A corte deslocara-se na totalidade para Carnaque, ninguém queria faltar à grandiosa cerimônia durante a qual Ramsés recompensaria o seu vizir, em honra de quem as Duas Terras entoavam cânticos de louvor. Na primeira fila, ao lado de Kem e em traje de gala, alinhavam-se Vento do Norte, Bravo e Matador. O burro, o cão e o babuíno-polícia, agora promovido ao posto de capitão, assumiam uma postura digna.

Terminadas as cerimônias, Suti partiria para o grande Sul, a fim de restaurar a cidade perdida e restabelecer a exploração do ouro e da prata, no coração do deserto, saciaria os olhos de auroras sublimes.

Ela chegou, por fim, adornada de colares e pulseiras de lápis-lazúli, conquistando a admiração dos mais sobranceiros, a sua cabeleira loira, apanágio de fera indomada, atraía incontáveis invejas femininas. Diabrete, a pequena sagui de Néféret, mantinha-se ajuizadamente empoleirada no ombro esquerdo da dona. Pantera lançou olhares de ódio a algumas beldades que se mostravam demasiado interessadas no garbo do general Suti.

Fez-se silêncio, quando o Faraó, portador de um côvado de ouro, se dirigiu a Paser e Néféret, lado a lado no centro do espaço aberto inundado de sol.

— Salvaste o Egito do caos, da rebelião e da desgraça, recebe este símbolo, e que ele seja o teu objetivo e o teu destino. Por ele se exprime Maât, o pedestal inatingível de onde emanam os atos de justiça. Que a deusa da verdade jamais abandone o teu coração.

O Faraó consagrou ele mesmo a nova estátua de Branir, colocada na área secreta do templo, com as dos outros sábios admitidos ao santuário. O mestre de Paser e de Néféret estava representado como um escriba venerando, de olhos pousados num papiro desenrolado que tinha inscrita a fórmula ritual: “Tu, que me verás, saúda o meu ka e recita-me as palavras da oferenda, faz uma libação com água e o mesmo será feito em tua intenção”. Os olhos de Branir cintilavam de vida: quartzo

para as pálpebras, cristal de rocha para o globo ocular e a córnea e obsidiana para as pupilas compunham o seu olhar de eternidade.

Quando a noite de Verão cintilou sobre Carnaque, Néfêret e Paser ergueram os olhos. No alto da abóbada celeste, surgiu uma nova estrela que atravessou o espaço e se juntou à estrela polar. Daí em diante, a alma de Branir, apaziguada, viveria na companhia dos deuses.

Das margens do Nilo elevou-se o cântico dos antigos: “Que os vossos corações sejam doces, ó habitantes das Duas Terras, o tempo da felicidade chegou, pois a justiça retomou o seu lugar, a verdade afasta a mentira, os ávidos são rechaçados, aqueles que infringem a Regra tombam fulminados, os deuses estão satisfeitos e nós vivemos dias maravilhosos na alegria e na luz”.

Final da Série Juiz do Egito.

- 1 - Maât é a deusa da justiça, cujo nome significa aquela que é justa, aquela que aponta a direção correta. Incarnando a regra universal, que sobreviverá à espécie humana, é simbolizada por uma mulher sentada, segurando uma pena de avestruz. (N. do A.)
- 2 - Citações extraídas de O Ensino para Merikarê. (N. do A.)
- 3 - Tradução literal da expressão egípcia que significa assassino. (N. do A.)
- 4 - Um deben equivalia a 91 gramas de cobre, tratava-se de um valor de referência relativamente ao qual se calculava o valor dos produtos. (N. do A.)
- 5 - Os animais fantásticos que povoam o deserto estão representados, nomeadamente, nos túmulos dos nobres da necrópole de Béni-Hassan, no Médio-Egito. (N. do A.)
- 6 - Ver A Lei do Deserto (N. do A.)
- 7 - Esta goma-resina (gálbano e ládano), extraída de árvores ou de arbustos, e hoje em dia utilizada em perfumaria, era considerada uma substância medicinal. (N. do A.)
- 8 - Da planta shepen, a dormideira cor-de-rosa ou a papoila. extraía-se ópio e morfina, utilizados como sedativos e analgésicos. (N. do A.)
- 9 - A que se juntavam ainda dois ingredientes não identificados, a planta shames e o fruto sasha (N. do A.)
- 10 - Os gastroenterologistas. (N. do A.)
- 11 - Na época de Ramsés, a população do Egito, segundo cálculos difíceis de verificar, era de cerca de quatro milhões de habitantes. O Egito contemporâneo está prestes a ultrapassar os sessenta milhões. (N. do A.)
- 12 - Alguns chegaram até aos nossos dias, são tratados sobre ginecologia, as vias respiratórias, os males do estômago, as vias urinárias, a oftalmologia, intervenções cranianas, e medicina veterinária. Infelizmente só uma ínfima parte da arte médica egípcia chegou até nós. (N. do A.)
- 13 - Apesar de se registrar a existência de dinheiro na 30.ª dinastia, o sistema monetário não estava em vigor. A sua aparição só viria a verificar-se no Egito na época dos Ptolomeus, soberanos gregos. (N. do A.)
- 14 - O Malapterurus electricus é uma espécie de raia elétrica, a sua vítima recebe uma descarga de cerca de duzentos volts. (N. do A.)
- 15 - Os excrementos de morcego, ricos em vitamina A, são também um antibiótico excelente, dito por outras palavras, o tratamento moderno corresponde ao praticado pelos antigos egípcios. (N. do A.)
- 16 - O nome de Pi-Ramsés, significa o domínio (ou templo) de Ramsés” (N. do A.)
- 17 - De onde é extraída a moderna aspirina. (N. do A.)
- 18 - Segundo a mitologia, o céu repousava sobre quatro grandes pilares. Em caso de ruptura da harmonia com os deuses, ele desabaria sobre os humanos, responsáveis por essa discórdia. (N. do A.)